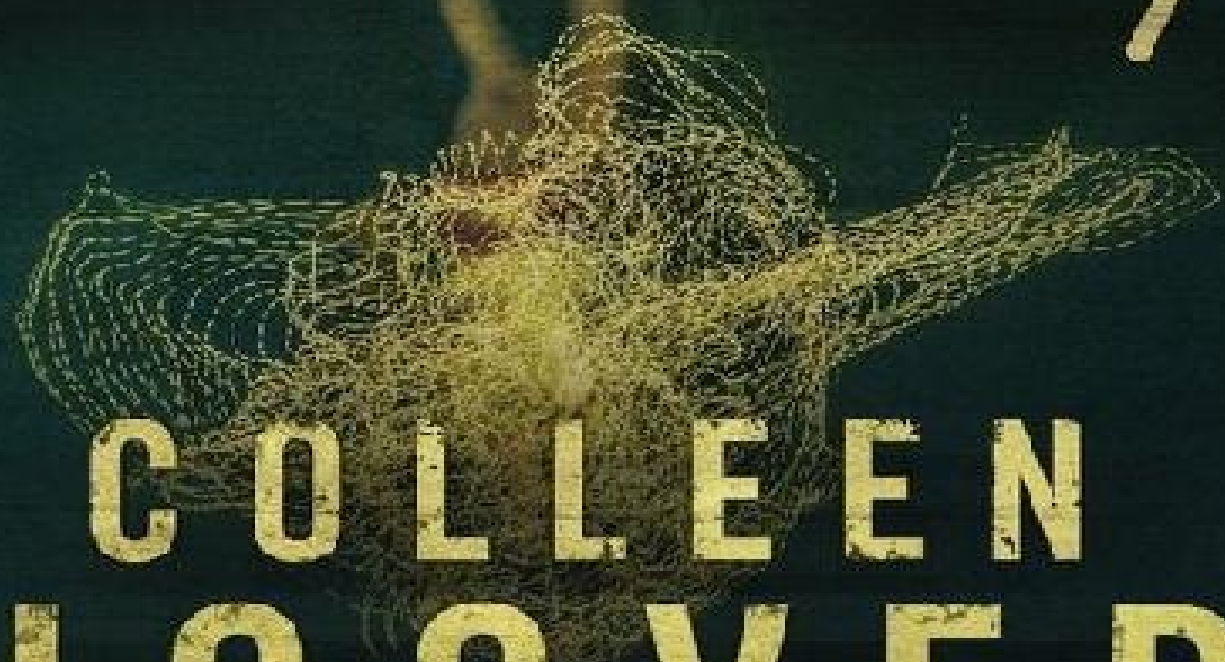


"Sublimely creepy with a true Hoover pulse. I've been waiting for a thriller like this for years."

— Tarryn Fisher, *New York Times* bestselling author



Verity



COLLEEN
HOOVER

#1 *NEW YORK TIMES* BESTSELLING AUTHOR

Disponibilização: Eva Tradução: Rezinha, Naty, Keira, Thay, Lexy
Revisão: Thay e Faby Leitura Final e Formatação: Eva

Janeiro/2019

Lowen Ashleigh é uma escritora em dificuldades, à beira da ruína financeira, quando aceita a melhor oferta de trabalho da sua vida. **Jeremy Crawford**, marido da autora best-seller **Verity Crawford**, contrata Lowen para escrever os livros restantes de uma série de sucesso que sua esposa enferma não consegue terminar.

Lowen chega à casa dos Crawford, pronta para analisar os anos de anotações e esboços da Verity, na esperança de encontrar material suficiente para guiá-la. O que Lowen não espera descobrir no escritório caótico é uma autobiografia inacabada que Verity nunca pretendeu que alguém lesse. Página após página de admissões assustadoras, incluindo a lembrança de Verity sobre o que realmente aconteceu no dia em que sua filha morreu.

Lowen decide manter o manuscrito escondido de Jeremy, sabendo que seu conteúdo devastaria o pai já sofrido. Mas, à medida que os sentimentos de Lowen por Jeremy começam a se intensificar, ela percebe todas as maneiras que poderia se beneficiar se ele lesse as palavras de sua esposa. Afinal de contas, não importa o quão devotado Jeremy seja à sua esposa enferma, uma verdade tão horrível tornaria impossível para ele continuar a amá-la.



1

Eu ouço a rachadura de seu crânio antes que o respingo de sangue me alcance.

Suspiro e dou um passo rápido para a calçada. Um dos meus saltos arrasta no meio-fio, então seguro o poste de *Proibido Estacionar* para me equilibrar.

O homem estava na minha frente há alguns segundos atrás. Nós estávamos em pé em uma multidão de pessoas esperando pela luz da faixa de pedestres acender quando ele entrou na rua prematuramente, resultando em um encontro com um caminhão. Eu me lancei para frente em uma tentativa de detê-lo — agarrando-me a nada enquanto ele caía. Fechei os olhos antes que a cabeça dele ficasse sob o pneu, mas a ouvi estourar como a rolha de uma garrafa de champanhe.

Ele estava errado, olhando casualmente para o telefone, provavelmente um efeito colateral de cruzar a mesma rua sem incidentes muitas vezes antes. *Morte por rotina.*

As pessoas engasgam, mas ninguém grita. O passageiro salta do caminhão e fica imediatamente de joelhos perto do corpo do homem. Eu recuo da cena enquanto várias pessoas correm para ajudar. Não tenho que olhar para o homem sob o pneu para saber que ele não sobreviveu a isso. Eu só tenho que olhar para a minha camisa branca — com o sangue agora espalhado por ela — para saber que um carro fúnebre serviria melhor para ele do que uma ambulância.

Viro-me para me afastar do acidente — para encontrar um lugar para respirar —, mas o sinal da faixa de pedestres agora diz *andar* e a multidão está atenta, tornando impossível para mim nadar contra a correnteza neste rio de Manhattan. Alguns nem sequer olham para cima de seus celulares quando passam pelo acidente. Eu paro de tentar me mover e espero a multidão se dispersar. Olho novamente para o acidente, com cuidado para não olhar diretamente para o homem. O motorista do caminhão está agora na parte traseira do veículo, de olhos arregalados, usando um telefone celular. Três, talvez quatro

pessoas estão ajudando. Alguns são conduzidos por suas curiosidades mórbidas, filmando a cena horripilante com seus telefones.

Se eu ainda estivesse morando na Virgínia, isso aconteceria de uma maneira completamente diferente. Todos ao redor parariam. Pânico aconteceria, as pessoas estariam gritando, uma equipe de reportagem estaria em cena em questão de minutos. Mas aqui em Manhattan, um pedestre ser atingido por um veículo acontece com muita frequência, não é nada mais que um inconveniente. Um atraso no tráfego para alguns, *um guarda-roupa arruinado para os outros*. Isso provavelmente acontece com tanta frequência que nem acaba sendo impresso.

Por mais que a indiferença em algumas das pessoas aqui me perturbe, é exatamente por isso que me mudei para essa cidade há dez anos. Pessoas como eu pertencem a cidades superpopulosas. O estado da minha vida é irrelevante em um lugar desse tamanho. Há muito mais pessoas aqui com histórias muito mais lamentáveis que as minhas.

Aqui estou invisível. Sem importância. Manhattan está muito lotada para se importar comigo, e eu a amo por isso.

“Você está machucada?”

Olho para um homem enquanto ele toca meu braço e examina minha camisa. Uma preocupação profunda está embutida em sua expressão enquanto ele me olha de cima a baixo, avaliando-me em busca de ferimentos. Posso notar pela reação dele que não é um dos Nova-Iorquinos mais endurecidos. Ele pode morar aqui agora, mas seja de onde for, é um lugar que não tirou completamente a empatia dele.

“Você está ferida?” O estranho repete, olhando-me nos olhos dessa vez.

“Não. Não é meu sangue. Eu estava perto dele quando...” paro de falar. *Acabei de ver um homem morrer*. Estava tão perto dele, o sangue dele está em mim.

Eu me mudei para esta cidade para ser invisível, mas certamente não sou impenetrável. É algo em que venho trabalhando — tentando me tornar tão endurecida quanto o concreto sob meus pés. Não está funcionando tão bem. Posso sentir tudo o que acabei de testemunhar em meu estômago.

Cubro minha boca com a mão, mas a afasto rapidamente quando sinto algo pegajoso nos meus lábios. *Mais sangue*. Eu olho para minha camisa. Muito sangue, nada disso é meu. Aperto minha camisa e a puxo para longe do meu peito, mas ela gruda na pele em pontos onde os respingos de sangue estão começando a secar.

Acho que preciso de água. Estou começando a me sentir tonta, e quero esfregar minha testa, beliscar meu nariz, mas tenho medo de me tocar. Olho para o homem ainda segurando o meu braço.

“Está no meu rosto?” Pergunto a ele.

Ele pressiona os lábios e, em seguida, lança os olhos para longe, examinando a rua ao nosso redor. Ele gesticula em direção a um café algumas portas abaixo.

“Eles terão um banheiro”, ele diz, pressionando a mão contra as minhas costas enquanto me leva nessa direção.

Olho para o outro lado da rua, no prédio da Pantem Press para onde eu ia antes do acidente. Estava tão perto. Quinze — talvez vinte metros de distância de uma reunião na qual eu desesperadamente preciso estar.

Pergunto-me o quão perto o homem que acabou de morrer estava do *seu* destino?

O estranho segura a porta para mim quando chegamos ao café. Uma mulher carregando um café em cada mão tenta passar por mim pela porta até ver minha camisa. Ela vai para trás para se afastar de mim, permitindo que nós dois entremos no prédio. Movo-me em direção ao banheiro das mulheres, mas a porta está trancada. O homem abre a porta do banheiro dos homens e faz sinal para eu segui-lo.

Ele não tranca a porta atrás de nós enquanto caminha até a pia e liga a água. Olho para o espelho, aliviada por ver que não é tão ruim quanto eu temia. Há alguns respingos de sangue nas minhas bochechas que começaram a escurecer e secar, e um respingo acima das sobrancelhas. Mas, felizmente, a camisa tomou a maior parte disso.

O homem me entrega toalhas de papel molhadas, e limpo o rosto enquanto ele molha outro punhado. Posso sentir o cheiro do sangue agora. O

sabor ácido no ar faz mente voltar a quando eu tinha dez anos. O cheiro de sangue é forte o suficiente para me lembrar disso mesmo após todos esses anos.

Tento segurar minha respiração no início de mais náuseas. Eu não quero vomitar. Mas quero esta camisa fora de mim. *Agora.*

Desabotoo-a com os dedos trêmulos, retiro-a e a coloco debaixo da torneira. Deixo a água fazer o seu trabalho enquanto pego outros papéis molhados do estranho e começo a limpar o sangue do meu peito.

Ele se dirige para a porta, mas ao invés de me dar privacidade enquanto fico aqui usando meu sutiã menos atraente, ele nos tranca dentro do banheiro para que ninguém entre aqui enquanto estou sem camisa. É perturbadoramente cavalheiresco e me deixa desconfortável. Estou tensa enquanto o vejo através do reflexo no espelho.

Alguém bate.

“Estamos bem”, ele diz.

Relaxo um pouco, confortada pelo pensamento de que alguém do lado de fora da porta me ouviria gritar se precisasse.

Eu me concentro no sangue até ter certeza de que lavei tudo do meu pescoço e peito. Olho meu cabelo em seguida, virando da esquerda para a direita no espelho, mas encontro apenas alguns centímetros de raízes escuras acima do caramelo.

“Aqui”, o homem diz, tocando o último botão em sua camisa branca. “Use isto.”

Ele já tirou o paletó, que agora está pendurado na maçaneta da porta. Ele se liberta de sua camisa de botão, revelando uma camiseta branca por baixo. Ele é musculoso, mais alto que eu. Sua camisa me engolirá. Não posso usar isso na minha reunião, mas não tenho outra opção. Pego a camisa quando ele a entrega. Pego mais algumas toalhas de papel secas e dou tapinhas na minha pele, depois a puxo e começo a abotoá-la. Parece ridículo, mas pelo menos não foi o *meu* crânio que explodiu na camisa de outra pessoa. *Lado bom.*

Tiro minha camisa molhada da pia e aceito que não há como salvá-la. Lanço-a na lata de lixo, depois aperto a pia e olho para o meu reflexo. Dois olhos

cansados e vazios olham para mim. O horror do que eles acabaram de testemunhar escureceu o marrom-avelã para um marrom escuro. Esfrego minhas bochechas com as palmas das mãos para inspirar cor, sem sucesso. Eu pareço a morte.

Inclino-me contra a parede, afastando-me do espelho. O homem está guardando a gravata. Ele enfia no bolso do seu terno e me avalia por um momento. “Eu não posso dizer se você está calma ou em estado de choque.”

Não estou em choque, mas também não sei se estou calma. “Eu não tenho certeza”, admito. “Você está bem?”

“Estou bem”, ele diz. “Eu já vi pior, infelizmente.”

Inclino minha cabeça enquanto tento dissecar as camadas de sua resposta enigmática. Ele quebra o contato visual, e isso só me faz encarar ainda mais, imaginando o que ele viu que é pior do que a cabeça de um homem sendo esmagada embaixo de um caminhão. Talvez ele *seja* um nova-iorquino nativo. Ou talvez ele trabalhe em um hospital. Ele tem um ar de competência que muitas vezes acompanha pessoas que estão no comando de outras pessoas.

“Você é um médico?”

Ele sacode a cabeça. “Estou no setor imobiliário. Costumava estar, de qualquer maneira.” Ele dá um passo à frente e alcança meu ombro, afastando algo da minha camisa. *Sua* camisa. Quando deixa cair seu braço, ele olha meu rosto por um momento antes de dar um passo para trás.

Seus olhos combinam com a gravata que ele acabou de enfiar no bolso. *Verde-amarelado*. Ele é bonito, mas há algo que me faz pensar que ele deseja que não fosse. Quase como se sua aparência pudesse ser um inconveniente para ele. Uma parte sua não quer que ninguém perceba. Ele quer ser invisível nesta cidade. *Justamente como eu*.

A maioria das pessoas vem a Nova York para ser descoberta. O resto de nós vem aqui para se esconder.

“Qual é o seu nome?” pergunta ele.

“Lowen.”

Há uma pausa nele depois que digo meu nome, mas dura apenas alguns

segundos.

“Jeremy”, diz. Ele se move para a pia e abre a água novamente, e começa a lavar as mãos. Continuo a olhá-lo, incapaz de silenciar a minha curiosidade. O que ele quis dizer quando disse que viu pior do que o acidente que acabamos de testemunhar? Ele disse que costumava estar no mercado imobiliário, mas mesmo o pior dia no trabalho como corretor de imóveis não encheria alguém com o tipo de tristeza que enche esse homem.

“O que aconteceu com você?” Pergunto.

Ele olha para mim no espelho. “O que você quer dizer?”

“Você disse que viu pior. O que você viu?”

Ele desliga a água e seca as mãos, depois me enfrenta. “Você realmente quer saber?”

Eu concordo.

Ele joga a toalha de papel na lata de lixo e depois enfia as mãos nos bolsos. Seu comportamento se torna ainda mais sombrio. Ele está me olhando nos olhos, mas há uma desconexão entre ele e esse momento. “Eu tirei o corpo da minha filha de oito anos de um lago há cinco meses.”

Puxo o fôlego e levo minha mão para a base da minha garganta. *Não era melancólica a sua expressão. Era desesperada.* “Sinto muito”, sussurro. E realmente sinto. Sinto por sua filha. Sinto por ser curiosa.

“E você?” Ele pergunta, e se inclina contra o balcão como se esta fosse uma conversa para a qual está pronto. Uma conversa que estava esperando. Alguém para vir e fazer suas tragédias parecerem menos trágicas. É o que você faz quando experimenta o pior dos piores. Você procura pessoas como você... pessoas piores do que você... e você as usa para se sentir melhor com as coisas terríveis que aconteceram com você.

Engulo antes de falar, porque minhas tragédias não são nada comparadas às dele. Penso na mais recente, envergonhada de falar em voz alta porque parece tão insignificante comparada à dele. “Minha mãe morreu na semana passada.”

Ele não reage à minha tragédia como reagi à dele. Ele não reage, e eu me pergunto se é porque esperava que a minha fosse pior. Não é. *Ele ganhou.*

“Como ela morreu?”

“Câncer. Estive cuidando dela no meu apartamento no ano passado.” Ele é a primeira pessoa a quem digo isso em voz alta. Posso sentir meus batimentos latejando no meu pulso, então aperto minha outra mão ao redor dele. “Hoje é a primeira vez que saio em semanas.”

Nós nos olhamos por mais um momento. Eu quero dizer outra coisa, mas nunca estive envolvida em uma conversa tão pesada com um completo estranho antes. Eu meio que quero que isso acabe, porque onde é que a conversa vai daqui?

Não vai. Apenas para.

Ele encara o espelho novamente e olha para si mesmo, empurrando uma mecha de cabelo escuro de volta no lugar. “Eu tenho uma reunião que preciso participar. Tem certeza de que ficará bem?” Ele está olhando para o meu reflexo no espelho agora.

“Sim. Estou bem.”

“*Tudo bem?*” Ele se vira, repetindo a palavra como uma pergunta, como se ficar *bem* não é tão reconfortante para ele como se eu tivesse dito que ficaria *bem*.

“Vou ficar bem”, repito. “Obrigada pela ajuda.”

Eu quero que ele sorria, mas não se encaixa no momento. Estou curiosa para saber como seria o sorriso dele. Em vez disso, ele encolhe os ombros e diz: “Tudo bem, então.” Ele se move para destrancar a porta. Ele a mantém aberta para mim, mas não saio imediatamente. Em vez disso, continuo a observá-lo, não exatamente pronta para enfrentar o mundo lá fora. Aprecio sua gentileza e quero dizer mais, para agradecer-lhe de alguma forma, talvez por me trazer ao café ou devolver sua camisa para ele. Vejo-me atraída pelo seu altruísmo — uma raridade hoje em dia. Mas é o lampejo da aliança na mão esquerda que me impulsiona para a frente, saio do banheiro e do café, para as ruas que agora fervilham com uma multidão ainda maior.

Uma ambulância chegou e está bloqueando o tráfego em ambas as direções. Eu ando de volta para a cena, perguntando-me se deveria dar uma declaração. Espero perto de um policial que está anotando informações de outras

testemunhas oculares. Elas não são diferentes das minhas, mas eu lhes dou minha declaração e informações de contato. Não tenho certeza de quanta ajuda minha declaração é, já que realmente não o vi ser atingido. Estava apenas perto o suficiente para ouvir. Perto o suficiente para ser pintada como uma tela de Jackson Pollock.

Olho para trás e vejo Jeremy sair do café com um café fresco na mão. Ele atravessa a rua, focado em onde quer que esteja indo. Sua mente está em outro lugar agora, longe de mim, provavelmente em sua esposa e no que ele dirá a ela quando for para casa, sem sua camisa.

Puxo meu telefone da bolsa e olho para a hora. Ainda tenho quinze minutos antes do meu encontro com Corey e o editor da Pantem Press. Minhas mãos estão tremendo ainda mais agora que o estranho não está mais aqui para me distrair dos meus pensamentos. O café pode ajudar. A morfina *definitivamente* ajudaria, mas o hospital removeu tudo do meu apartamento na semana passada, quando vieram recuperar seu equipamento depois que minha mãe partiu. É uma pena que estava muito abalada para me lembrar de escondê-la. Eu realmente poderia tomar um pouco agora.

2

Quando Corey me mandou uma mensagem na noite passada para me informar sobre a reunião de hoje, foi a primeira vez que ouvi falar dele em meses. Eu estava sentada na minha mesa do computador, olhando para uma formiga enquanto ela se arrastava pelo meu dedão do pé.

A formiga estava sozinha, correndo para a esquerda e para a direita, para cima e para baixo, em busca de comida ou amigos. Ela parecia confusa com sua solidão. Ou talvez ela estivesse animada por sua nova liberdade. Não pude deixar de me perguntar por que ela estava sozinha. As formigas geralmente viajam com um exército.

O fato de eu estar curiosa sobre a situação atual da formiga era um sinal claro de que precisava sair do meu apartamento. Eu estava preocupada que, depois de ficar cuidando da minha mãe por tanto tempo, uma vez que saísse para o corredor, ficaria tão confusa quanto aquela formiga. Esquerda, direita, dentro, fora, *onde estão meus amigos, onde está a comida?*

A formiga saiu do meu dedo e foi para chão de madeira. Ela desapareceu embaixo da parede quando as mensagens de texto de Corey chegaram.

Eu esperava que quando desenhei uma linha na areia meses atrás, ele entenderia: já que não temos mais relações sexuais, o método mais apropriado de contato entre um agente literário e seu autor é o e-mail.

Seu texto dizia: *Encontre-me amanhã às nove da manhã no prédio da Pantem Press, 14º andar. Acho que podemos ter uma oferta.*

Ele nem perguntou sobre a minha mãe na mensagem. Eu não fiquei surpresa. Sua falta de interesse em qualquer outra coisa além de seu trabalho e de si mesmo são as razões pelas quais não estamos mais juntos. Sua falta de preocupação me fez sentir injustamente irritada. Ele não me deve nada, mas poderia ter agido pelo menos como se se importasse.

Não mandei uma mensagem para ele ontem à noite. Em vez disso, abaixei meu telefone e olhei para a rachadura na base da minha parede — aquela em que

a formiga havia desaparecido. Eu me perguntava se ela encontraria outras formigas na parede, ou se era uma solitária. Talvez ela fosse como eu e tivesse uma aversão a outras formigas.

É difícil dizer por que tenho uma aversão tão profundamente incapacitante para outros humanos, mas se tivesse que fazer uma aposta, eu diria que é o resultado direto da minha própria mãe ter medo de mim.

Aterrorizada pode ser uma palavra forte. Mas ela certamente não confiava em mim quando criança. Ela me manteve isolada de pessoas e fora da escola porque tinha medo do que eu poderia ser capaz durante os meus muitos episódios de sonambulismo. Essa paranoia sangrou na minha vida adulta e, a essa altura, eu me coloquei em paz. Uma solitária. Poucos amigos e pouca vida social. É por isso que esta é a primeira manhã que deixei meu apartamento desde semanas antes dela falecer.

Imaginei que minha primeira viagem para fora do meu apartamento seria para algum lugar que eu sentia falta, como o Central Park ou uma livraria.

Certamente não achava que me encontraria aqui, em uma fila no saguão de uma editora, rezando desesperadamente, seja qual for a oferta, vai me ajudar no meu aluguel e não serei despejada. Mas aqui estou, uma reunião para me afastar de ficar desabrigada ou receber uma oferta de trabalho que me dará os meios para procurar um novo apartamento.

Olho para baixo e aliso a camisa branca que Jeremy me emprestou no banheiro do outro lado da rua. Espero não parecer muito ridícula. Talvez haja uma chance de eu conseguir, como se vestir camisas masculinas duas vezes o meu tamanho fosse uma declaração nova de moda.

“Boa camisa”, alguém atrás de mim diz.

Eu me viro ao som da voz de Jeremy, chocada ao vê-lo.

Ele está me seguindo?

É a minha vez na fila, então entrego ao segurança minha carteira de motorista e em seguida olho para Jeremy, notando a nova camisa que ele está usando. “Você guarda camisas extras no bolso de trás?” Não faz tanto tempo desde que ele me deu uma de suas camisas.

“Meu hotel fica a uma quadra de distância. Voltei lá e troquei.”

Seu hotel. Isso é promissor. Se ele está hospedado em um hotel, talvez não trabalhe aqui. E se não trabalha aqui, talvez não esteja na indústria editorial. Não sei por que não quero que ele esteja na indústria editorial. Eu simplesmente não tenho ideia de quem é meu encontro, e espero que não tenha nada a ver com ele depois da manhã que já tivemos. “Isso significa que você não trabalha neste prédio?”

Ele pega sua identificação e entrega ao guarda de segurança. “Não, eu não trabalho aqui. Tenho uma reunião no décimo quarto andar.”

Claro que ele tem.

“Eu também”, digo.

Um sorriso fugaz aparece em sua boca e desaparece com a mesma rapidez, como se lembrasse do que aconteceu do outro lado da rua e percebesse que ainda é cedo demais para não ser afetado. “Quais são as chances de estarmos indo para a mesma reunião?” Ele pega sua identificação de volta do guarda que nos aponta na direção dos elevadores.

“Eu não sei”, digo, “Não me disseram exatamente por que estou aqui ainda.” Entramos no elevador e ele aperta o botão do décimo quarto andar. Ele me encara enquanto tira a gravata do bolso e começa a vesti-la.

Não consigo parar de olhar para o anel de casamento dele.

“Você é escritora?” Ele pergunta.

Eu concordo. “Você é?”

“Não. Minha esposa é.” Ele puxa a gravata até que esteja segura no lugar. “Você escreveu alguma coisa que eu conheça?”

“Eu duvido. Ninguém lê meus livros.”

Seus lábios se esticam. “Não há muitas Lowen no mundo. Tenho certeza de que posso descobrir quais livros você escreveu.”

Por quê? Ele realmente quer lê-los? Ele olha para o telefone e começa a digitar.

“Eu nunca disse que escrevo com meu nome verdadeiro.”

Ele não olha para cima do telefone até as portas do elevador se abrirem. Ele se move na direção delas, virando-se na porta para me encarar. Então levanta o telefone e sorri. “Você não escreve sob um pseudônimo. Você escreve como Lowen Ashleigh, que, engraçado pra caramba, é o nome do autor que encontrarei às 09h30.”

Finalmente recebo esse sorriso e, por mais lindo que seja, não o quero mais.

Ele só me procurou no Google. E mesmo que minha reunião seja às 09h, não às 09h30, ele parece saber mais sobre isso do que eu. Se realmente estamos indo para a mesma reunião, isso faz com que nosso encontro casual nas ruas pareça um pouco suspeito. Mas acho que as chances de nós dois estarmos no mesmo lugar, ao mesmo tempo, não são tão inconcebíveis, considerando que estávamos indo na mesma direção para a mesma reunião e, portanto, testemunhamos o mesmo acidente.

Jeremy se afasta e eu saio do elevador. Abro minha boca, me preparando para falar, mas ele dá alguns passos, caminhando para trás. “Vejo você em alguns minutos.”

Não o conheço, nem sei como ele se relaciona com a reunião que estou prestes a ter, mas mesmo sem ter acesso a detalhes do que está acontecendo esta manhã, não posso deixar de gostar do cara. O homem literalmente me deu a camisa do seu corpo, então duvido que ele tenha uma natureza vingativa.

Eu sorrio antes dele virar no corredor. “Tudo bem. Vejo você daqui a pouco.”

Ele devolve o sorriso. “Tudo bem.”

Vejo-o até que ele vira à esquerda e desaparece. Assim que estou fora de sua linha de visão, consigo relaxar um pouco. Esta manhã acabou por ser... muito. Entre o acidente que testemunhei e estar em espaços fechados com aquele homem confuso, estou me sentindo tão estranha. Pressiono minha palma contra a parede e me inclino nela. Que diabos —

“Você está na hora”, Corey diz. Sua voz me assusta. Eu giro e ele está andando em minha direção no corredor oposto. Ele se inclina e me beija na

bochecha. Endureço.

“Você nunca chega na hora.”

“Eu estaria aqui mais cedo, mas...” Calo a boca. Não explico o que me impediu de chegar cedo. Ele parece desinteressado enquanto segue na mesma direção que Jeremy.

“A reunião não será até às 09h30, mas imaginei que você se atrasaria, então eu lhe disse nove.”

Paro, olhando para a parte de trás da sua cabeça. *Que diabos, Corey?* Se ele tivesse me dito 09h30 ao invés de 09h, eu não teria presenciado o acidente do outro lado da rua. Não teria sido submetida ao sangue de um estranho.

“Você vem?” Corey pergunta, parando para olhar para mim.

Eu enterro minha irritação. Estou acostumada a fazer isso quando se trata dele.

Chegamos a uma sala de conferências vazia. Corey fecha a porta atrás de nós e eu me sento na mesa de reuniões. Ele se senta ao meu lado na cabeceira da mesa, posicionando-se de modo que está olhando para mim. Eu tento não franzir o cenho quando olho para ele depois do nosso hiato de meses, mas ele não mudou. Ainda é muito limpo, arrumado, gravata, óculos, um sorriso. Sempre um contraste gritante comigo mesma.

“Você parece terrível.” Digo isso porque ele não parece terrível. Ele nunca parece, e sabe disso.

“Você parece revigorada e arrebatadora.” Ele diz isso porque nunca pareço revigorada e arrebatadora. Sempre pareço cansada e talvez até perpetuamente entediada. Eu já ouvi falar do Resting Bitch Face¹, mas me identifico mais com o Resting Bored² Face.

“Como está sua mãe?”

“Ela morreu na semana passada.”

Ele não esperava isso. Ele se inclina para trás em sua cadeira e levanta a cabeça. “Por que você não me contou?”

Por que você não se incomodou em perguntar até agora? Dou de ombros. “Ainda estou processando.”

Minha mãe morou comigo nos últimos nove meses — desde que foi diagnosticada com câncer de cólon em estágio quatro. Ela faleceu na quarta-feira passada depois de três meses no hospital. Foi difícil deixar o apartamento naqueles últimos meses porque ela confiava em mim para tudo — beber, comer e colocá-la em sua cama. Quando ela piorou, não consegui deixá-la sozinha, e é por isso que não pisei fora do meu apartamento por semanas. Felizmente, uma conexão Wi-Fi e um cartão de crédito facilitam a vida para ficar completamente dentro de casa em Manhattan. Qualquer coisa e tudo que uma pessoa poderia precisar pode ser entregue.

Engraçado como uma das cidades mais populosas do mundo pode ser um paraíso para os agorafóbicos.

“Você está bem?” Corey pergunta.

Mascolo minha inquietação com um sorriso, mesmo que sua preocupação seja apenas uma formalidade. “Estou bem. Ajuda que era esperado.” Estou apenas dizendo o que acho que ele quer ouvir. Não tenho certeza de como ele reagiria à verdade — que estou aliviada por ela ter ido embora. Minha mãe só trouxe culpa para a minha vida. Nada menos, nada mais. Apenas culpa consistente.

Corey se dirige para o balcão com tortas de café da manhã, garrafas de água e uma garrafa de café. “Você está com fome? Com sede?”

“Água está bem.”

Ele pega duas águas e entrega uma para mim, depois volta para o seu lugar. “Você precisa de ajuda com o testamento? Tenho certeza que Edward pode ajudar.”

Edward é o advogado da agência literária de Corey. É uma agência pequena, então muitos dos escritores usam o conhecimento de Edward em outras áreas. Infelizmente, não precisarei disso. Corey tentou me dizer quando assinei o contrato de arrendamento dos meus dois quartos no ano passado que eu não conseguiria pagar por isso. Mas minha mãe insistiu para que morresse com dignidade — em seu próprio quarto. Não em um lar de idosos. Não em um hospital. Não em uma cama de hospital no meio do meu apartamento. Ela queria

seu próprio quarto com suas próprias coisas.

Ela prometeu que o que sobraria em sua conta bancária depois de sua morte me ajudaria a compensar todo o tempo que tive que me afastar da minha carreira de escritora. No ano passado, usei o pouco de adiantamento que restava do meu último contrato de publicação. Mas tudo acabou agora e, aparentemente, o dinheiro da minha mãe também. Foi uma das últimas coisas que ela me confessou antes de finalmente sucumbir ao câncer. Eu teria me importado com ela, independentemente de sua situação financeira. Ela era minha mãe. Mas o fato de que sentiu que precisava mentir para mim, para que concordasse em aceitá-la, prova como éramos desconectadas uma da outra.

Tomo um gole da minha água e depois balanço minha cabeça. “Eu realmente não preciso de um advogado. Tudo o que ela me deixou foram dívidas, mas obrigada pela oferta.”

Corey franze os lábios. Ele sabe da minha situação financeira porque, como meu agente literário, ele é quem envia meus cheques de royalties. É por isso que ele está olhando para mim com pena agora. “Você tem uma verificação de royalties estrangeiros em breve”, ele diz, como se eu não estivesse ciente de cada centavo vindo na minha direção pelos próximos seis meses. *Como se eu já não os tivesse gastado.*

“Eu sei. Vou ficar bem.” Não quero falar sobre meus problemas financeiros com Corey. Com qualquer um.

Corey encolhe os ombros um pouco, sem se convencer. Ele olha para baixo e ajeita a gravata. “Espero que esta oferta seja boa para nós dois”, diz.

Estou aliviada que o assunto está mudando. “Por que estamos nos reunindo pessoalmente com um editor? Você sabe que prefiro fazer coisas por e-mail.”

“Eles pediram a reunião ontem. Disseram que têm um trabalho que gostariam de discutir com você, mas não me deram nenhum detalhe pelo telefone.”

“Eu pensei que você estava trabalhando em conseguir outro contrato com meu último editor.”

“Seus livros estão bem, mas não o suficiente para garantir outro contrato

sem sacrificar um pouco do seu tempo. Você tem que concordar em se envolver em mídias sociais, sair em turnê, construir uma base de fãs. Suas vendas sozinhas não estão se destacando no mercado atual.”

Senti medo disso. Uma renovação de contrato com meu editor atual era toda a esperança financeira que me restava. Os cheques de royalties dos meus livros anteriores diminuíram junto com as minhas vendas de livros. Eu escrevi muito pouco no ano passado por causa da responsabilidade com minha mãe, então não tenho nada para vender a um editor.

“Eu não tenho ideia do que a Pantem vai oferecer, ou se é mesmo algo que você se interessará”, diz Corey. “Temos que assinar um acordo de não divulgação antes que nos forneçam mais detalhes.” O segredo me deixa curiosa, no entanto, “Estou tentando não ter esperanças, mas há muitas possibilidades e tenho um bom pressentimento. Nós precisamos disso.”

Ele diz *nós*, porque seja qual for a oferta, ele ganha quinze por cento se eu aceitar. É o padrão do agente-cliente. O que *não é* o padrão agente-cliente eram os seis meses que passamos em um relacionamento e os dois anos de sexo que se seguiram ao nosso rompimento.

Nosso relacionamento sexual só durou tanto quanto porque ele não estava em um relacionamento e nem eu. Era conveniente até que não foi mais. Mas a razão pela qual nosso relacionamento *realmente* foi tão curto é porque ele estava apaixonado por outra mulher.

Não importa que a outra mulher em nosso relacionamento também fosse eu.

Deve ser confuso, apaixonar-se pelas palavras de um escritor antes de conhecer o escritor. Algumas pessoas acham difícil separar um personagem do indivíduo que o criou. Corey, surpreendentemente, é uma dessas pessoas, apesar de ser um agente literário. Ele conheceu e se apaixonou pela protagonista feminina do meu primeiro romance, Open Ended³, antes de falar comigo. Ele deduziu que a personalidade da minha personagem era um reflexo próximo da minha, quando, na verdade, eu não poderia ser mais oposta a ela.

Corey foi o único agente a responder à minha consulta, e mesmo que essa resposta levou meses para ser recebida. Seu e-mail tinha apenas algumas frases, mas o suficiente para devolver a vida à minha falecida esperança.

Eu li o seu manuscrito, Open Ended, em questão de horas. Acredito neste livro. Se ainda estiver procurando por um agente, me ligue.

Seu e-mail chegou em uma manhã de quinta-feira. Estávamos conversando por telefone sobre meu manuscrito duas horas depois. Na sexta-feira à tarde, encontramos-nos para tomar café e assinamos um contrato.

No sábado à noite, tínhamos fodido três vezes.

Tenho certeza de que nosso relacionamento quebrou um código de ética em algum lugar, mas não tenho certeza se isso contribuiu para o quão curta foi a duração. Assim que Corey descobriu que eu não era a pessoa em que meu personagem estava baseado, percebeu que não éramos compatíveis. Eu não era heroica. Eu não era simples. Sou difícil. Um quebra-cabeça emocionalmente desafiador que ele não estava disposto a resolver.

Isso estava bem. Eu não sentia vontade de ser resolvida.

Por mais difícil que tenha sido um relacionamento com ele, é surpreendentemente fácil ser sua cliente. É por isso que escolhi não trocar de agência depois do nosso rompimento, porque ele tem sido leal e imparcial quando se trata da minha carreira.

“Você parece um pouco esgotada”, Corey diz, tirando-me dos meus pensamentos. “Você está nervosa?”

Concordo com a cabeça, esperando que ele aceite meu comportamento como nervoso, porque não quero explicar por que estou esgotada. Já faz duas horas desde que saí do meu apartamento esta manhã, mas parece que aconteceu mais coisas em duas horas do que em todo o resto do ano. Olho para minhas mãos... meus braços... procurando por vestígios de sangue. Não estão mais lá, mas ainda posso senti-lo. *Sinto o cheiro.*

Minhas mãos não pararam de tremer, então continuo escondendo-as debaixo da mesa. Agora que estou aqui, percebo que provavelmente não deveria ter vindo. Não posso deixar passar um contrato em potencial. Não é como se as ofertas estivessem entrando, e se não garantir algo em breve, terei que arrumar

um emprego. Se eu conseguir um emprego, mal me dará tempo para escrever. Mas pelo menos poderei pagar minhas contas.

Corey tira um lenço do bolso e enxuga o suor da testa. Ele só transpira quando está nervoso. O fato de que ele está nervoso está me deixando ainda mais nervosa. “Será que precisamos de um sinal secreto se você não estiver interessada em qualquer oferta?” Pergunta ele.

“Vamos ouvir o que eles têm a dizer, e então podemos pedir para falar em particular.”

Corey clica na caneta e se endireita na cadeira, como se estivesse empunhando uma arma para a batalha. “Deixe-me falar.”

Eu planejei isso, de qualquer maneira. Ele é carismático e encantador. Eu seria duramente pressionada para encontrar alguém que pudesse me classificar como uma dessas coisas. É melhor se eu apenas sentar e ouvir.

“O que você está *vestindo*?” Corey está olhando para a minha camisa, perplexo, só agora percebendo isso, apesar de ter passado os últimos quinze minutos comigo.

Olho para minha camisa enorme. Por um momento, esqueci de quão ridícula eu pareço. “Derramei café na minha outra camisa esta manhã e tive que trocar.”

“De quem é essa camisa?”

Dou de ombros. “Provavelmente sua. Estava no meu armário.”

“Você saiu da sua casa nisso? Não havia outra coisa que você pudesse usar?”

“Não parece alta moda?” Estou sendo sarcástica, mas ele não entende.

Ele faz uma careta. “Não. Deveria parecer?”

Que idiota. Mas ele é bom na cama, como a maioria dos idiotas.

Na verdade, sinto-me aliviada quando a porta da sala de conferências se abre e uma mulher entra. Ela é seguida, quase comicamente, por um homem mais velho andando tão perto dela que bate em suas costas quando ela para.

“Droga, Barron”, ouço-a murmurar.

Eu quase sorrio da ideia de que ‘*Droga Barron*’ seja realmente o nome dele.

Jeremy entra por último. Ele me dá um pequeno aceno que passa despercebido por todos os outros.

A mulher está vestida de maneira mais apropriada do que eu no meu melhor dia, com cabelo preto curto e batom vermelho, é um pouco chocante às nove e meia da manhã. Ela parece ser a responsável quando pega a mão de Corey e depois a minha, enquanto Droga Barron observa. “Amanda Thomas”, ela diz. “Sou editora da Pantem Press. Este é Barron Stephens, nosso advogado, e Jeremy Crawford, nosso cliente.”

Jeremy e eu apertamos as mãos e ele faz um bom trabalho fingindo que não compartilhamos uma manhã extremamente bizarra. Ele calmamente toma o assento em frente a mim. Eu tento não olhar para ele, mas é o único lugar onde meus olhos parecem querer viajar. Não tenho ideia do porquê estou mais curiosa sobre ele do que sobre essa reunião.

Amanda tira pastas da pasta e as coloca na frente de Corey e eu.

“Obrigada por se encontrarem conosco”, diz ela. “Não queremos desperdiçar seu tempo, então vou direto ao ponto. Um de nossos autores é incapaz de cumprir um contrato devido a razões médicas, e estamos em busca de uma escritora com experiência no mesmo gênero que possa estar interessada em completar os três livros restantes da sua série.”

Olho para Jeremy, mas sua expressão estoica não indica seu papel nessa reunião.

“Quem é o autor?” Corey pergunta.

“Estamos felizes em analisar os detalhes e os termos com você, mas pedimos que assine o contrato de confidencialidade. Gostaríamos de manter a situação atual do nosso autor fora da mídia.”

“É claro”, Corey diz.

Eu concordo, mas não digo nada enquanto nós dois examinamos os formulários e os assinamos. Corey os desliza de volta para Amanda.

“O nome dela é Verity Crawford”, diz ela. “Tenho certeza que você está familiarizada com o trabalho dela.”

Corey endurece assim que mencionam o nome de Verity. *Claro* que estamos familiarizados com o trabalho dela. Todo mundo está. Arrisco um olhar na direção de Jeremy. *Verity é sua esposa?* Eles compartilham um sobrenome. Ele disse no andar de baixo que sua esposa é escritora. Mas por que ele estaria em uma reunião sobre ela? Uma reunião para a qual ela nem está aqui?

“Estamos familiarizados com o nome”, Corey diz, segurando suas cartas perto.

“A Verity tem uma série de muito sucesso que odiaríamos ver ficar inacabada”, continua Amanda. “Nosso objetivo é encontrar um escritor que esteja disposto a intervir, terminar a série, completar as turnês do livro, os comunicados de imprensa e tudo o que normalmente é exigido da Verity. Planejamos lançar um comunicado de imprensa apresentando a nova coautora, preservando ao máximo a privacidade da Verity.”

Reservar turnês? Comunicados de imprensa.

Corey está olhando para mim agora. Ele sabe que não estou bem com esse aspecto. Muitos autores se destacam na interação com o leitor, mas eu sou tão desajeitada que, uma vez que meus leitores me conhecerem pessoalmente, jogarão meus livros fora para sempre. Só dei autógrafos, e não dormi durante a semana que antecedeu a isso. Eu estava com tanto medo durante os autógrafos que foi difícil falar. No dia seguinte, recebi um e-mail de uma leitora que disse que fui uma cadela para ela e nunca mais leria meus livros.

E é por isso que fico em casa e escrevo. Acho que a ideia de mim é melhor que a realidade de mim.

Corey não diz nada quando abre a pasta que Amanda lhe entrega. “Qual é a remuneração da Sra. Crawford por três romances?”

Droga Barron responde a essa pergunta. “Os termos do contrato da Verity permanecerão os mesmos com sua editora e, compreensivelmente, não serão divulgados. Todos os royalties irão para a Verity. Mas meu cliente, Jeremy Crawford, está disposto a oferecer um pagamento fixo de setenta e cinco mil por livro.”

Meu estômago pula com a menção desse tipo de pagamento. Mas tão rapidamente quanto a excitação eleva meu ânimo, afunda novamente quando eu aceito a enormidade de tudo isso. Passar de escritora solo a coautora de uma sensação literária é um grande salto para mim. Eu já posso sentir minha ansiedade surgindo só de pensar nisso.

Corey se inclina para frente, cruzando os braços sobre a mesa à sua frente. “Presumo que o pagamento é negociável.”

Tento chamar a atenção do Corey. Quero que ele saiba que as negociações não são necessárias. Não há como aceitar uma oferta para terminar uma série de livros que eu me sentiria nervosa demais para escrever.

Droga Barron se endireita na cadeira. “Com todo o respeito, Verity Crawford passou os últimos treze anos construindo sua marca. Uma marca que não existiria de outra forma. A oferta é para três livros. Setenta e cinco mil por livro, o que totaliza duzentos e vinte e cinco mil dólares.”

Corey deixa cair uma caneta sobre a mesa, recostando-se na cadeira, parecendo não estar impressionado. “Qual é o prazo para a apresentação?”

“Já estamos atrasados, por isso, queremos que o primeiro livro seja enviado seis meses após a data de assinatura do contrato.”

Não consigo parar de olhar para o batom vermelho espalhado em seus dentes enquanto ela fala.

“O cronograma para os outros dois está em discussão. O ideal é que vejamos o contrato concluído dentro dos próximos vinte e quatro meses.”

Posso sentir Corey fazendo as contas em sua cabeça. Isso me faz pensar se ele está calculando para ver qual seria o valor dele ou qual seria o *meu* valor. Corey teria quinze por cento. São quase trinta e quatro mil dólares, simplesmente por me representar nesta reunião como meu agente. Metade iria para os impostos. Pouco menos de cem mil acabariam na minha conta bancária. Cinquenta mil por ano.

É mais que o dobro do que recebi nos meus romances anteriores, mas não é suficiente para me convencer a me ligar a uma série tão bem-sucedida. A conversa se move sem parar, já que eu já sei que vou recusar. Quando Amanda retira o contrato oficial, limpo a garganta e falo.

“Eu agradeço a oferta”, digo. Olho diretamente para Jeremy, para que ele saiba que estou sendo sincera. “Realmente agradeço. Mas se o seu plano é encontrar alguém para se tornar o novo rosto da série, tenho certeza de que existem outros autores que se encaixam melhor.”

Jeremy não diz nada, mas está olhando para mim com muito mais curiosidade do que antes de eu falar. Levanto-me, pronta para sair. Estou decepcionada com o resultado, mas ainda mais desapontada que meu primeiro dia fora do meu apartamento tenha sido um desastre completo de muitas maneiras. Estou pronta para ir para casa e tomar um banho.

“Eu gostaria de um momento com minha cliente”, Corey diz, ficando de pé rapidamente.

Amanda assente, fechando a pasta enquanto os dois se levantam. “Vamos sair”, diz ela. “Os termos estão detalhados em suas pastas. Nós temos dois outros escritores em mente, se isso não parece ser uma boa opção para você, então tente nos informar algo até amanhã à tarde.”

Jeremy é o único ainda sentado neste momento. Ele não disse uma única palavra o tempo todo. Amanda se inclina para frente para apertar minha mão. “Se você tiver alguma dúvida, entre em contato. Estou feliz em ajudar.”

“Obrigada”, respondo. Amanda e Droga Barron saem, mas Jeremy continua a olhar para mim. Corey olha para trás e para frente entre nós, esperando que Jeremy saia. Em vez disso, Jeremy se inclina para frente, concentrando-se em mim.

“Poderíamos ter uma palavra em particular?” Jeremy me pergunta. Ele olha para Corey, mas não para permissão — é mais uma sugestão.

Corey olha de volta para Jeremy, pego de surpresa por seu pedido descarado. Eu posso dizer pelo jeito que Corey lentamente vira a cabeça e estreita os olhos que ele quer que eu decline. Ele está dizendo que, “*Você pode acreditar nesse cara?*”

O que ele não percebe é que estou ansiosa para ficar sozinha nesta sala com Jeremy. Quero que todos saiam desta sala, especialmente Corey, porque de repente tenho muito mais perguntas para Jeremy. Sobre sua esposa, sobre o porquê deles terem me contatado, sobre o motivo pelo qual ela não é mais capaz de terminar sua própria série.

“Tudo bem”, digo para Corey.

A veia em sua testa se projeta quando ele tenta esconder sua irritação. Sua mandíbula endurece, mas ele cede e eventualmente sai da sala de conferências.

É só o Jeremy e eu.

Novamente.

Contando o elevador, esta é a terceira vez que estamos sozinhos em uma sala desde que nos cruzamos esta manhã. Mas esta é a primeira vez que sinto tanta energia nervosa. Tenho certeza que é toda minha. Jeremy de alguma forma parece tão calmo quanto estava quando me ajudou a limpar partes de um pedestal em mim menos de uma hora atrás.

Jeremy se recosta na cadeira, arrastando as mãos pelo rosto. “Jesus”, ele murmura. “Reuniões com editores são sempre tão rígidas?”

Eu sorrio baixinho. “Não sei. Costumo fazer essas coisas por e-mail.”

“Posso ver o porquê.” Ele se levanta e pega uma garrafa de água. Talvez seja porque estou sentada agora e ele é tão alto, mas não me lembro de me sentir tão pequena em sua presença antes. Saber que ele é casado com Verity Crawford me faz sentir ainda mais intimidada por ele do que quando estava em pé na frente dele usando minha saia e sutiã.

Ele permanece em pé enquanto se inclina contra o balcão, cruzando as pernas nos tornozelos. “Você está bem? Realmente não teve muito tempo para se adaptar ao que aconteceu do outro lado da rua antes de entrar nisso.”

“Nem você.”

“Estou bem.” *Há essa palavra novamente.* “Tenho certeza que você tem perguntas.”

“Uma tonelada”, admito.

“O que você quer saber?”

“Por que sua mulher não pode terminar a série?”

“Ela esteve em um acidente de carro”, diz ele. Sua resposta é mecânica, como se estivesse se forçando a se desligar de qualquer emoção agora.

“Sinto muito. Não ouvi falar.” Movo-me no meu lugar, sem saber mais o que dizer.

“Eu não estava de acordo com a ideia de alguém terminar seu contrato, no começo. Tinha esperança que ela se recuperasse totalmente. Mas...” Ele faz uma pausa. “Aqui estamos.”

Seu comportamento faz sentido para mim agora. Ele parecia um pouco reservado e quieto, mas agora percebo que todas as partes quietas dele são apenas tristeza. Lamentação palpável. Não tenho certeza se é por causa do que aconteceu com a esposa dele, ou o que ele me disse no banheiro mais cedo — que sua filha faleceu há alguns meses. Mas este homem está obviamente fora do seu elemento aqui, pois ele é desafiado a tomar decisões mais pesadas do que qualquer coisa que a maioria das pessoas tenha que enfrentar. “Sinto muito.”

Ele concorda, mas não oferece mais nada. Jeremy volta ao seu lugar, o que me faz pensar se ele acha que ainda estou contemplando a oferta. Não quero desperdiçar seu tempo mais do que já fiz.

“Agradeço a oferta, Jeremy, mas honestamente, não é algo que eu me sinta confortável. Não sou boa com publicidade. Nem sei por que o editor da sua esposa me procurou como uma opção em primeiro lugar.”

“Open Ended”, diz Jeremy.

Endureço quando ele menciona um dos livros que escrevi.

“Era um dos livros favoritos de Verity.”

“Sua esposa leu um dos meus livros?”

“Ela disse que você seria a próxima grande coisa. Fui eu quem deu seu nome ao editor, porque Verity acha que seus estilos de escrita são semelhantes. Se alguém vai assumir a série da Verity, quero que seja alguém cujo trabalho ela respeita.”

Eu sacudo minha cabeça. “Uau. Estou lisonjeada, mas... não posso.”

Jeremy me observa em silêncio, provavelmente se perguntando por que não estou reagindo como a maioria dos escritores faria a esta oportunidade. Ele não pode me entender. Normalmente, eu ficaria orgulhosa disso. Não gosto de ser lida com facilidade, mas parece errado nesta situação. Sinto que deveria ser

mais transparente, simplesmente porque ele me mostrou cortesia esta manhã. Eu nem saberia por onde começar, no entanto.

Jeremy se inclina para frente, seus olhos nadando com curiosidade. Ele olha para mim por um momento, depois bate o punho na mesa enquanto fica de pé. Presumo que a reunião tenha terminado, mas Jeremy não anda em direção à porta. Ele caminha em direção a uma parede forrada com prêmios emoldurados, então eu afundo de volta na minha cadeira. Ele olha para os prêmios, de costas para mim. Não é até que ele corre os dedos sobre um deles que percebo que é um dos de sua esposa. Ele suspira e depois me enfrenta novamente.

“Você já ouviu falar de pessoas chamadas de *Cronics*?” Ele pergunta.

Eu sacudo minha cabeça.

“Acho que Verity pode ter inventado o termo. Depois que nossas filhas morreram, ela disse que éramos crônicos. Propensos a tragédia crônica. Uma coisa terrível atrás da outra.”

Olho para ele por um momento, permitindo que suas palavras me percorram. Ele disse que perdeu uma filha mais cedo, mas está usando o termo no plural. “Filhas?”

Ele inala uma respiração. Libertando-a com derrota. “Sim. Gêmeas. Perdemos Chastin seis meses antes de Harper morrer. Tem sido...” Ele não está se separando de suas emoções tão bem quanto antes. Ele passa a mão pelo rosto e depois volta para a cadeira. “Algumas famílias têm a sorte de nunca experimentar uma única tragédia. Mas há aquelas famílias que parecem ter tragédias esperando em segundo plano. O que pode dar errado, dá errado. E então fica pior.”

Não sei porque ele está me dizendo isso, mas não questiono. Eu gosto de ouvi-lo falar, mesmo que as palavras que saem da sua boca sejam sombrias.

Ele está girando sua garrafa de água em um círculo sobre a mesa, olhando para ela pensativo. Tenho a impressão de que ele não pediu para ficar sozinho comigo para mudar de ideia. Ele só queria ficar sozinho. Talvez ele não suportasse mais um segundo de discutir sobre sua esposa daquela maneira, e queria que todos saíssem. Eu acho isso reconfortante — que ficar sozinho comigo na sala, parece ser como estar sozinho para ele.

Ou talvez ele sempre se sinta sozinho. Como nosso velho vizinho do lado, que, pelo que parece, foi definitivamente um Crônico.

“Eu cresci em Richmond”, digo. “Nosso vizinho perdeu os três membros da sua família em menos de dois anos. Seu filho morreu em combate. Sua esposa morreu seis meses depois de câncer. Então sua filha morreu em um acidente de carro.”

Jeremy para de mover a garrafa de água e a desliza alguns centímetros dele. “Onde está o homem agora?”

Eu endureço. Não estava esperando essa pergunta.

A verdade é que o homem não suportou perder todos que significavam algo para ele. Ele se matou alguns meses depois que sua filha morreu, mas dizer isso em voz alta para Jeremy, que ainda está de luto pelas mortes de suas próprias filhas, seria cruel.

“Ele ainda mora na mesma cidade. Ele se casou novamente alguns anos depois. Tem alguns enteados e netos.”

Há algo na expressão de Jeremy que me faz pensar que ele sabe que estou mentindo, mas parece agradecido por eu ter mentido.

“Você precisará passar um tempo no escritório da Verity passando por suas coisas. Ela tem anos de anotações e rascunhos — coisas que eu não saberia como dar sentido.”

Balanço minha cabeça. *Ele não ouviu nada que eu disse?* “Jeremy, eu te disse, não posso...”

“O advogado está jogando com você. Diga ao seu agente para pedir meio milhão. Diga-lhes que você fará isso sem a imprensa, sob um pseudônimo, com divulgação confidencial. Dessa forma, o que quer que você esteja tentando esconder pode ficar escondido.”

Quero dizer a ele que não estou tentando esconder nada além do meu constrangimento, mas antes que possa dizer qualquer coisa, ele está se movendo em direção à porta.

“Vivemos em Vermont”, continua ele. “Eu vou te dar o endereço depois de assinar o contrato. Você é bem-vinda para ficar por quanto tempo for

necessário para ir ao escritório dela.”

Ele faz uma pausa com a mão na porta. Eu abro minha boca para fazer uma nova objeção, mas a única palavra que sai é uma muito insegura. “*Tudo bem.*”

Ele me olha por um momento, como se tivesse mais a dizer. Então ele diz: “Tudo bem.”

Ele abre a porta e sai para o corredor onde Corey está esperando. Corey passa por ele e volta para a sala de conferências, onde fecha a porta.

Olho para a mesa, confusa com o que aconteceu. Confusa sobre o motivo pelo qual estão me oferecendo uma quantia substancial de dinheiro para um trabalho que nem tenho certeza de que posso fazer. *Meio milhão de dólares? E posso fazer isso sob um pseudônimo, sem compromisso de turnê ou publicidade? O que diabos eu disse que levou a isso?*

“Eu não gosto dele”, Corey diz, sentando-se no banco. “O que ele disse para você?”

“Ele disse que estão me rebaixando e para eu pedir meio milhão sem publicidade.”

Eu me viro a tempo de ver Corey engasgar no ar. Ele pega minha garrafa de água e toma um gole. “Merda.”

3

Eu tive um namorado em meus vinte e poucos anos chamado Amos, que gostava de ser sufocado.

É por isso que nos separamos — porque me recusei a sufocá-lo. Às vezes me pergunto onde eu estaria se tivesse entretido sua vontade. Nós nos casaríamos agora? Teríamos filhos? Ele teria mudado para perversões sexuais ainda mais perigosas?

Eu acho que é o que mais me preocupou com ele. Em seus vinte e poucos anos, sexo baunilha deveria satisfazer uma pessoa sem a necessidade de introduzir fetiches tão cedo em um relacionamento.

Gosto de pensar em Amos quando me sinto desapontada com o estado atual da minha vida. Enquanto olho para o aviso de despejo cor-de-rosa na mão de Corey, lembro a mim mesma que poderia ser pior — *eu ainda poderia estar com Amos*.

Abro mais a porta do meu apartamento, permitindo que Corey entre. Eu não sabia que ele viria, ou teria me certificado de que não houvesse avisos de despejo colados na minha porta. É o terceiro dia consecutivo que recebo um. Tiro-o dele e enfio em uma gaveta.

Corey segura uma garrafa de champanhe. “Pensei que poderíamos celebrar o novo contrato”, diz ele, entregando-me a garrafa. Sou grata por ele não mencionar o despejo. Não é tão terrível agora que tenho um cheque de pagamento no horizonte. O que farei até então... não tenho certeza. Eu poderia ter dinheiro suficiente para alguns dias em um hotel.

Sempre posso penhorar o que sobrou das coisas da minha mãe.

Corey já tirou o casaco e está soltando a gravata. Isso costumava ser nossa rotina, antes da minha mãe se mudar. Ele aparecia e começava a perder algumas roupas até que estávamos debaixo das cobertas na minha cama.

Isso parou completamente quando descobri através da mídia social que ele estava em alguns encontros com uma garota chamada Rebecca. Eu não parei

nosso relacionamento sexual por ciúme — parei por respeito à garota que não estava ciente disso.

“Como está Becca?” Pergunto quando abro o armário para encontrar dois copos. A mão de Corey faz uma pausa em sua gravata, como se estivesse chocado, estou ciente do que está acontecendo em sua vida amorosa. “Escrevo romances de suspense, Corey. Não fique tão surpreso que eu saiba tudo sobre a sua namorada.”

Eu não assisto a sua reação. Abro a garrafa de champanhe e despejo nos dois copos. Quando vou entregar um para Corey, ele está sentado no bar. Fico do lado oposto e levantamos nossos copos. Mas retardo o meu antes que ele possa fazer um brinde. Olho para o meu copo de champanhe, achando impossível pensar em qualquer coisa para brindar que não seja o dinheiro.

“Não é a minha série”, digo. “Não são meus personagens. E a autora responsável pelo sucesso desses livros está ferida. Parece errado brindar a isso.”

O copo de Corey ainda está em pausa no ar. Ele encolhe os ombros e, em seguida, bebe o conteúdo do copo inteiro em um gole, entregando-o de volta para mim. “Não se concentre em por que você está jogando o jogo. Apenas se concentre na linha de chegada.”

Rolo meus olhos enquanto coloco seu copo vazio na pia.

“Você já leu algum dos livros?” Ele pergunta.

Balanço minha cabeça e ligo a água. Eu provavelmente deveria lavar os pratos. Tenho quarenta e oito horas para sair deste apartamento e meus pratos são algo que quero levar comigo quando for. “Não.” Coloco o sabão na água e pego uma esponja.

Corey ri. “Não. Ela não é meu estilo.”

Eu olho para ele, assim que percebe que suas palavras também são um insulto à minha escrita, considerando que me ofereceram esse emprego por causa de nossos supostos estilos de escrita semelhantes, de acordo com o marido de Verity.

“Não é o que quis dizer”, diz. Ele se levanta e anda ao redor do bar, fica de pé ao meu lado na pia. Ele espera que eu termine de esfregar um prato, e

então o tira de mim e começa a enxaguá-lo. “Não parece que você embalou alguma coisa. Já encontrou um novo apartamento?”

“Eu tenho um prédio de armazenamento e planejo levar a maior parte amanhã. Fiz uma inscrição para um apartamento no Brooklyn, mas não terão nada por duas semanas.”

“O aviso de despejo diz que você tem dois dias para sair.”

“Estou ciente disso.”

“Então, para onde você está indo? Um hotel?”

“Eventualmente. Sairei no domingo para a casa de Verity Crawford. O marido dela disse que preciso ir ao escritório dela por um ou dois dias antes de começar a série.”

Imediatamente após a assinatura do contrato esta manhã, recebi um e-mail de Jeremy com instruções para a casa deles. Pedi para ir no domingo e, felizmente, ele concordou.

Corey tira outro prato de mim. Eu posso senti-lo olhando para mim. “Você vai ficar na *casa* deles?”

“De que outra forma eu deveria conseguir suas anotações para a série?”

“Mande-o enviá-las para você.”

“Ela tem treze anos de anotações e rascunhos. Jeremy disse que nem saberia por onde começar, e seria mais fácil se eu resolvesse sozinha.”

Corey não diz nada, mas posso sentir que ele está mordendo a língua. Deslizo a esponja pelo comprimento da faca na minha mão e depois a entrego para ele.

“O que você não está dizendo?” Pergunto.

Ele enxágua a faca em silêncio, coloca-a no escorredor, depois agarra a beirada da pia e vira a cabeça para mim. “O homem perdeu duas filhas. Então sua esposa se machuca em um acidente de carro. Não tenho certeza se estou tão confortável com você estando em sua casa.”

A água de repente parece muito fria para mim. Calafrios percorrem meus

dois braços. Eu desligo a água e seco minhas mãos, encostando minhas costas na pia. “Você está sugerindo que ele teve algo a ver com isso?”

Corey encolhe os ombros. “Eu não sei o suficiente sobre o que aconteceu para sugerir *qualquer coisa*. Mas esse pensamento não passou pela sua cabeça? Que talvez não seja a coisa mais segura a fazer? Você nem os conhece.”

Eu não sou ignorante. Desenterrei o máximo que pude encontrar sobre eles online. Sua primeira filha estava em uma festa do pijama a quinze quilômetros de distância, quando teve uma reação alérgica. Nem Jeremy nem Verity estavam lá quando aconteceu. E a segunda filha se afogou no lago atrás de sua casa, mas Jeremy não chegou em casa até que a busca por seu corpo já estivesse acontecendo. Ambos foram julgados acidentes. Posso ver porque Corey está preocupado, porque eu também estou, honestamente. Mas quanto mais investigo, menos posso encontrar para me preocupar. Dois acidentes trágicos e não relacionados.

“E quanto ao acidente de carro da Verity?”

“Foi um acidente”, digo. “Ela bateu em uma árvore.”

A expressão de Corey sugere que ele não está convencido. “Eu li que não havia marcas de derrapagem. O que significa que ela adormeceu ou fez isso de propósito.”

“Você pode culpá-la?” Estou irritada por ele estar fazendo afirmações infundadas. Eu me viro para terminar a louça. “Ela perdeu as duas filhas. Qualquer um que sofra algo assim, gostaria de encontrar uma saída.”

Corey seca as mãos no pano de prato e, em seguida, pega o paletó da banqueta. “Acidentes ou não, a família obviamente não tem muita sorte e muito dano emocional, então você precisa ter cuidado. Entre, pegue o que precisa e vá embora.”

“Que tal você se preocupar com os detalhes contratuais, Corey? Vou me preocupar com a pesquisa e escrever.”

Ele veste sua jaqueta. “Apenas cuidando de você.”

Cuidando de mim? Ele sabia que minha mãe estava morrendo, e não se preocupou comigo em dois meses. Ele não está cuidando de mim. Ele é um ex-

namorado que achou que ia transar esta noite, mas em vez disso foi discretamente rejeitado logo antes de descobrir que eu ficarei na casa de outro homem. Ele está disfarçando seu ciúme com preocupação.

Levo-o até a porta, aliviada por ele estar saindo. Não o culpo por querer fugir. Este apartamento tem tido uma vibração estranha desde que minha mãe se mudou. É por isso que nem me incomodei em lutar contra o aluguel, ou informar ao senhorio que terei o dinheiro em duas semanas. Eu quero sair deste lugar mais do que Corey quer agora.

“No mais”, ele diz, “parabéns. Se você criará esta série ou não, sua escrita te levou a isso. Deveria se orgulhar disso.”

Eu odeio quando ele diz coisas legais no auge da minha irritação.
“Obrigada.”

“Envie-me uma mensagem assim que chegar lá no domingo.”

“Eu vou.”

“E me avise se precisar de alguma ajuda com a mudança.”

“Eu não vou.”

Ele ri um pouco. “Ok, então.” Ele não me abraça em despedida. Ele me saúda enquanto se afasta, e nunca nos separamos mais desajeitadamente. Tenho a sensação de que nosso relacionamento finalmente está como deveria ser: Agente e autor. Nada mais.

4

Eu poderia ter escolhido qualquer outra coisa para fazer nesta viagem de seis horas. Poderia ter ouvido ‘Bohemian Rhapsody’ mais de sessenta vezes. Poderia ter ligado para minha velha amiga Natalie e ter feito um trabalho de recuperação, especialmente porque não falo com ela há mais de seis meses. Nós mandamos mensagem ocasionalmente, mas teria sido bom ouvir a voz dela. Ou talvez pudesse ter usado o tempo para me preparar mentalmente com todas as razões pelas quais ficaria longe de Jeremy Crawford enquanto estivesse em sua casa.

Mas, em vez de fazer isso, optei por ouvir o audiobook do primeiro romance da série Verity Crawford.

Acabou de terminar. Minhas juntas estão brancas de segurar o volante com tanta força. Minha boca está seca de esquecer de me hidratar no caminho. Minha autoestima está em algum lugar em Albany.

Ela é boa. Muito boa.

Agora estou me arrependendo de ter assinado o contrato. Não tenho certeza se posso viver de acordo com isso. E pensar que ela já escreveu seis desses romances, todos do ponto de vista do vilão. *Como um cérebro pode ter tanta criatividade?*

Talvez os outros cinco sejam péssimos. Eu posso esperar. Dessa forma, não haverá muita expectativa para os três últimos livros da série.

Quem estou enganando? Toda vez que um dos romances de Verity é lançado, atinge o número um no *Times*.

Acabei de ficar duas vezes mais nervosa do que quando saí de Manhattan.

Passo o resto da viagem pronta para voltar a Nova York com o rabo entre as pernas, mas não consigo, porque pensar que não sou boa o suficiente faz parte do processo de escrever. Faz parte do meu, de qualquer maneira. Para mim, há três etapas para completar cada um dos meus livros.

- 1) Comece o livro e odeie tudo o que escreve.
- 2) Continue escrevendo o livro apesar de odiar tudo que escreve.
- 3) Termine o livro e finja que está feliz com isso.

Nunca há um ponto no meu processo de escrita em que sinto que realizei o que me propus a realizar ou quando acredito ter escrito algo que todo mundo precisa ler. Na maioria das vezes, eu choro no meu chuveiro e olho para a tela do meu computador como um zumbi, imaginando como tantos outros autores podem promover seus livros com tanta confiança. *‘Essa é a maior coisa desde o último livro que escrevi! Você deveria ler!’*

Eu sou a escritora desajeitada que publica uma foto do meu livro e diz: “É um livro bom. Existem palavras nele. Leia se quiser.”

Temo que essa experiência específica de escrita seja ainda pior do que eu imaginava. Dificilmente alguém lê meus livros, então eu não tenho que sofrer muitas críticas negativas. Mas uma vez que meu trabalho esteja lá com o nome Verity, será lido por centenas de milhares de leitores com expectativas embutidas para esta série. E se eu falhar, Corey saberá que falhei. Os editores saberão que falhei. Jeremy vai saber que eu falhei. E... dependendo do estado mental dela... Verity pode saber que eu falhei.

Jeremy não esclareceu a extensão dos ferimentos de Verity quando estávamos na reunião, então não tenho ideia se ela está ferida além do ponto de comunicação. Havia muito pouco on-line sobre o seu acidente de carro, além de alguns artigos vagos. A editora divulgou um comunicado logo após o acidente afirmando que a Verity se feriu, mas não correu risco de vida. Duas semanas atrás, eles divulgaram outra declaração dizendo que ela estava se recuperando pacificamente em casa. Mas sua editora, Amanda, disse que queria manter a extensão de seus ferimentos fora da mídia. Então, há a possibilidade de que eles minimizaram tudo.

Ou, talvez, depois de toda a perda que sofreu nos últimos dois anos, ela simplesmente não quer escrever novamente.

Eu acho que é compreensível que eles precisem garantir a conclusão da série. Os editores não querem ver a maior fonte de receita diminuir até desaparecer. E apesar de me sentir honrada por me pedirem para completar a série, necessariamente, não quero ser jogada nesse tipo de holofote. Quando

comecei a escrever, meu objetivo não era ficar famosa. Eu sonhava com uma vida onde pessoas comprariam meus livros o suficiente para pagar minhas contas e nunca ser impulsionada a uma vida de riquezas e fama. Poucos autores alcançam esse nível de sucesso, então nunca foi uma preocupação que isso acontecesse comigo.

Sei que anexar meu nome a essa série aumentará as vendas dos meus livros anteriores e garantirá mais oportunidades no futuro, mas a Verity é extremamente bem-sucedida. Assim como esta série que estou assumindo. Ao anexar meu nome à série, eu me submeterei ao tipo de atenção que passei a maior parte da minha vida temendo.

Não estou procurando meus quinze minutos de fama. Estou procurando por um cheque de pagamento.

Será uma longa espera por esse avanço. Gastei a maior parte do resto do meu dinheiro alugando este carro e guardando minhas coisas. Paguei um depósito por um apartamento, mas ele não estará pronto até a semana que vem, ou talvez até a semana seguinte, o que significa que o pouco que me resta precisará ir para um hotel quando eu deixar a casa dos Crawford.

Isto é minha vida. Meio sem teto, morando fora de uma mala apenas uma semana e meia depois que o último membro da minha família morreu. Isso pode piorar?

Eu poderia me casar com Amos agora, então a vida *sempre* poderia ser pior.

“Jesus, Lowen.” Reviro meus olhos por minha incapacidade de perceber quantos escritores matariam por esse tipo de oportunidade, e aqui estou pensando que minha vida chegou ao fundo do poço.

Ingrata, parte um.

Eu tenho que parar de olhar para a minha vida através dos óculos da minha mãe. Assim que avançar nesses romances, tudo começará a aparecer. Não vou mais ficar entre os apartamentos.

Peguei a saída para a casa dos Crawford alguns quilômetros atrás. O GPS está me levando por uma longa e ventosa estrada ladeada por árvores de corniso floridos e casas que continuam ficando maiores e mais separadas.

Quando finalmente chego a rua, coloco o carro no ponto-morto e admiro a entrada. Duas colunas altas de tijolos se erguem dos dois lados da garagem — um caminho que parece nunca acabar. Estico meu pescoço, tentando ver o comprimento dele, mas o asfalto escuro serpenteia entre as árvores. Em algum lugar lá em cima está a casa, e em algum lugar dentro dessa casa está Verity Crawford. Eu me pergunto se ela sabe que estou chegando. Minhas mãos começam a suar, então as levanto do volante e as seguro na frente das saídas de ar para secá-las.

O portão de segurança está escancarado, por isso ponho o carro em andamento e passo devagar até o robusto ferro forjado. Eu digo a mim mesma para não surtar, mesmo quando percebo que o padrão repetitivo no topo do portão de ferro se assemelha a teias de aranha. Estremeço enquanto sigo uma curva, as árvores ficam mais densas e altas até a casa aparecer. Eu vejo o telhado primeiro enquanto subo a colina: cinza ardósia como uma nuvem de tempestade furiosa. Segundos depois, o resto aparece, e minha respiração fica presa na minha garganta. Pedra escura atravessa a frente da casa, quebrada apenas pela porta vermelho-sangue, o único relevo de cor neste mar de cinza. Hera cobre o lado esquerdo da casa, mas em vez de encantador, é ameaçador — como um câncer lento.

Penso no apartamento que deixei para trás: as paredes sujas e a cozinha pequena demais com a geladeira verde-oliva dos anos 70. Meu apartamento inteiro provavelmente caberia no saguão de entrada desse monstro. Minha mãe costumava dizer que as casas têm alma e, se isso é verdade, a alma da casa de Verity Crawford é tão escura quanto é possível.

As imagens de satélite on-line não fizeram justiça a essa propriedade. *Eu procurei a casa antes de aparecer.* De acordo com um site de corretores de imóveis, eles compraram a casa há cinco anos por dois milhões e meio. Vale mais de três milhões agora.

É esmagadora e enorme e isolada, mas não tem a vibração formal típica de casas deste calibre. Não há um ar de superioridade agarrado às paredes.

Eu dirijo o carro ao longo da calçada, imaginando onde devo estacionar. O gramado é exuberante e bem cuidado, pelo menos três acres de extensão. O lago atrás da casa se estende de uma extremidade da propriedade para a outra. As montanhas verdes pintam um cenário pitoresco tão bonito que é difícil

acreditar na terrível tragédia que seus proprietários experimentaram.

Eu suspiro de alívio quando vejo uma área de estacionamento de concreto ao lado da garagem. Coloco meu carro no estacionamento e depois desligo o motor.

Meu carro não se encaixa com essa casa. Estou me chutando por escolher o carro mais barato que eu poderia alugar. *Trinta dólares por dia*. Eu me pergunto se Verity já sentou em um Kia Soul. No artigo que li sobre o acidente dela, ela estava dirigindo um Range Rover.

Alcanço o banco do passageiro para pegar meu telefone para que eu possa enviar uma mensagem para Corey para que ele saiba que já cheguei. Quando coloco a mão na maçaneta da porta do lado do motorista, endureço, esticando a espinha contra o banco de trás. Viro-me e olho pela minha janela.

“Merda!”

Que porra é essa?

Bato no meu peito para ter certeza de que ainda tenho um batimento cardíaco enquanto olho de volta para o rosto olhando para a janela do meu carro. Então, quando vejo que a figura na minha porta é apenas uma criança, eu cubro minha boca, esperando que ele tenha ouvido seu quinhão de palavrões. Ele não ri. Ele apenas olha, o que parece ainda mais assustador do que se tivesse me assustado de propósito.

Ele é uma versão em miniatura do Jeremy. A mesma boca, os mesmos olhos verdes. Li em um dos artigos que Verity e Jeremy tiveram três filhos. Este deve ser o seu menino.

Eu abro a porta e ele dá um passo para trás quando saio do carro.

“Ei.” A criança não responde. “Você mora aqui?”

“Sim.”

Olho para a casa atrás dele, imaginando como deve ser uma criança crescer em tal lar. “Deve ser bom”, eu murmuro.

“Costumava ser.” Ele se vira e começa a subir a calçada, em direção à porta da frente. Imediatamente me sinto mal por ele. Não tenho certeza de que

pensei muito sobre a situação em que esta família se encontra. Esse garotinho, que não pode ter mais de cinco anos, perdeu as duas irmãs. E quem sabe o que esse tipo de pesar causou à mãe? Eu sei que isso ficou claro em Jeremy.

Guardo minha mala para mais tarde e fecho a porta, seguindo o menino. Estou apenas a alguns metros atrás dele quando abre a porta da frente e entra na casa, depois fecha a porta na minha cara.

Espero um momento, imaginando se talvez ele tenha senso de humor. Mas posso ver através da fria janela da porta da frente, e ele continua pela casa e não volta para me deixar entrar.

Eu não quero chamá-lo de babaca. Ele é um garotinho e passou por muita coisa. *Mas acho que ele pode ser um idiota.*

Eu toco a campainha e espero.

E espero.

E espero.

Então toco a campainha de novo, mas não obtenho resposta. Jeremy colocou suas informações de contato no e-mail que ele me enviou, então eu puxo o número dele e envio uma mensagem para ele. *“É Lowen. Estou na sua porta da frente.”*

Envio a mensagem e espero.

Alguns segundos depois, ouço passos descendo as escadas. Eu posso ver a sombra de Jeremy através do vidro fosco crescer enquanto ele se aproxima da porta. Logo antes de abrir, vejo-o fazer uma pausa como se estivesse respirando. Não sei por que, mas essa pausa me assegura que talvez eu não seja a única nervosa com toda essa situação.

Estranho como seu potencial desconforto me traz conforto. Eu não acho que é assim que deveria funcionar.

Ele abre a porta e, embora seja o mesmo homem que conheci há alguns dias, ele está... diferente. Nenhum terno ou gravata, nenhum ar de mistério sobre ele. Ele está de calça de moletom e uma camiseta azul Bananafish. Meias, sem sapatos. “Ei.”

Eu não gosto do zumbido correndo por mim agora. Ignoro e sorrio para ele. “Oi.”

Ele olha por um segundo e depois se afasta, abrindo mais a porta, acenando-me com o braço. “Desculpe, estava no andar de cima. Eu disse a Crew para abrir a porta. Acho que ele não me ouviu.”

Eu entro no vestibulo.

“Você tem uma mala?” Jeremy pergunta.

Giro para encará-lo. “Sim, está no meu banco de trás, mas posso pegar depois.”

“O carro está desbloqueado?”

Eu concordo.

“Volto logo.” Ele coloca um par de sapatos ao lado da porta e caminha para fora. Eu giro em um círculo lento, verificando o que me cerca. Não é muito diferente das fotos que vi da casa online. Parece estranho porque já vi todos os cômodos da casa, graças ao site do corretor de imóveis. Eu sinto que já conheço meu caminho e estou a apenas um metro e meio da casa.

Há uma cozinha à direita e sala de estar à esquerda. Estão separadas por uma entrada com uma escada que leva ao segundo andar. A cozinha nas fotos era enfeitada com armários de cerejeira escura, mas foi atualizada, e todos os armários antigos foram arrancados, substituídos na maior parte por prateleiras e alguns armários acima da bancada que são de madeira mais clara.

Há dois fornos e uma geladeira com uma porta de vidro. Estou olhando para ela a vários metros de distância quando o garotinho desce as escadas. Ele passa por mim e abre a geladeira, pegando uma lata de refrigerante Dr. Pepper. Eu vejo como ele luta para abrir o lacre.

“Quer que eu abra para você?” Pergunto a ele.

“Sim, por favor”, ele diz, olhando para mim com aqueles grandes olhos verdes. *Eu não posso acreditar que pensei que ele era um idiota.* Sua voz é tão doce e suas mãos são tão pequenas que nem conseguem abrir uma lata de refrigerante. Eu tiro isso dele e torço para abrir a garrafa com facilidade. A porta da frente se abre quando estou entregando o refrigerante de volta para Crew.

Jeremy estreita os olhos na direção de Crew. “Eu acabei de dizer-lhe sem refrigerantes.” Ele deixa minha mala contra a parede e caminha até Crew, puxando o refrigerante de suas mãos. “Vá se preparar para o seu banho. Estarei lá em um minuto.”

Crew gira a cabeça e volta para as escadas.

Jeremy ergue uma sobrancelha. “Nunca confie nessa criança. Ele é mais esperto do que nós dois juntos.” Ele toma um gole do refrigerante antes de devolvê-lo à geladeira. “Você quer algo para beber?”

“Não, estou bem.”

Jeremy pega minha mala e a leva pelo corredor. “Espero que não seja estranho, mas estou dando a você o quarto principal. Todos nós dormimos no andar de cima agora, e achei que seria mais fácil, porque é o quarto mais próximo do escritório dela.”

“Eu não tenho certeza se vou ficar a noite”, digo enquanto sigo atrás dele. O lugar me dá uma vibração estranha, então seria legal se eu pudesse pegar o que preciso e encontrar um hotel. “Estava planejando verificar seu escritório e avaliar a situação.”

Ele ri, empurrando a porta do quarto aberta. “Confie em mim. Você precisará de pelo menos dois dias. Talvez mais.” Ele coloca a mala em um baú ao pé da cama, depois abre o armário principal e aponta para uma área vazia. “Eu deixei algum espaço no caso de você precisar pendurar qualquer coisa.” Ele aponta para o banheiro. “O banheiro é todo seu. Eu não tenho certeza se há produtos de higiene, então me avise se precisar de alguma coisa. Tenho certeza que temos isso.”

“Obrigada.” Olho em volta do quarto, e tudo isso parece tão bizarro. Especialmente que vou dormir na cama deles. Meus olhos são puxados para a cabeceira da cama — especificamente para as marcas de dentes de mordidas na borda superior da cabeceira no centro da cama. Eu imediatamente afasto meus olhos antes que Jeremy me pegue olhando. Ele provavelmente vai ver em todo o meu rosto que estou querendo saber qual deles teve que morder a cabeceira, a fim de manter a calma durante o sexo. *Eu já tive sexo tão intenso assim?*

“Você precisa de um minuto sozinha aqui, ou gostaria de ir em frente e ver o resto da casa?” Jeremy pergunta.

“Estou bem”, digo, seguindo-o. Ele entra no corredor, mas eu paro, olhando a porta do quarto. “Esta porta trava?”

Ele dá um passo para dentro do quarto, olhando para a maçaneta da porta. “Eu não sei se nós já a trancamos.” Ele sacode a maçaneta. “Tenho certeza que posso encontrar uma fechadura se for importante para você.”

Não tenho dormido em um quarto sem bloqueio desde que eu tinha dez anos. Eu quero *implorar* para ele encontrar uma fechadura, mas também não quero ser mais intrusiva do que já sou.

“Não, está bem.”

Ele solta a porta, mas antes de voltar para o corredor, ele diz: “Antes de levá-la para cima, você sabe com que nome escreverá esta série?”

Eu não tinha pensado nisso desde que descobri que Pantem concordou com as exigências que Jeremy me disse para fazer.

Dou de ombros. “Eu realmente não pensei sobre isso.”

“Gostaria de lhe apresentar a enfermeira da Verity usando seu pseudônimo, no caso de você não querer alguém te ligando à série.”

Seus ferimentos são ruins o suficiente para que ela precise de uma enfermeira?

“OK. Eu acho...” não tenho a menor ideia do nome que eu deveria usar.

“Em que rua você cresceu?” Jeremy pergunta.

“Laura Lane.”

“Qual foi o nome do seu primeiro animal de estimação?”

“Chase. Ele era um yorkie.”

“Laura Chase”, diz ele. “Eu gosto disso.”

Inclino minha cabeça, reconhecendo esse padrão de questionamento dos questionários do Facebook. “Não é assim que as pessoas descobrem o nome de estrela pornô?”

Ele ri. “Pseudônimo, nome de estrelas pornô. Funciona.” Ele faz sinal

para eu segui-lo. “Venha conhecer a Verity primeiro e depois vou levá-la ao escritório dela.”

Jeremy sobe as escadas de dois em dois. Há um elevador que parece recém-instalado logo após a cozinha. Verity deve estar em uma cadeira de rodas agora. *Deus, a pobre mulher.*

Jeremy está esperando por mim quando eu chego ao topo da escada. O corredor se divide, com três portas em uma extremidade e duas na outra. Ele vira à esquerda.

“Este é o quarto de Crew”, diz ele, apontando para o primeiro quarto. “Eu durmo naquele quarto.” Ele aponta para a porta ao lado de Crew.

Do outro lado do corredor desses dois quartos há outro quarto. A porta está fechada, então ele a toca gentilmente e depois a abre.

Não tenho certeza do que estava esperando, mas certamente não esperava isso.

Ela está de costas na cama, olhando para o teto, seu cabelo loiro espalhado sobre o travesseiro. Uma enfermeira de uniforme azul está ao pé da cama, colocando as meias em seus pés. Crew está deitado ao lado de Verity na cama, segurando um iPad. Os olhos de Verity estão vazios, desinteressados em seus arredores. Ela está inconsciente da enfermeira. Inconsciente de mim. De Crew. De Jeremy quando ele se inclina e escova o cabelo da testa dela. Ela pisca, mas não há mais nada lá. Nenhum reconhecimento de que o homem com quem ela teve três filhos está tentando ser carinhoso com ela. Tento cobrir os calafrios que apareceram em meus braços.

A enfermeira fala com Jeremy. “Ela parecia cansada, então pensei em colocá-la para dormir mais cedo hoje à noite.” Ela puxa um cobertor sobre Verity.

Jeremy vai até a janela e fecha as cortinas. “Ela tomou os remédios depois do jantar?”

A enfermeira ergue os pés de Verity, enfiando o cobertor embaixo deles. “Sim, ela estará bem até a meia-noite.”

A enfermeira é mais velha que Jeremy, talvez em seus cinquenta e poucos

anos, com cabelo vermelho curto. Ela olha para mim e depois para Jeremy, esperando por uma apresentação.

Jeremy sacode a cabeça como se tivesse esquecido que estou aqui. Ele acena para mim enquanto olha para a enfermeira. “Esta é Laura Chase, a autora de quem eu estava falando. Laura, esta é April, enfermeira da Verity.”

Eu aperto a mão de April, mas sinto seu julgamento quando ela me olha de cima a baixo. “Pensei que você fosse mais velha”, diz ela.

O que eu digo a isso? Estagnada pelo jeito que ela olha para mim, seu comentário parece uma investigação. Ou uma acusação. Eu ignoro e sorrio. “É bom conhecer você, April.”

“O prazer é meu.” Ela pega sua bolsa da cômoda, direcionando sua atenção para Jeremy. “Eu te vejo pela manhã. Deve ser uma noite fácil.” Ela se abaixa e aperta a coxa de Crew. Ele ri e se afasta dela. Eu me afasto quando April sai do quarto.

Eu olho para a cama. Os olhos de Verity ainda estão abertos, conectando-se com nada. Não tenho certeza se ela está ciente de que sua enfermeira saiu. *Ela está ciente de alguma coisa?* Eu me sinto mal por Crew. Por Jeremy. Por Verity.

Não sei se gostaria de viver nessa condição. E saber que Jeremy está preso a esta vida... É tudo tão deprimente. Esta casa, as tragédias no passado desta família, as lutas no presente.

“Crew, não me faça fazer isso. Eu te disse para tomar banho.”

Crew olha para Jeremy e sorri, mas não consegue sair da cama.

“Eu vou contar até três.”

Crew coloca seu iPad ao lado dele, mas continua a desafiar Jeremy.

“Três... dois...” E então, na contagem de um, Jeremy ataca Crew, agarrando seus tornozelos e puxando-o para o ar. “Noite de cabeça para baixo!”

Crew está rindo e se contorcendo. “De novo não!”

Jeremy olha para mim. “Laura, quantos segundos uma criança pode ficar pendurada de cabeça para baixo antes que seu cérebro se vire e comecem a falar para trás?”

Eu sorrio da interação deles. “Eu ouvi vinte segundos. Mas poderia ser quinze.”

Crew diz: “Não, papai, eu vou tomar banho! Não quero que meu cérebro esteja de cabeça para baixo!”

“E você limpará suas orelhas? Porque elas claramente não estavam funcionando antes quando eu te disse para tomar um banho.”

“Eu juro!”

Jeremy joga-o por cima do ombro, virando-o para o lado direito antes de colocá-lo de pé. Ele bagunça o seu cabelo e diz: “Vá.”

Vejo quando Crew sai correndo pela porta e entra em seu quarto do outro lado do corredor. Assistir Jeremy interagir com Crew faz a casa parecer um pouco mais acolhedora. “Ele é fofo. Quantos anos tem?”

“Cinco”, diz Jeremy. Ele alcança o lado da cama de Verity e a levanta um pouco. Ele pega um controle remoto da mesa ao lado de sua cama e liga a TV.

Nós dois saímos do quarto e ele fecha a porta ligeiramente. Estou em pé no meio do corredor quando ele me enfrenta. Ele desliza as mãos nos bolsos de sua calça de moletom cinza. Ele age como se quisesse dizer mais — explicar mais. Mas ele não faz. Ele suspira e olha para o quarto de Verity.

“Crew estava com medo de dormir aqui sozinho. Ele tem sido um soldado, mas as noites são difíceis para ele. Ele queria estar mais perto dela, mas não gostava de dormir no andar de baixo. Mudei os dois para cá para tornar isso mais fácil para ele.” Jeremy faz o caminho de volta pelo corredor. “O que significa que você tem a corrida do andar de baixo à noite.” Ele apaga a luz do corredor. “Quer ver o escritório dela?”

“Claro.”

Sigo-o para o andar de baixo, para as portas duplas perto do patamar da escada. Ele abre uma das portas duplas, revelando a parte mais íntima de sua esposa.

O escritório dela.

Quando entro, parece que estou vasculhando a gaveta de roupas íntimas.

Há estantes de livros do chão ao teto com livros em cada fenda vazia. Caixas de papéis revestem as paredes. A mesa... *Meu Deus*, sua mesa. Estende-se de uma extremidade da sala à outra, estendendo-se ao longo de uma parede forrada com enormes vidraças com vista para a totalidade do quintal. Não há um centímetro de mesa que não esteja coberta por uma pilha de páginas ou arquivos.

“Ela não é a pessoa mais organizada”, diz Jeremy.

Sorrio, reconhecendo um parentesco com Verity. “A maioria dos escritores não são.”

“Vai levar tempo. Eu tentei organizar sozinho, mas é tudo grego para mim.”

Eu ando até uma das prateleiras mais próximas a mim e corro minha mão sobre alguns dos livros. São edições estrangeiras do seu trabalho. Pego uma cópia alemã da prateleira e a examino.

“Ela tem um laptop e um desktop”, diz Jeremy. “Eu escrevi as senhas em notas para você.” Ele pega um caderno ao lado do seu computador. “Ela estava constantemente tomando notas. Escrevendo pensamentos. Ela escrevia ideias em guardanapos. Diálogo no chuveiro em um bloco de notas à prova d'água.” Jeremy coloca o bloco de notas de volta na mesa. “Uma vez ela usou um marcador para escrever os nomes dos personagens no fundo da fralda do Crew. Estávamos no zoológico e ela não tinha um bloco de notas.”

Ele faz um círculo lento e completo enquanto olha em volta para o escritório dela como se tivesse passado um tempo desde que ele pisou aqui. “O mundo era o seu manuscrito. Nenhuma superfície estava segura.”

Minhas entranhas se aquecem com a maneira como ele parece apreciar seu processo criativo. Eu giro em um círculo, absorvendo tudo. “Eu não tinha ideia do que estava me metendo.”

“Eu não queria rir quando você disse que talvez não precisasse passar a noite. Mas com toda a honestidade, isso pode levar mais de dois dias. Se isso acontecer, você é bem-vinda para ficar o tempo que precisar. Eu prefiro que você tome o seu tempo e tenha certeza de ter tudo o que precisa do que voltar para Nova York, sem saber como lidar com isso.”

Olho para as prateleiras contendo a série que estou assumindo. Haverá

nove livros no total da série. Seis foram publicados e três ainda serão entregues. O título da série é *The Noble Virtues*⁴, e cada livro é uma virtude diferente. As três que foram deixadas para mim são Coragem, Verdade e Honra.

Todos os seis livros estão em suas prateleiras, e estou aliviada por ver extras. Eu puxo uma cópia do segundo romance da prateleira e deslizo através dele.

“Você já leu a série?” Jeremy pergunta.

Eu balanço minha cabeça, não querendo revelar, eu escutei o audiobook. Ele pode me fazer perguntas sobre isso. “Eu não li ainda. Não tive tempo entre assinar o contrato e vir aqui.” Coloco o livro de volta na prateleira. “Qual é o seu favorito?”

“Também não li nenhum deles. Desde o primeiro livro dela.”

Eu giro e olho para ele. “Mesmo?”

“Eu não gostava de estar dentro da cabeça dela.”

Seguro meu sorriso, mas ele parece um pouco com Corey agora. Incapaz de separar o mundo que sua esposa cria daquele em que ela mora. Pelo menos Jeremy parece ser um pouco mais autoconsciente do que Corey jamais foi.

Eu olho ao redor da sala, um pouco sobrecarregada, mas não tenho certeza se é porque Jeremy está de pé aqui ou por causa do caos que estou prestes a ter que resolver. “Nem sei por onde começar.”

“Sim, vou deixar você chegar a isso.” Jeremy aponta para a porta do escritório. “Eu provavelmente deveria ir verificar Crew. Fique à vontade. Comida... bebidas... a casa é sua.”

“Obrigada.”

Jeremy fecha a porta e eu me acomodo na mesa de Verity. Sua cadeira sozinha provavelmente custou mais do que um mês de aluguel no meu apartamento. Eu me pergunto o quanto é mais fácil escrever para alguém que tem dinheiro para queimar em coisas que sempre sonhei em ter à minha disposição enquanto escrevo. Mobiliário confortável, dinheiro suficiente para ter um massagista de plantão, mais de um computador. Eu imagino que isso tornaria

o processo de escrita muito mais fácil e muito menos estressante. Eu tenho um laptop com uma tecla perdida e Wi-Fi quando um vizinho se esquece de proteger com senha a dele. Sento-me em uma velha mesa de jantar, em uma mesa improvisada que é na verdade apenas uma mesa dobrável de plástico que pedi na Amazon por vinte e cinco dólares.

Na maioria das vezes, eu nem tenho dinheiro suficiente para tinta de impressora e papel de computador.

Eu acho que estar aqui em seu escritório por alguns dias será uma maneira de testar minha teoria. Quanto mais rico você for, mais criativo será capaz de ser.

Pego o segundo livro da série da prateleira. Eu abro, só pretendo dar uma olhada. Vejo que ela continuou de onde o livro um parou.

E acabo lendo por três horas seguidas.

Não saí do meu lugar nem uma vez. Capítulo após capítulo de intrigas e personagens fodidos. Personagens *realmente* fodidos. Vai levar algum tempo para me dedicar a essa mentalidade enquanto escrevo. Não é de admirar que Jeremy não tenha lido o trabalho dela. Todos os seus livros são do ponto de vista do vilão, então isso é novidade para mim. Eu realmente deveria ter lido todos esses livros antes de chegar aqui.

Eu me levanto para esticar minha coluna, mas nem mesmo dói muito; a cadeira que estive sentada é a peça de mobília mais confortável que minha bunda já pressionou.

Eu olho em volta, imaginando se deveria passar por arquivos de computador próximos ou arquivos impressos.

Decido verificar a área de trabalho dela. Eu navego vários arquivos no Microsoft Word, que parece ser o programa que ela prefere. Todos os arquivos que encontro estão relacionados a livros que ela já escreveu. Não estou muito preocupada com isso ainda. Quero encontrar algum plano que ela tenha para os livros que ainda serão escritos. A maioria dos arquivos em seu laptop é igual aos arquivos em sua área de trabalho.

Talvez Verity fosse o tipo de autora que escreve seus rascunhos. Volto minha atenção para as pilhas de caixas na parede dos fundos, perto de um

armário. Uma fina camada de poeira cobre os topos delas. Eu passo por várias caixas, retirando versões de manuscritos em vários estágios do processo de escrita, mas são todas versões de livros da série que ela já escreveu. Nada insinuando o que ela planejava escrever em seguida.

Estou na sexta caixa, vasculhando o conteúdo, quando encontro algo com um título estranho. Este é chamado *So Be It*⁵.

Folheio as primeiras páginas, esperando ter sorte e descobrir que é um esboço para o sétimo livro da série. Quase imediatamente, posso dizer que não é. Isso parece... *pessoal*. Volto para a primeira página do capítulo um e leio a primeira linha.

Às vezes penso na noite em que conheci Jeremy e me pergunto, se não tivéssemos feito contato visual, minha vida terminaria do mesmo jeito?

Assim que vejo o nome de Jeremy mencionado, escaneio um pouco mais a página. *É uma autobiografia*.

Não é o que eu estou procurando. Uma autobiografia não é o que os editores estão me pagando para entregar, então eu deveria seguir em frente. Mas olho por cima do ombro para ter certeza de que a porta está fechada porque estou curiosa. Além disso, ler um pouco disso é pesquisa. Eu preciso ver como a mente de Verity trabalha para entendê-la como escritora. *Essa é a minha desculpa, de qualquer maneira*.

Eu carrego o manuscrito para o sofá, sento-me confortavelmente e começo a ler.

Que assim seja

Por

Verity Crawford

Nota do autor:

A coisa que mais detesto em autobiografias são os pensamentos falsos em todas as frases. Um escritor nunca deve ter a audácia de escrever sobre si mesmo, a menos que esteja disposto a separar cada camada de proteção entre a alma do autor e seu livro. As palavras devem vir diretamente do centro do seu íntimo, rasgando carne e osso ao se libertarem. Feio e honesto e sangrento e um pouco aterrorizante, mas completamente exposto. Uma autobiografia encorajando o leitor a gostar do autor não é uma verdadeira autobiografia. Ninguém é agradável de dentro para fora. Deve-se apenas se afastar de uma autobiografia, na melhor das hipóteses, com um desgosto desconfortável por seu autor.

Eu vou entregar.

O que você lê vai ter um gosto tão ruim às vezes, vai querer cuspi-lo, mas você vai engolir essas palavras e elas se tornarão parte de você, parte do *seu* íntimo, e vai se machucar por causa delas.

No entanto... mesmo com o meu generoso aviso... você vai continuar a ingerir minhas palavras, porque aqui está você.

Humano.

Curioso.

Continue.

Capítulo Um

“Encontre o que você ama e deixe-o te matar.” — Charles Bukowski

Às vezes penso na noite em que conheci Jeremy e me pergunto, se não tivéssemos feito contato visual, minha vida terminaria do mesmo jeito? Foi meu destino desde o começo sofrer um fim tão trágico? Ou o meu fim trágico é resultado de más escolhas em vez de destino?

Claro, não encontrei um fim trágico ainda, ou eu não seria capaz de contar o que levou a isso. No entanto, está chegando. Eu posso sentir isso, assim como senti a morte de Chastin. E assim como abracei seu destino, vou abraçar o meu.

Eu não diria que me perdi antes da noite em que conheci Jeremy, mas certamente nunca fui encontrada até o momento em que ele colocou os olhos em mim do outro lado da sala.

Eu tive namorados antes. Uma noite, mesmo. Mas nunca chegaria perto de imaginar a vida com outra pessoa até aquele momento. Quando o vi, imaginei nossa primeira noite juntos, nosso casamento, nossa lua de mel, nossos filhos.

Até aquele momento, a ideia de amor sempre me pareceu muito fabricada. Um truque da Hallmark. Um esquema de marketing para empresas de cartões comemorativos. Eu não tinha interesse em amor. Meu único objetivo naquela noite era ficar bêbada de graça e encontrar um rico investidor para foder. Eu já estava no meio do caminho, tendo tomado três coquetéis Moscou mule. E, a julgar pelo olhar de Jeremy Crawford, eu deixaria a festa com uma experiência extraordinária. Ele parecia rico, e *era* um evento de caridade, afinal. Pessoas pobres não aparecem em eventos de caridade, a menos que estejam *servindo* aos ricos.

Empresa atual não incluída.

Ele estava conversando com alguns outros homens, mas toda vez que ele olhava na minha direção, sentia como se fôssemos as únicas duas pessoas na sala. De vez em quando ele sorria para mim. Claro que ele sorria. Eu estava com meu vestido vermelho naquela noite, o que eu roubei da Macy's. *Não me julgue. Eu era uma artista faminta e ele era ridiculamente caro.* Eu pretendia

compensar o roubo quando tivesse o dinheiro. Eu doaria para uma instituição de caridade ou salvaria um bebê ou algo assim. O bom dos pecados é que eles não precisam ser expiados imediatamente, e esse vestido vermelho era perfeito demais para eu deixar passar.

Era um vestido foda. O tipo de vestido que um homem pode evitar facilmente quando quer estar entre suas pernas. O erro que as mulheres cometem quando escolhem suas roupas para eventos como esse em que estou, é que não pensam sobre elas da perspectiva do homem. Uma mulher quer que seus seios fiquem bem, sua figura seja abraçada. Mesmo que isso signifique sacrificar o conforto e usar algo impossível de remover. Mas quando *homens* olham para vestidos, eles não estão admirando a maneira como ele abraça os quadris ou a cinta na cintura ou o laço amarrando as costas. Eles estão avaliando o quão fácil será remover. Ele será capaz de deslizar a mão até a coxa dela quando estiverem sentados um ao lado do outro na mesa? Ele será capaz de transar com ela em um carro sem a bagunça desajeitada de zíperes e meia calça? Ele será capaz de transar com ela no banheiro sem ter que tirar a roupa completamente?

As respostas para o meu vestido vermelho roubado eram sim, sim, e o *inferno* sim.

Percebi que, com aquele vestido, não havia como ele sair da festa sem se aproximar de mim. Eu escolhi parar de prestar atenção nele. Isso me fazia parecer desesperada. Eu não era o rato, era o queijo. Eu ia ficar lá até ele vir até mim.

Ele fez, eventualmente. Eu estava de pé no bar, de costas para ele, quando colocou a mão no meu ombro e se inclinou para a frente, apontando para o barman. Jeremy não olhou para mim naquele momento. Ele simplesmente manteve a mão no meu ombro, como se estivesse reclamando para mim. Quando o garçom se aproximou, observei fascinada. Jeremy empurrou a cabeça em minha direção e disse: “Certifique-se de servir apenas água para ela pelo resto da noite.”

Eu não estava esperando por isso. Virei-me, inclinei um braço no bar e encarei-o. Ele soltou a mão do meu ombro, mas não antes de seus dedos roçarem todo o caminho até o meu cotovelo. Um lampejo de eletricidade passou por mim, misturado com uma onda de raiva.

“Sou perfeitamente capaz de decidir quando devo parar de beber.”

Jeremy sorriu para mim e, embora eu odiasse a arrogância por trás daquele sorriso, ele era bonito. “Eu tenho certeza que sim.”

“Eu só tive três bebidas a noite toda.”

“Bom.”

Eu me endireitei e chamei o barman de volta. “Quero outro Moscou mule, por favor.”

O barman olhou para mim, depois para Jeremy. Então de volta para mim. “Sinto muito, senhora. Fui orientado a servir-lhe água.”

Eu revirei os olhos. “Eu *o ouvi* pedir para você me servir água, estou bem aqui. Mas não conheço esse homem e ele não me conhece, e gostaria de outra Moscou mule.”

“Ela vai tomar uma água”, disse Jeremy.

Eu estava definitivamente atraída por ele, mas sua aparência estava rapidamente desaparecendo com essa atitude chauvinista. O barman levantou as mãos e disse: “Eu não quero me envolver com o que quer que seja. Se você quiser uma bebida, vá pedir no bar ali.” Ele apontou para o bar do outro lado da sala. Peguei minha bolsa, inclinei meu queixo para o alto e me afastei. Quando cheguei ao outro bar, encontrei um banquinho e esperei que o garçom terminasse com o cliente. Naquele momento, Jeremy apareceu novamente, dessa vez apoiando o cotovelo no bar.

“Você nem sequer me deu uma chance para explicar por que eu gostaria que você tomasse água.”

Eu girei minha cabeça em sua direção. “Sinto muito, não percebi que lhe devia o meu tempo.”

Ele riu, movendo-se até suas costas ficarem contra o bar, e olhou para mim com a cabeça inclinada e um sorriso torto. “Eu tenho observado você desde o momento em que entrou pela porta. Você bebeu três drinques em quarenta e cinco minutos e, se continuar nesse ritmo, não me sentirei à vontade para pedir que saia comigo. Prefiro que você faça essa escolha enquanto estiver sóbria.”

Sua voz soou como se sua garganta estivesse coberta de mel. Eu mantive contato visual com ele, imaginando se era um ato. Poderia um homem bonito e

presumivelmente rico *também* ser atencioso? Parecia mais presunçoso do que qualquer coisa, mas fui atraída pelo seu fel.

O garçom se aproximou com um timing impecável. “O que posso fazer por você?”

Eu me endireitei, quebrando o contato visual com Jeremy. Virei-me e enfrentei o barman. “Vou tomar uma água.”

“Traga duas”, disse Jeremy.

E foi isso.

Já faz anos desde aquela noite, e é difícil lembrar de todos os detalhes, mas eu me lembro de ter sido atraída por ele naqueles primeiros momentos, de uma maneira que nunca fui atraída por um homem. Eu gostei do som de sua voz. Gostei da sua confiança. Gostei dos seus dentes, perfeitos e brancos. Gostei da barba na mandíbula dele. Era o comprimento perfeito para coçar minhas coxas. Talvez até o assuste se ele ficar lá o tempo suficiente.

Eu gostava que ele não tinha medo de me tocar enquanto conversávamos, e toda vez que ele fazia isso, o roçar de seus dedos fazia minha pele formigar.

Depois que nós dois terminamos nossas águas, Jeremy me levou até a saída, sua mão na parte inferior das minhas costas, seus dedos acariciando meu vestido.

Nós caminhamos para a limusine dele, e ele segurou a porta dos fundos aberta para mim enquanto eu subia para dentro. Ele se sentou na minha frente e não ao meu lado. O carro cheirava a flores, mas eu sabia que era perfume. Eu gostei bastante, apesar de saber que outra mulher tinha estado nesta limusine esta noite. Meus olhos caíram para uma garrafa de champanhe que estava meio vazia ao lado de duas taças de vinho, uma forrada com batom vermelho.

Quem é ela? E por que ele deixou a festa comigo e não ela?

Eu não me importei em fazer essas perguntas em voz alta, porque ele estava saindo comigo. Isso é realmente tudo o que importava.

Ficamos em silêncio por um minuto ou dois, olhando um para o outro com antecipação. Ele sabia que me tinha naquele momento, e por isso se sentiu confiante o suficiente para chegar para frente e levantar minha perna, colocando-

a no assento ao lado dele. Ele deixou a mão no meu tornozelo, acariciando, observando meu peito começar a subir e descer em resposta ao seu toque.

“Quantos anos você tem?” Ele perguntou. A pergunta me fez parar porque ele parecia mais velho do que eu, talvez com vinte e poucos e trinta e poucos anos. Eu não queria assustá-lo com a verdade, então menti e disse que tinha vinte e cinco anos.

“Você parece mais jovem.”

Ele sabia que eu estava mentindo. Eu chutei o meu sapato e corri meus dedos do pé do outro lado da sua coxa. “Vinte e dois.”

Jeremy riu e disse: “Uma mentirosa, hein?”

“Estendo verdades onde achar melhor. Sou escritora.”

Sua mão se mudou para minha panturrilha.

“Quantos anos *você tem?*”

“Vinte e quatro”, disse ele com tanta verdade quanto eu tinha dado a ele.

“Então... vinte e oito?”

Ele sorriu. “Vinte e sete.”

Sua mão estava no meu joelho neste momento. Eu queria mais ainda. Queria na minha coxa, entre as minhas pernas, me explorando por dentro. Eu queria ele, mas não aqui. Eu queria *ir* com ele, ver onde morava, julgar o conforto de sua cama, cheirar seus lençóis, saborear sua pele.

“Onde está o seu motorista?” Perguntei.

Jeremy olhou para trás, para a frente da limusine. “Eu não sei”, respondeu ele, olhando para mim. “Esta não é a minha limusine.” Sua expressão era maliciosa, e eu não poderia saber se estava mentindo.

Estreitei meus olhos, me perguntando se esse homem realmente me levou a uma limusine que nem sequer lhe pertencia. “De quem é *a* limusine?”

Os olhos de Jeremy deixaram os meus e estavam focados em sua mão. Aquela que traçava círculos sobre o meu joelho. “Eu não sei.” Eu esperava que o meu desejo diminuísse com a percepção de que ele pode *não* ser rico, mas em

vez disso, sua admissão me fez sorrir. “Sou um principiante de nível básico”, disse ele. “Eu dirigi meu carro até aqui. Honda Civic. Estacionei-o porque estou sem dinheiro para pagar dez dólares para um manobrista.”

Fiquei surpresa com o quanto eu amava que ele me trouxe para uma limusine que nem era dele. Ele não era rico. Ele não era rico, *mas eu ainda queria transar com ele.*

“Eu limpo prédios de escritórios na cidade”, admiti. “Roubei um convite para essa festa de uma lata de lixo. Eu nem deveria estar aqui.”

Ele sorriu, e nunca quis tanto provar um sorriso como queria provar aquele que se espalhava pelo seu rosto. “Você não tem recursos?” Ele perguntou. Sua mão deslizou para trás do meu joelho e ele me puxou para ele. Eu deslizei pelo assento e no colo dele porque era para isso que os meus vestidos serviam. Eu podia senti-lo ficando duro entre as minhas pernas enquanto ele pressionava o polegar contra o meu lábio inferior. Passei a língua pelo polegar dele, e ele suspirou. Não gemeu. Ele *suspirou*, como se fosse a coisa mais sexy que já sentiu.

“Qual é o seu nome?” Ele perguntou.

“Verity.”

“Verity.” Ele disse duas vezes. “*Verity*. Isso é realmente bonito.” Seus olhos estavam na minha boca, e ele estava prestes a se inclinar e me beijar, mas eu recuei.

“E o seu?”

Seus olhos piscaram de volta para os meus. “Jeremy.” Ele disse rápido, como se fosse um desperdício de tempo, uma interrupção inconveniente para o nosso beijo. Assim que a palavra saiu de sua boca, seus lábios tocaram os meus e assim que eles tocaram os meus, a luz interior acendeu acima de nossas cabeças e nós dois congelamos, nossos lábios tocando, nossos corpos repentinamente enrijecidos quando alguém subiu no banco do motorista da limusine.

“Merda”, Jeremy sussurrou contra a minha boca. “Que retorno inoportuno.” Ele me empurrou para fora dele e abriu a porta. Ele me conduziu para fora do carro assim que o motorista percebeu que havia mais alguém no carro com ele.

“Ei!” Ele gritou no banco de trás.

Jeremy pegou minha mão e começou a me puxar atrás dele, mas eu precisava tirar meus sapatos. Eu puxei seu braço, e ele parou quando tirei meus sapatos. O motorista começou a seguir em nossa direção. “Ei! O que diabos você estava fazendo no meu carro?”

Jeremy pegou meus sapatos em uma mão e descemos correndo a rua, rindo no escuro, sem fôlego quando finalmente chegamos ao carro dele. Ele não estava mentindo sobre isso. Era um Honda Civic, embora fosse um modelo mais novo, então isso contava para algo. Ele me empurrou contra a porta do passageiro, deixou cair meus sapatos no concreto e depois passou a mão no meu cabelo.

Olhei por cima do meu ombro para o carro em que estávamos encostados. “*Este é realmente o seu carro?*”

Ele sorriu quando enfiou a mão no bolso do paletó e tirou o chaveiro. Ele destrancou as portas para provar que era dele, o que me fez rir.

Ele olhou para mim, nossas bocas *fechadas*, e eu poderia jurar que ele já estava imaginando como seria a vida comigo. Você não pode olhar para alguém do jeito que ele olhou para mim — com todo o seu passado — sem também imaginar o futuro.

Ele fechou os olhos e me beijou. O beijo era cheio de desejo e respeito — duas coisas que muitos homens não pareciam saber que poderiam andar de mãos dadas.

Seus dedos pareciam bem no meu cabelo e sua língua estava bem na minha boca. Eu me senti bem com ele também. Eu podia sentir o quanto eu me sentia bem com ele e o jeito que me beijava. Nós sabíamos muito pouco um do outro naquele momento, mas era quase melhor assim. Compartilhar um beijo tão íntimo com um estranho era como dizer: “*Eu não te conheço, mas acredito que gostaria de você se o fizesse.*”

Eu gostei que ele acreditasse que poderia gostar de mim. Quase me fez acreditar que eu era simpática.

Quando ele se afastou de mim, eu queria ir com ele. Queria que minha boca seguisse a dele, meus dedos ficassem em volta dos dele. Era tortura

permanecer no banco do passageiro do seu carro enquanto dirigíamos. Eu estava queimando por dentro por ele. Ele havia acendido uma fogueira em mim e eu estava determinada a me certificar de que não saísse.

Ele me alimentou antes de me foder.

Levou-me a um Steak'n Shake, e nos sentamos do mesmo lado da mesa, comendo batatas fritas e bebendo chocolate entre os beijos. O restaurante estava quase vazio, então estávamos em uma mesa de canto tranquila, longe o suficiente para que ninguém notasse quando a mão de Jeremy deslizou pela minha coxa e desapareceu entre as minhas pernas. Ninguém me ouviu quando eu gemi. Ninguém se importou quando ele afastou a mão e sussurrou que não ia me dar um orgasmo em um Steak'n Shake.

Eu não teria me importado.

“Leve-me para a sua cama, então”, disse.

Ele levou. Sua cama estava no meio de um apartamento no Brooklyn. Jeremy não era rico. Ele mal podia pagar o Steak'n Shake que ele comprou para mim. Mas não me importei. Eu estava em sua cama, deitada de costas, observando-o se despir, quando percebi que estava prestes a fazer amor pela primeira vez. Eu fiz sexo antes, mas nunca com mais do que apenas o meu corpo.

Havia muito mais de mim investido naquele momento do que meu corpo. Meu coração estava cheio — do que eu não sei. Mas meu coração parecia vazio com os homens que tive antes de Jeremy.

Era incrível como o sexo parecia diferente quando uma pessoa usava mais do que seu corpo. Eu envolvi meu coração e meu interior e minha mente e minha esperança. Eu caí naquele momento. Não me apaixonei. Eu apenas... *caí*.

Era como se eu tivesse ficado na beira de um penhasco toda a minha vida e, finalmente, depois de conhecer Jeremy, senti-me confiante o suficiente para pular. Porque, pela primeira vez na minha vida, senti-me confiante de que não pousaria. Eu continuaria voando.

Olhando para trás, percebo como é loucura que me apaixonei por ele tão rápido. Mas foi louco justamente porque nunca parou. Se tivesse acordado na manhã seguinte e saído do seu apartamento, teria terminado como uma noite

divertida, e eu nem estaria recordando nada disso todos esses anos depois. Mas não saí na manhã seguinte, então fiquei mais. A cada dia que passou, aquela primeira noite com ele foi mais validada. E é isso que amor à primeira vista é. Não é realmente amor à primeira vista até que você esteja com a pessoa por tempo suficiente para que ela se *torne* amor à primeira vista.

Não saímos do apartamento dele por três dias.

Nós comemos comida chinesa. Nós fodemos. Nós pedimos pizza. Nós fodemos. Nós assistimos TV. Nós fodemos.

Nós dois telefonamos doentes para o trabalho naquela segunda-feira e, na terça-feira, eu estava obcecada. Estava obcecada com sua risada, com seu pau, com sua boca, com sua habilidade, com suas histórias, com suas mãos, com sua confiança, com sua gentileza, com uma nova e intensa necessidade de agradá-lo.

Eu *precisava* agradá-lo.

Eu *precisava* ser o que o fazia sorrir, respirar, acordar de manhã.

E por um tempo eu fui. Ele me amava mais do que amava qualquer coisa ou alguém. Eu era sua única razão de viver.

Até que ele descobriu a única coisa que significava mais para ele do que eu.

5

É como se eu tivesse ultrapassado os limites ao abrir a gaveta de roupas íntimas de Verity, e agora estou vasculhando entre a seda e renda. Estou bem ciente de que não deveria estar lendo isso. Não é por isso que vim aqui. Mas...

Deslizo o manuscrito no sofá ao meu lado e o olho. Tenho tantas perguntas sobre Verity. Perguntas que não posso fazer a ela e perguntas que Jeremy provavelmente não sentiria vontade de responder. Preciso conhecê-la melhor para ver como funciona sua mente, e não se pode conseguir respostas de qualquer outra fonte quando se tem uma autobiografia. Uma que é brutalmente honesta.

Posso me ver sendo desviada por isso, e realmente não deveria. Estou aqui para encontrar o que preciso e ir para longe desta família. Eles já passaram o suficiente e não precisam de uma intrusa vasculhando sua intimidade.

Caminho até a mesa monstruosa e pego meu telefone. Já é depois das onze. Cheguei por volta das sete da noite, mas não esperava que fosse tão tarde. Nem sequer ouvi nada fora deste escritório. Como se fosse à prova de som.

Inferno, provavelmente é. Se pudesse pagar para trabalhar num escritório à prova de som, eu o faria.

Estou com fome.

É uma sensação estranha, estar com fome numa casa em que não se está familiarizado. Sei que Jeremy me disse para ficar à vontade, então vou à cozinha.

Não chego longe. Paro quando abro a porta do escritório.

O escritório é definitivamente à prova de som, ou teria ouvido esse som. Está vindo do andar de cima e tenho que me controlar completamente para me concentrar. Rezar que não seja algo como isso.

Movo-me em silêncio e cautelosamente até o pé da escada, e com certeza, o som parece vir da direção do quarto de Verity. É o rangido de uma cama.

Ranger *repetitivo*, como o som que uma cama faria se um homem estivesse em cima de uma mulher.

Oh, meu Deus. Cubro a boca com dedos instáveis. *Não, não, não!*

Li um artigo sobre isso uma vez. Uma mulher foi ferida num acidente de carro e estava em coma. Ela vivia em uma unidade de enfermagem e seu marido a visitava todos os dias. A equipe suspeitou que ele estivesse fazendo sexo com ela, apesar dela estar em coma, então colocaram câmeras escondidas. O homem foi preso por estupro porque sua esposa era incapaz de dar consentimento.

Muito parecido com Verity.

Eu deveria fazer algo. Mas o que?

“É barulhento, eu sei.”

Suspiro e giro, ficando cara a cara com Jeremy.

“Posso desligar se te incomoda”, ele diz.

“Você me assustou.” Minha voz está ofegante. Solto um suspiro de alívio, sabendo que o que quer que esteja ouvindo não é nada do que pensei ser. Jeremy olha por cima do meu ombro, de onde o barulho vem.

“É a cama de hospital. Está com um timer a cada duas horas para levantar diferentes partes do colchão. Retira peso de seus pontos de pressão.”

Posso sentir o constrangimento subindo por meu pescoço. Rezo para Deus que ele não saiba o que achei ser esse barulho. Cubro meu peito com a mão para esconder a vermelhidão que sei que está lá. Tenho a pele clara, e sempre que fico nervosa ou com vergonha, minha pele exhibe isso, explodindo em manchas vermelhas irritadas. Gostaria de poder afundar no exuberante tapete e desaparecer.

Limpo minha garganta. “Fazem camas assim?” Eu poderia ter usado uma quando minha mãe estava no hospital. Foi o inferno tentar movê-la sozinha.

“Sim, mas são obscenamente caras. Vários milhares por uma novinha em folha, e o seguro nem cobre isso.”

Engasgo com o preço.

“Estou aquecendo as sobras”, ele diz. “Está com fome?”

“Estava a caminho da cozinha, na verdade.”

Jeremy vira e anda. “É pizza.”

“Perfeito.” *Odeio pizza.*

O temporizador de micro-ondas dispara quando Jeremy entra. Ele pega um prato de pizza e o entrega para mim, depois faz outro. “Como está indo lá?”

“Bem”, digo. Pego uma garrafa de água da geladeira e sento à mesa. “Você estava certo, no entanto. Há muito. Vai levar alguns dias.”

Ele se inclina contra o balcão enquanto espera sua pizza terminar de aquecer. “Você trabalha melhor à noite?”

“Sim. Fico acordada até tarde e depois durmo na maioria das manhãs. Espero que não seja um problema.”

“De modo nenhum. Na verdade, sou uma coruja noturna também. A enfermeira de Verity sai à noite e volta às sete da manhã, então fico acordado até a meia-noite e dou à Verity seus remédios noturnos. A enfermeira assume quando chega.” Ele tira seu prato do micro-ondas e senta na minha frente.

Não posso nem fazer contato visual com ele. Tudo o que posso pensar quando o olho é a parte do manuscrito de Verity que li onde ela mencionou que a mão dele estava entre suas pernas no Steak'n Shake⁶. *Deus, eu não deveria ter lido aquilo.* Agora corarei toda vez que olhar para ele. Ele tem mãos muito boas também, o que não ajuda a situação.

Preciso mudar a direção dos meus pensamentos.

Tipo *agora*.

“Ela já conversou com você sobre a série que estava escrevendo? Tipo o que ela planejou para os personagens? O final?”

“Se fez, não me lembro”, ele diz, olhando para o prato. Ele distraidamente move a fatia de pizza. “Antes do acidente de carro, fazia um tempo desde que ela escreveu qualquer coisa. Ou até *falou* em escrever.”

“Há quanto tempo foi seu acidente?” *Já sei a resposta, mas não quero*

que ele saiba que pesquisei a história de sua família no Google.

“Não muito depois da morte de Harper. Ela esteve em coma induzido por um tempo, depois entrou num intenso centro de reabilitação por várias semanas. Ela só está em casa há algumas semanas.” Ele dá outra mordida. Sinto-me mal por falar nisso, mas ele não parece evasivo com a conversa.

“Antes da minha mãe morrer, eu era sua única cuidadora. Não tenho irmãos, então sei que não é fácil.”

“*Não é fácil*”, ele diz de acordo. “Sinto muito por sua mãe, a propósito. Não tenho certeza se disse isso quando você me contou no banheiro da cafeteria.”

Sorrio para ele, mas não digo mais nada. Não quero que ele pergunte sobre ela. Quero que o foco permaneça sobre ele e Verity.

Minha mente continua voltando ao manuscrito, porque mesmo que saiba muito pouco sobre o homem sentado à minha frente, quase sinto como se o conhecesse. No mínimo, o conheço da maneira como Verity descreveu.

Estou curiosa para saber que tipo de casamento eles tiveram e por que ela terminou o primeiro capítulo com a frase que escolheu. “*Até que ele descobriu a única coisa que significava mais para ele do que eu.*”

A frase é sinistra. É quase como se ela estivesse preparando o próximo capítulo para revelar algum segredo terrível e sombrio sobre esse homem. Ou talvez tenha sido uma estratégia de escrita, e ela vai dizer que ele é um santo e que seus filhos significam mais para ele do que ela.

Seja o que for, estou louca para ler o próximo capítulo agora que estou o olhando. E odeio ter tantas outras coisas em meu foco agora, mas tudo o que quero fazer é me aconchegar e ler sobre o casamento de Jeremy e Verity. Isso me faz sentir um pouco patética.

Provavelmente nem é sobre eles. Conheço uma escritora que admitiu usar o nome do marido em todos os manuscritos até conseguir inventar um nome para seu personagem. Talvez seja isso o que Verity fez. Talvez seja apenas mais uma obra de ficção, e o nome de Jeremy só está lá para ocupar o espaço.

Acho que há apenas uma maneira de descobrir se o que li era verdade.

“Como você e Verity se conheceram?”

Jeremy coloca uma calabresa na boca e sorri. “Em uma festa”, ele diz, inclinando para trás na cadeira. Finalmente, ele não parece triste. “Ela estava usando o vestido mais incrível que já vi. Era vermelho e tão comprido que se arrastava um pouco no chão. *Deus*, ela era linda”, ele diz com um toque de melancolia. “Nós deixamos a festa juntos. Quando saí, vi uma limusine estacionada na frente, então abri a porta, entramos e conversamos um pouco. Até o motorista aparecer e tive que admitir que a limusine não era minha.”

Eu não deveria saber nada disso, então forço uma risada. “Não era?”

“Não. Eu só queria impressioná-la. Tivemos que fugir depois disso porque o motorista ficou muito irritado.” Ele ainda está sorrindo, como se estivesse de volta naquela noite com Verity e seu vestido vermelho sexy. “Ficamos inseparáveis depois disso.”

É difícil sorrir para ele. Para *elas*. Ver o quão felizes pareciam naquela época, e então ver no que a vida deles se transformou. Imagino se sua autobiografia explica em detalhes como chegaram do ponto A ao ponto B. No início, ela menciona a morte de Chastin. O que significa que ela escreveu, ou pelo menos *acrescentou*, depois daquela primeira grande tragédia. Imagino há quanto tempo ela trabalha naquilo.

“Verity já era autora quando a conheceu?”

“Não, ela ainda estava na faculdade. Foi mais tarde, quando tive que ficar temporariamente em Los Angeles por alguns meses, que ela escreveu seu primeiro livro. Acho que foi a maneira dela de passar o tempo até eu voltar para casa. Ela foi rejeitada por alguns editores no início, mas uma vez que vendeu o primeiro manuscrito, tudo apenas... Tudo aconteceu tão rápido. Nossas vidas mudaram praticamente da noite para o dia.”

“Como ela lidou com a fama?”

“Acho que foi mais difícil para mim do que para ela.”

“Porque você gosta de ser invisível?”

“É tão óbvio?”

Dou de ombros. “Companheira introvertida, aqui.”

Ele ri. “Verity não é uma autora típica. Ela ama o centro das atenções. Os eventos chiques. Tudo isso me deixa desconfortável. Gosto de estar aqui com as crianças.” Há uma mudança muito sutil em sua expressão quando ele percebe que falou de suas garotas no tempo presente. “Com Crew”, ele diz, corrigindo-se. Ele balança a cabeça e, em seguida, aperta as mãos atrás do pescoço, inclinando-se para trás como se estivesse se alongando. Ou desconfortável. “É difícil às vezes, lembrar que elas não estão mais aqui.” Sua voz é baixa, e ele olha através mim, para o nada. “Ainda encontro seus cabelos no sofá. Suas meias na secadora. Às vezes grito seus nomes quando quero mostrar algo, esquecendo que não vão descer as escadas correndo.”

Eu o observo de perto, porque não estou totalmente convencida ainda. Eu escrevo romances de suspense. Sei que quando há situações suspeitas, pessoas suspeitas quase sempre acompanham essas situações. Estou dividida entre querer saber mais sobre o que aconteceu com suas garotas e sair daqui o mais rápido possível.

Mas agora, não estou olhando para um homem que atua para angariar simpatia. Estou olhando para um homem que pela primeira vez está compartilhando seus pensamentos em voz alta.

Isso me faz querer fazer o mesmo.

“Minha mãe se foi há muito tempo, mas sei o que quer dizer. Todas as manhãs, na primeira semana, eu levantava e fazia o café da manhã dela, só para lembrar que ela não estava lá para comer.”

Jeremy deixa cair os braços na mesa. “Imagino quanto tempo dura. Ou se sempre será assim.”

“Acho que o tempo definitivamente ajuda, mas provavelmente não faria mal pensar em se mudar. Se está numa casa em que nunca estive, os lembretes delas podem desaparecer. Não tê-las por perto se tornaria seu novo normal.”

Ele passa a mão pela barba no queixo. “Não tenho certeza se quero um normal onde não haja vestígios de Harper e Chastin.”

“Sim”, digo de acordo. “Eu também não.”

Seus olhos permanecem em mim, mas ele está quieto. Às vezes, um olhar entre duas pessoas pode durar tanto tempo que te abala. Força você a desviar os

olhos.

Então eu o faço.

Olho meu prato e passo o dedo ao longo da borda recortada dele. Seu olhar parecia estar passando longe dos meus olhos, em meus pensamentos. E mesmo que ele não queira, parece íntimo. Quando os olhos de Jeremy estão nos meus, parece uma exploração das partes mais profundas de mim.

“Eu deveria voltar ao trabalho”, digo, minha voz mal acima de um sussurro.

Ele fica imóvel por alguns segundos, mas depois se endireita, rapidamente recuando a cadeira como se tivesse acabado de sair de um transe. “Sim”, ele diz, pegando nossos pratos enquanto está de pé. “Eu deveria preparar os remédios da Verity.” Ele leva nossos pratos para a pia, e quando saio da cozinha, ele diz: “Boa noite, Low.”

Quando o ouço me chamar assim, meu boa noite fica preso na garganta. Dou um sorriso e depois saio, apressada para voltar ao escritório de Verity.

Quanto mais tempo passo na presença de Jeremy, mais ansiosa fico por mergulhar de novo naquele manuscrito e conhecê-lo melhor.

Eu o pego do sofá, apago as luzes do escritório de Verity e levo o manuscrito para o quarto. Não há uma fechadura na porta, então empurro um baú de madeira do pé da cama até lá, bloqueando-a.

Estou exausta depois de viajar o dia todo, e ainda preciso tomar banho, mas posso ler pelo menos mais um capítulo antes de dormir.

Eu preciso.

Que assim seja

Capítulo Dois

Eu poderia escrever romances inteiros sobre os dois primeiros anos que namoramos, mas eles não venderiam. Não havia drama suficiente entre Jeremy e eu. Dificilmente alguma briga. Não havia tragédias sobre as quais escrever. Apenas dois anos de amor e adoração excessivamente doce entre nós.

Eu. Fui. *Conquistada*. Por. Ele.

Viciada nele.

Não tenho certeza se era saudável a forma como eu era codependente. *Ainda* sou, na verdade. Mas quando uma pessoa encontra alguém que faz toda a negatividade em sua vida desaparecer, é difícil não se alimentar dessa pessoa. Eu me alimentei de Jeremy para manter minha alma viva. Estava morrendo de fome e enrugada antes de conhecê-lo, mas estar em sua presença me alimentava. Às vezes sentia que se não o tivesse, não conseguiria funcionar.

Nós estávamos namorando quase dois anos quando ele foi temporariamente transferido para Los Angeles. Fomos morar juntos, não oficialmente. Digo não oficialmente porque houve um momento em que parei de voltar para minha casa. Parei de pagar as contas, o aluguel. Não foi até dois meses depois que me mudei completamente que Jeremy descobriu que eu não tinha mais meu próprio apartamento.

Ele sugeriu que eu fosse morar com ele uma noite, durante o sexo. Ele faz isso às vezes. Toma decisões enormes sobre nossas vidas enquanto está me fodendo.

“Venha morar comigo”, ele disse, empurrando lentamente em mim. Ele baixou a boca na minha. “Quebre seu contrato.”

“Eu não posso”, sussurrei.

Ele parou de se mover e se afastou para me olhar. “Por que não?”

Abaixei as mãos para sua bunda e o fiz voltar a se mover. “Porque quebrei meu contrato há dois meses.”

Ele parou dentro de mim, olhando-me com aqueles olhos verdes e cílios tão intensos que eu esperava saborear alcaçuz quando os beijei. “Nós já *moramos* juntos?” Ele perguntou.

Assenti, mas percebi que ele não estava reagindo do jeito que eu esperava. Ele parecia surpreso.

Eu precisava consertar as coisas, assumir o controle e distrai-lo. Fazê-lo perceber que não era uma grande coisa. “Pensei ter te contado.”

Ele saiu de mim e pareceu um castigo. “Você *não* me disse que estamos morando juntos. Isso é algo que eu teria lembrado.”

Sentei e me posicionei de modo a ficar de joelhos diante dele, cara a cara. Passei as unhas em ambos os lados de sua mandíbula e levei minha boca perto da dele. “Jeremy”, sussurrei. “Não passei uma noite longe de você em seis meses. Nós vivemos juntos faz um tempo agora.” Agarrei seus ombros e, em seguida, empurrei-o de costas. Sua cabeça encontrou o travesseiro, e eu queria deitar em cima dele e beijá-lo, mas ele parecia um pouco zangado. Como se quisesse falar sobre esse assunto que eu considerei encerrado.

Eu não queria mais falar. Só queria que ele me fizesse gozar.

Então, montei seu rosto e me abaixei em sua língua. Quando senti suas mãos apertarem minha bunda, puxando-me para mais perto, minha cabeça revirou por um delicioso momento. *É por isso que vim morar com você, Jeremy.*

Inclinei-me para frente, agarrando a cabeceira e, em seguida a mordi, sufocando meus gritos.

E foi isso.

Eu estava mais feliz do que nunca, até que ele foi transferido. Claro, era apenas temporário, mas não se pode tirar os únicos meios de sobrevivência de alguém e esperar que sobreviva sozinho.

Foi assim que me senti, de qualquer forma, como se o único alimento

para minha alma fosse arrancado. Claro, recebi pequenas doses de reposição quando ele me ligou ou chamou no FaceTime, mas as noites solitárias em nossa cama eram cansativas.

Às vezes, ficava sentada no travesseiro e mordia a cabeceira enquanto me tocava, fingindo que ele estava embaixo de mim. Mas então, depois que gozava, caía de volta numa cama vazia e olhava para o teto, imaginando como sobrevivi todos os anos da minha vida que ele não fez parte.

Aqueles eram pensamentos que não podia admitir para ele, é claro. Eu poderia estar obcecada, mas uma mulher sabe que se quer manter um homem para sempre, ela tem que agir como se pudesse superá-lo em um dia.

E foi aí que me tornei escritora.

Meus dias estavam cheios de pensamentos de Jeremy, e se eu não descobrisse como preenchê-los com pensamentos de outra coisa até que ele retornasse, tinha medo de não conseguir esconder o quanto sua ausência me estripou. Criei um Jeremy fictício e o chamei de Lane. Quando estava sentindo falta de Jeremy, escrevia um capítulo sobre Lane. Minha vida ao longo dos próximos meses se tornou menos sobre Jeremy e mais sobre meu personagem. Que era, em certo sentido, ainda Jeremy. Mas escrever sobre isso em vez de ficar obcecada parecia mais produtivo.

Escrevi um romance inteiro nos poucos meses em que ele se foi. Quando ele apareceu na nossa porta da frente para me surpreender com seu retorno, tinha acabado de editar a página final.

Foi o destino.

Eu o felicitei com um boquete. Foi a primeira vez que engoli. Foi o quanto fiquei feliz em vê-lo.

Agi como uma dama depois que engoli, sorrindo. Ele ainda estava de pé ao lado da porta da frente, completamente vestido, além do jeans que estava agora até os joelhos. Levantei-me e beijei-o na bochecha e disse: “Volto logo.”

Quando cheguei ao banheiro, tranquei a porta, liguei a água da pia e vomitei na privada. Quando o deixei gozar na minha boca, não tinha ideia do quanto haveria. Por quanto tempo eu teria que continuar engolindo. Manter a compostura foi difícil, enquanto seu pau estava na minha garganta, engasgando-

me.

Escovei os dentes e voltei para o quarto, onde o encontrei sentado à minha mesa. Ele tinha algumas páginas do meu manuscrito nas mãos.

“Você escreveu isso?” Ele perguntou, girando na cadeira para me encarar.

“Sim, mas não quero que leia.” Podia sentir minhas palmas começando a suar, então as limpei na barriga e caminhei em sua direção. Ele se levantou quando me lancei para frente para pegar as páginas. Ele as segurou sobre sua cabeça, alto demais para eu alcançar.

“Por que não posso ler?”

Pulei, tentando puxar seu braço para baixo para poder alcançar as páginas. “Precisa de trabalho.”

“Tudo bem”, ele disse, dando um passo para trás. “Mas ainda assim quero ler.”

“Não quero que leia.”

Ele reuniu o resto do manuscrito e enfiou-o no peito. Ele ia ler, e tudo o que eu conseguia pensar era em impedi-lo. Não sabia se era bom, e estava com medo, aterrorizada que isso o faria me amar menos, se ele pensasse que eu era uma escritora ruim. Mergulhei na cama para tentar alcançá-lo, mas ele entrou no banheiro e trancou a porta.

Bati nela.

“Jeremy!” Gritei.

Sem resposta.

Ele ignorou por mais dez minutos enquanto eu tentava abrir a porta com um cartão de crédito. Um grampo de cabelo. Promessas de outro boquete.

Quinze minutos passaram antes que ele fizesse um barulho.

“Verity.”

Eu estava no chão neste momento, minhas costas pressionadas contra a porta. “O que?”

“É bom.”

Não respondi.

“Muito bom. Estou orgulhoso de você.”

Eu sorri.

Foi a primeira vez que senti que o leitor gostava do que eu havia criado para eles. Aquele comentário, aquele comentário doce e simples, fez-me querer que ele terminasse de ler. Eu o deixei sozinho depois disso. Fui para nossa cama, entrei debaixo das cobertas e adormeci com um sorriso no rosto.

Ele me acordou duas horas depois. Seus lábios roçavam meu ombro, seus dedos traçando uma linha invisível pela minha cintura, sobre o quadril. Ele estava atrás, moldado em mim. Senti muita falta dele.

“Está acordada?” Ele sussurrou.

Soltei um gemido suave para que ele soubesse que estava.

Ele beijou um ponto abaixo da minha orelha e, em seguida, disse: “Você é brilhante.” Não acho que já sorri tanto. Ele me virou de costas e tirou meu cabelo do rosto. “Espero que esteja pronta.”

“Para o quê?” Perguntei.

“Fama.”

Sorri, mas ele não. Ele tirou a calça e depois minha calcinha. Depois que ele empurrou dentro de mim, disse: “Acha que estou brincando?” Ele me beijou, então continuou. “Sua escrita vai te deixar famosa. Sua mente é incrível. Se pudesse fodê-la, eu o faria.”

Meu riso foi misturado com um gemido quando ele continuou a fazer amor comigo. “Você está dizendo isso porque acredita? Ou porque me ama?”

Ele não respondeu imediatamente. Seus movimentos se tornaram lentos e deliberados. Seu olhar era intenso. “Case comigo, Verity.”

Eu não reagi, porque pensei que talvez ouvi mal. *Ele realmente me pediu para casar com ele?* Eu poderia dizer pela intensidade em sua expressão que ele estava mais apaixonado por mim naquele momento do que já esteve antes.

Deveria ter dito sim imediatamente, porque é o que meu coração queria. Mas, em vez disso, falei: “Por quê?”

“Porque”, ele disse, sorrindo. “Sou seu maior fã.”

Sorri, mas depois seu sorriso desapareceu e ele começou a me foder. Impulsos fortes e rápidos que ele sabia que me deixariam louca. A cabeceira batia contra a parede, e o travesseiro embaixo da minha cabeça estava escorregando. “Case comigo”, ele pediu novamente, e então sua língua estava na minha boca, e foi o primeiro beijo de verdade que compartilhamos em meses.

Nós precisávamos tanto um do outro naquele momento, nossos corpos tornando difícil para nossas bocas ficarem alinhadas, então o beijo foi desleixado e doloroso e “Ok”, eu sussurrei.

“Obrigado”, ele disse no meio de um suspiro, suas palavras cheias de mais suspiros do que voz. Ele continuou a me foder, *sua noiva*, até que estávamos cobertos de suor, e eu podia sentir o gosto de sangue na minha boca, onde ele acidentalmente mordeu meu lábio. Ou talvez eu mordi o dele. Não tinha certeza, mas não importava porque o sangue dele era meu sangue agora.

Quando ele finalmente gozou, fez isso dentro de mim, sem camisinha, enquanto sua língua estava na minha boca e sua respiração estava escorrendo pela minha garganta e minha eternidade era entrelaçada com a dele.

Quando ele terminou, foi até seu jeans. Ele voltou para cima de mim, levantou minha mão, em seguida, colocou um anel no meu dedo.

Ele planejou pedir o tempo todo.

Nem sequer olhei para o anel. Levei minhas mãos para cima da cabeça e fechei os olhos, porque a mão dele estava entre as minhas pernas e eu sabia que ele queria me ver gozar.

Então eu gozei.

Durante dois meses, lembramos daquela noite como a noite em que ficamos noivos. Por dois meses, eu sorria toda vez que olhava para o meu anel. Por dois meses, eu chorava quando pensava em como seria nosso casamento. Como seria nossa *noite* de núpcias.

Mas então a noite em que ficamos noivos tornou-se a noite em que

concebemos.

E aqui é onde fica real. As entranhas da minha autobiografia. Esse é o ponto em que outros autores se pintariam numa luz melhor, em vez de se lançarem numa máquina de raios X.

Mas não há luz para onde estamos indo. Este é seu último aviso.

Escuridão à frente.

6

A vantagem do escritório da Verity é a vista das janelas. O vidro começa no chão e sobe todo o caminho até o teto. E não há obstruções. Apenas enormes painéis de vidro sólido, para que eu possa ver tudo. *Quem limpa isso?* Estudo os painéis de vidro por um ponto, uma mancha, qualquer coisa.

A desvantagem do escritório da Verity também é a visão das janelas. A enfermeira estacionou a cadeira de rodas da Verity na varanda dos fundos, bem em frente ao escritório. Posso ver seu perfil inteiro enquanto ela encara a oeste da varanda de trás. Está um bom dia lá fora, então a enfermeira está sentada na frente da Verity, lendo um livro para ela. Verity está olhando para o espaço, e imagino se ela compreende alguma coisa? E se sim, quanto?

Seu cabelo fino sobe na brisa, como se os dedos de um fantasma brincassem com os fios.

Quando a olho, minha empatia aumenta. É por isso que não quero olhar para ela, mas essas janelas tornam isso impossível. Não consigo ouvir a enfermeira lendo, presumivelmente porque as janelas são tão à prova de som quanto o restante do escritório. Mas sei que elas estão lá, então é difícil me concentrar no trabalho sem olhar para cima a cada poucos minutos.

Até agora, tive problemas em encontrar notas para a série, mas só consegui percorrer uma parte das coisas aqui. Decidi que meu tempo seria melhor gasto hoje de manhã, folheando o primeiro e o segundo livros, fazendo anotações sobre cada personagem. Estou criando um sistema de arquivamento porque preciso conhecer os personagens, assim como Verity os conhece. Preciso saber o que os motiva, o que os move, o que os desencadeia.

Vejo movimento fora da janela. Quando olho para cima, a enfermeira está indo em direção à porta dos fundos. Olho Verity por um momento, imaginando se ela vai reagir agora que a enfermeira parou de ler. Não há movimento. As mãos dela estão no colo e a cabeça inclinada para o lado, como se seu cérebro não conseguisse nem enviar um sinal para que ela soubesse que precisa endireitar a postura antes que o pescoço doa.

A inteligente e talentosa Verity não está mais lá. Seu corpo foi a única coisa que sobreviveu ao acidente? É como se ela fosse um ovo, rachado e derramado, e tudo o que resta são minúsculos fragmentos de casca dura.

Olho de volta para a mesa e tento me concentrar. Não posso deixar de imaginar como Jeremy lida com tudo isso. Ele é um pilar de concreto do lado de fora, mas o interior *tem* que ser oco. É decepcionante, saber que esta é sua vida agora. Cuidar de uma casca de ovo sem gema.

Isso foi duro.

Não estou tentando ser dura. Estou apenas... Não sei. Sinto que teria sido melhor para todos se ela não tivesse sobrevivido ao acidente. Sinto-me imediatamente culpada por pensar isso, mas me lembra dos últimos meses que passei cuidando da minha mãe. Sei que minha mãe teria preferido a morte a estar tão incapacitada quanto o câncer a deixou. Mas isso foi apenas alguns meses de sua vida... da minha vida. Esta é *toda* a vida de Jeremy agora. Cuidar de uma esposa que não é mais sua esposa. Amarrado a uma casa que não é mais um lar. E não consigo imaginar que é assim que Verity gostaria que ele vivesse. Não posso imaginar que isso é como *ela* gostaria de viver. Ela não pode sequer brincar ou falar com o próprio filho.

Rezo para que ela não esteja lá, para seu próprio bem. Não posso imaginar o quão difícil seria se a mente dela ainda estivesse lá, mas o dano cerebral a deixou sem maneira física de se expressar, roubando-lhe qualquer habilidade de reagir, interagir ou verbalizar o que pensa.

Levanto a cabeça novamente.

Ela está olhando diretamente para mim.

Pulo, e a cadeira se move para trás pelo chão de madeira. Verity está olhando diretamente para mim pela janela, sua cabeça voltada nesta direção, os olhos fixos nos meus. Levo minha mão até a boca e dou um passo para trás; sinto-me ameaçada.

Quero sair de sua linha de visão, então caminho para minha esquerda, em direção à porta do escritório. Por um momento, não consigo escapar do olhar dela. Ela é a Mona Lisa, seguindo-me enquanto ando pelo cômodo. Mas quando chego à porta do escritório, não estamos mais fazendo contato visual.

Seus olhos não me seguiram.

Abaixo a mão e me inclino contra a parede, observando enquanto April caminha de volta com uma toalha. Ela limpa o queixo de Verity e, em seguida, pega uma pequena almofada do colo de Verity e levanta a cabeça, colocando-a entre o ombro e a bochecha. Com a cabeça ajustada, ela não está mais olhando para a janela.

“Merda”, sussurro para ninguém.

Estou com medo de uma mulher que mal consegue se mexer e nem pode falar. Uma mulher que não pode de bom grado virar a cabeça para olhar alguém, muito menos fazer contato visual intencional.

Preciso de água.

Abro a porta do escritório, mas solto um grito quando meu celular toca na mesa atrás de mim.

Maldição. Odeio adrenalina. Meu pulso está acelerado, mas solto um suspiro e tento me acalmar enquanto atendo. É um número desconhecido.

“Alô?”

“Sra. Ashleigh?”

“É ela.”

“Aqui é Donovan Baker, dos apartamentos em Creekwood. Você se candidatou há alguns dias?”

Estou aliviada por ter uma distração. Volto para a janela e a enfermeira moveu a cadeira de Verity para que eu olhasse apenas a parte de trás de sua cabeça agora. “Sim, como posso ajudar?”

“Estou ligando porque sua candidatura foi processada hoje. Infelizmente, houve um despejo recente que apareceu em seu nome, então não podemos aprova-la para o apartamento.”

Já? Eu só me mudei há alguns dias. “Mas minha candidatura já foi aprovada com vocês. Deveria mudar na próxima semana.”

“Na verdade, você só foi pré-aprovada. Sua candidatura não foi

totalmente processada até hoje. Não podemos aprovar candidaturas com despejos recentes. Espero que entenda.”

Aperto a parte de trás do pescoço. Não vou conseguir o dinheiro por mais duas semanas. “Por favor”, digo a ele, tentando não parecer tão patética quanto me sinto agora. “Nunca atrasei meu aluguel até agora. Acabei de ser contratada para outro emprego e, em duas semanas, se me deixar entrar agora, posso pagá-lo um ano inteiro de aluguel. Eu juro.”

“Você sempre pode recorrer da decisão”, ele diz. “Pode levar algumas semanas, mas já vi pedidos serem aprovados devido a circunstâncias atenuantes.”

“Não tenho algumas semanas. Já saí do meu último apartamento.”

“Sinto muito”, ele diz. “Eu lhe enviarei a decisão por e-mail e, na parte inferior do e-mail, como entrar em contato para uma contestação. Tenha um bom dia, Srta. Ashleigh.”

Ele termina a ligação, mas ainda tenho o telefone pressionado no ouvido enquanto aperto o pescoço. Estou esperando acordar desse pesadelo a qualquer segundo. *Obrigada mãe.* O que diabos farei agora?

Há uma batida suave na porta do escritório. Giro, novamente assustada. *Não posso lidar com isso hoje.* Jeremy está de pé na entrada do escritório, olhando-me com o rosto cheio de empatia.

Deixei a porta aberta quando meu telefone tocou. Ele provavelmente ouviu a conversa. Posso adicionar mortificada a lista de adjetivos que descrevem o dia de hoje.

Coloco meu telefone na mesa de Verity e então caio em sua cadeira. “Minha vida nem sempre foi tão confusa.”

Ele ri um pouco, entrando no escritório. “Nem a minha.”

Aprecio o comentário. Olho meu celular. “Tudo bem”, digo, girando o aparelho num círculo. “Resolverei isso.”

“Posso te emprestar dinheiro até que o adiantamento seja processado por seu agente. Terei que tirar do nosso fundo mútuo, mas pode cair em três dias.”

Nunca fiquei tão envergonhada, e sei que ele pode ver porque praticamente me enrolo ao me inclinar para frente na mesa e colocar o rosto nas mãos.

“Isso é muito doce, mas não pegarei um empréstimo com você.”

Ele fica quieto por um momento, depois escolhe se sentar no sofá. Ele se senta casualmente, inclinando-se para a frente, apertando as mãos na frente. “Então fique aqui até que seu adiantamento caia na conta. Serão apenas uma semana ou duas.” Ele olha em volta do escritório, vendo quanto progresso *não* fiz desde que cheguei ontem. “Não nos importamos. Você não está atrapalhando de jeito nenhum.”

Balanço a cabeça, mas ele interrompe.

“Lowen. Este trabalho que assumiu não é fácil. Prefiro que gaste tempo aqui se preparando para isso do que voltar para Nova York amanhã e perceber que deveria ter ficado mais.”

Preciso de tempo. Mas duas semanas *nesta* casa? Com uma mulher que me assusta, um manuscrito que não deveria estar lendo e um homem de quem conheço muitos detalhes íntimos?

Não é uma boa ideia. Nada disso é bom.

Começo a balançar a cabeça, mas ele levanta a mão. “Pare de ser cuidadosa. Pare de ter vergonha. Apenas diga *tudo bem*.”

Olho além dele, para todas as caixas que revestem as paredes atrás dele. As coisas que nem sequer toquei ainda. E então penso que com duas semanas aqui, teria tempo de ler cada livro em sua lista, fazer anotações em cada um deles e, possivelmente, traçar os três novos.

Suspiro, concedendo com um pouco de alívio. “Tudo bem.”

Ele sorri um pouco, depois se levanta e caminha em direção à porta.

“Obrigada”, digo.

Jeremy vira e me encara. Gostaria de tê-lo deixado sair pela porta, porque juro que posso ver um traço de pesar em sua expressão. Ele abre a boca, como se quisesse dizer: “De nada” ou “Sem problema”, mas apenas força um sorriso e

fecha a porta ao sair.

*

Jeremy me disse no início desta tarde que eu precisava estar do lado de fora antes que o sol desaparecesse atrás das montanhas. “Você verá por que Verity queria uma visão desobstruída do seu escritório.”

Trouxe um de seus livros para ler na varanda dos fundos. Há cerca de dez cadeiras para escolher, então sento em uma mesa de pátio. Jeremy e Crew estão à beira da água, arrancando pedaços velhos de madeira da doca de pesca. É fofo, assistir Crew pegar os pedaços de madeira que Jeremy entrega a ele. Ele os carrega para uma pilha enorme, então pega outro de seu pai. Jeremy tem que esperar por ele a cada vez, porque leva mais tempo para Crew se desfazer da madeira do que Jeremy arrancá-la da armação. Isso prova quanta paciência ele tem como pai.

Ele me lembra um pouco do meu pai. Ele morreu quando eu tinha nove anos, mas não tenho certeza se o vi com raiva. Nem mesmo de minha mãe, com seus comentários espinhosos e o frequente temperamento esquentado. Cresci ressentida com isso, no entanto. Às vezes via sua paciência como fraqueza quando se tratava dela.

Observo Crew e Jeremy um pouco mais, entre as tentativas de terminar meu capítulo. Mas estou achando difícil entender algo porque Jeremy tirou a camisa minutos atrás e, embora o vi tirá-la antes, nunca o vi sem camiseta. Sua pele está escorregadia pelo suor de trabalhar nas últimas duas horas no cais. Quando ele puxa a madeira com o martelo, seus músculos se esticam nas costas e imediatamente lembro do último capítulo que Verity escreveu. Havia tantos detalhes íntimos sobre sua vida sexual e, pelo que li, era muito ativa. Mais do que qualquer um dos meus relacionamentos.

É difícil olhá-lo e não pensar em sexo. Não que eu queira fazer sexo com ele. *E não, eu não quero.* É só que, como escritora, sei que ele foi sua inspiração para vários dos homens nos livros. E isso me faz pensar se preciso vê-lo como inspiração enquanto faço o resto desta série. Quero dizer... não é a pior coisa. Ser forçada a estar no lugar de Verity e imaginar Jeremy pelos próximos vinte e quatro meses enquanto escrevo.

A porta dos fundos fecha e tiro os olhos de Jeremy. April está de pé no

pátio, olhando-me. Seu olhar segue o meu, e então ela me encara. Ela viu. Ela me viu olhando meu novo chefe. Patético.

Por quanto tempo ela está me olhando fixamente? Quero cobrir meu rosto com o livro, mas em vez disso, sorrio como se não estivesse fazendo nada errado. Quero dizer, *eu não estava*.

“Estou saindo”, April diz. “Coloquei Verity na cama e liguei a televisão. Ela jantou e tomou os remédios, caso ele pergunte.”

Não sei porque ela me diz isso, já que não estou no comando. “Ok. Tenha uma boa noite.”

Ela não me deseja boa noite. Ela volta para a casa e deixa a porta fechar novamente. Um minuto depois, ouço o zumbido de seu motor enquanto o carro sai da garagem, desaparecendo entre as árvores. Olho novamente para Jeremy e Crew, e Jeremy está tirando outro pedaço de madeira.

Crew está me olhando, parado perto da pilha descartada. Ele sorri e acena. Levanto a mão para acenar de volta, mas fecho os dedos num punho suave quando percebo que Crew não está acenando para mim. Ele está olhando acima de mim, para a direita.

Ele está olhando para a janela do quarto de Verity.

Giro e olho para cima, assim que a cortina do quarto cai. Largo o livro na mesa do pátio, derrubando a garrafa de água no processo. Levanto e dou três passos mais para trás para dar uma olhada melhor na janela, mas não há ninguém lá. Minha boca abre. Olho Crew, mas ele está indo ao cais pegar outro pedaço de madeira de Jeremy.

Estou vendo coisas.

Mas por que ele acenou para a janela dela? Se ela não estava lá, por que acenou?

Não faz sentido. Se ela estivesse olhando pela janela, Crew teria tido uma reação muito maior, considerando que ela não pode falar ou andar sozinha desde o acidente.

Ou talvez ele não entenda que sua mãe andando até a janela seria um milagre. Ele tem apenas cinco anos.

Olho para o livro, agora coberto de água, e o levanto e balanço. Solto um suspiro instável porque parece que estou no limite o dia todo. Tenho certeza de que ainda estou um pouco abalada por pensar que ela estava me encarando antes, e é por isso que achei ter visto a cortina mexer.

Parte de mim quer esquecer, trancar-se no escritório e trabalhar o resto da noite. Mas sei que não vou conseguir se não a checar. Certificar-me de que não vi o que pensei ter visto.

Coloco o livro aberto para secar na mesa do pátio e caminho até a casa, em direção às escadas. Estou quieta. Não tenho certeza do porque sinto a necessidade de ficar quieta enquanto vou espiá-la. Sei que ela provavelmente não pode processar muito, então o que importa se eu tornar minha abordagem conhecida? Mesmo assim, fico quieta enquanto subo as escadas, pelo corredor e até a porta do quarto dela.

Está ligeiramente entreaberta e posso ver a janela que dá para o quintal. Pressiono a palma da mão na porta e começo a abri-la. Estou mordendo o lábio inferior enquanto olho dentro.

Verity está na cama, os olhos fechados, as mãos ao lado do cobertor.

Solto um suspiro de alívio, e sinto ainda mais alívio quando abro a porta um pouco mais, revelando um ventilador próximo a cama de Verity. Toda vez que o ventilador aponta para a janela, a cortina se move.

Meu suspiro é mais alto desta vez. Foi o maldito ventilador. Controle-se, Lowen.

Desligo o ventilador porque está um pouco frio aqui. Estou surpresa que April o tenha deixado ligado para começar. Volto os olhos para Verity novamente, mas ela ainda dorme. Quando chego à porta, pauso. Olho para a cômoda, e o controle remoto em cima dela. Olho para a TV na parede.

Não está ligada.

April disse que ligou a TV antes de sair, mas a TV não está ligada.

Nem sequer olho Verity. Fecho a porta e desço as escadas rapidamente.

Não voltarei lá. Estou me assustando. A pessoa mais desamparada nesta casa é quem eu mais temo. Não faz sentido. Ela não estava olhando para mim

através da janela do escritório. Ela não estava de pé em sua janela, olhando Crew. E ela não desligou a TV. Provavelmente tem um temporizador, ou April acidentalmente apertou o botão duas vezes e deduziu que ela ligou.

Independentemente do fato de que estou ciente de que isso tudo está na minha cabeça, ainda volto ao escritório de Verity, fecho a porta e pego outro capítulo de sua autobiografia. Talvez ler mais do ponto de vista dela me assegure que ela é inofensiva e que *preciso relaxar*.

Que assim seja

Capítulo Três

Eu sabia que estava grávida porque meus seios pareciam melhores do que jamais foram.

Sou muito consciente do meu corpo, do que se passa, como nutri-lo, como mantê-lo tonificado. Cresci assistindo a cintura de minha mãe se expandir por sua preguiça e treino diariamente, às vezes duas vezes por dia.

Aprendi desde muito cedo que um humano não é composto de apenas uma coisa. Somos duas partes que compõem o todo.

Temos nossa consciência, que inclui nossa mente, alma e todas as partes intangíveis.

E temos nosso ser físico, que é a máquina da qual nossa consciência depende para a sobrevivência.

Se foder com a máquina, você morrerá. Se negligenciar a máquina, você morrerá. Se assumir que sua consciência pode sobreviver à máquina, você morrerá logo depois de saber que estava errado.

É muito simples, na verdade. Cuide do seu ser físico. Alimente-se do que *precisa*, não do que a consciência lhe diz que quer. Entregar-se aos desejos da mente que acabam ferindo o corpo é como um pai fraco cedendo ao filho. “*Oh, você teve um dia ruim? Quer uma caixa inteira de biscoitos? Certo, docinho. Coma. E beba este refrigerante enquanto faz isso.*”

Cuidar do seu corpo não é diferente de cuidar de uma criança. Às vezes é difícil, às vezes é uma droga, às vezes você só quer ceder, mas se fizer, pagará as consequências daqui a dezoito anos.

Isso se encaixa quando se trata da minha mãe. Ela se importava comigo como se importava com seu corpo. *Muito pouco.* Às vezes imagino se ela ainda é

gorda, se ainda está negligenciando a máquina. Eu não saberia. Não falo com ela há anos.

Mas não estou interessada em falar sobre uma mulher que escolheu nunca mais falar de mim. Estou aqui para discutir a primeira coisa que meu bebê roubou de mim.

Jeremy.

Não notei o roubo no começo.

A princípio, depois que descobrimos que *a noite em que ficamos noivos* tornou-se a noite em que concebemos, eu estava realmente feliz. Estava feliz porque Jeremy estava feliz. E nesse ponto, além de meus seios parecerem melhores do que nunca, não percebi o quanto a gravidez seria prejudicial para a máquina que trabalhei tanto para manter.

Foi por volta do terceiro mês, algumas semanas depois que descobri que estava grávida, que comecei a notar a diferença. Era uma pequena saliência, mas estava lá. Eu tinha acabado de sair do chuveiro e estava em frente ao espelho, olhando para o meu perfil. Minha mão estava na barriga e senti algo estranho, e minha barriga estava ligeiramente saliente.

Eu estava enojada. Prometi começar a malhar três vezes ao dia. Vi o que a gravidez poderia fazer com mulheres, mas também sabia que a maior parte do dano ocorria no último trimestre. Se eu conseguisse de alguma forma descobrir como dar à luz mais cedo... talvez por volta de trinta e três ou trinta e quatro semanas, poderia evitar a parte mais prejudicial da gravidez. Houve tantos avanços nos cuidados médicos, os bebês nascidos mais cedo quase sempre ficam bem.

“Uau.”

Deixei cair a minha mão e olhei para a porta. Jeremy estava encostado no batente, os braços cruzados sobre o peito. Ele sorria para mim. “Está começando a aparecer.”

“Não está.” Resmunguei.

Ele riu e fechou a distância entre nós, envolvendo os braços ao meu redor por trás. Ele colocou as duas mãos na minha barriga e me olhou no espelho. Ele

beijou meu ombro. “Você nunca esteve mais bonita.”

Foi uma mentira para me fazer sentir melhor, mas fiquei grata. Até as mentiras dele significaram algo para mim. Apertei suas mãos e ele me virou para encará-lo, então me beijou, empurrando-me para trás até chegar ao balcão do banheiro. Ele me levantou, então ficou entre minhas pernas.

Ele estava completamente vestido, voltando do trabalho. Eu estava completamente nua, fresca do banho. A única coisa entre nós eram sua calça e a saliência que eu ainda tentava ocultar.

Ele começou a me foder no balcão, mas terminamos na cama.

Sua cabeça estava no meu peito, e ele traçava círculos sobre minha barriga quando ela roncou alto. Tentei limpar a garganta para esconder o barulho, mas ele riu. “Alguém está com fome.”

Comecei a sacudir a cabeça, mas ele se levantou do meu peito para me olhar. “O que deseja?”

“Nada. Não estou com fome.”

Ele riu novamente. “Você não. *Ela*,” ele disse, acariciando minha barriga. “Mulheres grávidas não devem ter desejos estranhos e comer o tempo todo por causa dos bebês? Você mal come. E sua barriga está roncando.” Ele se senta na cama. “Preciso alimentar minhas meninas.”

Suas *meninas*.

“Você nem sabe se é uma menina ainda.”

Ele sorriu para mim. “É uma menina. Tenho um pressentimento.”

Quis revirar os olhos porque, tecnicamente, não era nada. Não era menino ou menina. Era uma bolha. Eu não estava tão longe ainda, então supor que a coisa crescendo dentro de mim estivesse realmente com fome ou desejando um tipo particular de comida era absurdo. Mas foi difícil para mim afirmar meu caso, porque Jeremy estava tão extasiado com o bebê, que eu realmente não me importava se ele o tratasse como se fosse mais do que era.

Às vezes sua animação *me* animava.

Nas semanas seguintes, sua animação me ajudou a lidar com tudo.

Quanto mais minha barriga aumentava, mais atento ele ficava. Mais ele a beijava quando estávamos juntos na cama à noite.

De manhã, ele segurava meu cabelo enquanto eu vomitava. Quando ele estava no trabalho, enviava nomes de bebês. Ele ficou tão obcecado com minha gravidez quanto eu estava com ele. Ele foi à minha primeira consulta médica.

Sou grata que ele estava na segunda consulta, também, porque esse foi o dia em que meu mundo mudou.

Gêmeos.

Dois deles.

Fiquei quieta quando saímos do consultório naquele dia. Eu já tinha medo de me tornar mãe de um bebê. Ser forçada a amar a única coisa que Jeremy amava mais do que eu. Mas quando descobri que havia dois, e que eram meninas, de repente eu não estava bem em ser a terceira coisa mais importante na vida de Jeremy.

Tentei forçar um sorriso quando ele falava sobre elas. Agia como se me enchesse de alegria quando esfregava minha barriga, mas isso me repelia, sabendo que ele só fazia isso porque elas estavam lá. Mesmo se desse à luz mais cedo, não importava. Agora que havia duas, meu corpo sofreria ainda mais danos. Estremecia diariamente com o pensamento de ambas crescendo dentro de mim, esticando minha pele, arruinando meus seios, minha barriga e o sagrado templo entre minhas pernas onde Jeremy me adorava todas as noites.

Como Jeremy ainda poderia me querer depois disso?

Durante o quarto mês da gravidez, comecei a esperar por um aborto espontâneo. Rezei por sangue quando fui ao banheiro. Imaginei que, depois de perder as gêmeas, Jeremy me faria sua prioridade novamente. Ele seria carinhoso comigo, adoraria, cuidaria de mim, iria se preocupar comigo, e não por causa do que estava crescendo dentro de mim.

Tomei pílulas para dormir quando ele não estava olhando. Bebi vinho quando ele não estava por perto. Fiz qualquer coisa que pudesse para destruir as coisas que iam afastá-lo de mim, mas nada funcionou. Elas continuaram crescendo. Minha barriga continuou a esticar.

No quinto mês, estávamos deitados de lado na cama. Jeremy me fodia por trás. Sua mão esquerda segurava meu peito e sua mão direita estava contra minha barriga. Não gostei quando ele tocou minha barriga durante o sexo. Isso me fazia pensar nos bebês e arruinou meu humor.

Pensei que talvez ele tivesse atingido o orgasmo quando parou de se mover, mas percebi que ele parou porque sentiu que elas se moviam. Ele saiu de mim e depois me rolou de costas, pressionando a palma da mão contra minha barriga.

“Você sentiu?” Ele perguntou. Os olhos brilhando com animação. Ele não estava mais duro. Ele estava animado por razões que não tinham nada a ver comigo. Ele pressionou o ouvido na minha barriga e esperou que uma delas se movesse novamente.

“Jeremy?” Sussurrei.

Ele beijou minha barriga e me olhou.

Eu me abaixei e acariciei os fios de cabelo dele com os dedos. “Você as ama?”

Ele sorriu porque achou que eu queria que dissesse sim. “Eu as amo mais do que tudo.”

“Mais que a mim?”

Ele parou de sorrir. Ele manteve a mão na minha barriga, mas se levantou, deslizando um braço por baixo do meu pescoço. “Diferente de você”, ele disse, beijando minha bochecha.

“Diferente, sim. Mas mais? O seu amor por elas é mais intenso do que o seu amor por mim?”

Seus olhos examinaram os meus e eu esperava que ele fosse rir e dizer: “Absolutamente não”. Mas ele não riu. Ele olhou para mim com nada além de honestidade e disse: “Sim.”

Sério? Sua resposta me esmagou. Sufocou-me. Matou-me.

“Mas é assim que deve ser”, ele disse. “Por quê? Você se sente culpada porque as ama mais do que a mim?”

Não respondi. Ele realmente achava que eu as amava mais do que o amava? Nem sequer as conheço.

“Não se sinta culpada”, ele disse. “Quero que as ame mais do que me ama. Nosso amor um pelo outro é condicional. Nosso amor por elas não.”

“Meu amor por você é incondicional”, disse.

Ele sorriu. “Não, não é. Eu posso fazer coisas que você nunca perdoaria. Mas você sempre perdoará suas filhas.”

Ele estava errado. Eu não as perdoei por existirem. Não as perdoei por forçá-lo a me colocar em terceiro. Não as perdoei por tirar *a noite em que noivamos*.

Elas nem nasceram ainda, mas já estavam pegando coisas que pertenciam a mim.

“Verity”, Jeremy sussurrou. Ele limpou uma lágrima que caiu do meu olho. “Você está bem?”

Balancei a cabeça. “Simplesmente não posso acreditar o quanto você já as ama e elas ainda não nasceram.”

“Eu sei”, ele disse, sorrindo.

Não quis dizer como um elogio, mas ele aceitou assim. Ele deitou a cabeça no meu peito e tocou minha barriga novamente. “Serei uma bagunça quando elas nascerem.”

Ele vai chorar?

Ele nunca chorou por mim. Para mim. Sobre mim.

Talvez não tenhamos brigado o suficiente.

“Tenho que ir ao banheiro”, sussurrei. Eu não tinha que ir, só precisava me afastar dele e todo o amor que ele estava apontando em todas as direções, exceto na minha.

Ele me beijou, e quando saí da cama, rolou de costas e esqueceu que não terminamos de foder.

Ele adormeceu enquanto eu estava no banheiro, tentando abortar suas

filhas com um cabide de arame. Tentei por meia hora, até minha barriga começar a doer e o sangue escorrer por minha perna. Eu tinha certeza que mais sairia.

Subi na cama, esperando pelo aborto espontâneo. Meus braços estavam tremendo. Minhas pernas dormentes por ficar tanto tempo de joelhos. Minha barriga doía e eu queria vomitar, mas não me mexi porque queria estar na cama quando acontecesse. Queria acordá-lo freneticamente e mostrar o sangue. Queria que ele entrasse em pânico, ficasse preocupado e se sentisse mal por mim, chorasse por mim.

Chorasse por *mim*.

7

Largo a última página do capítulo.

Ele voa para o chão de madeira polida e desaparece debaixo da mesa, como se estivesse tentando se afastar de mim. Imediatamente caio de joelhos, procurando-a, organizando de volta na pilha de páginas que estou determinada a esconder. Eu... eu nem sequer...

Ainda estou de joelhos no meio do escritório de Verity quando as lágrimas surgem. Elas não caem; seguro-as com respirações profundas, concentrando-me na dor nos joelhos para distrair meus pensamentos. Nem sei se é tristeza ou raiva. Só sei que isso foi escrito por uma mulher muito perturbada, uma mulher cuja casa eu atualmente habito. Lentamente, levanto a cabeça até meus olhos estarem no teto. Ela está lá agora, no segundo andar, dormindo, comendo, ou olhando fixamente para o espaço. Posso senti-la à espreita, desaprovando minha presença.

De repente, eu sei, sem dúvida, que é verdade.

Uma mãe não escreveria sobre si mesma, sobre suas filhas, se não fosse verdade. Uma mãe que nunca teve esses sentimentos ou pensamentos jamais sonharia com eles. Não me importo quão boa escritora Verity é; ela nunca se comprometeria como mãe escrevendo algo tão horrível se não sentisse.

Minha mente começa a girar com preocupação, tristeza, medo. Se ela fez isso, se realmente tentou tirar a vida delas por causa de ciúme, do que mais ela seria capaz?

O que realmente aconteceu com as garotas?

Depois de um tempo de processamento, coloco o manuscrito em uma gaveta, sob uma série de outras coisas. Não quero que Jeremy o encontre. E antes de sair daqui, irei destruí-lo. Não posso imaginar como ele se sentiria se o lesse. Ele já está sofrendo as mortes das filhas. Imagine se soubesse o que elas suportaram nas mãos da própria mãe.

Rezo para que ela tenha sido uma mãe melhor depois que elas nasceram,

mas sinceramente estou muito abalada para continuar lendo. Não tenho certeza se quero ler mais *em tudo*.

Quero uma bebida. Não água, refrigerante ou suco. Caminho até a cozinha e abro a geladeira, mas não há vinho. Abro os armários acima da geladeira, mas não há licor. Abro o armário embaixo da pia e está vazio. Abro a geladeira novamente, mas tudo que vejo são pequenas caixas de suco de frutas para Crew e garrafas de água que não vão me ajudar a afastar esse sentimento.

“Você está bem?”

Giro e Jeremy está sentado na mesa da sala de jantar com papéis espalhados a sua frente. Ele parece preocupado comigo.

“Você tem algo alcoólico na casa?” Planto as mãos firmemente nos quadris, tentando esconder o tremor em meus dedos. *Ele não tem ideia de como ela realmente era.*

Jeremy me encara por um momento e depois vai para a despensa. Na prateleira de cima há uma garrafa de Crown Royal⁷. “Sente-se”, ele diz, preocupação ainda dominando sua expressão. Ele me observa enquanto sento a mesa e seguro a cabeça com as mãos.

Ouço-o abrir uma lata de refrigerante e misturar com a bebida. Alguns momentos depois, ele a coloca na minha frente. Levo isso aos lábios tão rápido que algumas gotas caem sobre a mesa. Ele está de volta em sua cadeira agora, observando-me de perto.

“Lowen”, ele diz, vendo enquanto tento engolir a Crown e a Coca-Cola com uma careta. Fico vesga porque queima. “O que aconteceu?”

Oh, vamos ver, Jeremy. Sua esposa com problemas cerebrais fez contato visual comigo. Ela caminhou até a janela do quarto e acenou para o seu filho. Ela tentou abortar seus bebês enquanto você dormia na cama.

“Sua esposa”, digo. “Seus livros. Eu só... Houve uma parte assustadora e isso me fez pirar.”

Ele me observa por um momento, sem expressão. Então ri. “Sério? Um livro fez isso com você?”

Dou de ombros e tomo outro gole. “Ela é uma grande escritora”, digo, colocando o copo na mesa. “Fico facilmente assustada, eu acho.”

“No entanto, você escreve o mesmo gênero que ela.”

“Até meus próprios livros fazem isso às vezes”, minto.

“Talvez deva mudar para romance.”

“Tenho certeza que irei uma vez que este contrato terminar.”

Ele ri de novo, balançando a cabeça enquanto começa a juntar os papéis à sua frente. “Você perdeu o jantar. Ainda está quente, se quiser um pouco.”

“Eu quero. Preciso comer.” Talvez isso ajude a me acalmar. Levo minha bebida para o fogão, onde há uma caçarola de frango coberta por papel alumínio. Pego um prato e uma garrafa de água da geladeira, em seguida, sento à mesa novamente. “Você fez?”

“Sim.”

Dou uma mordida. “Está muito bom”, digo com a boca cheia.

“Obrigado.” Ele ainda está me encarando, mas agora parece mais divertido do que preocupado. Estou feliz em ver a diversão assumir. Gostaria de poder achar isso divertido, mas tudo que acabo de ler me faz questionar Verity. Sua condição. Sua honestidade.

“Posso te fazer uma pergunta?”

Jeremy assente.

“Apenas diga se estou sendo muito intrometida. Mas há uma chance de que Verity possa se recuperar totalmente?”

Ele balança a cabeça. “O médico não acredita que ela alguma vez irá andar ou falar de novo desde que não fez esse tipo de progresso.”

“Ela está paralisada?”

“Não, não houve nenhum dano em sua medula espinhal. Mas sua mente... é semelhante à mente de uma criança agora. Ela tem reflexos básicos. Ela pode comer, beber, piscar, mover-se um pouco. Mas nada é intencional. Espero que, com a continuidade da terapia, ela possa melhorar um pouco, mas...”

Jeremy olha para longe, na direção da entrada da cozinha, quando ouve Crew descendo as escadas. Crew surge em seu pijama do Homem-Aranha e depois pula no colo de Jeremy.

Crew. Esqueci de Crew enquanto lia. Se Verity realmente desprezou as meninas depois que nasceram tanto quanto as desprezava no útero, não haveria como ela ter concordado em ter outro filho.

Isso só pode significar que ela deve ter se ligado a elas. É provavelmente por isso que escreveu o que escreveu, porque no final, ela se apaixonou por elas como Jeremy. Talvez escrever sobre seus pensamentos durante a gravidez fosse como uma libertação para Verity. Como um católico se confessando.

Esse pensamento me acalma, junto com a explicação de Jeremy sobre seus ferimentos. Ela tem as capacidades físicas e mentais de um recém-nascido. Minha mente está tornando isso mais do que realmente é.

Crew inclina a cabeça contra o ombro de Jeremy. Ele segura seu iPad e Jeremy está rolando pelo celular. Eles são fofos juntos.

Estive tão focada nas coisas negativas que aconteceram nesta família, preciso lembrar mais do positivo que ainda permanece. E é definitivamente o vínculo de Jeremy com seu filho. Crew o ama. Ri ao seu redor. Ele está confortável com o pai. E Jeremy não tem medo de mostrar-lhe afeto, porque ele acabou de beijar o lado da cabeça de Crew.

“Você escovou os dentes?” Jeremy pergunta.

“Sim”, Crew diz.

Jeremy levanta e leva Crew com ele, sem esforço. “Isso significa que é hora de dormir.” Ele joga Crew por cima do ombro. “Diga boa noite a Laura.”

Crew acena para mim conforme Jeremy entra no corredor e desaparece com ele no andar de cima.

Percebo que ele me chama pelo nome que uso na frente de todos os outros, mas me chama de Lowen quando somos apenas nós. Também noto o quanto gosto disso. Não *quero* gostar disso.

Como o resto do meu jantar e lavo os pratos na pia, enquanto Jeremy permanece no andar de cima com Crew. Quando termino, sinto-me um pouco

melhor. Não tenho certeza se foi o álcool, a comida, ou a percepção de que Verity provavelmente escreveu aquele capítulo horrível porque um capítulo muito melhor o segue. Um onde ela percebe que bênção aquelas garotas eram.

Saio da cozinha, mas meu olhar é atraído para várias fotos de família penduradas na parede do corredor. Paro para olhá-las. A maioria é das crianças, mas algumas têm Verity e Jeremy. Elas têm uma notável semelhança com a mãe, enquanto Crew parece mais com Jeremy.

Eles eram uma família tão bonita. Tanto é que as fotos são deprimentes de olhar. Assimilo todas, percebendo como é fácil distinguir as garotas uma da outra. Uma delas tem um sorriso enorme e uma pequena cicatriz na bochecha. A outra raramente sorri.

Levanto a mão para tocar uma foto da garota com a cicatriz na bochecha e me pergunto por quanto tempo ela a teve. De onde veio. Desço a linha de fotos para uma foto muito mais antiga das meninas quando eram crianças. A sorridente tem a cicatriz naquela foto, então a conseguiu numa idade jovem.

Jeremy desce as escadas enquanto estou olhando as fotos. Ele para ao meu lado. Aponto para a gêmea com a cicatriz. “Qual é essa?”

“Chastin”, ele diz. Logo aponta para a outra. “Esta é Harper.”

“Elas se parecem muito com Verity.”

Não estou olhando-o, mas posso vê-lo assentir com o canto do meu olho.

“Como Chastin conseguiu essa cicatriz?”

“Nasceu com ela”, Jeremy diz. “O médico disse que estava cicatrizada de tecido fibroso. Não é incomum, especialmente em gêmeos, porque ficam apertados no útero.”

Olho-o dessa vez, imaginando se é de lá que vem a cicatriz de Chastin. Ou se talvez, de alguma forma, foi resultado da tentativa fracassada de aborto de Verity.

“As duas tinham a mesma alergia?” Pergunto.

Assim que pergunto, levanto a mão e aperto minha mandíbula com arrependimento. A única maneira que sei que uma delas tem alergia a amendoim

é por causa do que li sobre sua morte. E agora ele sabe que li sobre a morte de sua filha.

“Sinto muito, Jeremy.”

“Está tudo bem”, ele diz em voz baixa. “E não, apenas Chastin. Amendoim.”

Ele não elabora, mas posso senti-lo me encarando. Viro a cabeça e nossos olhos se encontram. Ele sustenta meu olhar por um momento, mas depois seus olhos caem para a minha mão. Ele a levanta com dedos delicados, virando-a. “Como conseguiu está aqui?” Ele pergunta, passando o polegar sobre a cicatriz na palma da minha mão.

Fecho a mão, não porque estou tentando escondê-la. Está desbotada e raramente penso nisso. Eu me treinei para não pensar. Mas a cubro por causa de como senti minha pele quando ele me tocou, como se seu dedo queimasse um buraco na minha mão.

“Não lembro”, digo rapidamente. “Obrigada pelo jantar. Vou tomar um banho.” Aponto para ele, em direção ao quarto principal. Ele sai do meu caminho. Quando chego ao quarto, rapidamente abro a porta, e a fecho com a mesma rapidez, pressionando as costas contra ela, desejando relaxar.

Não é que ele me deixe desconfortável. Jeremy Crawford é um bom homem. Talvez seja o manuscrito que me deixe desconfortável, porque não tenho dúvidas de que ele teria compartilhado seu amor igualmente com os três filhos e esposa. Ele não esconde, mesmo agora. Mesmo quando sua esposa é praticamente catatônica, ele ainda a ama desinteressadamente.

Ele é o tipo de homem que uma mulher como Verity poderia facilmente se tornar viciada, mas acho que nunca vou entender como Verity pode ser tão consumida e obcecada por ele, a tal ponto que criar uma criança com ele infligiria aquele tipo de ciúmes.

Mas entendo sua atração por ele. Entendo mais do que desejaria.

Quando me afasto da porta, algo puxa meu cabelo, e acabo de volta contra ela. Que diabos? Meu cabelo está preso em algo. Puxo meu cabelo até soltá-lo, e depois viro para ver no que o preendi.

É uma tranca.

Ele deve ter instalado hoje. É realmente atencioso. Alcanço-a e tranco.

Jeremy acha que quis uma tranca no interior da porta deste quarto porque não me sinto segura nesta casa? Espero que não porque não foi por isso que quis a fechadura. Quis uma tranca para que todos ficassem a salvo de *mim*.

Caminho até o banheiro e acendo a luz. Olho minha mão, passando os dedos pela cicatriz.

Depois das primeiras vezes em que minha mãe me pegou sonambula, ela ficou preocupada. Ela me colocou na terapia, esperando que ajudasse mais do que as pílulas para dormir. Meu terapeuta disse que era importante não me familiarizar com o que me cercava. Ele disse que ajudaria se eu criasse obstáculos que seriam difíceis de passar enquanto estava sonambula. Uma tranca na parte de dentro da porta do meu quarto era um deles.

E, embora eu esteja quase certa de que a tranquei antes de adormecer todos aqueles anos atrás, isso não explica por que acordei na manhã seguinte com um pulso quebrado e coberta de sangue.

8

Decidi não ler mais do manuscrito de Verity. Já se passaram dois dias desde que li sobre a tentativa de aborto, e o manuscrito ainda está no fundo da gaveta de sua mesa, escondido e intocado por mim. Posso senti-lo, no entanto. Ele existe comigo no escritório de Verity, respirando superficialmente sob o lixo com o qual o cobri. Quanto mais leio, mais inquieta fico. Mais desfocada. Não estou dizendo que nunca terminarei, mas até que eu progrida no que estou aqui para fazer, não posso me desviar novamente.

Notei que agora que parei de ler, estar na presença de Verity não me assusta tanto quanto há alguns dias atrás. Na verdade, procurei por ar depois de trabalhar o dia todo no escritório ontem, para encontrar Verity e sua enfermeira na mesa de jantar com Crew e Jeremy. Nos dois primeiros dias em que estive aqui, fiquei no escritório enquanto jantavam, então não estava ciente de que a levavam até à mesa para comerem juntos. Não quis intrometer, então voltei ao escritório.

Há uma enfermeira diferente hoje. Seu nome é Myrna. Ela é um pouco mais velha que April, redonda e alegre com duas manchas rosadas em suas bochechas que a fazem parecer uma boneca Kewpie antiquada. Logo de cara, ela é muito mais agradável que April. E honestamente, não é que April seja desagradável. Mas tenho a sensação que ela não confia em mim ao redor de Jeremy. Ou Jeremy ao meu redor. Não sei por que ela não gosta da minha presença, mas posso ver como ser protetora de sua paciente significaria julgar outra mulher que está hospedada na casa de sua paciente inválida. Tenho certeza de que ela acha que Jeremy e eu nos trancamos no quarto principal juntos depois que ela sai todas as noites. Gostaria que ela estivesse certa.

Myrna trabalha às sextas-feiras e sábados, enquanto April fica com o resto da semana. Hoje é sexta-feira e, apesar de que esperava ir para o meu apartamento hoje, estou aliviada por tudo ter ocorrido do jeito que aconteceu. Eu teria saído despreparada. O tempo extra que recebi foi um salva-vidas. Terminei de ler mais dois livros da série nos últimos dois dias, e realmente gostei muito deles. É fascinante ver como Verity sempre escreve do ponto de vista do antagonista. E tenho um bom senso da direção que preciso seguir com a série.

Mas só por precaução, ainda procuro por notas agora que sei o que estou realmente procurando.

Estou no chão, cavando através de uma caixa quando Corey me manda uma mensagem.

Corey: Pantem fez um comunicado para a imprensa esta manhã, anunciando você como a nova coautora da série da Verity. Enviei um link para o seu e-mail se quiser dar uma olhada.

Assim que abro o e-mail, há uma batida na porta do escritório.

“Entre.”

Jeremy abre a porta, espiando dentro. “Ei. Estou indo para a Target fazer compras. Se fizer uma lista, posso pegar o que precisar.”

Há algumas coisas que preciso. Absorventes são uma delas, embora tenha apenas um ou dois dias de menstruação. Apenas não esperava estar aqui por tanto tempo, então não embalei o suficiente. Não tenho certeza se quero dizer isso a Jeremy. Eu me levanto, limpando o jeans. “Na verdade, importa-se se eu for? Pode ser mais fácil.”

Jeremy abre a porta um pouco mais e diz: “De jeito nenhum. Saímos em dez minutos.”

*

Jeremy dirige um Jeep Wrangler cinza escuro com pneus altos, cobertos de lama. Nunca o vi porque estava na garagem, mas não é o que esperava que ele dirigisse. Presumi que ele dirigisse um Cadillac CTX ou um Audi A8. Algo que um homem de terno dirigiria. Não sei por que continuo o imaginando como o empresário profissional e impecável que conheci naquele primeiro dia. O homem usa jeans ou calça de moletom todos os dias, está sempre do lado de fora trabalhando e tem um estoque rotativo de botas enlameadas quando sai pela porta dos fundos. Um Jeep Wrangler, na verdade, encaixa melhor do que qualquer outro veículo no qual o imaginei.

Estamos fora de sua garagem, cerca de 800 metros abaixo da estrada, quando ele abaixa o rádio.

“Você viu o comunicado de imprensa da Pantem hoje?” Ele pergunta.

Pego o meu celular da bolsa. “Corey me enviou o link, mas esqueci de ler.”

“É apenas uma frase longa no Publishers Weekly”, Jeremy diz. “Curto e grosso. Bem como você queria.”

Abro o e-mail e leio o link. Não é um link para o Publishers Weekly, no entanto. Corey me enviou um link para o anúncio feito na página de mídia social da Verity Crawford, através de sua equipe de publicidade.

A Pantem Press está animada em anunciar que os romances remanescentes da The Virtue Series, feitos com sucesso por Verity Crawford, serão co-escritos com a autora Laura Chase. Verity está em êxtase por ter Laura a bordo, e as duas estão ansiosas para a co-criação de uma conclusão inesquecível para a série.

Verity está em êxtase? Ha! Pelo menos sei que nunca devo confiar em um anúncio publicitário. Começo a ler os comentários abaixo do anúncio.

—*Quem diabos é Laura Chase?*

—*POR QUE VERITY ESTÁ ENTREGANDO SEU BEBÊ A OUTRA PESSOA?*

—*Não. Não, não, não.*

—*É assim que normalmente funciona, certo? Autora medíocre GANHA sucesso e contrata autor mais pungente para fazer seu trabalho?*

Abaixo meu telefone, mas não é o suficiente. Desligo o toque e o coloco na bolsa, depois a fecho. “As pessoas são brutais”, murmuro entre dentes.

Jeremy ri. “Nunca leia os comentários. Verity me ensinou isso anos atrás.”

Nunca tive que lidar com comentários porque nunca me expus lá fora. “Bom saber.”

Quando chegamos à loja, Jeremy sai do jipe e dá a volta correndo para abrir a porta para mim. Isso me deixa desconfortável, porque não estou acostumada a esse tipo de tratamento, mas provavelmente deixaria Jeremy ainda mais desconfortável se ele permitisse que eu abrisse a porta sozinha. Ele é

justamente o tipo de cara que Verity descreve em sua autobiografia.

Esta é a primeira vez que um cara abriu a porta para mim. *Maldição*. Quão confuso é isso?

Quando ele pega minha mão para me ajudar a sair do jipe, tensiono porque não consigo evitar uma reação ao seu toque. Quero mais disso quando não deveria querer nada.

Ele sente o mesmo ao meu redor?

Sexo para ele já está fora do cenário há um bom tempo, o que me leva a pensar se ele sente falta.

Deve ser um ajuste difícil. Ter um casamento que parecia girar em torno do sexo no começo, só para ter sexo arrancado do casamento da noite para o dia.

Por que estou pensando em sua vida sexual enquanto entramos na Target?

“Você gosta de cozinhar?” Jeremy pergunta.

“Eu não desgosto. Sempre vivi sozinha, então não faço refeições com muita frequência.”

Ele pega um carrinho de compras e vou com ele para a seção de produtos. “Qual é a sua refeição favorita?”

“Tacos.”

Ele ri. “Simples o suficiente.” Ele pega todos os vegetais que precisa para fazer tacos. Ofereço-me para fazer espaguete para eles uma noite. É realmente a única coisa que cozinho que posso dizer honestamente que sou boa.

Ele está no corredor de suco quando digo a ele que voltarei logo, que preciso de algumas coisas fora do departamento de compras. Pego os absorventes, mas pego outras coisas para jogar no carrinho com eles, como xampu, meias e algumas camisetas, uma vez que realmente não trouxe nada comigo.

Não tenho a menor ideia do porquê tenho vergonha de comprar absorventes. Não é como se ele nunca os tivesse visto. E, conhecendo Jeremy, ele provavelmente comprou para Verity algumas vezes. Ele parece o tipo de

marido que não pensaria duas vezes sobre isso.

Encontro Jeremy na seção de compras e, conforme caminho em sua direção, noto que ele está ladeado por duas mulheres que abandonaram seus carrinhos para conversar com ele. Suas costas estão pressionadas contra o refrigerador de sorvete, dando a impressão de que ele gostaria de poder derreter e escapar. Só posso ver as costas de suas cabeças quando me aproximo, mas quando os olhos de Jeremy encontram os meus, uma loira atraente vira para ver o que ele está olhando. A morena parece mais simpática, mas só até me olhar. Seu olhar me faz mudar de ideia instantaneamente.

Aproximo-me do carrinho como se fosse um animal selvagem, cautelosa e timidamente. Colocar meus itens no carrinho tornará isso estranho? Decido colocar minhas coisas no cesto superior, uma linha clara na areia vermelha: *estamos juntos, mas não juntos*. As mulheres olham para mim, simultaneamente, as sobrancelhas subindo mais alto com cada item que deposito na cesta. A que está mais próxima de Jeremy, a loira, está olhando meus absorventes internos. Ela olha de volta para mim e inclina a cabeça.

“E você é?”

“Esta é Laura Chase”, Jeremy responde. “Laura, estas são Patricia e Caroline.”

A loira parece ter recebido uma xícara quente de chá de fofoca. “Somos amigas da Verity”, Patricia diz. Ela me dá um olhar condescendente muito perceptível. “Falando nisso, Verity deve estar se sentindo melhor se ela tem uma amiga na cidade.” Ela olha para Jeremy pedindo mais explicações. “Ou Laura é *sua* amiga?”

“Laura está aqui de Nova York. Ela está trabalhando com Verity.”

Patricia sorri ao mesmo tempo em que faz um som de *hum* e olha para mim. “Como alguém trabalha com uma escritora, exatamente? Presumi que seria um trabalho solitário.”

“Geralmente é isso que as pessoas não literárias presumem”, Jeremy diz. Ele acena para elas, dispensando-nos da conversa. “Tenham uma boa tarde, senhoras.” Ele começa a mover o carrinho de compras, mas Patricia coloca a mão nele.

“Diga a Verity que eu disse olá e esperamos que ela esteja se recuperando bem.”

“Irei compartilhar a mensagem”, Jeremy diz, passando por ela. “Mande lembranças ao Sherman.”

Patricia faz uma careta. “O nome do meu marido é William.”

Jeremy acena com a cabeça uma vez. “Oh. Está certo. Eu os confundo.”

Ouçó Patricia zombar quando nos afastamos. Quando chegamos ao próximo corredor, eu digo: “Hum. Quem é Sherman?”

“O cara que ela fode por trás do marido.”

Encaro-o, chocada. Ele está sorrindo.

“Putá merda”, digo, rindo. Quando chegamos ao caixa, não consigo parar de sorrir. Não sei se já vi esse tipo de resposta épica pessoalmente.

Jeremy começa a colocar as coisas na esteira. “Provavelmente não deveria ter me rebaixado ao nível dela, mas não suporto hipócritas.”

“Sim, mas sem hipócritas, não haveria momentos cármicos épicos como o que acabei de testemunhar.”

Jeremy pega o resto das coisas do carrinho. Tento manter as minhas separadas, mas ele se recusa a me deixar pagar.

Não consigo parar de encará-lo enquanto ele passa seu cartão de crédito. Sinto algo. Não tenho certeza do que. Uma paixão? Isso faria todo o sentido. Eu *iria* desenvolver uma paixão por um homem que é tão dedicado à sua esposa doente que é cego demais para ver qualquer um ou qualquer outra coisa. Ele é cego demais para ver quem era a própria esposa.

Lowen Ashleigh, apaixonando-se por um homem indisponível com mais bagagem do que ela.

Agora, isso é carma.

9

Só cheguei aqui faz cinco dias, mas parece mais tempo. Os dias aqui se arrastam, enquanto em Nova York, bem, passam num instante.

Ouvi Myrna dizer a Jeremy esta manhã que Verity estava com febre, e é por isso que ela não desceu Verity antes de partir para a noite. Não estou triste com isso. Significa que eu não preciso estar na presença dela ou olhá-la da janela do meu escritório durante as pausas ao ar livre.

Estou olhando para Jeremy, no entanto. Ele está sentado sozinho na varanda dos fundos, olhando o lago, recostado numa cadeira de balanço que ele não balança há dez minutos. Ele está sentado completamente parado. De vez em quando, ele se lembra de piscar. Está lá faz um tempo agora.

Gostaria de saber que pensamentos estão em sua cabeça agora. Ele pensa nas meninas? Em Verity? Ele pensa em quanto sua vida mudou no ano passado? Ele não se barbeou nos últimos dias, então sua barba está ficando mais espessa. Parece bom nele, mas não tenho certeza de que pouca coisa fique *ruim* nele.

Inclino-me para frente na mesa de Verity e baixo meu queixo na mão. Imediatamente me arrependo de me mexer, porque Jeremy percebe. Ele vira a cabeça e olha para mim pela janela. Quero desviar o olhar, forçar-me a parecer ocupada, mas é óbvio que estive o olhando, agora que estou inclinada para frente na mesa com a cabeça apoiada na mão. Ficaria pior se eu tentasse me esconder neste momento, então apenas sorrio gentilmente para ele.

Ele não devolve o sorriso, mas não desvia o olhar. Mantemos contato visual por vários segundos, e sinto seu olhar mexer coisas dentro de mim. Isso me faz pensar se *ele* sente algo quando o olho.

Ele inspira lentamente e depois se levanta da cadeira e se afasta em direção ao cais. Quando chega lá, pega seu martelo e começa a tirar as poucas tábuas restantes.

Ele provavelmente estava desejando um momento de paz, sem Crew, Verity, uma enfermeira ou eu invadindo sua privacidade.

Preciso de um Xanax. Não tomei um em mais de uma semana. Isso me deixa grogue, o que dificulta me concentrar em escrever ou pesquisar. Mas estou cansada dos momentos nesta casa que disparam meu pulso, como agora. Uma vez que a adrenalina entra em ação, não consigo entender isso. Seja Jeremy, Verity, ou os livros de Verity, sempre há algo que detona meus níveis de ansiedade. Minha reação a esta casa e as pessoas nela são mais perturbadoras do que um pouco de torpor seria.

Caminho até o quarto para procurar em minha bolsa pelo Xanax. Assim que abro a garrafa, ouço um grito vindo do andar de cima.

Crew.

Derrubo o frasco fechado de comprimidos na cama, saio correndo do quarto e subo as escadas. Posso ouvi-lo chorar. Parece que vem do quarto de Verity.

Por mais que queira me virar e correr na direção oposta, também percebo que ele é um garotinho que pode estar em apuros, então continuo andando.

Quando chego à porta, abro-a sem bater. Crew está no chão, segurando o queixo. Há sangue em suas mãos e dedos. Uma faca ao lado dele no chão. “Crew?” Eu me abaixo e o levanto, então corro para o banheiro no final do corredor. Eu o coloco no balcão.

“Deixe-me ver.” Puxo seus dedos trêmulos do queixo para avaliar a lesão. Está escorrendo sangue, mas não parece ser muito profundo. É um corte bem debaixo do queixo. Ele deve ter segurado a faca quando caiu. “Você se cortou com a faca?”

Crew está de olhos arregalados, olhando para mim. Ele balança a cabeça, provavelmente tentando esconder que ele tinha uma faca. Tenho certeza de que Jeremy não aprovaria isso. “Mamãe disse que eu não deveria tocar sua faca.”

Congelo. “Sua mãe disse isso?”

Crew não responde.

“Crew”, digo, pegando uma toalha. Parece que meu coração está preso na minha garganta enquanto falo com ele, mas tento esconder meu medo enquanto molho a toalha. “Sua mãe fala com você?”

O corpo de Crew fica rígido, e a única coisa que se move é a sua cabeça quando ele a balança. Pressiono o pano em seu queixo logo antes de ouvir os passos de Jeremy subindo as escadas. Ele deve ter ouvido o grito de Crew.

“Crew!” Ele grita.

“Estamos aqui.”

Os olhos de Jeremy estão cheios de preocupação quando ele chega à porta. Saio do caminho dele enquanto ainda seguro a toalha no queixo de Crew.

“Você está bem, amigo?”

Crew assente e Jeremy pega a toalha de mim. Ele se abaixa e olha para o ferimento no queixo de Crew e depois para mim. “O que aconteceu?”

“Acho que ele se cortou”, digo. “Ele estava no quarto de Verity. Havia uma faca no chão.”

Jeremy olha para Crew, com os olhos cheios mais de decepção do que medo agora. “O que você estava fazendo com uma faca?”

Crew balança a cabeça, fungando enquanto tenta parar de chorar. “Eu não tinha uma faca. Só cai da cama.”

Parte de mim se sente mal por dedurar o pobre garoto. Tento cobrir para ele. “Ele não estava a segurando. Eu a vi no chão e presumi que foi o que aconteceu.”

Ainda estou abalada com o que Crew disse sobre Verity e a faca, mas lembro a mim mesma que todos falam de Verity no tempo presente. A enfermeira, Jeremy, Crew. Tenho certeza de que Verity lhe disse para não brincar com facas no passado, e agora minha imaginação está transformando isso em mais do que é.

Jeremy abre o armário de remédios atrás de Crew e pega um kit de primeiros socorros. Quando fecha o espelho, ele está olhando meu reflexo. “Vá verificar”, ele faz com a boca, apontando para a porta com a cabeça.

Saio do banheiro, mas paro no corredor. Não gosto de entrar naquele quarto, não importa o quanto Verity seja impotente. Mas também sei que Crew não precisa ter acesso a uma faca, então avanço.

A porta de Verity ainda está aberta, então entro na ponta dos pés, não querendo acordá-la. Não que eu pudesse. Circulo a cama, onde Crew estava no chão.

Não há faca.

Viro, perguntando-me se talvez a chutei para algum lugar quando o peguei. Quando ainda não a vejo, ajoelho no chão para verificar debaixo da cama. Está completamente vazio embaixo da moldura, além de uma fina camada de poeira. Deslizo a mão por baixo da mesa de cabeceira ao lado da cama do hospital, mas não encontro nada.

Sei que vi uma faca. Não estou ficando louca.

Estou?

Coloco a mão no colchão para me levantar do chão, mas imediatamente volto a me ajoelhar quando vejo Verity me observando. Sua cabeça está numa posição diferente, voltada para a direita, seus olhos nos meus.

Putá merda! Engasgo com o medo enquanto me apresso para trás e para longe de sua cama. Acabo a vários metros de distância dela, e mesmo que sua cabeça seja a única coisa diferente sobre ela de quando entrei no quarto, meu medo está me dizendo para fugir por minha vida. Eu me levanto, usando a cômoda como apoio, e mantenho os olhos fixos nela enquanto me movo para a porta, de frente para ela o tempo todo. Estou tentando reprimir meu terror, mas não estou convencida de que ela não esteja prestes a me atacar com a faca que pegou no chão.

Fecho a porta atrás de mim e fico lá, segurando a maçaneta, até que consigo controlar o meu pânico. Respiro fundo, firmemente, cinco vezes, esperando que Jeremy não veja o terror em meus olhos quando caminho de volta para dizer a ele que não havia faca.

Mas *havia* uma faca.

Minhas mãos estão tremendo. Não confio nela. Não confio nesta casa. Por mais que saiba que preciso ficar para fazer o melhor trabalho, prefiro dormir no carro alugado nas ruas do Brooklyn pela próxima semana do que dormir nesta casa outra noite.

Aperto a tensão do meu pescoço conforme volto ao banheiro. Jeremy está enfaixando o queixo de Crew.

“Você tem sorte de não precisar de pontos”, Jeremy diz para Crew. Ele está ajudando Crew a lavar o sangue de suas mãos, e então diz a ele para ir brincar. Crew passa por mim e volta para o quarto de Verity.

Acho estranho que sentar em sua cama enquanto ele brinca em seu iPad é divertido para ele. Mas, novamente, tenho certeza que ele só quer estar perto da mãe. *Faça isso, amigo. Eu, absolutamente, não quero estar perto dela.*

“Você pegou a faca?” Jeremy pergunta, secando as mãos numa toalha.

Tento evitar soar tão assustada quanto ainda me sinto. “Não consegui encontrá-la.”

Jeremy me olha por um segundo e depois diz: “Mas você viu uma?”

“Pensei que sim. Talvez não. Não estava lá.”

Jeremy passa por mim. “Vou procurar por aí.” Ele caminha em direção ao quarto de Verity, mas se vira e faz uma pausa quando chega à porta. “Obrigado por ajudá-lo.” Ele sorri, mas é um sorriso brincalhão. “Sei quão ocupada está hoje.” Ele pisca para mim antes de entrar no quarto de Verity.

Fecho os olhos e permito que o constrangimento surja. *Eu mereci isso.* Ele provavelmente acha que tudo que faço é olhar pela janela do escritório.

Provavelmente deveria tomar dois Xanax neste momento.

Quando volto ao escritório de Verity, o sol está começando a se pôr, o que significa que Crew vai tomar banho e ir para a cama em breve. Verity permanecerá no quarto dela durante a noite. E me sentirei um pouco segura, porque, por qualquer razão, só estou com medo de Verity nesta casa. E não tenho que estar perto dela à noite. Na verdade, a noite tornou-se meu momento favorito por aqui, porque é quando vejo o mínimo de Verity e a maior parte de Jeremy.

Não sei por quanto tempo mais posso tentar me convencer de que não tenho uma séria paixão por esse homem. Também não sei por quanto tempo mais posso tentar me convencer de que Verity é uma pessoa melhor do que ela realmente é. Acho que, depois de ler todos os livros de sua série, estou começando a entender o motivo pelo qual seus romances de suspense se saem

tão bem e o motivo dela os escrever do ponto de vista do vilão.

Os críticos amam isso nela. Quando ouvi seu primeiro audiolivro na viagem, amei que o narrador parecesse um pouco psicótico. Imaginei como Verity ficou na mente de seus antagonistas. Mas isso foi antes de eu conhecê-la.

Ainda não a conheço tecnicamente, mas conheço a Verity que escreveu a autobiografia. É evidente que a maneira como ela escreveu o resto de seus romances não era uma abordagem única. Afinal, como dizem *escreva o que você conhece*. Estou começando a pensar que Verity escreve de um ponto de vista vil, porque ela é um vilão. Ser mal é tudo o que ela sabe.

Sinto-me um pouco mal quando abro a gaveta e faço exatamente o que jurei a mim mesma que não faria novamente: ler outro capítulo.

Que assim seja

Capítulo Quatro

Elas estavam determinadas a viver, eu lhes darei isso.

Nada que tentei funcionou. A tentativa de auto aborto, as pílulas aleatórias, a “acidental” queda de um lance de escadas. A única coisa que minhas tentativas resultaram foi uma pequena cicatriz em uma das bochechas da bebê. Uma cicatriz que tenho certeza que sou responsável. Uma cicatriz sobre a qual Jeremy não conseguiu se calar.

Algumas horas depois de me levarem para o quarto depois do parto, cesárea, graças a Deus, o pediatra apareceu para verificar as meninas. Fechei os olhos, fingindo tirar uma soneca, mas na verdade estava com medo de interagir com o pediatra. Temia que ele visse através de mim e soubesse que não tinha ideia de como ser mãe.

Jeremy perguntou ao médico sobre a cicatriz antes de sair do quarto. O médico dispensou, disse que não é incomum gêmeos idênticos se coçarem acidentalmente no útero. Jeremy discordou. “É muito profundo para ser um simples arranhão, no entanto.”

“Pode ser cicatricial de tecido fibroso”, disse o médico. “Não se preocupe. Irá desaparecer com o tempo.”

“Não estou preocupado com a *aparência*”, Jeremy disse, quase defensivamente. “Estou preocupado que possa ser algo mais sério.”

“Não é. Suas filhas são perfeitamente saudáveis. Ambas.”

É claro que sim.

O médico saiu, a enfermeira foi embora e eram apenas Jeremy, as meninas e eu. Uma delas estava dormindo na cama de vidro, não sei como é chamada. Jeremy segurava a outra. Ele estava sorrindo para ela quando percebeu

que meus olhos estavam abertos.

“Ei, mamãe.”

Por favor, não me chame assim.

Sorri para ele de qualquer maneira. Ele parecia bem como pai. Feliz. Não importa que sua felicidade tivesse pouco a ver comigo. Mas mesmo no meu ciúme, eu podia apreciá-la. Ele provavelmente seria o tipo de pai que troca fraldas. Que ajuda com as mamadeiras. Eu sabia que apreciaria esse lado ainda mais com o tempo. Apenas precisava me acostumar com isso. Ser mãe.

“Traga-me a com cicatriz”, disse.

Jeremy fez uma careta, indicando que estava desapontado com minha escolha de palavras. Acho que foi uma maneira estranha de colocar, mas ainda não damos nome a elas. A cicatriz é o único identificador.

Ele a carregou para mim e colocou em meus braços. Olhei-a. Esperei pela inundação de emoções, mas não havia nada. Toquei sua bochecha, passei o dedo pela cicatriz. *Acho que o cabide não era forte o suficiente.* Provavelmente deveria ter usado algo que não cedesse tão facilmente sob pressão. Uma agulha de tricô? Não tenho certeza se seria o suficiente.

“O médico disse que as cicatrizes podem ser um arranhão.” Jeremy riu. “Brigando antes mesmo de nascerem.”

Sorri para ela. Não porque senti vontade de sorrir, mas porque é provavelmente o que deveria fazer. Não queria que Jeremy pensasse que não estava apaixonada por ela como ele. Peguei a mão dela e a envolvi em volta do meu mindinho. “Chastin”, sussurrei. “Você pode ter o melhor nome desde que sua irmã foi tão má com você.”

“Chastin”, Jeremy disse. “Eu amei.”

“E Harper”, disse. “Chastin e Harper.”

Eram dois dos nomes que ele me enviou. Gostei deles. Eu os escolhi porque ele mencionou os dois mais de uma vez, então percebi que estavam no topo da lista. Talvez se ele pudesse ver o quanto eu estava tentando amá-lo, ele não notaria as duas áreas em que meu amor falhava.

Chastin começou a chorar. Ela estava se contorcendo em meus braços e eu não tinha certeza do que fazer. Comecei a balançar-la, mas isso doeu, então parei. Seus gritos só aumentavam.

“Ela pode estar com fome”, Jeremy sugeriu.

Eu estava tão envolvida com o pensamento de que elas não sobrevivessem ao nascimento com tudo o que fiz, que o que eu faria além disso não foi muito pensado. Sabia que amamentá-las seria a melhor escolha, mas não tinha absolutamente nenhum desejo de causar esse tipo de dano aos meus seios. Especialmente desde que havia duas.

“Parece que alguém está com fome”, disse uma enfermeira enquanto entrava no quarto. “Você vai amamentar?”

“Não”, disse imediatamente. Eu queria que ela saísse de lá.

Jeremy olhou para mim, preocupado. “Você tem certeza?”

“Há *duas* delas”, respondi.

Não gostei do olhar no rosto de Jeremy, como se ele estivesse desapontado. Odiava pensar que era assim que seria. Ele tomando o lado delas. Eu não importava mais.

“Não é mais difícil do que mamadeiras”, a enfermeira saltitante disse. “É realmente mais conveniente. Você quer tentar? Ver como é?”

Eu não conseguia tirar os olhos de Jeremy enquanto esperava que ele me dispensasse desse tipo de tortura. Matou-me saber que ele queria que eu as amamentasse quando havia tantas outras alternativas perfeitamente adequadas. Mas assenti e puxei a gola do vestido para baixo porque queria agradá-lo. Queria que ele fosse feliz por eu ser a mãe de suas filhas, mesmo que eu não estivesse feliz com isso.

Tirei meu seio e trouxe Chastin em direção ao mamilo. Jeremy assistia a coisa toda. Ele a viu agarrar meu mamilo. Ele viu a cabeça dela se mover para frente e para trás, sua pequena mão pressionando minha pele. Ele a assistiu começar a chupar.

Parecia errado.

Esta criança, sugando algo que Jeremy havia chupado antes. Não gostei disso. Como ele acharia meus seios atraentes depois de ver bebês se alimentando deles todos os dias?

“Dói?” Jeremy perguntou.

“Na verdade, não.”

Ele colocou a mão na minha cabeça e afastou meu cabelo. “Você parece estar com dor.”

Não com dor. Apenas enojada.

Assisti enquanto Chastin continuava a se alimentar de mim. Meu estômago apertou enquanto tentava o meu melhor para não mostrar a ele quanta repulsa eu sentia. Tenho certeza que algumas mães acham isso lindo. Eu achei perturbador.

“Não posso fazer isso”, sussurrei, minha cabeça caindo contra o travesseiro.

Jeremy se abaixou e puxou Chastin do meu peito. Suspirei de alívio quando estava livre dela.

“Está tudo bem”, Jeremy disse tranquilizadamente. “Vamos usar fórmula.”

“Você tem certeza?” A enfermeira perguntou. “Ela parecia estar aceitando.”

“Tenho. Usaremos fórmula.”

A enfermeira concordou e disse que pegaria uma lata de Similac quando saísse do quarto.

Sorri porque meu marido ainda me apoiava. Ele estava de costas. Ele me colocou em primeiro lugar naquele momento e eu me delicieei com isso. “Obrigada”, disse a ele.

Ele beijou a testa de Chastin e sentou-se na beira da minha cama com ela. Ele olhou-a e balançou a cabeça em descrença. “Como posso já me sentir tão protetor, e só as conhecer há algumas horas?”

Queria lembrá-lo de que ele sempre foi protetor comigo, mas não parecia o momento certo. Quase senti como se estivesse me intrometendo em algo de que não fazia parte. Nesse vínculo entre pai e filha eu nunca seria incluída. Ele já as amava mais do que jamais me amou. Ele acabaria por ficar do lado delas, mesmo que eu não estivesse errada. Isso era muito pior do que eu imaginava que seria.

Ele levou a mão ao rosto e enxugou uma lágrima.

“Você está *chorando*?”

Jeremy virou a cabeça em minha direção, chocado com minhas palavras. Entrei em pânico. Tentei corrigir. “Isso saiu estranho”, disse. “Quis dizer de uma maneira boa. Eu amo o quanto você as ama.”

Sua tensão repentina desapareceu com minha rápida desculpa. Ele olhou de volta para Chastin e disse: “Eu nunca amei nada tanto assim. Você achou que era capaz de amar tanto alguém?”

Revirei os olhos e pensei para mim mesma, *eu já amo alguém tanto assim, Jeremy. Você. Por quatro anos. Obrigada por notar.*

10

Não sei porque estou surpresa quando coloco o manuscrito de volta na gaveta. O conteúdo da gaveta chacoalha quando a fecho com raiva. *Por que estou com raiva?* Esta não é minha vida nem minha família. Vasculhei as críticas de Verity antes de vir aqui e em nove de dez, o revisor disse querer jogar seus Kindles ou livros através da sala.

Meio que quero fazer o mesmo com sua autobiografia. Esperava que ela tivesse visto a luz com o nascimento das meninas, mas não. Só há mais escuridão.

Sua autobiografia parece tão fria e dura, mas não sou mãe. Muitas mães se sentem assim sobre os filhos no início? Se for, elas certamente não são honestas sobre isso. Provavelmente é semelhante a quando uma mãe afirma que não tem um filho favorito, mas provavelmente tem. É uma coisa não dita entre mães. Suponho que você não perceba até ser uma.

Ou talvez Verity simplesmente não merecesse ser mãe. Penso em ter filhos às vezes. Farei trinta e dois em breve e estaria mentindo se dissesse que não me preocupo que a oportunidade possa nunca aparecer. Mas se estiver num relacionamento com um homem que gostaria de ter meu filho, seria alguém como Jeremy. Em vez de apreciar o maravilhoso pai que ele parece ser, Verity se ressentia.

O amor de Jeremy por suas garotas pareceu genuíno desde o começo. Ainda parece. E não faz tanto tempo desde que ele as perdeu. Continuo me esquecendo disso. Ele provavelmente ainda está vivendo em um dos estágios do luto, enquanto lida com Verity e está lá para Crew, garantindo que a renda da casa com a qual a família se acostumou não pare completamente. Apenas uma fração do que ele passou seria demais para algumas pessoas. Mas ele está lidando com tudo isso de uma só vez.

Encontrei caixas de fotos no armário do escritório da Verity esta semana enquanto vasculhava suas coisas. Puxei uma, mas ainda não olhei as fotos. Parece outra invasão de privacidade da minha parte. Esta família, pelo menos

Jeremy, confiou em mim para terminar esta série e continuo sendo desviada por minha obsessão com Verity.

Mas se Verity colocou muito de si na série, realmente preciso conhecê-la da melhor forma possível. Isso realmente não é bisbilhotar. É pesquisa. Aí está. Justificativa concluída.

Pego a caixa de fotos na mesa da cozinha, levanto a tampa e, em seguida, puxo um punhado, imaginando quem as tirou. As pessoas não têm muitas imagens físicas em mãos hoje em dia, graças à invenção dos smartphones. Mas há tantas fotos das crianças aqui. Alguém se deu ao trabalho de garantir que cada foto estivesse em boa forma. Minha aposta é que foi Jeremy.

Pego uma foto de Chastin. Um close. Olho sua cicatriz por um momento. Não consegui parar de pensar nisso ontem, então pesquisei no Google para descobrir se as tentativas de aborto podem realmente causar danos no útero.

Isso é algo que nunca mais vou fazer. Infelizmente, muitos bebês sobrevivem às tentativas e nascem desfigurados de maneiras muito piores do que apenas uma pequena cicatriz. Chastin teve sorte. Ela e Harper tiveram sorte.

Bem... Até não terem mais.

Os passos de Jeremy se aproximam das escadas. Não tento esconder as fotos, porque não tenho certeza se ele se importa que eu esteja as olhando.

Quando ele entra na cozinha, sorrio e continuo classificando as fotos. Ele hesita na caminhada para a geladeira, os olhos caindo na caixa sobre a mesa.

“Sinto que conhecê-la ajuda a me colocar em sua mente”, explico. “Ajuda com a escrita.” Olho para longe, para uma foto de Harper, aquela que raramente sorri nelas.

Jeremy se senta ao meu lado e pega uma das fotos de Chastin.

“Por que Harper nunca sorria?”

Jeremy se inclina, tirando a foto de Harper da minha mão. “Ela foi diagnosticada com síndrome de Asperger quando tinha três anos. Ela não era muito expressiva.”

Ele passa o dedo sobre a foto e depois a coloca de lado, tirando outra da

caixa. Este é da Verity e das garotas. Ele a entrega para mim. As três usam pijamas iguais. Se Verity não amava as garotas nessa foto, ela certamente foi boa em fingir.

“Nosso último Natal antes de Crew nascer”, ele diz, explicando a foto. Ele pega um punhado e começa a folhear. Ele faz uma pausa de vez em quando em fotos das garotas, mas passa pelas de Verity.

“Aqui”, diz ele, puxando uma da pilha. “Esta é minha favorita delas. Um raro sorriso de Harper. Ela era obcecada por animais, então montamos um zoológico e o colocamos no quintal em seu quinto aniversário.”

Sorrio para a foto. Mas principalmente porque Jeremy está na foto com um raro olhar de alegria no rosto. “Como elas eram?”

“Chastin era protetora. Um pouco cabeça quente. Mesmo quando jovens, ela podia sentir que Harper era diferente. Ela foi sua mãe. Ela tentaria dizer a mim e a Verity como sermos pais. E Deus, quando Crew nasceu, pensamos que teríamos que entregá-lo a ela. Ela estava obcecada.” Ele coloca uma foto de Chastin na pilha de fotos que já viu. “Ela teria sido uma grande mãe algum dia.”

Ele pega uma foto de Harper. “Harper era especial para mim. Às vezes não tenho certeza se Verity a entendeu como eu, mas é quase como se eu pudesse sentir as necessidades dela, sabe? Ela tinha dificuldade em expressar suas emoções, mas eu sabia o que a motivava, o que a fazia feliz, o que a deixava triste, mesmo quando ela não sabia como revelar isso para o mundo. Ela era feliz na maior parte. Ela não teve interesse imediato em Crew, no entanto. Não até ele ter três ou quatro anos e poder brincar com ela. Antes disso, ele poderia muito bem ter sido outro móvel.” Ele pega uma foto dos três. “Ele não perguntou sobre elas. Nem sequer uma vez. Nem sequer menciona seus nomes.”

“Isso te preocupa?”

Ele me olha. “Não sei se eu deveria estar aliviado ou preocupado.”

“Provavelmente ambos”, admito.

Ele pega uma foto de Verity e Crew, logo após o nascimento de Crew. “Ele foi à terapia por alguns meses. Mas eu estava com medo que fosse apenas um lembrete semanal das tragédias, então o tirei. Se ele mostrar sinais de que precisa quando for mais velho, irei levá-lo de novo. Vou me certificar de que ele

fique bem.”

“E você?”

Ele me olha de novo. “O que tem eu?”

“Como *você* está?”

Ele não quebra o contato visual. Nem hesita. “Meu mundo virou de cabeça para baixo quando Chastin morreu. E então, quando Harper se foi, acabou completamente.” Ele olha de volta para a caixa de fotos. “Quando recebi a ligação sobre Verity... a única coisa que restava para eu sentir era raiva.”

“De quem? Deus?”

“Não”, Jeremy diz, com sua voz calma. “Estava com raiva de Verity.”

Ele me olha e nem precisa dizer por que estava com raiva dela. *Ele acha que ela bateu na árvore de propósito.*

Está quieto no cômodo... Na casa. Ele nem está respirando.

Eventualmente, ele recua na cadeira e se levanta. Levanto com ele porque sinto que é a primeira vez que ele já admitiu isso para qualquer um. Talvez até para si mesmo. Posso notar que ele não quer que eu veja o que está pensando, porque ele se afasta e aperta as mãos atrás da cabeça. Coloco a mão em seu ombro e então me movo para estar na frente, quer ele queira ou não. Deslizo os braços ao redor de sua cintura, pressiono o rosto contra seu peito e o abraço. Seus braços apertam minhas costas com um suspiro pesado. Ele me aperta, bem forte e posso perceber que é um abraço necessário há muito tempo.

Ficamos assim por mais tempo do que um abraço deve durar, até que é óbvio para nós dois que não deveríamos ainda estar agarrados. A força em seu abraço diminui e, em algum momento, não estamos mais abraçando. Estamos *nos* abraçando. Sentindo o peso de quanto tempo tem sido desde que qualquer um de nós provavelmente sentiu isso. Está quieto na casa, então ouço quando ele tenta prender a respiração. Sinto toda sua hesitação quando a mão dele se move lentamente para a parte de trás da minha cabeça.

Meus olhos estão fechados, mas os abro porque quero olhá-lo. Há um puxão, inclinando minha cabeça para trás em sua mão enquanto levanto o rosto do seu peito.

Ele está me olhando agora e não tenho ideia se está prestes a me beijar ou se afastar, mas de qualquer forma, é tarde demais. Sinto tudo o que ele tem tentado não dizer na maneira como ele me segura. Pelo jeito que ele parou de respirar.

Posso senti-lo me aproximando de sua boca. Mas então seus olhos piscam e sua mão cai.

“Ei, amigo”, Jeremy diz, olhando por cima do meu ombro. Jeremy recua. Solta-me. Agarro as costas da cadeira, sentindo como se tivesse o dobro do peso agora que ele me soltou.

Olho para a porta e Crew está nos olhando. Nenhuma expressão. Ele se parece muito com Harper agora. Seus olhos caem para a caixa de fotos na mesa e ele corre na direção delas. *Arremessando-se*, quase.

Recuo com pressa, chocada com os movimentos. Ele está pegando as fotos, furiosamente e as jogando de volta na caixa.

“Crew”, Jeremy diz, com a voz suave. Ele tenta agarrar o pulso do filho, mas Crew se afasta. “Ei”, Jeremy diz, inclinando-se mais perto. Posso ouvir a confusão na voz de Jeremy, como se isso fosse um lado de Crew que ele nunca viu.

Crew começa a chorar enquanto joga todas as fotos de volta na caixa.

“Crew”, Jeremy diz, incapaz de esconder sua preocupação agora. “Estamos apenas olhando as fotos.” Ele tenta puxar Crew, mas Crew se afasta. Jeremy o pega novamente, puxando-o para o peito.

“Coloque-as de volta!” Crew grita para mim. “Eu não quero vê-las!”

Pego o resto das fotos e enfio na caixa. Coloco a tampa e a pego, apertando-a contra o peito enquanto Crew tenta sair do aperto de Jeremy. Jeremy o pega e sai correndo da cozinha com ele. Eles sobem e fico de pé na cozinha, abalada e preocupada.

O que é que foi isso?

O andar de cima fica em silêncio por vários minutos. Não ouço Crew brigando ou gritando, então acho que é um bom sinal. Mas meus joelhos estão fracos e minha cabeça parece pesada. Preciso me deitar. Talvez não devesse ter

tomado dois Xanax hoje à noite. Ou talvez não devesse ter trazido fotos e as colocado em exibição na frente de uma família que ainda não se recuperou da perda. Ou talvez eu não devesse quase ter beijado um homem casado. Esfrego a testa, subitamente sentindo a vontade de fugir — e nunca mais voltar para esta triste casa.

O que ainda estou fazendo aqui?

11

Mesmo no auge do dia, quando o sol está vigiando esta parte do mundo, ainda parece estranho dentro desta casa. São quatro horas da tarde. Jeremy está trabalhando no cais novamente e Crew brinca perto dele na areia.

Uma energia inquietante vibra em toda a casa. Está sempre aqui e não consigo me mexer. Parece estar piorando à noite, sombria e intensa. Tenho certeza que é principalmente na minha cabeça, mas isso não me deixa à vontade, porque as coisas que espreitam dentro da mente podem ser tão perigosas quanto as ameaças tangíveis.

Acordei ontem à noite para usar o banheiro. Pensei ter ouvido um barulho no corredor — passos mais leves que os de Jeremy e mais pesados que os de Crew. Então, pouco depois, parecia que os degraus rangiam, um de cada vez, como se alguém estivesse deliberadamente subindo devagar. Demorei um tempo para dormir depois disso, porque numa casa desse tamanho, ruídos são inevitáveis. E com a imaginação de um escritor, todo ruído se torna ameaça.

Minha cabeça idiota volta para a porta do escritório. Estou nervosa, mesmo agora e tudo que ouço é April na cozinha conversando com alguém. Ela usa o mesmo tom calmante de quando fala com Verity, como se estivesse tentando convencê-la a voltar à vida. Nunca ouvi Jeremy falar com sua esposa. Mas ele admitiu ter raiva dela. Ele ainda a ama? Ele senta em seu quarto e lhe diz o quanto sente falta do som de sua voz? Isso parece algo que ele faria. Ou fez. *Mas ainda faz?*

Ele cuida dela, ajuda a alimentá-la às vezes, mas nunca o vi falar diretamente com ela. Isso me faz pensar se ele não acredita que ela está mais lá. Como se a pessoa com quem se importasse não fosse mais sua esposa.

Talvez ele consiga separar sua raiva e decepção em relação à Verity da mulher que ele cuida, porque ele não sente mais ser a mesma pessoa.

Vou para a cozinha porque estou com fome, mas também porque estou curiosa para ver April enquanto ela interage com Verity. Estou curiosa para ver se Verity tem algum tipo de resposta física à interação.

April está sentada à mesa com o almoço da Verity. Abro a geladeira e vejo como ela a alimenta. A mandíbula de Verity se move para frente e para trás, quase roboticamente, depois que April a alimenta com uma colherada de purê de batatas. São sempre comidas suaves. Purê de batatas, molho de maçã, legumes misturados. Alimentos hospitalares, sem graça e fáceis de ingerir. Pego uma xícara de pudim de Crew e me sento à mesa com April e Verity. April me reconhece com um olhar fugaz e um aceno de cabeça, mas nada mais.

Depois de comer algumas mordidas do pudim, decido tentar conversar com essa mulher que se recusa a interagir comigo.

“Há quanto tempo você é enfermeira?”

April tira a colher da boca de Verity e a afunda nas batatas. “Tempo suficiente para estar na contagem regressiva de um dígito para a aposentadoria.”

“Legal.”

“Você é minha paciente favorita”, April diz à Verity. “Sem dúvida.”

Ela está direcionando suas respostas a Verity, mesmo sendo eu quem faz as perguntas.

“Há quanto tempo trabalha com Verity?”

Mais uma vez, April responde a Verity. “Há quanto tempo fazemos isso?” Ela pergunta, como se Verity fosse responder. “Quatro semanas?” Ela olha para mim. “Sim, fui oficialmente contratada cerca de quatro semanas atrás.”

“Você conheceu a família? Antes do acidente de Verity?”

“Não.” April limpa a boca de Verity e depois coloca a bandeja de comida na mesa. “Posso falar com você por um momento?” Ela inclina a cabeça em direção ao corredor.

Paro, perguntando-me por que precisamos deixar a cozinha para que ela tenha uma conversa comigo. Levanto, porém e a sigo para fora. Inclino-me contra a parede e coloco outro pedaço de pudim na boca enquanto April enfia as mãos nos bolsos de sua blusa.

“Não espero que saiba disso, especialmente se nunca estive com alguém na condição de Verity. Mas não é respeitoso discutir sobre pessoas como ela,

como se não estivessem bem na sua frente.”

Estou segurando a colher, prestes a tirá-la da boca. Paro por um momento, depois enfio a colher de volta na xícara de pudim. “Desculpe. Não sabia que era isso que eu estava fazendo.”

“É fácil fazer, especialmente se acredita que a pessoa não pode reconhecê-la. O cérebro de Verity não processa como costumava fazer, obviamente, mas não sabemos o quanto ela entende. Apenas observe como diz as coisas na presença dela.”

Fico ereta, afastando-me da posição casual contra a parede. Não tinha ideia de que estava a insultando.

“Claro”, digo, assentindo.

April sorri e é realmente genuíno pela primeira vez.

Felizmente, nosso momento estranho termina graças a Crew. Ele corre pela porta dos fundos, segurando algo em suas mãos. Ele corre entre mim e April, para a cozinha. April o segue.

“Mãe”, Crew diz, animadamente. “Mãe, mãe, encontrei uma tartaruga.”

Ele está na frente dela, segurando a tartaruga para ela ver. Ele corre os dedos pela casca. “Mãe, *olhe* para ela.” Ele está segurando mais alto agora, tentando forçar Verity a fazer contato visual com a tartaruga. Claro que ela não faz. Ele tem apenas cinco anos, então provavelmente não consegue processar todas as razões pelas quais ela não pode mais falar com ele, olhá-lo ou reagir à sua excitação. Imediatamente me entristeço, sabendo que ele provavelmente ainda está esperando que ela se recupere completamente.

“Crew”, digo, caminhando até ele. “Deixe-me ver sua tartaruga.”

Ele se vira e a mostra para mim. “Não é uma tartaruga nadadora. Papai disse que elas têm marcas nos pescoços.”

“Uau”, digo. “Isso é realmente incrível. Vamos sair e encontrar algo para colocá-la.”

Crew pula de excitação, depois passa por mim. Eu o sigo para fora da casa e o ajudo a vasculhar a propriedade até encontrar um velho balde vermelho

para colocá-la. Então Crew senta na grama e coloca o balde no colo.

Sento ao lado dele, em parte porque estou começando a me sentir realmente mal por esse garoto, mas também porque temos uma visão clara de Jeremy desse lugar no quintal enquanto ele trabalha no cais.

“Papai disse que não posso ter outra tartaruga porque matei minha última.”

Balanço a cabeça em direção a Crew.

“Você a matou? Como foi?”

“Perdi ela na casa”, ele diz. “Mamãe encontrou debaixo do sofá e ela estava morta.”

Oh. Ok. Minha mente vai para um lugar muito mais sinistro com essas informações. Por um segundo, pensei que ele tivesse assassinado a tartaruga intencionalmente.

“Nós poderíamos deixá-la aqui mesmo, na grama”, digo a ele. “Dessa forma, pode assistir e ver em que direção ela vai. Ela pode levá-la à sua família secreta de tartarugas.”

Crew a pega do balde. “Acha que ela tem uma família?”

“Ela pode ter.”

“Poderia ter bebês também.”

“Com certeza.”

Crew a coloca na grama, mas naturalmente a tartaruga está assustada demais para se mexer. Nós a observamos por um tempo, esperando que saia de sua concha. Posso ver Jeremy se aproximando pelo canto do olho. Quando ele está mais perto, olho-o, protegendo meus olhos do sol com a mão.

“O que vocês acharam?”

“Uma tartaruga”, Crew diz. “Não se preocupe, não ficarei com ela.”

Jeremy me dá um sorriso apreciativo. Então se senta ao lado de Crew na grama. Crew se aproxima mais dele, mas quando ele agarra seu braço, Crew se afasta. “Nojento. Você está suado.”

Ele está suado, mas realmente não acho nojento.

Crew empurra a grama. “Estou com fome. Você prometeu que poderíamos sair para comer esta noite. Não vamos a um restaurante há anos.”

Jeremy ri. “Anos? Faz apenas uma semana desde que te levei ao McDonald's.”

Crew diz: “Sim, mas costumávamos sair para comer o tempo todo antes que minhas irmãs morressem.”

Observo os ombros de Jeremy tensionarem com o comentário. Ele mesmo disse que Crew não mencionou as garotas desde que morreram, então este momento é significativo.

Jeremy respira fundo e depois dá um tapinha nas costas de Crew. “Você está certo. Vá lavar as mãos e se arrumar. Precisamos voltar antes de April sair hoje à noite.”

Crew corre em direção à casa, esquecendo sobre a tartaruga. Jeremy o observa por um tempo, com os olhos cheios de pensamentos. Então ele se levanta e estende a mão para me ajudar. “Quer vir?” Ele pergunta.

Ele está me convidando para um jantar amigável com seu filho, mas meu coração melancólico responde como se eu tivesse acabado de ser convidada para um encontro. Sorrio enquanto limpo minha calça jeans. “Eu adoraria.”

*

Não tive razão para fazer um esforço em me arrumar desde que cheguei à casa de Jeremy. Embora ainda não tenha feito muito esforço antes de sairmos, Jeremy deve ter notado o rímel, o brilho labial e o fato de que meu cabelo está solto pela primeira vez. Quando chegamos ao restaurante e ele segura a porta para mim, ele diz baixinho: “Você está muita bonita.”

Seu elogio se instala no meu estômago e ainda posso senti-lo, embora tenhamos acabado de comer. Crew está sentado do mesmo lado da mesa que Jeremy. Ele está contando piadas já que terminou de comer sua sobremesa.

“Eu tenho outra”, Crew diz. “Qual o diminutivo de E.T.?”

Jeremy tenta não responder às piadas de Crew dizendo que as ouviu um

milhão de vezes. Sorrio para Crew e finjo não saber a resposta.

“Porque ele tem pernas pequenas”, Crew diz, caindo de volta em sua cadeira com risadas. Sua reação às próprias piadas me faz rir mais do que as próprias piadas.

E então, “Por que não jogam pôquer na selva?”

“Eu não sei, por quê?” Digo.

“Muitas chitas!”

Não sei se parei de rir desde que ele começou a nos contar piadas.

“Sua vez”, Crew diz.

“Eu?” Pergunto.

“Sim, é a sua vez de contar uma piada.”

Oh Deus. Estou me sentindo pressionada por uma criança de cinco anos. “Ok, deixe-me pensar.” Alguns segundos depois, estalo os dedos. “Ok, eu tenho uma. O que é verde, peludo e se cair de uma árvore, pode te matar?”

Crew se inclina para frente com o queixo nas mãos. “Ummmm. Eu não sei.”

“Um piano verde peludo.”

Crew não ri da minha piada. Nem Jeremy. *No início.*

Então, alguns segundos depois, Jeremy solta uma gargalhada que me faz sorrir.

“Eu não entendi”, Crew diz.

Jeremy ainda está rindo, balançando a cabeça.

Crew olha para Jeremy. “Como isso é engraçado?”

Jeremy coloca o braço em volta de Crew. “Não é”, ele diz. “É engraçado porque *não é* engraçado.”

Crew olha para mim. “Não é assim que as piadas devem funcionar.”

“Ok, eu tenho outra”, digo. “O que é vermelho e tem forma de balde?”

Crew encolhe os ombros.

“Um balde azul pintado de vermelho.”

Jeremy cerra o queixo, tentando conter o riso. Vê-lo rir é provavelmente a melhor coisa que aconteceu desde que apareci aqui.

Crew franze o nariz. “Você não é muito boa em contar piadas.”

“Vamos. Essa foi engraçada.”

Crew sacode a cabeça, desapontado. “Espero que não tente fazer piadas em seus livros.”

Jeremy se recosta no banco e agarra o estomago, tentando conter o riso quando a garçonete se aproxima com a conta. Jeremy a pega. “Eu pago”, ele consegue dizer.

Quando voltamos para a casa, Crew entra antes de nós. “Corra lá em cima e avise April que estamos de volta”, Jeremy grita para dele.

Jeremy fecha a porta que leva à garagem e nós dois paramos antes de entrar na casa. Estamos escondidos num canto escuro perto das escadas, mas um feixe de luz da cozinha atinge o seu rosto.

“Obrigada pelo jantar. Foi divertido.”

Jeremy tira o casaco. “Foi.” Ele está sorrindo enquanto pendura o casaco num cabide ao lado da porta. Ele parece diferente hoje à noite, como se estivesse menos sobrecarregado por sua vida do que o normal. “Eu deveria sair com Crew mais vezes.”

Concordo com a cabeça, deslizando as mãos nos bolsos de trás. Os próximos segundos são cheios de um denso silêncio. Quase parece uma despedida de encontro, quando não consegue decidir entre um beijo ou um abraço.

Claro, nem seria apropriado neste caso porque não é um encontro.

Por que se parece com um?

Nosso contato visual é quebrado quando Crew começa a descer as

escadas. O olhar de Jeremy desvia para seus pés por um momento, mas antes que ele se afaste, vejo-o soltar uma respiração rápida, como se Crew tivesse interrompido algo que Jeremy iria se arrepender de fazer. Algo que não tenho certeza se *eu* teria lamentado.

Suspiro pesadamente e, em seguida, vou direto ao escritório de Verity e fecho a porta. Preciso me distrair. Sinto um vazio — uma dor no estômago que não acho que vá desaparecer. Como se precisasse de mais momentos com ele. Momentos que não consigo. Momentos que eu *não deveria* ter.

Folheio as páginas do manuscrito de Verity, na esperança de encontrar uma cena íntima com Jeremy.

Não tenho certeza do tipo de pessoa que me torna este momento, porque ler isso está errado em muitos níveis, mas não é tão errado quanto fisicamente cruzar a linha com ele.

Não posso tê-lo na vida real, mas posso aprender como ele é na cama para ajudar em todas as fantasias que provavelmente terei sobre ele.

Que assim seja

Capítulo Cinco

Eu estava prestes a ter uma síncope. Posso sentir. Ou pelo menos um colapso. Uma crise de stress. Um calafrio. Qualquer um seria inadequado, no entanto.

Simplesmente não aguentava mais. Se uma delas não estava chorando, a outra estava. Se uma delas não estava com fome, a outra estava. Elas raramente dormiam ao mesmo tempo. Jeremy foi uma grande ajuda e fez metade do trabalho, mas se tivéssemos apenas um filho, eu pelo menos teria conseguido um descanso. Mas havia duas, então era como se cada um de nós fosse pai solteiro em tempo integral de uma criança.

Jeremy ainda vendia imóveis na época em que as meninas nasceram. Ele tirou duas semanas de folga para me ajudar, mas suas duas semanas acabaram e ele precisava voltar ao trabalho. Não podíamos pagar uma babá porque o adiantamento que recebi recentemente pela venda do meu primeiro manuscrito era pequeno. Eu estava com medo de ficar sozinha com os bebês enquanto ele estava fora de casa por nove horas todos os dias.

No entanto, uma vez que Jeremy voltou ao trabalho, acabou sendo a melhor coisa que já me aconteceu.

Ele saía às sete da manhã. Eu acordava com ele para que pudesse me ver cuidando das meninas. Depois que ele ia, eu as colocava de volta em seus berços, desligava os monitores e voltava para a cama. Desde o dia em que ele voltou ao trabalho, comecei a dormir mais do que acho que consegui antes. Estávamos num prédio de esquina e o quarto delas não ficava em cima de nenhum outro apartamento, então ninguém podia ouvi-las chorar.

Eu não conseguia ouvi-las quando colocava meus tampões de ouvido.

Depois de três dias com Jeremy indo ao trabalho, senti que minha vida

voltava ao normal. Eu dormia durante o dia, mas antes que Jeremy voltasse para casa, eu as alimentava, dava banho e fazia o jantar. Toda noite, quando ele entrava pela porta, os bebês estavam tranquilos por finalmente serem cuidadas, o cheiro do jantar vinha da cozinha e ele ficava encantado com o quão bem eu estava lidando com a vida.

As mamadas noturnas nem me incomodavam naquele momento, porque meu horário de sono havia mudado. Eu dormia enquanto Jeremy estava no trabalho. E as meninas dormiam bem à noite devido à exaustão de chorar o dia todo. Mas o choro provavelmente era bom para elas. Eu era capaz de escrever quase todas as noites enquanto todos dormiam, então estava avançada no trabalho.

A única coisa que me faltava era o quarto. Ainda não tinha sido liberada para fazer sexo pelo médico, já que eram apenas quatro semanas desde o nascimento delas. Mas eu sabia que se não mantivesse essa parte do casamento viva, isso poderia se espalhar rapidamente para outras áreas. Uma vida sexual terrível é como um vírus. Seu casamento pode ser saudável em todos os aspectos, mas uma vez que o sexo acaba, ele começa a infectar todas as outras partes do relacionamento.

Eu estava determinada a não deixar isso acontecer conosco.

Havia tentado na noite anterior fazer sexo com ele, mas Jeremy estava preocupado em me machucar. Apesar de ter sido uma cesariana, ele ainda se preocupava com a incisão. Tinha lido on-line que não podia sequer me tocar com o dedo até termos a aprovação do médico e essa consulta ainda estava a duas semanas de distância. Ele se recusou a fazer sexo comigo até que um profissional aprovasse.

Eu não queria esperar tanto, no entanto. Eu não podia. Sentia falta dele. Sentia falta dessa conexão.

Jeremy acordou em uma noite às duas da manhã porque minha língua estava deslizando em seu pau. Estou quase certa de que seu pau estava duro antes que ele estivesse totalmente acordado.

A única razão pela qual sabia que ele estava acordado era porque a mão dele se moveu para minha cabeça e seus dedos serpentearam em meu cabelo. Esse é o único movimento que ele fez. Ele nem levantou a cabeça do travesseiro

para me olhar e, por algum motivo, gostei disso. Nem tenho certeza se ele abriu os olhos. Ele permaneceu imóvel e silencioso enquanto eu o deixava louco com a língua.

Eu o lambi, provoquei e toquei por quinze minutos sem nunca o colocar dentro da minha boca. Eu sabia o quanto ele queria que o fizesse, porque estava ficando inquieto e precisava do alívio, mas não queria que ele se aliviasse na minha boca. Eu queria que ele me fodesse pela primeira vez em semanas.

Sua mão estava impaciente, apertando a parte de trás da minha cabeça, pressionando-me em seu pau enquanto ele silenciosamente me implorava para levá-lo na boca. Recusei-me e continuei a lutar contra a pressão da mão dele enquanto o beijava e lambia, quando tudo o que ele queria fazer era entrar na minha boca.

Quando tive certeza de que o havia deixado tão louco que seu desejo superou a preocupação por mim, afastei-me. Ele me seguiu. Deitei de costas, abri as pernas e ele estava dentro de mim sem pensar duas vezes se era cedo demais para estar lá. Ele nem foi gentil. Era como se minha língua o levasse ao ponto da loucura, porque ele estava me fodendo com tanta força, que realmente *machucou*.

Durou quase uma hora e meia porque assim que ele terminou, eu o chupei até que estava duro novamente. Nas duas vezes que transamos, nunca dissemos uma palavra. E mesmo depois que tudo acabou e fui esmagada pelo peso do seu corpo exausto, nós ainda não falamos. Ele rolou por cima e me abraçou. Nossos lençóis estavam cobertos de suor e sêmen, mas estávamos cansados demais para nos importar.

Soube então que estava tudo bem. Nós ficaríamos bem. Jeremy ainda adorava o meu corpo tanto quanto sempre adorou.

As garotas podiam ter tirado muito de nós até então, mas seu desejo era a única coisa que eu sabia que sempre seria só meu.

12

Este capítulo foi o mais difícil de continuar lendo. Como uma mãe conseguia dormir profundamente enquanto seus bebês choravam me deixa perplexa. Ela é insensível.

Tive a impressão de que Verity poderia ter sido uma sociopata, mas agora estou mais inclinada a psicopata.

Guardo o manuscrito e uso o computador de Verity para refrescar minha memória da definição exata de psicopata. Percorro cada traço de personalidade. *Mentiroso patológico, astuto e manipulador, falta de remorso ou culpa, insensibilidade e falta de empatia, resposta emocional superficial.*

Ela exibe todas as características. A única coisa sobre ela que me faz questionar se é uma psicopata é sua obsessão por Jeremy. Os psicopatas acham mais difícil se apaixonar e, se o fazem, é difícil para eles manter esse amor. Eles tendem a se mover rapidamente de uma pessoa para outra. Mas Verity não queria sair de perto do Jeremy. Ele era todo o seu foco.

O homem é casado com uma psicopata e não faz ideia porque ela fez tudo o que pôde para esconder isso.

Há uma batida suave na porta do escritório, então minimizo a tela no computador. Quando abro a porta, Jeremy está no corredor. Seu cabelo está úmido e ele usa uma camiseta branca com uma calça de pijama preta.

Este é o meu look favorito dele. Descalço, casual, descontraído. É sexy como o inferno e odeio quão atraída estou. Será que me sentiria atraída por ele se não fosse pelos detalhes íntimos que li naquele manuscrito?

“Desculpe incomodá-la. Eu preciso de um favor.”

“Está tudo bem?”

Ele faz sinal para eu segui-lo. “Há um antigo aquário em algum lugar no porão. Só preciso que mantenha a porta aberta, para que eu possa levá-lo para cima e limpá-lo para Crew.”

Eu sorrio. “Vai deixá-lo ter uma tartaruga?”

“Sim, ele parecia animado hoje. Ele é um pouco mais velho agora, então espero que se lembre de alimentar a tartaruga dessa vez.” Jeremy alcança a porta do porão e a abre. “A porta foi instalada por trás. É impossível subir as escadas com as mãos cheias ou não poderei abri-la para sair.”

Jeremy acende uma luz e começa a descer as escadas. O porão não parece uma extensão da casa. Parece abandonado e descuidado, como uma criança negligenciada. Degraus rangem e há poeira no corrimão e nas paredes. Normalmente, teria zero desejo de entrar num porão tão hostil. Especialmente em uma casa que já me apavora. Mas o porão é o único lugar nesta casa que ainda tenho para ver e estou curiosa para saber o que está lá embaixo. Que tipo de coisas Verity poderia ter guardado?

A escada que leva ao porão é escura porque o interruptor de luz no topo alimentava somente dentro do porão. Quando chego ao último degrau, fico aliviada ao ver que o lugar não é tão estranho quanto esperava. À esquerda, há uma mesa de escritório que parece não ter sido usada há algum tempo. Há pilhas de arquivos e papéis por toda a mesa, mas parece mais um canto usado para armazenamento do que um lugar onde uma pessoa poderia sentar e trabalhar.

À direita, estão caixas de coisas acumuladas ao longo dos anos. Algumas com tampas, outras sem. Há um monitor de vídeo de bebê saindo de uma das caixas e me encolho, pensando no capítulo que acabei de ler e como Verity admitiu desligá-lo durante o dia para que não pudesse ouvi-las chorando.

Jeremy está buscando através de uma coleção de coisas por trás e entre as caixas.

“Você costumava trabalhar aqui em baixo?” Pergunto a ele.

“Sim. Eu possuía uma empresa imobiliária e trazia muito trabalho para casa na maioria dos dias, então este era o meu escritório.” Ele levanta um lençol e o joga de lado, revelando um aquário coberto por uma camada de poeira. “Bingo.” Ele começa a vasculhar o conteúdo dentro do aquário para garantir que tem todas as peças.

Ainda estou pensando sobre a carreira que ele mencionou casualmente. “Você possuía sua própria empresa?”

Ele levanta o aquário e o leva até a mesa do outro lado da sala. Crio espaço empurrando papéis e arquivos para longe para que ele possa colocá-lo no lugar.

“Sim. Comecei no mesmo ano em que a Verity começou a escrever.”

“Você gostava?”

Ele concorda. “Sim. Era muito trabalho, mas eu era bom.” Ele conecta a tampa do aquário a uma tomada, verificando se a luz acoplada ainda funciona. “Quando o primeiro livro de Verity foi lançado, pensamos que era mais um hobby do que uma carreira de verdade. Quando ela vendeu, ainda não levamos muito a sério. Mas então a notícia começou a sair e mais cópias de seus livros foram vendidas. Depois de alguns anos, seus cheques começaram a fazer com que os meus parecessem engraçados.” Ele ri, como se fosse uma lembrança afetuosa e não uma que o incomoda. “No momento em que ela ficou grávida de Crew, nós dois sabíamos que eu estava trabalhando apenas por trabalhar. Não porque minha renda tinha um impacto real em nosso estilo de vida. Era a única escolha, na verdade. Eu desisti já que o trabalho exigia muito do meu tempo.” Ele desconecta a luz do aquário, e quando faz isso, há sons de estalos atrás de nós seguido pela fuga da única luz que ilumina o porão.

Está escuro como breu agora. Sei que ele está bem na minha frente, mas não consigo mais vê-lo. Meu pulso acelera e então sinto sua mão no meu braço. “Aqui”, ele diz, levando minha mão para o seu ombro. “Deve ter queimado um disjuntor. Ande atrás de mim e, quando chegarmos ao topo da escada, basta avançar e abrir a porta.”

Sinto seus músculos do ombro contraírem quando ele levanta o aquário. Mantenho a mão em seu ombro, seguindo de perto atrás dele enquanto ele caminha em direção às escadas. Ele dá cada passo devagar, provavelmente para o meu benefício. Quando para, ele se move de modo que suas costas estejam contra a parede. Deslizo em torno dele e sinto a maçaneta. Abro a porta e luz entra.

Jeremy sai primeiro, e assim que ele passa, rapidamente fecho a porta, fazendo com que ela bata. Ele ri quando solto uma respiração instável.

“Não é fã de porões, hein?”

Nego com a cabeça. “Não sou fã de porões *escuros*.”

Jeremy anda com o aquário até a mesa da cozinha e olha-o. “Isso é um monte de poeira.” Ele o pega de novo. “Importa-se, se eu o lavar no chuveiro principal? Seria mais fácil do que tentar fazer isso na pia.”

Sacudo a cabeça. “De modo nenhum.”

Jeremy leva o aquário para o chuveiro principal. Parte de mim quer segui-lo e ajudar, mas não o faço. Volto para o escritório e faço o melhor para me concentrar na série na qual deveria estar trabalhando. Pensamentos de Verity continuam a me distrair como fazem toda vez que termino um capítulo de sua autobiografia. No entanto, não consigo parar de ler. É como um acidente de trem e Jeremy nem percebe que foi destruído.

Escolho trabalhar na série em vez de ler mais do manuscrito, mas fiz muito pouco quando Jeremy termina no banheiro. Decido me dar uma noite de folga e voltar para o quarto.

Depois de lavar o rosto e escovar os dentes, olho o punhado de camisetas que trouxe comigo e estão penduradas no armário. Não tenho nenhum desejo de usar uma delas, então começo a vasculhar as camisas de Jeremy. A camisa que ele me emprestou cheirava a ele durante o dia que a usei. Procuro até encontrar uma camiseta sua que seja macia o suficiente para dormir. Em pequenas letras sobre o peito esquerdo, lê-se: “Imobiliária Crawford.”

Coloco a camiseta sobre a cabeça e, em seguida, caminho até a cama. Antes de subir, concentro-me nas marcas de mordida na cabeceira. Chego mais perto, passando o polegar sobre elas.

Olho o comprimento da cabeceira e percebo que há mais de uma marca de dentes. Há cinco ou seis áreas onde Verity mordeu a cabeceira da cama, algumas não tão notáveis quanto outras até que veja de perto.

Rastejo para a cama e levanto meus joelhos enquanto encaro a cabeceira. Sento em um travesseiro e imagino estar nesta posição — sobre o rosto de Jeremy enquanto aperto a cabeceira da cama. Fecho os olhos e coloco a mão na camiseta de Jeremy, imaginando que é a mão dele que sobe por meu abdômen e acaricia o seio.

Meus lábios se separam e ofego, mas um ruído acima de mim me tira do momento. Olho para o teto e ouço o som da cama de Verity quando começa a zumbir e se mexer.

Puxo o travesseiro e deito de costas enquanto olho o teto, imaginando o que — se há alguma coisa — passa pela mente de Verity. Há escuridão completa lá? Ela ouve o que as pessoas dizem? Ela sente a luz do sol quando está em sua pele? Ela sabe quem a toca?

Coloco meus braços ao lado e fico imóvel, imaginando como seria não ser capaz de controlar meus movimentos. Permaneço na mesma posição na cama, embora esteja ficando mais inquieta a cada minuto que passa. Preciso coçar o nariz e fico imaginando se isso incomoda Verity, não ser capaz de levantar a mão para se coçar. Ou se a condição dela permite que ela sinta uma coceira.

Fecho os olhos e tudo o que posso pensar é que Verity possivelmente merece a escuridão, o silêncio, a quietude. No entanto, para uma psicopata, ela certamente tem muitas pessoas à sua volta.

13

O cheiro é diferente quando abro os olhos. Assim como os ruídos.

Não estou confusa sobre onde estou. Sei que estou na casa de Jeremy. Só não estou no meu quarto.

Estou olhando uma parede. A parede do quarto principal é cinza claro. Esta parede é amarela. *Amarela, como as paredes dos quartos no andar de cima.*

A cama embaixo de mim começa a se mover, mas não é porque alguém na cama está se movendo. É diferente... Como se fosse... Mecânica.

Aperto meus olhos. Por favor, Deus. *Não. Não, não, não, por favor, não diga que estou na cama de Verity.*

Estou tremendo agora. Abro os olhos devagar e viro a cabeça o mais lentamente possível. Quando vejo a porta, depois a penteadeira e depois a TV montada na parede, saio da cama, caindo no chão. Eu me arrasto até parede e deslizo com as costas contra ela. Fecho meus olhos. Mal posso me levantar, estou tão histérica.

Meu corpo está tremendo tanto que posso ouvir quando respiro. Choramingo a princípio, mas assim que abro os olhos e vejo Verity em sua cama, grito.

Então cubro a boca com a mão.

Está escuro lá fora. Todo mundo está dormindo. Tenho que ficar quieta.

Faz tanto tempo desde que isso aconteceu. Anos, provavelmente. Mas está acontecendo, estou apavorada e não tenho ideia do por que acabei aqui. Foi porque estava pensando nela?

“Sonambulismo é sem padrão, Lowen. Não tem significado. Não tem relação com a intenção.”

Ouçó as palavras do meu terapeuta, mas não quero processá-las. *Preciso sair daqui. Mova-se, Lowen.*

Deslizo através da parede, mantendo-me tão longe da cama quanto possível enquanto caminho para a porta do quarto de Verity. Estou encostada na porta, lágrimas escorrem por meu rosto enquanto viro a maçaneta e a abro, saindo do quarto.

Jeremy me abraça, puxando-me para eu parar.

“Ei”, ele diz, virando-me para encará-lo. Ele vê as lágrimas em meu rosto, o terror em meus olhos. Ele afrouxa o aperto e, assim que o faz, eu corro. Corro pelo corredor, descendo as escadas e não paro até bater a porta do quarto e estar de volta na minha cama.

Que porra é essa? Que porra é essa?

Eu me enrolo nas cobertas, de frente para a porta. Meu coração começa a acelerar, então o aperto com uma mão.

A porta do quarto abre e depois fecha atrás de Jeremy. Ele está sem camisa, em uma calça de pijama de flanela vermelha. É tudo que vejo, um borrão de xadrez vermelho quando ele corre na minha direção. Então ele está de joelhos, a mão no meu braço, seus olhos procurando os meus.

“Lowen, o que aconteceu?”

“Sinto muito”, sussurro, limpando os olhos. “Eu sinto muito.”

“Por quê?”

Balanço a cabeça e sento na cama. Tenho que explicar para ele. Ele acaba de me pegar no quarto de sua esposa no meio da noite e sua cabeça provavelmente está repleta de perguntas. Perguntas que realmente não tenho respostas.

Jeremy se senta ao meu lado na cama, levantando uma perna para que possa me encarar. Ele coloca as duas mãos nos meus ombros e abaixa a cabeça, olhando-me com muita seriedade.

“O que aconteceu, Low?”

“Eu não sei”, digo, balançando para frente e para trás. “Às vezes eu ando em meu sono. Não tenho isso há muito tempo, mas tomei dois Xanax antes e acho que talvez... Não sei...” Eu soo tão histérica quanto me sinto. Jeremy deve

sentir, porque me puxa, colocando pressão em volta de mim com os braços, tentando me acalmar. Ele não me pergunta mais nada por alguns minutos. Ele corre uma mão reconfortante sobre a parte de trás da minha cabeça e é tão bom quanto parece ter o seu apoio, e me sinto culpada. Indigna.

Quando ele se afasta, posso ver as perguntas praticamente saindo de sua boca. “O que estava fazendo no quarto de Verity?”

Sacudo a cabeça. “Não sei. Acordei lá. Estava com medo e gritei e...”

Ele agarra minhas mãos. Apertando-as. “Você está bem.”

Quero concordar com ele, mas não posso. *Como vou dormir nesta casa depois disso?*

Não posso contar quantas vezes acordei em lugares aleatórios. Isso já aconteceu tantas vezes, passei por um período em que tinha três fechaduras na porta do quarto. Estou familiarizada com acordar em quartos estranhos, mas por que, com todos os cômodos desta casa, tinha que ser o de Verity?

“É por isso que queria uma fechadura na sua porta?” Ele pergunta. “Para se impedir de sair?”

Eu aceno, mas por alguma razão, minha resposta o faz rir.

“Jesus”, ele diz. “Eu pensei que era porque tivesse medo de *mim*.”

Fico feliz que ele veja diversão no momento, porque eu não consigo.

“Ei. *Ei*”, ele diz gentilmente, inclinando o meu queixo para que eu o olhe. “Você está bem. Está tudo bem. O sonambulismo é inofensivo”.

Balanço a cabeça em profunda discordância. “Não. *Não*, Jeremy. Não é.” Levanto a mão até o meu peito, ainda tocando meu coração. “Já acordei do lado de fora antes, acendi fogões e fornos enquanto dormia. Eu até...” Solto um suspiro. “Eu quebrei a mão durante o sono e nem senti até que acordei na manhã seguinte.”

Uma onda de adrenalina corre por meu corpo enquanto penso em como posso adicionar o que aconteceu agora à lista de coisas perturbadoras que fiz durante o sono. Embora inconsciente, ainda subi as escadas e me arrastei para a cama. Se sou capaz de fazer algo tão perturbador, de que mais sou capaz?

Tranquei a porta enquanto dormia ou esqueci? Não consigo nem lembrar.

Arrasto-me da cama e vou para o armário. Pego minha mala e as poucas camisetas que trouxe comigo que estão penduradas. “Eu devo ir.”

Jeremy não diz nada, então continuo a arrumar minhas coisas. Estou no banheiro reunindo meus artigos de higiene quando ele aparece na porta. “Você está indo?”

Eu concordo. “Acordei no *quarto* dela, Jeremy. Mesmo depois de você colocar uma tranca na minha porta. E se acontecer de novo? E se eu assustar Crew?” Abro o box do chuveiro para pegar minha navalha. “Deveria ter dito tudo isso antes de passar a noite aqui.”

Jeremy tira a navalha da minha mão. Ele coloca minha bolsa de artigos de higiene de volta no balcão. Então me puxa, segurando minha cabeça enquanto me abraça. “Você é sonâmbula, Low.” Ele pressiona um beijo reconfortante no topo da minha cabeça. “Você é sonâmbula. Não é nada de muito importante.”

Nada de muito importante?

Gargalho sem entusiasmo contra seu peito. “Eu gostaria que minha mãe achasse isso.”

Quando Jeremy recua, há preocupação em seus olhos. Mas ele está preocupado *por* mim ou *por causa* de mim? Ele me leva de volta para o quarto, onde faz com que eu me sente na cama enquanto começa a pendurar as camisetas que joguei na mala.

“Quer falar sobre isso?” Ele pergunta.

“Qual parte, exatamente?”

“Por que sua mãe pensou ser algo preocupante.”

Não quero falar sobre isso. Ele deve ver minha expressão mudar porque faz uma pausa enquanto pega outra camiseta. Ele a coloca de volta na mala e senta na cama.

“Não quero soar duro”, ele diz, encarando-me. “Mas tenho um filho. Ver você se preocupar com o que você mesma é capaz está começando a *me* preocupar. Por que está com tanto medo de si mesma?”

Uma pequena parte quer se defender, mas não há nada para falar. Não posso dizer a ele que sou inofensiva, porque não tenho certeza disso. Não posso dizer a ele que nunca vai se repetir, porque aconteceu há vinte minutos atrás. A única coisa que posso é dizer a ele que não sou tão horrível quanto sua esposa, mas não tenho certeza se acredito nisso.

Não sou horrível *ainda*, mas não confio em mim o suficiente para dizer que nunca serei.

Deixo cair os olhos para a cama e engulo, preparando-me para contar tudo sobre isso. Meu pulso começa a acelerar de novo. Quando olho para baixo, traço a cicatriz na palma da minha mão. “Não senti o que houve com o meu pulso quando isso aconteceu”, digo. “Acordei numa manhã quando tinha dez anos. Assim que abri os olhos, senti uma dor intensa disparar do meu pulso até o ombro. E então foi como se uma luz explodisse na minha cabeça. Eu gritei porque doía muito. Minha mãe correu para o meu quarto e lembro-me de estar deitada na cama com a maior dor que já tive, mas naquele instante percebi que minha porta estava destrancada. Eu sabia que tinha trancado na noite anterior.”

Olho acima da minha mão, de volta para Jeremy. “Eu não conseguia lembrar o que aconteceu, mas havia sangue em todo meu cobertor, meu travesseiro, meu colchão, em mim mesma. E sujeira nos meus pés, como se eu estivesse fora durante a noite. Eu não conseguia nem lembrar de sair do meu quarto. Nós tínhamos câmeras de segurança que monitoravam a frente da casa e vários dos quartos dentro dela. Antes que minha mãe as examinasse, ela me levou ao hospital porque o corte na minha mão precisava de pontos e meu pulso precisava de um raio X. Quando chegamos em casa mais tarde naquela tarde, ela puxou a filmagem de segurança do nosso jardim da frente. Sentamo-nos no sofá e assistimos.”

Alcanço a mesa de cabeceira e pego minha água para aliviar a secura na garganta. Antes de continuar, Jeremy coloca a mão no meu joelho, acariciando-o tranquilizadamente com o polegar para frente e para trás. Fico olhando enquanto termino de contar o que aconteceu.

“Às três horas da manhã, as imagens me mostraram andando para fora, até a varanda da frente. Subi no corrimão e fiquei lá. Foi tudo o que fiz no começo. Eu apenas... fiquei lá. Por uma hora, Jeremy. Nós assistimos a hora inteira, esperando, esperando ver se a filmagem estava quebrada porque ninguém

deveria ser capaz de permanecer equilibrada por tanto tempo. Não era natural, mas eu não me mexi. Não falei nenhuma palavra. E então... eu pulei. Devo ter machucado meu pulso na queda, mas nas filmagens não mostrei nenhuma reação. Levantei-me do chão e depois subi os degraus da varanda. Você podia ver o sangue já vindo da minha mão e pingando na varanda, mas minha expressão estava morta. Voltei direto para o quarto e dormi.”

Meus olhos voltaram para os dele. “Não tenho lembrança disso. Como posso infligir tanta dor a mim mesma e não estar ciente? Como posso ficar num corrimão por uma hora inteira sem balançar, nem um pouquinho? O vídeo me assustou mais do que a lesão.”

Mais uma vez, ele me abraça e fico tão agradecida que me agarro a ele com força. “Minha mãe me mandou para uma avaliação psiquiátrica de duas semanas depois disso”, digo em seu peito. “Quando voltei para casa, ela havia se mudado para mais longe no corredor, num quarto de hóspedes, onde colocou três fechaduras no interior da porta do quarto. Minha mãe tinha medo de mim.”

Jeremy enterra o rosto no meu cabelo e suspira pesadamente. “Sinto muito pelo que te aconteceu.”

Fecho meus olhos com força.

“E sinto muito que sua mãe não soube como lidar com isso. Deve ter sido difícil para você.”

Tudo sobre ele é exatamente o que eu precisava hoje à noite. Sua voz é calma e carinhosa e seus braços são protetores, sua presença é reconfortante. Não quero que ele me solte. Não quero pensar em acordar na cama de Verity. Não quero pensar em quanto não confio em minha mente enquanto durmo e nem quando estou acordada.

“Podemos conversar mais amanhã”, ele diz, soltando-me. “Vou pensar em algo para que se sinta mais confortável. Mas por enquanto, apenas tente dormir um pouco, ok?”

Ele aperta minhas mãos tranquilizadamente e depois vai para a porta. Sinto-me em pânico com o pensamento dele me deixar aqui sozinha. Para voltar a dormir. “O que faço pelo resto da noite? Apenas tranco a porta?”

Jeremy olha para o despertador. São dez para as cinco. Ele encara o

relógio por um momento e depois volta para mim. “Deite-se”, ele diz, levantando as cobertas. Obedeço e ele deita atrás de mim.

Ele me abraça, colocando minha cabeça sob seu queixo. “São quase cinco horas, não vou voltar a dormir. Mas ficarei com você.”

Ele não está esfregando minhas costas ou me acalmando de qualquer maneira. Se qualquer coisa, o braço que está me segurando é duro, como se ele não quisesse que eu interpretasse mal nossa posição nesta cama. Mas mesmo com o quão desconfortável ele está agora, aprecio que esteja fazendo um esforço para *me* deixar confortável.

Tento fechar os olhos e dormir, mas tudo que vejo é Verity. Tudo que ouço é o som da cama dela no andar de cima, em movimento.

É depois das seis quando ele presume que estou dormindo. Seu braço se move e seus dedos acariciam meu cabelo por um momento. É rápido, tão rápido quanto o beijo que ele dá no lado da minha cabeça, mas suas ações perduram muito depois que ele sai do quarto e fecha a porta.

14

Não voltei a dormir, é por isso que estou servindo minha segunda xícara de café e ainda é depois das oito da manhã.

Apoio-me na pia, olhando pela janela. Começou a chover por volta das cinco da manhã, enquanto estava na minha cama com Jeremy, fingindo dormir.

O carro de April estaciona no caminho lamacento enquanto olho pela janela. *Pergunto-me se Jeremy vai contar a ela o que aconteceu.*

Não o vi hoje de manhã. Suponho que ele está lá em cima, onde geralmente permanece até April chegar. Não quero estar na cozinha quando April entrar, então viro para o escritório. Inesperadamente esbarro em Jeremy, mas ele amortece o golpe dando um passo para trás e segurando meus ombros. Graças a Deus, porque isso evita que meu precioso café derrame.

Ele parece cansado, mas não posso julgá-lo por isso, já que é minha culpa. “Bom dia”, ele diz como se fosse tudo menos bom.

“Dia.” Estou sussurrando. Eu não sei por quê.

Ele se move de modo que está bem ao meu lado, inclinando-se para abafar o que está prestes a dizer. “Como se sentiria se eu colocasse uma tranca na porta do seu quarto?”

Sua pergunta me confunde. “Você já fez.”

“Do lado de fora da porta”, ele esclarece.

Oh.

“Posso trancá-la depois que você for dormir. Abro antes de acordar. Se precisar, pode me mandar uma mensagem ou ligar e a abro em dois segundos. Mas acho que você dormirá melhor, sabendo que não pode sair do quarto.”

Não tenho certeza de como me sinto sobre isso. Não sei por que parece mais drástico do que uma tranca do lado de dentro, quando ambas são usadas para o mesmo propósito: manter-me no quarto. Mesmo que o pensamento me

deixe desconfortável, fico *mais* desconfortável sabendo que posso sair do quarto novamente. “Eu gostaria. Obrigada.”

April entra na casa, parando quando passa pela cozinha. Jeremy ainda está me olhando, ignorando sua presença. “Sinto que você precisa de uma pausa hoje.”

Olho para longe de April, de volta para Jeremy. “Prefiro ficar ocupada.”

Ele me observa por um momento silencioso antes de concordar em compreensão.

“Bom *dia*”, diz April, deixando os sapatos enlameados na porta.

“Dia, April.” Jeremy diz isso tão casualmente, como se não tivesse nada a esconder. Ele passa por ela, em direção à porta dos fundos. Ela não se move. Ela me olha com os óculos na ponta do nariz.

“Dia, April.” Não pareço tão inocente quanto Jeremy. Volto ao escritório de Verity e começo meu dia, apesar de não conseguir superar o que aconteceu ontem à noite.

Passo a manhã on-line, atualizando os e-mails. Corey enviou algumas entrevistas, algo que nunca foi solicitado de mim. Muitas das perguntas são semelhantes, querendo saber por que Verity me contratou, o que pretendo fazer, como minha experiência anterior me colocou na posição de escrever para ela. Copio e colo muitas das respostas.

Depois do almoço, concentro-me no desenvolvimento de um esboço para o sétimo livro. Desisti de encontrar um, então trabalho na construção do romance a partir do zero. É difícil porque estou exausta da noite passada. Estou insegura. Mas tento não pensar no que aconteceu.

É tarde quando sinto cheiro de tacos. Isso me faz sorrir, sei que ele está fazendo porque eu pedi. Tenho certeza que ele vai guardar um prato como sempre faz. Simplesmente não estou numa posição onde me sinto confortável para jantar com eles quando April tem Verity na mesa.

Passo os próximos minutos pensando em Verity, perguntando-me por que estou com tanto medo dela. Olho a gaveta que contém o seu manuscrito. *Mais um capítulo e vou parar. É isso.*

Que assim seja

Capítulo Seis

Faz seis meses desde que elas nasceram e ainda desejava que não existissem.

Mas existem e Jeremy as ama. Então eu tentei. Às vezes eu me perguntava se valeria a pena. Às vezes queria fazer as malas, sair e nunca olhar para trás. Ele era a única coisa que me impedia de fazer isso. Eu sabia que uma vida sem Jeremy não era uma vida que eu queria. Eu tinha duas opções:

Viver com ele e as duas garotas que ele amava mais do que eu.

Viver sem ele.

Eles eram um pacote naquele momento. Odeio-me por não usar o controle de natalidade. Por pensar que poderia fazer isso e tudo ficaria bem. Nada estava bem. Não comigo de qualquer maneira. Era como se minha família existisse num globo de neve. No interior, tudo era acolhedor e perfeito, mas eu não fazia parte; era apenas uma estranha os olhando.

Estava nevando lá fora naquela noite, mas o apartamento estava quente. Mesmo assim, acordei com calafrios. Ou *tremores*, na verdade. Eu não conseguia parar de tremer. O pesadelo que tive foi tão vívido, senti os efeitos dele por horas depois de acordar. Uma ressaca de pesadelo.

Sonhei com o futuro, das garotas, Jeremy e eu. Elas tinham oito ou nove anos. Eu não tinha certeza porque não sabia muito sobre crianças e como são em cada estágio. Só me lembro de acordar e *sentir* que elas tinham oito ou nove anos.

No sonho, eu andava pelo quarto delas. Olhei para dentro e não conseguia entender o que estava vendo. Harper estava em cima de Chastin, cobrindo sua cabeça com um travesseiro. Corri para a cama, com medo de que fosse tarde

demaís. Afastei Harper de sua irmã e tirei o travesseiro. Olhei Chastin e, em seguida, cobri a boca com a mão, encobrindo um suspiro.

Não havia nada lá. A frente do rosto de Chastin era suave, como as costas de uma cabeça careca. Sem cicatriz. Sem olhos, sem boca. Nada para sufocar.

Olhei Harper, absorvendo sua expressão sinistra. “O que você *fez*?”

E então eu acordei.

Minha reação não foi com o sonho. Foi para o quanto pareceu uma premonição. E o quanto me destruiu.

Abracei meus joelhos, balançando para frente e para trás na cama, me perguntando o que era esse sentimento. Dor. Era dor. E... *mágoa*.

Eu senti *mágoa* no meu sonho? Quando pensei que Chastin estava morta, quis cair de joelhos e chorar. É exatamente como me senti quando pensei na possibilidade de Jeremy morrer. Eu perderia todo motivo para viver.

Sentei lá e chorei, a sensação era tão esmagadora. Eu tinha finalmente me conectado a elas? A Chastin, pelo menos? Era isso que parecia ser mãe? Amar tanto algo que o pensamento dele ser arrancado de você causa dor física?

Foi o máximo que senti desde que as meninas foram concebidas. Mesmo que só sentisse isso por uma, ainda contava de alguma coisa.

Jeremy rolou na cama. Ele abriu os olhos e me viu sentada, abraçando os joelhos. “Você está bem?”

Eu não queria que ele me perguntasse isso porque Jeremy era bom em arrancar meus pensamentos. A maioria deles, de qualquer maneira. Não queria que ele soubesse disso. Como poderia admitir que finalmente me apaixonei por uma de nossas filhas sem também admitir que nunca amei nenhuma delas para começar?

Tive que fazer algo. Distraí-lo para que ele não fizesse muitas perguntas. Eu sabia por experiência que Jeremy não conseguia tirar a verdade de mim se eu tivesse o pau dele na boca.

Fui até ele e quando estava sobre ele, minha boca pronta para o trabalho, ele já estava duro. Demorei o máximo que pude.

Adorei quando ele gemeu. Ele era um amante quieto, mas às vezes, quando eu realmente o pegava de surpresa, ele não era tão silencioso. Nesse momento, ele estava eufórico. E eu me perguntava, antes de eu aparecer, quantas mulheres arrancaram dele esses ruídos? Quantos lábios tocaram seu pau?

Deixei-o deslizar para fora da minha boca. “Quantas mulheres chuparam o seu pau?”

Ele se apoia nos cotovelos e me olha, perplexo. “Você está falando sério?”

“É mais uma curiosidade.”

Ele riu, baixando a cabeça para o travesseiro. “Eu não sei. Nunca contei.”

“Foram muitas?” Provoquei. Subi por seu corpo e o montei. Gostei quando ele empurrou debaixo de mim e agarrou minhas coxas. “Se não é uma resposta imediata, significa que foram mais do que cinco.”

“Definitivamente mais de cinco”, ele disse.

“Mais de dez?”

“Talvez. Possivelmente. *Sim.*”

É estranho como *isso* não me deixou com ciúmes, mas duas crianças podiam me irritar. Talvez fosse porque as meninas estavam atualmente em sua vida, mas todas as suas putas passadas eram apenas *isso*... Passado.

“Mais de *vinte*?”

Ele levantou as mãos para meus seios e os segurou. Apertando. Ele estava com aquele olhar no rosto que era a indicação de que eu estava prestes a ser fodida. Com força. “É provavelmente uma boa estimativa” ele sussurrou, puxando-me para mais perto. Ele aproximou os lábios dos meus e colocou uma mão entre nós, me esfregando. “Quantos caras lambeiram sua buceta?”

“Dois. Não sou uma puta como você.”

Ele riu contra meus lábios e depois me rolou de costas. “Mas você está *apaixonada* por um puto.”

“Um *ex-puto*” esclareci.

Eu estava errada sobre o olhar que vi em seus olhos. Ele não me fodeu naquela noite. Ele fez amor comigo. Beijou cada centímetro do meu corpo. Fez-me ficar parada enquanto me provocava e torturava, quando tudo que eu queria era chupar o seu pau. Toda vez que eu tentava me mover e assumir, ele impedia.

Não sei por que tenho tanto prazer em agradá-lo, mas gostava mais do que de estar satisfeita. Isso é provavelmente definido nas linguagens do amor ou essa besteira. Minha linguagem de amor era atos de serviço. A linguagem de amor de Jeremy era ter seu pau chupado. Nós éramos um par perfeito.

Ele estava a instantes de gozar quando uma das meninas começou a chorar. Ele gemeu, eu revirei os olhos e nós dois pegamos o monitor. Ele para olhar para elas. Eu para desligá-lo.

Eu podia senti-lo ficando mais suave dentro de mim, então tirei o plugue da parte de trás do monitor. Ainda podíamos ouvir os gritos vindo do corredor, mas eu tinha certeza de que poderia ignorá-los se ele retomasse de onde paramos.

“Vou verificar”, ele disse, tentando sair de mim. Eu o puxei de volta para a cama e subi em cima.

“Eu irei quando você terminar. Deixe-a chorar por alguns minutos. É bom para elas.”

Ele não parecia confortável com isso, mas uma vez que minha boca estava de volta em seu pau, ele aceitou.

Fiquei muito melhor nisso em comparação com a primeira vez que tentei. Eu podia senti-lo pronto para gozar, então fingi que estava engasgando. Não sei por que, mas isso sempre o afastou, pensando que eu estava sufocando em seu pênis. *Homens*. Ele gemeu, e o forcei a descer por minha garganta com outro som gorgolejante, e então tudo acabou. Engoli, limpei minha boca e levantei. “Vá dormir. Posso lidar com isso.”

Eu realmente *queria* lidar com isso dessa vez. Foi a primeira vez que senti algo além de irritação com o pensamento de ter que alimentá-las. Mas eu queria alimentar Chastin. Segurá-la, acaricia-la, amá-la. Eu estava animada quando me aproximei do quarto delas.

Mas esse entusiasmo transformou-se em irritação assim que vi que era

Harper quem chorava.

Muito decepcionante.

Seus berços estavam frente a frente, e fiquei surpresa que Chastin dormisse através dos gritos de Harper. Passei por Harper e olhei Chastin.

Doeu o quanto senti por ela naquele momento. Doeua o quanto queria que Harper calasse a boca.

Levantei Chastin do berço e a levei para a cadeira de balanço. Quando sentei com ela, ela se mexeu em meus braços. Pensei sobre meu sonho e como estava com medo de ver Harper tentando machucá-la. Pensei que poderia chorar só de pensar em perdê-la algum dia. Ao pensar que um dia aquilo possivelmente se tornaria realidade.

Talvez o que senti foi intuição de mãe. Talvez, no fundo, soubesse que algo terrível aconteceria com Chastin, e foi isso que me fez ter esse amor imenso e repentino por ela. E se fosse a maneira do universo me dizer para amar aquela menina tanto quanto eu pudesse, porque não a teria por tanto tempo quanto teria Harper?

Talvez por isso não sentisse nada por Harper. Porque Chastin era aquela cuja vida seria interrompida. Ela morreria e então Harper seria a única que restaria.

Eu sabia, em algum lugar dentro de mim, que devia estar enterrando o amor que tinha por Harper. Guardando-o para depois do meu tempo com Chastin.

Fechei os olhos, ganhando uma dor de cabeça pelos gritos de Harper. *Cala a boca! Chorona, chorona, chorona! Estou tentando me ligar com meu bebê!*

Tentei ignorá-la por mais alguns minutos, mas temia que isso preocupasse Jeremy. Finalmente coloquei Chastin de volta em seu berço, surpresa que ela ainda dormia. *Ela é realmente uma boa bebê.* Fui para o berço de Harper e a olhei, enchendo-me de raiva. De alguma forma, senti como se fosse culpa dela que tive o sonho.

Talvez estivesse interpretando mal. Talvez não tenha sido uma

premonição. Talvez tenha sido um *aviso*. Se eu não fizesse alguma coisa sobre Harper antes que fosse tarde demais, Chastin morreria.

De repente tive o desejo irresistível de corrigir o que sabia que aconteceria. Nunca, em toda a vida, um sonho foi sido tão vívido. Senti que se não fizesse algo sobre isso naquele momento, seria realidade a qualquer momento. Pela primeira vez, não pude suportar a ideia de perder Chastin. Doeui quase tanto quanto o pensamento de perder Jeremy.

Eu não sabia nada sobre o fim de uma vida, muito menos a vida de uma criança. A única vez que tentei, resultou em nada mais que um arranhão. Mas ouvi falar de SIDS — Síndrome de Morte Súbita Infantil. Jeremy me fez ler sobre isso. Não é incomum, mas não sabia o suficiente para saber se seriam capazes de diferenciar entre sufocamento e SIDS.

Ouvi falar de pessoas engasgando em seu sono com o próprio vômito, no entanto. Isso provavelmente seria mais difícil de ser declarado um ato intencional.

Coloquei meu dedo nos lábios de Harper. Sua cabeça se moveu para frente e para trás rapidamente, pensando que era a mamadeira. Ela pegou e começou a chupar a ponta do meu dedo, mas não estava satisfeita. Ela soltou meu dedo e começou a gritar novamente. Enfiei o dedo mais afundo em sua boca.

Ela ainda estava chorando, então continuei a empurrar. Ela fez um som ofegante, mas de alguma forma ainda chorava. *Talvez um dedo não fosse suficiente.*

Empurrei dois dedos em sua boca e garganta, até que meus dedos pressionaram contra suas gengivas e ela não chorava mais. Eu a observei por um momento e logo seus braços começaram a endurecer entre cada movimento violento do seu corpinho. Suas pernas debatendo.

Isso é o que ela fará com sua irmã se eu não fizesse isso com ela primeiro. Estou salvando a vida de Chastin.

“Ela está bem?” Jeremy perguntou.

Porra. Caralho, inferno.

Tirei meus dedos da boca de Harper e a segurei, pressionando seu rosto no meu peito para que Jeremy não pudesse ouvi-la ofegando por ar. “Eu não sei”, disse, virando para ele. Ele atravessava o quarto. Minha voz estava frenética. “Não posso fazê-la feliz. Eu tentei de tudo.” Eu acariciava a parte de trás de sua cabeça, tentando mostrar a ele como estava preocupada.

Foi quando ela vomitou em mim. Assim que vomitou, ela gritou. *Lamentou*. Sua voz soava rouca e ela estava ofegante entre os gritos. Foi um grito como nenhum de nós jamais ouvira. Jeremy rapidamente a agarrou, puxando-a de mim para que pudesse tentar acalmá-la.

Ele nem se importava que ela tivesse vomitado em mim. Ele nem sequer me olhou. Ele estava cheio de preocupação, as sobrancelhas juntas, a testa franzida enquanto a olhava. Mas, apesar de toda essa preocupação, nada disso era para mim. Foi apenas por Harper.

Prendi a respiração e fui direto ao banheiro, com medo de respirar o cheiro. Era a coisa que eu mais odiava em ser mãe. Todo o *maldito* vômito.

Enquanto estava no banheiro, Jeremy fez uma mamadeira para Harper. Quando saí, ela já havia voltado a dormir. Ele estava em nossa cama, conectando o monitor de vídeo de volta.

Congelei quando estava subindo na cama. Olhei o monitor de vídeo, para a vista perfeita nos berços de Harper e Chastin.

Como esqueci a porra do monitor?

Se ele tivesse visto o que eu estava fazendo com Harper, teria terminado comigo.

Como pude ser tão descuidada?

Dormi muito pouco naquela noite, imaginando o que Jeremy teria feito se ele me pegasse tentando salvar Chastin de sua irmã.

15

Oh meu Deus. Curvo-me na cadeira, segurando meu estômago. “Por favor... por favor...” digo em voz alta. Embora não saiba por que ou para quem digo isso.

Preciso sair desta casa. Sinto que não posso respirar. Deveria sentar lá fora e tentar limpar a cabeça de tudo que acabei de ler.

Toda vez que estou lendo o manuscrito, meu estômago revira o tempo todo. Folheei vários capítulos além do capítulo cinco, mas nenhum foi tão horripilante quanto o capítulo que detalhava como ela tentou sufocar sua filha pequena.

Nos capítulos subsequentes, Verity focou principalmente em Jeremy e Chastin, raramente mencionando Harper, o que se tornou mais perturbador a cada parágrafo. Ela falou sobre o dia em que Chastin fez um ano, e falou sobre quando Chastin passou a noite na casa da mãe de Jeremy pela primeira vez aos dois anos de idade. Tudo o que inicialmente tinha sido “as gêmeas” em seu manuscrito acabou diminuindo para apenas “Chastin.” Se eu não soubesse melhor, pensaria que algo havia acontecido com Harper muito antes disso.

Não foi até que as meninas fizeram três anos que ela escreveu sobre as duas novamente. Mas assim que começo o capítulo, há uma batida forte na porta do escritório.

Abro a gaveta da mesa e empurro rapidamente o manuscrito para dentro dela. “Entre.”

Quando ele abre a porta, tenho uma mão no mouse e a outra descansando casualmente no meu colo.

“Eu fiz tacos.”

Sorrio para ele. “Já está na hora de comer?”

Ele ri. “É depois das dez. Era hora de comer três horas atrás.”

Olho para o relógio no computador. Como perdi a noção do tempo? *Acho*

que isso acontece quando se lê sobre uma mulher psicótica abusando de seus filhos. “Pensei que eram oito.”

“Você está aqui há doze horas”, ele diz. “Dê um tempo. Há uma chuva de meteoros esta noite, você precisa comer e te fiz uma margarita.”

Margaritas e tacos. *Não penso muito.*

*

Como na varanda dos fundos enquanto sentamos em cadeiras de balanço e assistimos a chuva de meteoros. Não havia muitos no começo, mas agora estamos vendo um a cada minuto, pelo menos.

Em um momento, mudo da varanda para o quintal. Estou de costas na grama, olhando o céu. Jeremy finalmente cede e se posiciona ao meu lado.

“Esqueci como o céu parecia”, digo baixinho. “Tenho estado em Manhattan faz muito tempo.”

“É por isso que saí de Nova York”, Jeremy diz. Ele aponta para a esquerda, o final de um meteoro. Nós assistimos até que ele desaparece.

“Quando você e Verity compraram esta casa?”

“Quando as meninas tinham três anos. Os dois primeiros livros de Verity já haviam sido lançados e estavam indo muito bem, então decidimos comprar.”

“Por que Vermont? Algum de vocês tem família aqui?”

“Não. Meu pai morreu quando eu estava na adolescência. Minha mãe morreu há três anos. Mas eu cresci no estado de Nova York, numa fazenda de alpaca⁸, se quer saber.”

Gargalho, virando para olhá-lo. “Sério? Alpacas?”

Ele concorda.

“Como, exatamente, alguém ganha dinheiro criando alpacas?”

Jeremy ri da pergunta. “Eles não ganham, realmente. É por isso que me formei em administração e fui para o mercado imobiliário. Eu não tinha interesse em assumir uma fazenda endividada.”

“Acha que vai voltar ao trabalho em breve?”

Minha pergunta faz com que Jeremy pare. “Eu gostaria. Estive esperando o momento certo para que não seja uma grande mudança para Crew, mas nunca parece ser a hora.”

Se fôssemos amigos, eu faria algo para consolá-lo. Talvez segurar sua mão. Mas há muito dentro de mim que quer ser mais do que sua amiga, o que significa que não podemos ser isso. Se uma atração está presente entre duas pessoas, essas duas pessoas só podem ser uma de duas coisas. Envolvidas ou não. Não há meio termo.

E desde que ele é casado... Mantenho minha mão no peito e não o toco de jeito nenhum.

“E os pais de Verity?” Pergunto, precisando que a conversa continue fluindo para que ele não ouça o quanto faz cada respiração minha acelerar.

Ele levanta as mãos do peito num gesto de não sei. “Eu mal os conheço. Eles não estavam por perto antes de cortarem Verity de suas vidas.”

“Eles a afastaram? Por quê?”

“É difícil explicar”, ele diz. “Eles são estranhos. Victor e Marjorie, são insanamente religiosos. Quando descobriram que Verity estava escrevendo romances e suspenses, eles agiram como se ela estivesse de repente renegando sua religião para participar de um culto satânico. Disseram que se ela não parasse, nunca mais falaria com ela.”

Isso é inacreditável. Então... *há frieza*. Por um segundo, tenho empatia por Verity, imaginando se sua falta de instinto materno foi herdada. Mas minha empatia evapora quando lembro o que ela fez com Harper no berço.

“Quanto tempo durou o distanciamento deles?”

“Vamos ver”, Jeremy diz. “Ela escreveu seu primeiro livro treze anos atrás. Então... treze anos.”

“Eles ainda não falam com ela? Eles sequer sabem o que aconteceu?”

Jeremy acena com a cabeça. “Liguei para eles depois que Chastin faleceu. Deixei-lhes uma mensagem de voz. Eles nunca ligaram de volta. Então, quando

Verity sofreu o acidente, seu pai atendeu ao telefone. Quando contei a ele o que havia acontecido, com as garotas e com Verity, ele ficou em silêncio. Então disse: ‘Deus castiga os perversos, Jeremy.’ Desliguei na cara dele. Não tenho notícias deles desde então.”

Coloco a mão em meu coração e olho para o céu em descrença. “Uau.”

“Sim”, ele sussurra.

Ficamos quietos por um momento. Nós vemos dois meteoros, um para o sul e um para o leste. Jeremy aponta para eles duas vezes, mas não diz nada. Quando há uma pausa na conversa e nos meteoros, Jeremy se apoia nos cotovelos e me olha.

“Acha que eu deveria colocar Crew de volta na terapia?”

Inclino a cabeça para que esteja o olhando. Estamos a apenas trinta centímetros de distância com ele posicionado assim. Talvez uns quarenta e cinco centímetros. Está tão perto que posso sentir o calor vindo dele.

“Sim.”

Ele parece apreciar minha honestidade. “Tudo bem”, ele diz, mas não se abaixa de volta na grama. Ele continua a me encarar, como se quisesse me perguntar outra coisa. “Você foi à terapia?”

“Sim. Foi a melhor coisa que já me aconteceu.” Olho novamente para o céu, não querendo ver a expressão em seu rosto depois da minha próxima frase. “Depois de ver as imagens naquele corrimão, fiquei preocupada que no fundo significasse que eu queria morrer. Por semanas tentei lutar contra o sono. Estava com medo de me machucar intencionalmente. Mas meu terapeuta me ajudou a perceber que o sonambulismo não tem relação com a intenção. E depois de vários anos sendo informada disso, eu finalmente acreditei.”

“Sua mãe foi à terapia com você?”

Eu sorrio. “Não. Ela nem queria falar comigo sobre a terapia. Algo aconteceu naquela noite, quando quebrei meu pulso, e isso a mudou. Nosso relacionamento, mudou. Sempre nos sentimos desconectadas depois disso. Minha mãe realmente me lembra muito...” Paro de falar porque percebo que estava prestes a dizer *Verity*.

“Lembra quem?”

“O personagem principal da série da Verity.”

“Isso é ruim?” Ele pergunta.

Gargalho. “Você realmente não leu nenhum deles?”

Ele deita na grama, quebrando o contato visual comigo. “Apenas o primeiro.”

“Por que parou?”

“Porque... foi difícil para mim entender que tudo veio de sua imaginação.”

Quero dizer a ele que está certo em se preocupar, porque os pensamentos da sua esposa são estranhamente similares aos de sua personagem. Mas não quero que ele tenha essa impressão dela neste momento. Depois de tudo que passou, ele merece pelo menos ser capaz de preservar uma lembrança positiva do seu casamento.

“Ela costumava ficar muito zangada comigo porque não lia seus manuscritos. Ela precisava da minha validação, mesmo que a conseguisse em qualquer outro lugar. Seus leitores, seu editor, seus críticos. Por alguma razão, minha aprovação parecia ser a única que ela queria.”

Porque ela era obcecada por você.

“Onde você obtém sua aprovação?” Ele pergunta.

Viro a cabeça para ele novamente. “Eu não tenho, não realmente. Meus livros não são populares. Quando recebo uma crítica positiva ou um e-mail de um fã, nunca sinto que estão falando comigo. Provavelmente porque sou muito reclusa e nunca faço divulgação. Não coloco minha imagem lá fora, então mesmo que existam leitores que amam o que faço, ainda não tive a experiência de ser dito na minha cara que o que faço é importante para alguém.” Eu suspiro. “Imagino que seja bom. alguém me olhar nos olhos e dizer: 'Sua escrita é importante para mim, Lowen.'”

Assim que termino a frase, um meteoro corta o céu. Nós dois o seguimos e observamos enquanto ele se espalha pela água, refletindo no lago. Olho para o

lago, inclinando a cabeça para Jeremy.

“Quando vai começar a nova doca?” Pergunto. Ele finalmente terminou de destruir a antiga hoje.

“Não farei uma nova doca”, ele diz. “Só me adoecia olhar para ela.”

Eu o faria falar mais sobre isso, mas ele não parece querer.

Ele está me observando. Mesmo que Jeremy e eu tenhamos feito muito contato visual hoje à noite, parece diferente neste momento. Mais pesado. Noto que seus olhos derivam em direção aos meus lábios. Quero que ele me beije. Se ele tentar, eu não o pararei. Nem tenho certeza se me sentiria culpada.

Ele suspira pesadamente e deixa a cabeça cair na grama até que está olhando as estrelas novamente.

“O que está pensando?” Sussurro.

“Estou pensando que é tarde. E eu provavelmente deveria trancá-la em seu quarto agora.”

Gargalho por sua escolha de palavras. Ou talvez risse porque bebi duas margaritas. Seja qual for a razão, meu riso o faz rir. E o que quase se tornou um momento que ele provavelmente acabaria lamentando se transforma num momento cheio de alívio.

Vou ao escritório pegar o laptop para poder trabalhar no quarto depois que for dormir. Quando ele está apagando as luzes da cozinha, abro a gaveta da mesa e pego um pequeno punhado do manuscrito para levar ao quarto. Coloco as páginas entre o laptop e meu peito.

Há uma nova fechadura do lado de fora da porta do quarto que não tinha visto. Não quero examiná-la ou descobrir se ela poderia de alguma forma ser destrancado por dentro, porque tenho certeza de que meu subconsciente se lembrará disso e eu de alguma forma passarei por ela.

Jeremy está atrás de mim quando entro no quarto e coloco as coisas na cama.

“Tem tudo que precisa?” Ele pergunta da porta.

“Sim.” Ando de volta para a porta para poder trancá-la por dentro depois

de fechar.

“Tudo bem, então. Boa noite.”

“Tudo bem”, repito com um sorriso. “Boa noite.”

Vou fechar a porta, mas ele levanta a mão, impedindo-me de fechá-la. Eu a abro novamente e, na fração de segundo desde que quase a fechei, a expressão dele mudou.

“Fui injusto”, ele diz, com voz calma. Ele inclina a cabeça contra o batente da porta e me olha. “Eu menti para você.”

Tento não parecer muito preocupada, mas estou. Suas palavras me percorrem e penso em nossa conversa de hoje à noite, as conversas que vieram antes dela. “Você mentiu sobre o que?”

“Verity nunca leu o seu livro.”

Quero dar um passo para trás e mascarar minha decepção na escuridão. Mas fico parada, apertando a maçaneta com a mão esquerda. “Por que diria isso se não fosse verdade?”

Ele fecha os olhos por um breve momento enquanto inala. Quando os abre, ele me encara. Levanta os braços e agarra o topo do batente da porta. “Fui eu quem leu seu livro. E é bom. *Fenomenal*. Por isso sugeri o seu nome ao editor.” Ele abaixa um pouco a cabeça, olhando para mim com firmeza nos olhos. “Sua escrita é importante para mim, Lowen.”

Ele abaixa os braços, agarra a maçaneta e fecha a porta. Ouço-o trancar a fechadura antes que seus passos desapareçam no andar de cima.

Caio contra a porta, pressionando a testa contra a madeira.

E sorrio porque, pela primeira vez na minha carreira, alguém além do meu agente me deu aprovação.

Eu me aconchego na cama com o capítulo que trouxe. Jeremy me fez sentir tão bem agora que nem me importo de ficar um pouco perturbada por sua esposa antes de adormecer.

Que assim seja

Capítulo Nove

Frango e bolinhos.

Era a quinta refeição que fiz depois de morar em nossa nova casa por duas semanas.

É a única refeição que Jeremy jogou contra a parede da sala de jantar.

Eu sabia há vários dias que ele estava chateado comigo. Só não sabia o porquê. Ainda fazíamos sexo quase todos os dias, mas até o sexo parecia diferente. Como se ele estivesse desconectado. Fodendo-me porque era nossa rotina e não porque ele me ansiava.

Essa é a razão pela qual decidi fazer os malditos bolinhos. Eu estava tentando ser legal fazendo uma de suas refeições favoritas. Ele estava tendo dificuldade em se adaptar ao novo emprego. Para piorar as coisas, ele ficou chateado comigo por colocar as meninas na creche sem consultá-lo primeiro.

De volta à Nova York, contratamos uma babá assim que meus livros começaram a ser vendidos. Ela aparecia todas as manhãs quando Jeremy saía para o trabalho para que eu pudesse me retirar para o escritório e escrever todos os dias. Então ela saía quando Jeremy chegava e eu saía do meu escritório e cozinávamos juntos.

Foi uma ótima configuração, admito. Nunca mais tive que cuidar delas quando Jeremy não estava por perto porque tínhamos a babá. Mas aqui, no meio do nada, babás são difíceis de encontrar. Tentei encontrar uma nos dois primeiros dias, mas isso é cansativo e não escrevi nada. Então, numa manhã da semana passada, eu estava tão farta que as levei para a cidade e as matriculei na primeira creche que encontrei.

Sabia que Jeremy não gostava disso, mas ele percebeu que tínhamos que

fazer alguma coisa se ambos quiséssemos continuar a trabalhar. Eu tinha mais sucesso do que ele, então se alguém fosse ficar em casa e cuidar delas durante o dia, certamente não seria eu.

Mas as meninas estarem na creche não era o que o incomodava. Ele parecia gostar da interação que elas tinham com outras crianças, porque ele não podia calar a boca sobre isso. Mas descobrimos alguns meses antes que Chastin tinha uma alergia severa a amendoim, então Jeremy era cauteloso. Ele não queria que ninguém cuidasse dela além de nós. Ele temia que a creche fosse descuidada, embora Chastin fosse a garota de quem eu realmente *gostava*. Eu não era idiota. Certifiquei-me de que eles soubessem tudo sobre sua alergia.

Fosse o que fosse que o tivesse irritado comigo, eu tinha certeza que era algo que uma tigela de bolinhos e uma boa foda ajudaria a fazê-lo esquecer.

Intencionalmente comecei a jantar tarde naquela noite para que as garotas estivessem na cama quando comêssemos. Elas tinham apenas três anos e por sorte, dormiam às sete. Eram quase oito horas quando pus a mesa e chamei Jeremy para comer.

Tentei tornar o jantar o mais romântico possível, mas é difícil deixar frango e bolinhos sexy. Acendi velas na mesa e coloquei minha playlist nos alto-falantes sem fio. Eu usava roupas, mas embaixo delas vestia lingerie. Algo que não fiz frequentemente.

Tentei conversar com ele enquanto comíamos.

“Acho que Chastin está totalmente treinada a usar o vaso agora”, disse a ele. “Estão a ensinando na creche.”

“Isso é bom”, Jeremy disse, percorrendo o telefone com uma mão e comendo com a outra.

Esperei um momento, esperando que o que quer que estivesse em seu telefone terminasse logo. Quando isso não aconteceu, ajustei-me no lugar e tentei chamar sua atenção novamente. Sabia que falar sobre as garotas era seu assunto favorito.

“Quando as peguei hoje, a professora disse que ela aprendeu sete cores esta semana.”

“Quem?” Ele disse, finalmente fazendo contato visual comigo.

“Chastin.”

Ele me olhou, deixou cair o telefone na mesa e deu outra mordida.

Que porra é o problema dele?

Eu podia ver a raiva que ele tentava sufocar e isso me deixou nervosa. Jeremy nunca se aborreceu e, quando aconteceu, eu sempre sabia por que ele estava assim. Mas isso era diferente. Estava saindo de forma inesperada.

Eu não aguentava mais. Endireitei-me na cadeira e deixei cair o guardanapo na mesa. “Porque está bravo comigo?”

“Não estou bravo.” Ele disse rápido demais.

Eu sorri. “Você é patético.”

Ele estreitou os olhos e inclinou a cabeça. “*Desculpe?*”

Eu me inclinei para frente. “Apenas *diga*, Jeremy. Chega desse tratamento silencioso de merda. Seja homem e me diga qual é o seu problema.”

Seus punhos cerraram e depois se abriram. Então ele se levantou e deu um tapa no prato, derrubando comida na mesa e por toda a parede da sala de jantar. Nunca o vi perder a paciência. Tensionei, com os olhos arregalados, enquanto ele saía da cozinha.

Eu o ouvi bater a porta do nosso quarto. Olhei a bagunça e sabia que teria que limpar depois que nós fizéssemos as pazes para que ele soubesse o quanto eu o apreciava. *Mesmo que ele estivesse sendo um grande babaca.*

Empurrei minha cadeira e caminhei para o quarto. Ele andava de um lado para o outro. Quando fechei a porta, ele me olhou e fez uma pausa. Ele estava se esforçando tanto naquele momento para colocar suas palavras em ordem — tudo o que ele precisava me dizer. Tão zangada quanto estava com ele por ter jogado a refeição que me esforcei tanto para fazer, senti-me mal por ele estar chateado.

“É constante, Verity”, ele disse. “Você fala sobre ela *constantemente*. Você nunca fala sobre Harper. Você nunca me conta o que Harper aprendeu na escola ou como Harper está aprendendo a usar o vaso ou todas as coisas fofas que Harper disse. É Chastin, o tempo todo, todo dia.”

Merda. Mesmo com o quanto tentei esconder isso, ele ainda viu. “Isso não é verdade”, disse.

“É a verdade. E tentei manter minha boca fechada, mas elas estão envelhecendo. Harper vai notar que você as trata de maneira diferente. Não é justo com ela.”

Eu não tinha certeza de como sair dessa situação. Eu poderia ficar na defensiva, acusada de algo que não gostei. Mas sabia que ele estava certo, então eu precisava encontrar uma maneira de fazê-lo pensar que estava errado. Felizmente, ele se afastou, então me deu um momento para pensar. Olhei para cima, como se estivesse me voltando para Deus em busca de conselhos. *Estúpida garota. Deus não vai te ajudar com isso.*

Cautelosamente, dei um passo para frente. “Baby. Não é que eu goste mais de Chastin. Ela é apenas... mais inteligente que Harper. Então ela faz as coisas primeiro.”

Ele gira, mais furioso do que antes de eu sequer abrir a boca. “Chastin não é mais esperta que Harper. Elas são diferentes. Mas Harper é muito inteligente.”

“Eu sei disso”, disse, dando mais um passo em direção a ele. Mantive a voz baixa. Doce. Não ofendida. “Isso não foi o que quis dizer. Eu quis dizer... é mais fácil para eu ter uma reação ao que Chastin faz porque Chastin gosta disso. Ela é animada, como eu. Harper não. Dou a ela uma aprovação silenciosa. Não faço um show disso. Ela é como você nesse quesito.”

Seu olhar era inabalável, mas eu tinha quase certeza de que ele estava comprando, então continuei.

“Eu não empurro Harper quando ela está com esses humores, então sim, eu falo mais sobre Chastin. Às vezes me concentro mais nela. Mas só porque percebo que são duas crianças diferentes com dois conjuntos diferentes de necessidades. Tenho que ser duas mães diferentes.”

Eu era boa em vomitar besteira. É por isso que me tornei escritora.

A raiva de Jeremy estava lentamente se dissipando. Sua mandíbula não estava tão tensa quando ele passou a mão pelo cabelo, absorvendo o que acabei de dizer. “Eu me preocupo com Harper”, ele disse. “Mais do que deveria, tenho

certeza. Não acho que tratá-las de forma diferente é a coisa certa a fazer daqui para frente. Harper pode notar.”

Um mês antes, um dos funcionários da creche expressou preocupação sobre Harper. Não foi até aquele momento — quando Jeremy estava expressando sua preocupação — que me lembrei dela mencionando isso. Ela disse que acha que deveríamos testá-la para Asperger. Esqueci isso até aquele momento durante minha briga com Jeremy. E graças a Deus eu lembrei porque era a maneira perfeita de me defender.

“Eu não ia mencionar isso porque não queria que se preocupasse”, disse a ele. “Mas uma das professoras da creche me disse que acha que deveríamos levar Harper para fazer um teste de Asperger.”

A preocupação de Jeremy cresceu dez vezes naquele momento. Tentei subjugar a preocupação o mais rápido possível.

“Já liguei para um especialista.” *Pelo menos vou ligar amanhã.* “Eles vão retornar quando tiverem uma vaga.”

Jeremy pegou o telefone, desviando-se do possível diagnóstico. “Eles acham que Harper está no espectro do autismo?”

Peguei o telefone das mãos dele.

“Não. Você vai ficar preocupado com isso até a consulta. Vamos falar com o especialista primeiro, porque a internet não é o lugar onde precisamos buscar respostas para nossa filha.”

Ele assentiu e então me puxou para um abraço. “Desculpe”, ele sussurrou contra minha cabeça. “Tem sido uma semana de merda. Perdi um grande cliente hoje.”

“Você não tem que trabalhar, Jeremy. Ganho dinheiro suficiente para você passar mais tempo em casa com as meninas, se isso facilitar as coisas.”

“Eu enlouqueceria se não trabalhasse.”

“Talvez sim, mas será muito caro colocar três crianças na creche.”

“Nós podemos pagar...” Ele fez uma pausa, recuando. “Você disse... três?”

Eu assenti. Estava mentindo, claro, mas queria que o clima da noite desaparecesse. Queria que ele ficasse feliz. E ele ficou tão feliz depois que eu disse que estava grávida de novo.

“Você tem certeza? Pensei que não queria mais.”

“Estou desleixada com a pílula faz semanas. É cedo ainda. Realmente cedo. Eu descobri esta manhã.” Sorri. Então sorri ainda mais.

“Você está feliz com isso?”

“Claro que estou. Você está?”

Ele riu um pouco, depois me beijou e *tudo voltou ao normal. Graças a Deus.*

Agarrei sua camisa no meu punho e o beijei de volta com toda a força, querendo que ele esquecesse tudo sobre a briga que estávamos tendo. Ele poderia notar pelo meu beijo que eu queria mais do que apenas um beijo. Ele tirou minha camisa e tirou a sua. Ele me beijou enquanto recuava para a cama. Quando ele tirou minhas calças, viu o sutiã e a calcinha que coloquei para ele.

“Você está usando lingerie?” Ele perguntou. Ele baixou a cabeça no meu pescoço. “E fez minha refeição favorita”, ele disse, desapontado. Eu não sabia por que ele parecia desapontado até que se afastou, tirou o cabelo do meu rosto e disse: “Eu sinto muito, Verity. Você estava tentando tornar esta noite especial e eu arruinei tudo.”

O que ele não entende é que nunca poderia arruinar uma noite para mim quando ela termina com ele *me amando. Concentrando-se em mim.*

Balancei a cabeça. “Você não estragou tudo.”

“Estraguei. Eu joguei a comida, gritei com você.” Ele aproximou sua boca da minha. “Vou te compensar.”

E ele fez. Ele me fodeu devagar, beijando-me o tempo todo, revezando-se em cada mamilo enquanto os chupava. Se eu tivesse amamentando, ele gostaria tanto dos meus seios?

Eu duvidava. Mesmo depois das gêmeas, meu corpo estava quase perfeito. Além da cicatriz no abdômen, as partes mais importantes ainda estavam

intactas. Ainda eram firmes. E o templo de Jeremy entre as minhas pernas ainda era agradável e apertado.

Quando me fodeu até eu quase gozar, ele saiu de mim. “Eu quero te provar”, ele disse, descendo por meu corpo até que sua língua me tocava.

Claro que você quer me provar, pensei. Eu mantive as coisas agradáveis para você aí embaixo. De nada.

Ele ficou entre minhas pernas até eu gozar para ele. Duas vezes. Quando começou a rastejar de novo por meu corpo, ele parou na minha barriga e me beijou lá. Então estava dentro de mim novamente, sua boca na minha. “Eu te amo”, ele sussurrou entre beijos. “Obrigado.”

Ele estava me agradecendo por estar grávida.

Ele fez amor comigo com tanto cuidado, com tanta paixão. Quase valeu a pena fingir a gravidez só para que ele me amasse assim de novo. Para ter nossa conexão de volta.

Se havia uma coisa boa que as garotas trouxeram para nossa vida, era que Jeremy parecia me amar mais quando eu estava grávida. Agora que ele achava que eu estava prestes a lhe dar um terceiro filho, já podia sentir o amor dele se multiplicando novamente.

Havia uma pequena parte minha que estava preocupada em fingir a gravidez, mas eu sabia que tinha opções se não engravidasse naquela semana. Abortos eram tão fáceis de fingir quanto uma gravidez.

16

Passei mais uma semana lendo o manuscrito de Verity e estou entediada. Estou o achando repetitivo. Capítulo após capítulo de sexo detalhado com Jeremy. Muito pouco a ver com seus filhos. Ela escreveu dois parágrafos sobre o nascimento de Crew, mas depois falou sobre a primeira vez que eles conseguiram foder depois que Crew nasceu.

Chegou a um ponto em que comecei a sentir inveja. Não gosto de ler sobre a vida sexual de Jeremy. Folheei um capítulo esta manhã, mas finalmente o joguei de lado para voltar ao trabalho. Terminei o esboço para o primeiro livro hoje e vou mandar para Corey dar um feedback. Ele disse que o encaminharia ao editor da Pantem, porque ele ainda não leu nenhum dos livros de Verity e não saberia se o esboço é suficiente. Até ter a resposta, realmente não quero começar o segundo esboço. Se eles devolverem querendo mudanças, será um desperdício de trabalho.

Estou aqui há quase duas semanas agora. Corey diz que eles processaram meu adiantamento e que ele deve cair na minha conta a qualquer momento. Assim que receber o feedback de Pantem, provavelmente será hora de seguir em frente. Fiz tudo o que podia fazer no escritório de Verity. Se não fosse por não ter para onde ir até o dinheiro cair na minha conta, eu já teria saído.

Fiquei travada hoje. Estou cansada de trabalhar tanto nessas últimas duas semanas. E pude ler mais da autobiografia de Verity, mas não estou realmente com vontade de ler sobre todas as formas como Verity sabe chupar o pau do seu marido.

Sinto falta da televisão. Não pisei na sala desde que cheguei aqui há quase duas semanas. Deixo os limites do escritório de Verity e faço um saco de pipoca, depois sento no sofá da sala e ligo a televisão. Mereço ficar um pouco preguiçosa porque amanhã é meu aniversário, mas não planejo contar a Jeremy.

Continuo olhando o topo das escadas porque tenho a visão perfeita do meu lugar no sofá, mas Jeremy não está em lugar nenhum. Não o vi muito nos últimos dias. Acho que nós dois sabemos o quão perto chegamos de nos beijar

na outra noite, e quão inapropriado isso seria, então estamos nos evitando.

Ligo no HGTV⁹ e sigo para o sofá. Assisto cerca de quinze minutos a reforma de uma casa quando finalmente ouço Jeremy descendo as escadas. Ele faz uma pausa no meio do caminho quando me vê na sala de estar. Então desce o restante e caminha em direção ao sofá. Ele senta no meio, perto o suficiente para estender a mão e pegar um pouco da minha pipoca, mas longe o suficiente para que não corramos o risco de nos tocar.

“Pesquisa”, diz ele, apoiando os pés na mesa de café a sua frente.

Eu gargalho. “Claro. Sempre trabalhando.”

Ele pega mais pipoca desta vez, segurando um pouco na mão. “Verity assistia TV quando tinha um bloqueio. Ela disse que às vezes lhe dava novas ideias.”

Não quero falar sobre Verity, então mudo de assunto. “Terminei um esboço hoje. Se for aprovado amanhã, provavelmente sairei em alguns dias.”

Jeremy para de mastigar e me olha. “Sério?”

Gosto que ele não parece feliz com o pensamento de eu sair. “Sério. E obrigada por me deixar ficar mais tempo do que deveria.”

Ele segura meu olhar. “Mais tempo do que deveria?” Ele começa a mastigar novamente e encara a televisão. “Não acho que tenha sido tempo *suficiente*.”

Não sei o que quer dizer com isso. Se ele acha que não trabalhei o suficiente enquanto estava aqui, ou se está dizendo isso de forma egoísta, como se não tivesse passado tempo suficiente comigo.

Às vezes, especialmente agora, sinto o quanto ele é atraído por mim, mas outras vezes parece que ele trabalha tanto para negar qualquer atração que possa existir entre nós. E entendo isso. De verdade. Mas é assim que ele vai passar o resto da sua vida? Desistindo de grandes partes de si mesmo para cuidar de uma mulher que é apenas uma concha da pessoa com quem se casou?

Entendo que ele fez votos, mas a que custo? De toda sua vida? As pessoas casam supondo que viverão vidas longas e felizes. O que acontece

quando uma parte é interrompida, espera-se que o outro cumpra esses votos pelo resto da vida?

Não parece justo. Sei que se fosse casada e meu marido estivesse na situação de Jeremy, não gostaria que ele sentisse que não pode seguir em frente. Mas não tenho certeza de que alguma vez serei tão obcecada por um homem quanto Verity era com Jeremy.

O programa termina e outro começa. Nenhum de nós fala por vários minutos. Não é que eu não tenha nada a dizer — tenho *muito* a falar. Só não sei se é da minha conta.

“Não sei muito sobre você”, diz Jeremy. Sua cabeça está contra o encosto do sofá e ele olha para mim, casualmente. “Já foi casada?”

“Não”, digo. “Cheguei perto algumas vezes, mas nunca deu certo.”

“Quantos anos tem?”

Claro que ele me perguntaria isso quando minha idade aumentará em pouco mais de uma hora. “Você não acreditaria em mim se eu contasse.”

Jeremy ri. “Por que não?”

“Porque terei trinta e dois. *Amanhã*.”

“Mentirosa.”

“Não estou mentindo. Mostrarei minha carteira de motorista.”

“Bom, porque não acredito em você.”

Reviro os olhos e depois vou ao quarto principal pegar minha bolsa. Volto com minha habilitação e entrego para ele.

Ele a olha, balançando a cabeça. “Que aniversário de merda”, diz ele. “Preso com pessoas que mal conhece. Trabalhando o dia todo.”

Dou de ombros. “Se não estivesse aqui, ficaria sozinha no meu apartamento.”

Ele olha minha habilitação por mais um momento. Quando passa o polegar sobre minha foto, sinto calafrios. Ele nem sequer me tocou — ele tocou a porra da minha *habilitação* — e isso me excitou.

Sou patética.

Ele a devolve e se levanta.

“Onde vai?”

“Fazer um bolo para você”, diz ele, saindo da sala de estar.

Sorrio e depois o sigo para a cozinha. Jeremy Crawford fazendo um bolo é algo que não quero perder.

*

Estou sentada no balcão no meio da cozinha, observando-o colocar a cereja no topo do bolo. Em todos os dias que estive aqui, esta é a segunda vez que me divirto. Não falamos sobre Verity, nossas tragédias ou o contrato pela última hora. Enquanto o bolo assava, sentei na bancada, minhas pernas pendendo da borda. Jeremy encostou-se ao balcão na minha frente e conversamos sobre filmes, música, nossos gostos e desgostos.

Na verdade, começamos a nos conhecer além de tudo que nos une. Ele estava relaxado na noite em que saímos para jantar com Crew, mas não o vi tão à vontade dentro dessas paredes desde que cheguei.

Quase posso — *quase* — entender o vício de Verity por ele.

“Volte para a sala de estar”, diz ele enquanto pega velas em uma gaveta.

“Por quê?”

“Porque tenho que entrar com o seu bolo e cantar ‘Parabéns para você. Fazer o pacote completo.’”

Nego com a cabeça e pulo da bancada, voltando para o sofá. Coloco a televisão no mudo porque quero ouvi-lo cantar parabéns sem interrupções. Continuo apertando o botão de informação no controle remoto, verificando a hora. Ele está esperando dar meia-noite para ser oficial.

Quando chega meia-noite, posso ver o brilho das velas enquanto ele surge no canto. Gargalho quando ele começa a cantar baixinho para não acordar Crew.

“Parabéns pra você”, ele sussurra. Ele cortou uma fatia de bolo e colocou uma vela no topo. “Parabéns pra você.”

Ainda estou rindo quando ele chega ao sofá, ajoelhando-se lentamente para não derramar o bolo ou arriscar que a vela seja apagada quando senta ao meu lado.

“Feliz aniversário, querida Lowen. Parabéns para você.”

Estamos de frente um para o outro no sofá para que eu possa fazer um desejo e apagar a vela, mas não tenho certeza do que desejar. Tive a sorte de conseguir um ótimo trabalho. Estou prestes a receber mais dinheiro do que já tive na minha conta bancária de uma só vez. A única coisa na minha vida que sinto querer e não tenho é ele. Olho em seus olhos e depois apago a vela.

“O que desejou?”

“Se te disser, não vai se tornar realidade.”

O jeito que ele sorri para mim parece muito gracioso. “Talvez possa me dizer depois que acontecer.”

Ele não me entrega o bolo. Ele faz uma cena, cortando-o com um garfo. “Sabe qual é o ingrediente secreto para fazer um bolo tão úmido?”

Ele segura o garfo na minha frente. “O que?”

“Pudim.”

Dou uma mordida e sorrio. “É muito bom”, digo com a boca cheia.

“*Pudim*”, ele diz novamente.

Eu sorrio.

Ele segura o prato e dou outra mordida, depois ofereço-lhe o garfo. Ele sacode a cabeça. “Comi um pouco na cozinha.”

Não sei porque, mas gostaria de ter visto isso. Também gostaria de saber se ele tem gosto de chocolate.

Jeremy levanta a mão. “Você tem glacê no seu...” Ele aponta para minha boca. Limpo-a, mas ele balança a cabeça. “Bem aqui.” Ele desliza o dedo por meu lábio inferior.

Engulo a mordida do bolo.

Seu polegar não sai do meu lábio. Ele permanece lá.

Porra. Não consigo respirar.

Estou doendo em todos os lugares porque ele está tão próximo, mas não sei o que posso fazer sobre isso. Quero largar o garfo, quero que ele derrube o prato de bolo, quero que ele me beije. Mas não sou a casada aqui. Não quero dar o primeiro passo e ele não deve dá-lo, mas estou desesperada por isso.

Ele não deixa cair o bolo. Em vez disso, inclina-se e o coloca na mesa. No mesmo movimento fluido, ele segura minha cabeça e pressiona os lábios nos meus. Mesmo depois de toda a expectativa por este momento, ainda parece completamente inesperado.

Fecho os olhos e jogo o garfo no chão, recostando-me no sofá. Ele me segue, subindo em mim, nossos lábios nunca se afastando. Separo meus lábios, e ele lança sua língua para dentro da minha boca. A lentidão do beijo não dura muito. Assim que temos o primeiro gosto um do outro, o beijo se torna frenético. É tudo o que imaginei que beijá-lo seria. Radiação, explosivos, dinamite. Toda e qualquer coisa perigosa.

Sentimos o sabor do chocolate enquanto trocamos beijos, indo e voltando, empurrando e puxando. Sua mão está emaranhada no meu cabelo, e a cada segundo que esse beijo dura, afundamos mais no sofá, ele relaxando em cima de mim enquanto me derreto nas almofadas.

Sua boca deixa a minha em busca de outras partes que ele parece ansioso para provar. Meu queixo, pescoço, o topo dos seios. É como se ele estivesse morrendo de fome. Ele está me beijando e me tocando com a fome de um homem que jejuou toda a vida.

Sua mão está deslizando para cima da minha camiseta e seus dedos estão quentes, escorrendo por minha pele como gotas de água quente.

Ele volta à minha boca, mas apenas momentaneamente. Tempo suficiente para encontrar minha língua antes dele se afastar e tirar a camisa. Minhas mãos vão para o seu peito como se pertencessem ali, pressionadas contra as curvas do seu abdômen. Quero dizer a ele que é isso que pedi quando apaguei a vela, mas temo que qualquer conversa o leve a pensar sobre o que estamos fazendo e como não deveríamos fazer isso, então fico quieta.

Inclino a cabeça contra o encosto do sofá, querendo que ele me explore ainda mais.

Ele o faz. Ele tira minha camiseta e vê que não estou usando sutiã por baixo do pijama. Ele geme e é lindo, e então toma meu mamilo na boca, forçando um gemido a escapar dos meus lábios.

Levanto a cabeça para observá-lo, mas meu sangue gela quando meus olhos vão para a figura em pé no topo da escada. Ela está apenas parada ali, observando o marido enquanto sua boca percorre meu seio.

Meu corpo inteiro enrijece embaixo de Jeremy.

Os punhos de Verity se apertam ao lado do corpo antes dela voltar correndo em direção ao quarto.

Suspiro, empurrando-o para longe. “Verity”, digo, sem fôlego. Ele para de me beijar e depois ergue a cabeça, mas não se move. “Verity”, digo de novo, querendo que ele entenda que precisa se afastar de mim.

Ele levanta os braços, confuso.

“Verity!” Digo novamente, mas com mais urgência. É tudo que posso dizer. Meu medo me dominou e me esforço para inalar e exalar.

Que porra é essa?

Jeremy está de joelhos agora, segurando as costas do sofá enquanto se afasta. “Desculpe.”

Agarro meus joelhos e vou até o final do sofá, indo para longe dele. Cubro minha boca. “Oh, Deus.” As palavras saem contra meus dedos trêmulos.

Ele tenta tocar meu braço tranquilizadamente, mas eu recuo. “Desculpe”, diz ele novamente. “Eu não deveria ter te beijado.”

Estou balançando a cabeça porque ele não entende. Ele acha que estou chateada e me sinto culpada por ele ser casado, mas eu a vi. Em pé. Ela *estava de pé*. Aponto para o topo da escada. “Eu a vi.” Sussurro, baixinho, porque estou com medo de dizer mais alto. “Ela estava em pé no topo da escada.”

Posso ver a confusão em seu rosto quando ele se vira para as escadas. Ele olha de volta para mim. “Ela não pode *andar*, Lowen.”

Não sou louca. Levanto e me afasto do sofá, cobrindo meu seio nu com o braço. Aponto para as escadas novamente, encontrando minha voz dessa vez. “Sua maldita esposa estava no topo da porra da *escada*, Jeremy! Eu sei o que vi!”

Ele vê nos meus olhos que estou dizendo a verdade. Dois segundos se passam antes que ele saia do sofá e suba correndo as escadas em direção ao quarto dela.

Ele não vai me deixar aqui sozinha.

Pego minha camiseta, coloco-a e corro atrás dele. Recuso-me a ficar sozinha nesta casa por mais um segundo.

Quando chego ao topo da escada, ele está parado na porta, olhando o quarto dela. Ele ouve eu me aproximar. E então ele simplesmente... sai. Ele passa por mim sem fazer contato visual e desce as escadas.

Dou vários passos até estar perto o suficiente para olhar o quarto. Só olho por um segundo. É o tempo que preciso para ver que ela está na cama. Debaixo das cobertas. *Adormecida.*

Balanço a cabeça, sentindo meus joelhos tremerem. *Isso não pode estar acontecendo.* De alguma forma chego à escada, mas só desço a metade antes de ter que sentar. Não posso me mexer. Mal posso respirar. Meu coração nunca bateu tão rápido.

Jeremy está no final da escada, olhando-me. Ele provavelmente não sabe o que pensar do que aconteceu. Eu não sei o que pensar. Ele caminha de um lado para o outro na frente das escadas, olhando-me de vez em quando, tenho certeza que ele espera que eu comece a rir da minha piada sem graça. *Não foi uma piada.*

“Eu a vi”, sussurro.

Ele ouve. Ele olha para mim, não com raiva, mas com pesar. Ele sobe as escadas e me ajuda, então mantém o braço ao meu redor enquanto me leva de volta para baixo. Ele me leva para o quarto e fecha a porta, depois me abraça. Enterro o rosto em seu pescoço, querendo afastar a imagem dela da minha cabeça. “Sinto muito”, digo a ele. “Eu só... Talvez eu não tenha dormido o suficiente... Talvez eu...”

“É minha culpa”, diz Jeremy, interrompendo-me. “Você trabalhou duas semanas sem intervalo. Você está exausta. E então eu — nós — é paranoia. Culpa. Eu não sei.” Ele recua, segurando meu rosto com as duas mãos. “Acho que nós dois precisamos de doze horas de sono profundo.”

Estou convencida do que vi. Podemos pensar na exaustão ou culpa, mas eu a vi. Eu vi tudo. Seus punhos cerrados aos lados. A raiva em sua expressão antes que ela corresse para longe.

“Você quer um pouco de água?”

Nego com a cabeça. Não quero que ele vá embora. Não quero ficar sozinha. “Por favor, não me deixe sozinha esta noite”, imploro.

Sua expressão não revela o que está pensando. Ele balança a cabeça, só um pouquinho, depois diz: “Eu não vou. Mas preciso desligar a TV e trancar as portas. Colocar o bolo na geladeira.” Ele caminha para a porta. “Volto em alguns minutos.”

Vou ao banheiro e lavo o rosto, esperando que a água fria ajude a me acalmar. Não funciona. Quando volto ao quarto, Jeremy está trancando a porta. “Não posso ficar a noite toda”, diz ele. “Não quero que Crew fique com medo se acordar e não puder me encontrar.”

Subo na cama e encaro a janela. Jeremy sobe atrás de mim e deita ao meu lado. Posso sentir seu batimento cardíaco e é quase tão rápido quanto o meu. Ele compartilha o travesseiro comigo, segura minha mão e entrelaça nossos dedos.

Tento imitar seu padrão de respiração para que a minha saia mais devagar. Estou respirando pelo nariz porque minha mandíbula está cerrada demais para respirar normalmente. Jeremy dá um beijo no lado da minha cabeça.

“Relaxe”, ele sussurra. “Você está bem.”

Tento relaxar. E talvez consiga, mas é só porque nós dois estamos aqui há muito tempo, é difícil para os músculos reter tanta tensão depois de um tempo. “Jeremy?” Sussurro.

Ele corre o polegar por minha mão para me deixar saber que está ouvindo.

“Existe uma chance... Dela estar fingindo seus ferimentos?”

Ele não responde imediatamente. Quase como se tivesse que pensar um pouco na questão. “Não”, ele finalmente diz. “Eu vi os exames.”

“Mas as pessoas melhoram. Lesões se curam.”

“Eu sei”, diz ele. “Mas Verity não fingiria algo assim. Ninguém faria. Isso é impossível.”

Fecho os olhos, porque ele está tentando me assegurar que a conhece bem o suficiente para saber que ela não faria algo assim. Mas se há uma coisa que eu sei que Jeremy não sabe... é que ele *absolutamente* não conhece Verity.

17

Durmo convencida de ter visto Verity no topo da escada na noite anterior.

Acordo cheia de dúvidas.

Passei a maior parte da vida não confiando em mim durante o sono. Agora estou começando a não confiar em mim mesmo quando estou acordada. *Eu a vi? Foi uma alucinação por causa do estresse? Senti-me culpada por estar com seu marido?*

Fico deitada por um tempo esta manhã, não querendo sair do quarto. Jeremy deixou minha cama por volta das quatro da manhã. Ouvi-o trancar a porta, então ele me mandou uma mensagem um minuto depois e pediu para chamar caso precisasse dele novamente.

Algum tempo depois do almoço, Jeremy bate na porta do escritório. Quando ele entra, parece que não dormiu nada. Ele não dormiu muito esta semana por minha causa. Do seu ponto de vista, sou uma mulher histérica que acorda na cama de sua esposa no meio da noite e depois afirma ter visto a mulher em pé no topo da escada depois que ele finalmente me beijou.

Pensei que ele veio ao escritório para me pedir para sair, e honestamente, estou mais do que pronta para ir, mas o dinheiro ainda não caiu na conta. Estou meio que presa aqui, até que isso aconteça.

Ele veio ao meu escritório para me avisar que colocou outra fechadura. Na porta *de Verity* desta vez.

“Pensei que isso poderia te ajudar a dormir. Saber que não tem como ela sair do quarto, se isso for possível.”

Se isso for possível.

“Só vou trancar à noite, quando estivermos dormindo”, continua ele. “Disse a April que a porta dela fica aberta à noite por causa de projetos na casa. Não quero que ela pense que está lá por qualquer outro motivo.”

Agradei, mas depois que ele se foi, não me senti segura. Porque parte de

mim está preocupada que ele colocou a fechadura lá porque *ele* está preocupado. Claro que quero que ele acredite em mim, mas se ele acreditar, isso significa que pode ser verdade.

Neste caso, prefiro estar errada.

Estou lutando com o que fazer com o manuscrito da Verity agora. quero que Jeremy entenda sua esposa do jeito que agora eu a entendo. Sinto que ele merece saber o que ela fez com suas garotas, especialmente desde que Crew passa muito tempo lá em cima com ela. E ainda estou cheia de suspeitas desde que ele contou sobre Verity conversando com ele. Sei que ele tem apenas cinco anos, então há uma chance de estar confuso, mas se há uma possibilidade remota de que Verity esteja fingindo, Jeremy merece saber.

Mas não tenho coragem de dar o manuscrito a ele ainda, porque *é* apenas uma possibilidade remota de que ela esteja fingindo. Seria mais plausível acreditar que estou vendo coisas devido à exaustão e à privação de sono do que pensar que uma mulher poderia fingir uma deficiência daquela extensão por meses a fio. *Sem qualquer razão aparente.*

Há também o fato de que ainda não terminei a leitura. Não sei como isso termina. Não sei o que aconteceu com Harper ou Chastin, ou se a linha do tempo do manuscrito abrange esses eventos.

Não há muito para ler. Provavelmente só poderei digerir um capítulo antes de precisar dar um tempo do horror deste manuscrito. Certifico-me de que a porta do escritório está fechada, começo o próximo capítulo e decido ignorá-lo, junto com vários outros. Não quero ler sobre um simples beijo, muito menos sobre sexo. Não quero estragar o beijo que nós compartilhamos lendo sobre ele fazendo isso com outra mulher.

Quando pulo mais uma cena íntima e chego ao capítulo que sinto ser uma explicação para a morte de Chastin, dou uma olhada na porta do escritório novamente antes de começar.

Que assim seja

Capítulo Treze

Fiquei grávida de Crew duas semanas depois de mentir para Jeremy sobre a gravidez. É como se o destino estivesse do meu lado. Agradei a Deus com uma oração, embora não acreditasse que ele tenha participado.

Crew era um bom bebê (eu acho). A essa altura, eu estava ganhando tanto dinheiro que consegui pagar uma babá em tempo integral para nossa nova casa. Jeremy estava em casa com as crianças depois de deixar o emprego e não achava que uma babá fosse realmente necessária, então liguei para a babá e contratei como nossa governanta, *mas ela era uma babá*.

Ela permitiu que Jeremy trabalhasse na propriedade todos os dias. Tive janelas instaladas no meu escritório para poder vê-lo de quase todos os ângulos.

A vida foi boa por um tempo. Fiz todas as partes fáceis de ser mãe e Jeremy e a babá ficaram com as partes difíceis. E eu viajei muito. Tinha turnês de livros e entrevistas e realmente não gostava de deixar Jeremy, mas ele preferia ficar em casa com as crianças. Comecei a apreciar isso, no entanto. Percebi que, quando ficava ausente por uma semana, a atenção que Jeremy me dava quando voltava para casa era como a atenção que ele costumava me dar antes das crianças aparecerem.

Às vezes eu mentia e dizia que era necessária em Nova York, mas ficava num Airbnb em Chelsea e via televisão por uma semana. Então ia para casa, e Jeremy me fodia como se eu fosse sua virgem. A vida era ótima.

Até que não era mais.

Aconteceu num instante. Era como se o sol congelasse e escurecesse em nossas vidas, e não importa o quanto tentássemos, os raios não podiam nos alcançar depois disso.

Eu estava em pé na pia, lavando um frango. Um frango cru. Eu poderia ter feito qualquer outra coisa... regar o gramado, escrever, tricotar, *qualquer outra coisa*. Mas pensarei para sempre no maldito frango cru quando pensar no momento em que nos disseram que perdemos Chastin.

O telefone tocou. *Eu estava lavando o frango.*

Jeremy atendeu. *Eu estava lavando o frango.*

Ele levantou a voz. *Ainda lavando a porra do frango.*

E então o som... Aquele som gutural e doloroso. Eu o ouvi dizer não e como e onde ela está e nós estaremos aí. Quando ele terminou a ligação, pude vê-lo no reflexo da janela. Ele estava no corredor, segurando o batente da porta como se fosse cair de joelhos, se não o fizesse. Eu ainda estava lavando o frango. Lágrimas escorriam por meu rosto, meus joelhos estavam fracos. Meu estômago começou a revirar.

Eu vomitei no frango.

É assim que sempre me lembro de um dos piores momentos da minha vida.

Em toda nossa viagem ao hospital, fiquei me perguntando como Harper fez isso. Ela a tinha sufocado como no meu sonho? Ou ela inventou uma maneira mais inteligente de matar a irmã?

Elas estavam numa festa do pijama na casa da amiga, Maria. Elas foram lá várias vezes antes. E a mãe de Maria, Kitty — *que nome bobo* — sabia tudo sobre as alergias de Chastin. Chastin nunca saiu sem o EpiPen¹⁰, mas Kitty a achou desmaiada naquela manhã. Ela discou 9-1-1, e então ligou para Jeremy assim que a ambulância a levou.

Quando chegamos ao hospital, Jeremy ainda tinha a fraca esperança de que estavam errados e que Chastin estava bem. Kitty nos encontrou no corredor e continuou dizendo: “Sinto muito. Ela não acordava.”

Foi tudo o que ela nos contou. *Ela não acordava.* Ela não disse, *ela está morta*. Apenas, *ela não acordava*, como se Chastin fosse algum tipo de pirralha mimada que quisesse dormir.

Jeremy correu até a emergência. Eles o acompanharam e nos disseram que precisávamos esperar na sala da família. Todo mundo sabe que é o quarto onde colocam os membros sobreviventes depois que alguém morreu. Foi quando Jeremy soube que ela tinha ido embora.

Nunca o ouvi gritar assim. Um homem crescido, de joelhos, soluçando como uma criança. Eu teria ficado envergonhada por ele se não estivesse lá.

Quando finalmente conseguimos vê-la, ela estava morta há menos de um dia, mas não cheirava a Chastin. Ela já cheirava a morte.

Jeremy fez muitas perguntas. Todas as perguntas. *Como isso aconteceu? Eles tinham amendoim na casa? A que horas eles foram dormir? Seu EpiPen foi tirado da bolsa?*

Todas as perguntas certas, todas as respostas corretamente devastadoras. Passou mais uma semana antes que a causa da morte fosse confirmada. Anafilaxia¹¹.

Nós estávamos hiper vigilantes sobre sua alergia a amendoim. Não importa para onde iam ou com quem ficavam, Jeremy passava meia hora contando sua rotina, explicando como usar o EpiPen. Eu sempre achei que era exagero, já que literalmente só o usamos uma vez em toda sua vida.

Kitty estava bem ciente de sua alergia e mantinha os amendoins fora do seu alcance quando as meninas estavam lá. O que ela não sabia era que as garotas tinham entrado na despensa e pego um punhado de lanches para levar para o quarto no meio da noite. Chastin tinha apenas oito anos; era tarde da noite e escuro quando as garotas decidiram que queriam um lanche. Harper disse que não perceberam que qualquer coisa que estavam comendo continha amendoins. Mas quando acordaram na manhã seguinte, *Chastin não acordou.*

Jeremy passou por um período de negação, mas nunca questionou que Chastin sem saber comeu amendoins. Mas eu sim. Eu sabia. *Eu sabia.*

Toda vez que olhava Harper, podia ver a culpa. Estava esperando que isso acontecesse por anos. *Anos.* Eu sabia, desde quando elas tinham seis meses, que Harper encontraria uma maneira de matá-la. E que assassinato perfeito ela cometeu. Até o próprio pai nunca suspeitou.

Sua mãe, no entanto. *Eu* era um pouco mais difícil de convencer.

Sentia falta de Chastin, obviamente, e fiquei triste com sua morte. Mas havia algo desagradável em quão duro Jeremy a levou. Ele ficou arrasado. Entorpecido. Depois que ela morreu há três meses, eu estava impaciente. Nós só fizemos sexo duas vezes desde sua morte, e ele nem sequer me beijou na hora. É como se ele estivesse desconectado, usando-me para se sentir melhor, para sentir algo além de agonia. Eu queria mais que isso. Eu queria o velho Jeremy de volta.

Tentei uma noite. Rolei e coloquei a mão em seu pau enquanto ele dormia. Esfreguei minha mão para cima e para baixo, esperando que ele ficasse duro. Isso não aconteceu. Em vez disso, ele afastou minha mão e disse: “Tudo bem, Verity. Não precisa fazer isso.”

Ele disse como se estivesse me fazendo um favor. Como se ele estivesse negando para *minha* tranquilidade.

Eu não precisava de tranquilidade.

Eu não precisava.

Tive mais de oito anos para aceitar isso. Eu sabia que estava chegando — sonhei com isso. Dei a Chastin todo o amor que tinha a cada minuto que ela estava viva porque sabia que isso iria acontecer. Eu sabia que Harper faria algo assim. Não que isso pudesse provar que Harper tinha algum envolvimento. Mesmo que tentasse provar isso a ele, Jeremy nunca acreditaria em mim. Ele a ama muito. Ele nunca acreditaria em uma coisa tão atroz — que um gêmeo poderia fazer isso com sua própria irmã.

Parte de mim se sentia responsável. Se tivesse tentado sufocá-la novamente quando criança, deixar uma garrafa aberta de água sanitária perto dela, ou enfiar o lado do passageiro do meu carro numa árvore enquanto ela estava sem cinto com o airbag desligado, tudo poderia ser evitado. Tantos acidentes potenciais que eu poderia ter encenado. *Deveria* ter encenado.

Se eu tivesse parado Harper antes dela agir, ainda teríamos Chastin.

E então talvez Jeremy não ficasse tão *triste* o tempo todo.

18

Verity está na sala de estar. April a trouxe de elevador antes de ir embora. Uma mudança incomum em sua rotina que não tenho certeza se gosto.

April disse: “Ela está bem acordada esta noite. Pensei em deixar Jeremy colocá-la para dormir.” Ela a deixou em frente à televisão, a cadeira de rodas perto do sofá.

Verity está assistindo a *Roda da Fortuna*.

Ou... olhando naquela direção, de qualquer maneira.

Estou em pé na porta da sala de estar, olhando-a. Jeremy está lá em cima com Crew. Está escuro lá fora, e a luz da sala não está acesa, mas há luz suficiente da televisão que eu possa ver o rosto inexpressivo de Verity.

Não posso imaginar alguém indo tão longe para fingir uma lesão por tanto tempo. Nem tenho certeza de como alguém poderia fazer isso. Ela se assustaria com um barulho alto?

Ao meu lado, perto da entrada da sala de estar, há uma tigela cheia de bolas de vidro decorativas misturadas com algumas de madeira. Olho ao redor, então pego um das de madeira da tigela. Jogo em sua direção. Quando atinge o chão na frente dela, ela não recua.

Sei que ela não está paralisada, então como pode nem sequer recuar? Mesmo que seu dano cerebral seja muito severo para entender nosso idioma, ela ainda ficaria alarmada pelo barulho, certo? Teria algum tipo de reação?

A menos que ela tenha treinado para não reagir.

Eu a observo mais um pouco antes de começar a me assustar com meus próprios pensamentos.

Volto para a cozinha, deixando-a sozinha com Pat Sajak e Vanna White.

Existem apenas dois capítulos do manuscrito de Verity. Estou rezando para não encontrar uma parte dois antes de sair daqui, porque não posso suportar

os altos e baixos de tudo isso. A ansiedade que tenho depois de cada capítulo é pior do que a ansiedade que tenho depois de dormir.

Estou aliviada por ela não ter nada a ver com a morte de Chastin, mas perturbada por seu processo de pensamento durante tudo isso. Ela parecia tão desapegada. Bidimensional. Ela perdeu a porra da filha, mas tudo o que ela pensava era como deveria ter matado Harper, e estava farta de esperar que Jeremy superasse sua dor.

Perturbada é dizer o mínimo. Felizmente, estarei chegando ao fim em breve. A maior parte do manuscrito detalha coisas que aconteceram anos atrás, mas este último capítulo é mais recente. Menos de um ano. Meses antes da morte de Harper.

A morte de Harper.

É a coisa que pretendo ler a seguir. Talvez à noite. Não sei. Não tenho dormido bem nos últimos dias, e estou preocupada que depois de terminar o manuscrito, não seja capaz de dormir em *tudo*.

Estou fazendo espaguete para Jeremy e Crew esta noite. Tento me concentrar no jantar e não na falta de uma alma em Verity. Propositalmente planejei esta refeição para que April fosse embora antes que o jantar estivesse pronto. E espero que Jeremy leve Verity para a cama antes que seja hora de comer. Meu aniversário está quase no fim, e serei amaldiçoada se comer minha refeição de aniversário ao lado de Verity Crawford.

Estou mexendo o molho quando percebo que não ouço a televisão faz alguns minutos. Cuidadosamente solto a colher, colocando-a no fogão ao lado da panela.

“Jeremy?” Digo, esperando que ele esteja na sala de estar. Esperando que ele seja o motivo de não haver mais som vindo da televisão.

“Desço em um segundo!” Ele diz do andar de cima.

Fecho meus olhos, já sentindo a aceleração do meu pulso. *Se essa cadela desligou a maldita televisão, sairei pela porta da frente e nunca mais voltarei.*

Cerro os punhos ao meu lado, ficando realmente cansada dessa merda. Desta casa. E dessa merda de mulher psicótica e arrepiante.

Não ando na ponta dos pés até a sala de estar. Eu piso forte.

A televisão ainda está ligada, mas não está mais fazendo barulho. Verity ainda está na mesma posição. Ando até a mesa ao lado de sua cadeira de rodas e agarro o controle remoto. A televisão está no mudo e supero isso. Estou *acima* disso. *Televisões não apenas ficam mudas!*

“Você é uma merda”, murmuro.

As palavras me chocam, mas não o suficiente para ir embora. É como se cada palavra que li em seu manuscrito queimasse dentro de mim. Devolvo o som a televisão e solto o controle remoto no sofá, fora do seu alcance. Ajoelho-me na frente dela, posicionando-me de modo que estou diretamente em sua linha de visão. Estou tremendo, mas não de medo desta vez. Estou tremendo porque estou com muita raiva. Irritada com o tipo de esposa que ela era para Jeremy. O tipo de mãe que era para Harper. E estou com raiva que toda essa merda estranha continue acontecendo e sou a única que está testemunhando. Estou cansada de me sentir maluca!

“Você nem sequer merece o corpo em que está presa”, sussurro, olhando diretamente em seus olhos. “Espero que morra com a garganta cheia do seu próprio vômito, da mesma maneira que tentou matar sua filha pequena.”

Eu espero. Se ela está lá... se ela ouviu... se ela está fingindo... minhas palavras chegarão até ela. Elas a farão recuar, atacar ou *algo assim*.

Ela não se move. Tento pensar em outra coisa para dizer que a fará reagir. Algo que ela não será capaz de segurar depois de ouvir. Levanto e me inclino, levando minha boca ao ouvido dela. “Jeremy vai me foder na sua cama hoje à noite.”

Espero novamente... por um barulho... por um movimento.

A única coisa que noto é o cheiro de urina. Enche o ar. Minhas narinas.

Olho as calças dela quando Jeremy começa a descer as escadas. “Você precisa de mim?”

Recuo para longe, acidentalmente chutando a bola de madeira que joguei em sua direção mais cedo. Vou em direção a Verity enquanto me inclino para a bola. “Ela só... Ela precisa ser movida, eu acho.”

Jeremy agarra as alças da cadeira de rodas e a empurra para fora da sala, em direção ao elevador. Levo uma mão para o meu rosto, cobrindo minha boca e nariz enquanto exalo.

Não sei por que nunca fiquei curiosa sobre quem a banha ou muda. Assumi que a enfermeira cuidasse da maior parte, mas ela obviamente não faz tudo. Que Verity é incontinente e tem que usar fraldas e ser banhada me faz sentir ainda mais triste por ele. Jeremy agora está levando-a para cima para fazer as duas coisas e isso me deixa com raiva.

Irritada com Verity.

Certamente seu estado atual é resultado do terrível ser humano que ela foi para seus filhos e para Jeremy. Agora, pelo resto da vida, Jeremy terá que sofrer as consequências do carma de Verity.

Não é certo.

E mesmo que ela tenha se esquivado de tudo que eu disse, o fato de que pareceu assustá-la me convence de que ela está lá. *Em algum lugar*. E agora sabe que não tenho medo dela.

*

Janto com Crew, que joga em seu iPad o tempo todo. Eu queria esperar por Jeremy, mas sabia que ele não queria que Crew comesse sozinho e passasse da hora de dormir. Enquanto Jeremy estava cuidando de Verity, coloquei Crew na cama. No momento em que Jeremy deu banho, trocou de roupa e a deitou na cama, o espaguete estava frio.

Jeremy finalmente desce as escadas enquanto lavo a louça. Nós não conversamos muito desde o beijo. Não tenho certeza de qual será a vibe entre nós, ou se vamos ser desajeitados e seguir caminhos separados depois que ele comer. Posso ouvi-lo atrás de mim, mastigando pão de alho enquanto continuo a lavar os pratos.

“Desculpe por isso”, diz ele.

“O que?”

“Perder o jantar.”

Dou de ombros. “Você não o perdeu. Coma.”

Ele tira uma tigela do armário e a enche de espaguete. Ele coloca no micro-ondas e depois se inclina no balcão ao meu lado. “Lowen.”

Encaro-o.

“O que está errado?”

Sacudo minha cabeça. “Nada, Jeremy. Não é da minha conta.”

“É agora que você diz isso.”

Não quero ter essa conversa com ele. Realmente não é da minha conta. Esta é a vida dele. A esposa dele. Sua casa. E só estarei aqui por mais dois dias no máximo. Seco as mãos numa toalha assim que o micro-ondas emite um bipe. Ele não se move para abri-lo porque está muito ocupado me olhando, tentando arrancar mais de mim com esse olhar.

Eu me inclino contra o balcão e suspiro, deixando cair a cabeça para trás. “Eu só... Sinto-me mal por você.”

“Não sinta.”

“Eu não posso impedir.”

“Você pode.”

“Não. Não posso.”

Ele abre o micro-ondas e tira a tigela. Ele a coloca no balcão para esfriar e depois me encara novamente. “Esta é minha vida, Low. E não posso fazer nada sobre isso. Você sentir pena de mim não ajuda.”

Reviro o pescoço. “Mas você está errado. Você *pode* fazer algo sobre isso. Você não tem que viver assim, dia após dia. Existem instalações, lugares que podem cuidar melhor dela. Ela terá mais oportunidades. E você e Crew não estarão presos a esta casa todos os dias pelo resto de suas vidas.”

A mandíbula de Jeremy tensiona. Sei que não deveria ter dito nada. “Aprecio que ache que eu mereço o melhor. Mas se coloque no lugar de Verity.”

Ele não faz ideia do quanto andei no lugar de Verity nas últimas duas semanas. “Acredite em mim, eu me coloquei.” Faço um punho frustrado e bato

no balcão, tentando encontrar uma maneira melhor de dizer tudo. “Ela não iria querer isso para você, Jeremy. Você é um prisioneiro em sua própria casa. *Crew* é prisioneiro nesta casa. Ele precisa se afastar daqui. Sair em férias. Volte a trabalhar e coloque-a numa instalação onde possa receber atendimento em tempo integral.”

Jeremy está balançando a cabeça antes mesmo de eu terminar a frase. “Não posso fazer isso com *Crew*. Ele perdeu as duas irmãs. Não pode passar por outra perda. Pelo menos se ela estiver aqui, *Crew* ainda pode passar tempo com ela.”

Ele não indica seu próprio desejo de tê-la aqui. Apenas por *Crew*.

“Leve-o para visita-la, então”, digo a ele. “Pode colocá-la numa instalação de tempo parcial, e não ficar sobrecarregado. Traga-a para casa nos fins de semana, quando *Crew* está fora da escola.” Ando até ele e seguro seu rosto em minhas mãos. Quero que ele veja o quanto me preocupa. Talvez se ele ver que alguém realmente se preocupa com seu bem-estar, leve essa conversa mais a sério.

“Tenha momentos para si mesmo, Jeremy”, digo baixinho. “Momentos egoístas. Você merece viver uma vida onde tem momentos que não têm nada a ver com ela e tudo a ver com você e o que *você* quer.”

Sinto seus dentes cerrarem sob minhas palmas. Ele se afasta e pressiona as mãos no granito, deixando cair a cabeça entre os ombros. “O que *eu* quero?” Ele diz baixinho.

“Sim. O que *você* quer?”

Sua cabeça cai para trás e ele ri uma vez, como se fosse uma pergunta estúpida. Então ele diz uma palavra, como se fosse a pergunta mais fácil que já respondeu.

“*Você*.”

Ele sai do balcão e caminha em minha direção. Ele aperta minha cintura com as duas mãos e pressiona sua testa na minha, olhando nos meus olhos com nada além de necessidade. “Eu quero *você*, Low.”

Meu alívio é recebido com um beijo. É diferente do nosso primeiro. Desta

vez ele é paciente enquanto seus lábios se movem preguiçosamente contra os meus e sua mão se curva ao redor da minha nuca. Ele está saboreando meu gosto, aumentando o meu desejo a cada movimento de sua língua. Ele se inclina um pouco, levantando-me e depois enrola minhas pernas em sua cintura.

Estamos saindo da cozinha, mas não quero abrir os olhos até estarmos sozinhos atrás de uma porta trancada. Verity não arruinará isso desta vez.

Uma vez que estamos no quarto principal, ele me solta e deslizo para baixo dele, nossos lábios se separando. Ele me deixa em pé ao lado da minha cama enquanto caminha em direção à porta do meu quarto.

“Tire suas roupas.” Ele diz isso sem me encarar, enquanto tranca a porta do meu quarto.

É um comando. Estou ansiosa para obedecer agora que a porta está trancada. Nós assistimos um ao outro se despir. Ele tira a calça jeans enquanto eu tiro a camiseta, e então a camisa dele sai junto com meu jeans. Removo o sutiã enquanto seus olhos se movem sobre mim. Ele não está me tocando, nem me beijando, apenas observando.

Tantas emoções me inundam quando removo a calcinha: medo, excitação, irritação, desejo. Deslizo a calcinha pelos quadris, por cima das pernas e, em seguida, tiro-a. Quando fico em pé, estou em plena exibição.

Ele me come com os olhos quando remove a última peça de suas roupas. Algo dentro de mim muda, porque não importa quão precisas as descrições físicas de Verity foram, não estou preparada para a magnitude completa do seu corpo.

Nós dois estamos de pé, nus, as respirações ofegantes.

Ele dá um passo mais perto, seus olhos no meu rosto e em nenhum outro lugar. Suas mãos quentes deslizam por minhas bochechas e cabelo enquanto ele leva sua boca até a minha novamente. Ele me beija, suave e doce, com apenas uma provocação de sua língua.

Seus dedos percorrem o comprimento da minha coluna e tremo.

“Eu não tenho camisinha”, diz ele enquanto agarra minha bunda e me puxa contra ele.

“Não estou tomando pílula.”

Minhas palavras não o impedem de me levantar e levar para a cama. Seus lábios circulam meu mamilo esquerdo, brevemente, depois passam por minha boca enquanto ele paira sobre mim. “Eu gozo fora.”

“Tudo bem.”

A palavra o faz sorrir. Ele sussurra, “Tudo bem”, contra meus lábios quando começa a empurrar para dentro. Nós dois estamos tão focados em nos conectar que nem estamos nos beijando. Apenas respirando na boca um do outro. Fecho meus olhos enquanto ele tenta encaixar todo o seu comprimento dentro de mim. Dói por alguns segundos, mas quando ele começa a se mover, a dor é substituída por uma plenitude prazerosa que me faz gemer.

Os lábios de Jeremy encontram minha bochecha e, em seguida, minha boca antes que ele se afaste. Quando abro os olhos, vejo um homem que, pela primeira vez, não está pensando em outra coisa senão no que está bem na frente dele. Não há um olhar distante em seus olhos. É só ele e eu neste momento.

“Você tem alguma ideia de quantas vezes pensei em estar com você?” É uma pergunta retórica, assumo, porque o beijo que a segue imediatamente me impede de responder. Ele segura meu seio enquanto me beija. Após cerca de um minuto dessa posição, ele sai de dentro de mim e me rola. Ele me penetra por trás, colando a boca ao meu ouvido enquanto sai. “Vou levá-la em todas as posições que imaginei.”

Suas palavras parecem se acomodar no meu íntimo e me incendiarem. “Por favor”, é tudo que digo.

Com isso, ele coloca uma palma contra meu abdômen e me puxa de joelhos, pressionando minhas costas contra o peito sem sair de mim.

Sua respiração é quente contra a parte de trás do meu pescoço. Levanto a mão e seguro sua cabeça, puxando sua boca contra minha pele. Essa posição dura cerca de trinta segundos antes de suas mãos deslizarem por minha cintura. Ele me gira de modo que estamos frente a frente e, em seguida, puxa-me para ele.

Sinto-me fraca contra sua força, seus braços sem esforço me movendo ao redor da cama a cada poucos minutos. Percebo que, em todas as vezes que li

sobre a intimidade dele com a esposa, ela sempre teve que ter alguma forma de controle sobre ele.

Eu abandono todo o controle para ele.

Deixo-o me levar como quiser.

E ele o faz, por mais de meia hora. Toda vez que ele parece perto de gozar, sai de dentro de mim e me beija até que ele me pega de novo, beija, reposiciona, fode, beija e reposiciona. É um ciclo que nunca quero por fim.

Eventualmente, estamos no que estou supondo ser uma de suas posições favoritas, ele de costas, sua cabeça num travesseiro, minhas coxas de cada lado da cabeça. Mas não tenho certeza se acabamos nessa posição por causa dele ou por minha causa. Ainda tenho que me abaixar em sua boca porque estou olhando as marcas de dentes em sua cabeceira.

Fecho os olhos porque não quero vê-las.

Suas palmas estão subindo por minha barriga, até os seios. Ele agarra meus seios e então começa a me separar lentamente com a língua. Deixo a cabeça cair para trás e gemo tão alto que tenho que cobrir minha própria boca.

Ele parece gostar do barulho porque faz exatamente a mesma coisa novamente, e o êxtase que surge por mim me impulsiona para frente até que estou segurando a cabeceira da cama. Abro os olhos, minha boca a centímetros da cabeceira da cama. A centímetros das marcas de mordida que Verity deixou todas as vezes que ele a teve nessa mesma posição.

Quando os dedos de Jeremy deslizam por minha barriga e acompanham sua boca, não tenho para onde levar meus gritos. Na posição que ele me tem, sou obrigada a me inclinar para a frente e sufocar os sons do meu clímax.

Mordo a madeira na minha frente.

Posso sentir os dentes de Verity abaixo dos meus. Diferente. Desalinhado. Mordo mais forte quando gozo, determinada a deixar marcas mais profundas do que ela jamais deixou. Determinada a pensar apenas em Jeremy e em mim toda vez que olhar para essa cabeceira no futuro.

Verity está confinada a um quarto, mas sua presença aparece em quase todos os cômodos da casa. Não quero mais pensar nela quando estou neste

quarto.

Depois que gozo, afasto-me da cabeceira e abro os olhos, vendo as marcas que deixei para trás. Assim que passo o polegar sobre elas para limpar a saliva, Jeremy me empurra de costas e de repente estou debaixo dele novamente. Ele nem precisa entrar em mim para alcançar seu clímax. Ele pressiona contra o meu abdômen e sinto o calor em minha pele quando sua boca encontra a minha.

Posso perceber por seu beijo frenético que esta será uma noite longa.

19

Nossa segunda rodada aconteceu no chuveiro meia hora depois. Nossas mãos estavam uma sobre a outra, nossas bocas eram uma, e então ele estava dentro de mim novamente, minhas palmas contra a parede do chuveiro enquanto ele empurrava dentro de mim sob o jato de água.

Ele saiu e gozou em minhas costas antes de me lavar.

Estamos na cama de novo, mas são quase três da manhã, e sei que ele vai voltar para o seu quarto em breve. Não quero que ele o faça. Estar com ele dessa forma é tudo que imaginei que seria e, de alguma forma, sinto-me bem em estar dentro dessa casa quando estou em seus braços. Ele me faz sentir segura das coisas que nem percebe serem perigosas.

Ele me coloca contra ele, um braço ao meu redor enquanto deito contra o seu peito. Seus dedos estão traçando para cima e para baixo em meu braço. Temos lutado contra o sono, fazendo perguntas um ao outro. As perguntas tomam um rumo mais pessoal porque ele me pergunta como foi meu último relacionamento.

“Era superficial.”

“Por quê?”

“Não tenho certeza se era sequer um relacionamento”, digo. “Definimos dessa maneira, mas só girava em torno de sexo. Não conseguíamos descobrir como nos encaixar na vida um do outro fora do quarto.”

“Quanto tempo durou?”

“Um tempo.” Levanto e olho para ele. “Foi com Corey. Meu agente.”

Os dedos de Jeremy param no meu braço. “O agente que conheci?”

“Sim.”

“E ele ainda é seu agente?”

“Ele é um ótimo agente.” Deito a cabeça novamente em seu peito, e os

dedos de Jeremy continuam o movimento por meu braço.

“Isso me deixa com um pouco de ciúmes”, diz ele.

Gargalho porque posso senti-lo rindo. Depois de ficar quieta por um instante, faço uma pergunta sobre a qual estou curiosa. “Como era seu relacionamento com a Verity?”

Jeremy suspira e minha cabeça se move em seu peito. Então ele nos posiciona de modo que estou no travesseiro e ele está do seu lado, fazendo contato visual. “Vou responder a sua pergunta, mas não quero que pense mal de mim.”

“Eu não vou”, prometo, balançando a cabeça.

“Eu a amava. Ela era minha esposa. Mas às vezes não tinha certeza se realmente nos conhecíamos. Nós morávamos juntos, mas é como se nossos mundos não estivessem conectados.” Ele estende a mão e toca meus lábios, traçando-os com as pontas dos dedos. “Eu era incrivelmente atraído por ela, o que tenho certeza que não quer ouvir, mas é verdade. Nossa vida sexual era ótima. Mas o resto... eu não sei. Senti que havia algo faltando no começo, mas fiquei, casei com ela e começamos nossa família porque sempre acreditei que a conexão mais profunda estava ao nosso alcance. Pensei que acordaria um dia, olharia nos olhos dela, e então clicaria, como aquela peça mítica de um quebra-cabeça finalmente encaixada.”

Não passa despercebido que ele mencionou amá-la no passado. “Você encontrou essa conexão?”

“Não, não como esperava. Mas senti algo próximo a isso — uma intensidade fugaz que provou que uma conexão mais profunda poderia existir.”

“Quando foi isso?”

“Várias semanas atrás”, ele diz baixinho. “Num banheiro de café aleatório com uma mulher que não era minha esposa.”

Ele me beija assim que a frase termina, como se não quisesse que eu respondesse. Talvez ele se sinta culpado por dizer isso. Por momentaneamente sentir uma conexão comigo depois de tentar por tantos anos sentir isso com sua esposa.

Mesmo que ele não queira que eu reaja a essa admissão, sinto algo crescer dentro de mim, como se suas palavras afundassem e se expandissem em meu peito. Ele me puxa e fecho os olhos, colocando a cabeça contra seu peito. Não falamos de novo antes de adormecer.

Acordo cerca de duas horas depois com a voz dele no meu ouvido.

“Merda.” Ele senta e a maior parte do lençol vai com ele. “*Merda.*”

Esfrego os olhos enquanto rolo de costas. “O que é?”

“Eu não queria adormecer.” Ele levanta e começa a pegar suas roupas. “Não posso estar aqui quando Crew acordar.” Ele me beija duas vezes e depois caminha em direção à porta. Ele a destranca e depois puxa.

A porta não se move.

Ele sacode a maçaneta enquanto sento na cama, puxando as cobertas sobre meus seios expostos.

“Merda”, ele diz novamente. “A porta está presa.”

Algo afunda dentro de mim e sou abruptamente arrancada do prazer da noite passada. Estou de volta ao momento, em mais um cenário em que me sinto desolada dentro desta casa estranha. Balanço a cabeça, mas Jeremy está de frente para a porta e não pode me ver. “Não está presa”, digo baixinho. “Está trancada. Por fora.”

Jeremy vira a cabeça e me olha, o rosto tomado pela preocupação. Então ele tenta puxar a porta com as duas mãos. Quando percebe que estou certa e que a porta está trancada pelo lado de fora, ele começa a bater nela. Permaneço onde estou, com medo do que ele possa encontrar quando finalmente abrir a porta.

Ele tenta de tudo para abri-la, mas depois recorre ao nome de Crew. “Crew!” Jeremy grita, batendo na porta do quarto.

E se ela o levou?

Não tenho certeza se faria isso. Ela nem gosta de seus filhos. Mas gosta de Jeremy. *Adora* Jeremy. Se ela soubesse que ele estava neste quarto comigo ontem à noite, provavelmente levaria Crew por despeito.

A mente de Jeremy ainda não foi para lá. Em sua cabeça, Crew está

brincando com a gente. Ou a fechadura de algum modo clicou acidentalmente quando ele fechou a porta ontem à noite. Essas são as únicas explicações plausíveis para ele. Agora, ele parece apenas irritado. Não preocupado.

Jeremy olha o despertador na mesa de cabeceira e depois bate de novo na porta. “Crew, abra a porta!” Ele pressiona a testa contra ela. “Abril estará aqui em breve”, diz ele em voz baixa. “Ela não pode nos ver juntos.”

É onde a cabeça dele está?

Estou pensando que sua mulher sequestrou o filho no meio da noite e ele está preocupado por ser pego fodendo a hóspede.

“Jeremy.”

“O quê?” Diz ele, batendo contra a porta novamente.

“Sei que acha que não é plausível. Mas... você trancou a porta da Verity na noite passada?”

O punho de Jeremy faz uma pausa contra a porta. “Não consigo lembrar”, diz ele em voz baixa.

“Se por alguma chance bizarra foi Verity que nos trancou... Crew provavelmente não está mais aqui.”

Quando ele me olha, seus olhos estão cheios de medo. Então, num movimento rápido, ele atravessa o quarto e abre a janela. Ele a levanta, mas há dois painéis de vidro. O segundo não cede tão facilmente quanto o primeiro. Sem hesitar, ele vai até a cama e puxa uma fronha de travesseiro. Ele envolve a mão e acerta o vidro, chuta e depois sai pela janela.

Vários segundos depois o ouço destrancar a porta do meu quarto então corre e vai para as escadas. Ele já está no quarto de Crew antes de eu sair da cama. Eu o ouço correndo pelo corredor até o quarto de Verity. Quando chego ao topo da escada, meu coração está na garganta.

Ele sacode a cabeça. Ele se inclina, segurando os joelhos, sem fôlego. “Eles estão dormindo.”

Ele se agacha, como se seus joelhos estivessem prestes a ceder, e passa as mãos pelos cabelos. “Eles estão *dormindo*”, diz ele novamente, aliviado.

Estou aliviada. Mas não muito.

Minha paranoia está começando a atingir Jeremy.

Não estou fazendo nenhum favor a ele expondo minhas preocupações. April entra pela porta da frente momentos depois. Ela olha para mim, depois para Jeremy, agachado no topo da escada. Ele olha para cima e vê April o olhando.

Ele se levanta e desce as escadas, sem olhar para mim ou April, então caminha para a porta, abre-a e sai.

April me olha da porta da frente.

Eu dou de ombros. “Noite difícil com Crew.”

Não sei se ela acredita, mas sobe as escadas como se não desse a mínima se digo a verdade ou não.

Vou para o escritório e fecho a porta. Pego o resto do manuscrito e começo a ler. Tenho que terminar isso hoje. Preciso saber como termina, se *tem* um final. Porque estou num momento em que sinto que preciso mostrar este manuscrito para Jeremy. Ele precisa saber que estava certo quando sentiu que nunca realmente se conectaram. Porque ele realmente não a conhecia.

As coisas não estão bem nesta casa, e até ele desconfiar da mulher no andar de cima tanto quanto eu, tenho a sensação de que algo acontecerá. Outra tragédia.

Afinal, esta é uma casa cheia delas. A próxima tragédia já está atrasada.

Que assim seja

Capítulo Quatorze

É fácil lembrar de tudo sobre a manhã em que Harper morreu porque aconteceu apenas alguns dias atrás. Lembro como ela cheirava. *Como graxa. Ela não lavou o cabelo em dois dias.* O que estava vestindo. *Leggings roxas, uma camisa preta e um suéter de malha.* O que ela estava fazendo? *Sentada à mesa com Crew, colorindo.* A última coisa que Jeremy disse a ela naquele dia. *Eu te amo, Harper.*

Chastin tinha ido embora há seis meses naquele dia. *Naquele* dia. O que significava que passei cento e oitenta e dois dias e meio aumentando meu ressentimento pela criança responsável.

Jeremy dormiu no andar de cima na noite anterior. Crew chorou por ele quase toda a noite, então nos últimos dois meses ele está dormindo no quarto de hóspedes no andar de cima. Tentei dizer a ele que não é bom. Ele está o estragando. Mas Jeremy não me escuta mais. Seu foco principal é os dois filhos restantes.

É estranho como temos uma criança a menos para ele se concentrar, mas que de alguma forma, ele se tornou *mais* exigente.

Fizemos sexo quatro vezes desde que Chastin morreu. Ele parece não conseguir mais quando eu tento. Nem mesmo quando o chupo. A pior parte é que nem parece incomodá-lo. Ele poderia tomar Viagra, mas se recusa. Ele diz que só precisa de mais tempo para se adaptar à vida sem Chastin.

Tempo.

Você sabe quem *não* precisou de tempo? Harper.

Ela nem sequer passou por um período de adaptação após a morte de Chastin. Ela não chorou. Nem mesmo uma única lágrima. É estranho. Não é

normal. Até *eu* chorei.

Acho que faz sentido que Harper não chore. A culpa pode fazer isso.

Talvez a culpa seja o motivo pelo qual estou escrevendo tudo.

Porque Jeremy precisa saber a verdade. Algum dia, de alguma forma, ele encontrará isso. E então vai perceber o quanto eu o amava.

De volta ao dia, Harper entendeu o que estava acontecendo com ela.

Eu estava de pé na cozinha, observando-a pintar. Ela estava mostrando a Crew como uma cor em cima de outra cor podia fazer uma terceira cor. Eles estavam rindo. A risada de Crew era compreensível, mas a de Harper? Imperdoável. Eu estava cansada de esconder minha raiva.

“Você está sequer chateada que Chastin está morta?”

Harper levantou os olhos para mim. Ela estava fingindo ter medo. “Sim.”

“Você nem chorou. Nem uma vez. Sua irmã gêmea morreu e você age como se nem se *importasse*.”

Eu podia ver as lágrimas em seus olhos. Engraçado como Jeremy acredita que não se pode fingir emoção, criar lágrimas conforme seu desejo.

“Eu *me importo*”, disse Harper. “Sinto falta dela.”

Eu gargalhei. Minha risada trouxe as lágrimas *reais*. Ela arrastou a cadeira para trás e correu para o seu quarto.

Olhei Crew e apontei na direção de Harper. “*Agora* ela chora.”

Simbólico.

Jeremy deve ter passado por ela no andar de cima, porque pude ouvi-lo batendo na porta dela. “Harper? Querida, o que há de errado?”

Eu o imitei, usando uma voz estridente e infantil. “*Querida, o que há de errado?*”

Crew riu. Pelo menos sou engraçada para seus quatro anos de idade.

Um minuto depois, Jeremy entrou na cozinha. “O que está errado com Harper?”

“Ela é louca”, menti. “Não a deixei ir brincar no lago.”

Jeremy me beijou no lado da cabeça. Parecia genuíno e isso me fez sorrir. “Está um bom dia lá fora”, disse ele. “Deve levá-los para a costa.”

Ele estava atrás de mim, então não me viu revirar os olhos. Deveria ter pensado numa mentira melhor para as lágrimas de Harper, porque agora ele queria que eu as levasse para fora e brincasse.

“Eu quero ir para a água”, disse Crew.

Jeremy pegou sua carteira e as chaves. “Vá dizer a Harper para colocar os sapatos. Sua mãe vai te levar. Estarei de volta antes do almoço.”

Eu me virei e o encarei. “Onde vai?”

“Mercearia”, disse ele. “Eu te disse hoje de manhã.”

Ele disse.

Crew subiu correndo e suspirei. “Prefiro fazer as compras. Você fica e brinca com eles.”

Jeremy andou até mim, envolvendo um braço ao meu redor. Ele pressionou a testa na minha e senti o gesto ir direto ao meu coração. “Você não escreveu em seis meses. Você não sai de casa. Você não brinca com eles.” Ele me puxa para um abraço. “Estou ficando preocupado, querida. Basta levá-los para fora por meia hora. Pegar um pouco de vitamina D.”

“Você acha que estou deprimida?” Disse, afastando-me. Isso é risível. *Ele* era o deprimido.

Jeremy colocou as chaves no balcão para poder segurar meu rosto com as duas mãos. “Acho que ambos estamos deprimidos. E estaremos por um tempo. Precisamos cuidar um do outro.”

Sorri para ele. Gostei que ele pensou que estávamos nisso juntos. Talvez estivéssemos. Ele me beijou então, e pela primeira vez em muito tempo, ele me beijou com a língua e pouca dor. Parecia os tempos antigos. Eu o puxei para mim e fiquei na ponta dos pés, aprofundando o beijo. Senti-o endurecer contra mim, sem coerção desta vez.

“Quero que durma no nosso quarto hoje à noite”, sussurrei.

Ele sorriu contra meus lábios. “OK. Mas não haverá muito sono.”

Seu tom de voz, seus olhos quentes, aquele sorriso. *Aí está você, Jeremy Crawford. Senti saudades.*

Depois que Jeremy foi embora, levei suas malditas crianças para brincar na água. Também peguei o último livro que escrevi da minha série. Jeremy estava certo, fazia seis meses desde que escrevi alguma coisa. Eu precisava voltar ao ritmo. Já perdi um prazo, mas Pantem foi indulgente, graças à trágica perda “acidental” de Chastin.

Eles provavelmente seriam ainda mais brandos no meu prazo se soubessem o que realmente aconteceu.

Crew foi para o cais em direção à canoa. Eu fiquei tensa, porque a doca é velha e Jeremy não gostava que eles estivessem nela. Mas Crew não pesava muito, então relaxei. Duvidava que ele pudesse cair.

Ele sentou à beira do cais e enfiou os pés na canoa. Fiquei surpresa por não ter flutuado ainda. Estava pendurada por uma corda puída.

Crew não sabe, e talvez descubra um dia, mas ele foi concebido naquela canoa. A semana em que menti e disse a Jeremy que estava grávida foi a semana mais prolífica de sexo que tivemos até hoje. Mas tenho certeza que foi a canoa que fez o truque. É por isso que quis nomeá-lo de Crew. Queria um nome com tema náutico.

Senti falta daqueles dias.

Havia muitas coisas que sentia falta, na verdade. Principalmente sentia falta das nossas vidas antes de termos filhos. As gêmeas, de qualquer maneira.

Sentada na praia naquele dia, observando Crew, imaginei como seria apenas tê-lo. Seria outro ajuste se Harper morresse, mas imaginei que iríamos passar por isso. Não tive muita ajuda depois que Chastin morreu porque, por um tempo, eu também fiquei de luto. Mas se Harper morresse, poderia ser de mais ajuda para Jeremy durante sua recuperação.

Desta vez, haveria pouca dor da minha parte, já que toda minha dor estava reservada para Chastin.

Talvez a maior parte da dor de Jeremy estivesse reservada para Chastin

também.

Era uma possibilidade.

Eu costumava supor que as mortes de cada um dos filhos de uma pessoa seriam igualmente difíceis. Perder um segundo ou até mesmo terceiro filho doeria tanto quanto a primeira experiência.

Mas isso foi antes de Jeremy e eu perdermos Chastin. Sua morte nos fez inchar de dor. Encheu cada fenda dentro de nós, cada membro.

Se a canoa virasse com as crianças, se Harper se afogasse, Jeremy não teria espaço para mais sofrimento. Talvez ele estivesse em plena capacidade.

Quando você já perdeu um filho, pode perder todos.

Sem espaço para mais tristeza e Harper longe, nós três poderíamos ser a família perfeita.

“Harper.”

Ela estava a vários metros de mim, brincando na areia. Levantei e limpei a parte de trás do meu jeans. “Vamos, querida. Vamos dar uma volta na canoa com o seu irmão.”

Harper deu um pulo, inconsciente ao pisar no píer, que nunca mais saberia como era a terra sob seus pés novamente.

“Eu vou na frente”, disse ela. Eu a segui até a beira do cais. Ajudei Crew a subir, depois Harper. Então sentei e cuidadosamente me abaixei no barco. Usei o remo para me afastar do cais.

Eu estava na parte de trás do barco e Crew no meio. Remei para o meio do lago enquanto eles se inclinavam sobre a beirada, correndo os dedos na água.

O lago estava calmo quando olhei ao redor. Vivíamos numa enseada com 600 metros de praia, assim nós temos muito movimento. Era um dia calmo.

Harper se endireitou na canoa e limpou as mãos. Ela virou, de costas para Crew e eu.

Eu me inclinei para frente, perto da orelha de Crew. Cobri a boca dele com a minha mão. “Crew. Querido. Prenda a respiração.”

Segurei a ponta da canoa e inclinei todo o meu peso para a direita.

Ouvi um pequeno grito. Não tinha certeza se vinha de Crew ou Harper, mas depois do grito e do barulho inicial, não ouvi nada. Apenas pressão. O silêncio pulsou contra meus ouvidos quando chutei meus braços e pernas até que eu subi a superfície.

Podia ouvir salpicos. O grito de Harper. O grito de Crew. Nadei em direção a Crew e o agarrei. Olhei para a casa, esperando conseguir voltar para a praia com ele. Estávamos mais longe do que percebi.

Comecei a nadar. Harper estava gritando.

Salpicos.

Continuei a nadar.

Ela continuou a gritar.

Nada.

Ouvi outro respingo.

Mais nada.

Continuei nadando e me recusei a olhar para trás até sentir a lama infiltrar-se entre os dedos dos pés. Subi a superfície do lago como se fosse um colete salva-vidas. Crew estava ofegando e tossindo, agarrando-se a mim. Foi mais difícil do que pensei que seria mantê-lo à tona.

Jeremy me agradeceria por isso. Por salvar Crew.

Ele ficaria arrasado, é claro, mas agradecido também.

Eu me perguntei se dormiríamos na mesma cama naquela noite. Ele estaria exausto, mas iria querer dormir na mesma cama que eu, abraçar-me, ter certeza de que eu estava bem.

“Harper!” Crew gritou assim que limpou os pulmões da água.

Cobri a boca de Crew e o arrastei até a praia, deixando-o cair na areia. Seus olhos estavam arregalados de medo. “Mamãe!” Ele gritou, apontando para trás de mim. “Harper não sabe nadar!”

A areia estava em cima de mim, presa às minhas mãos, meus braços, minhas coxas. Meus pulmões pareciam queimar. Crew tentou voltar para a água, mas puxei sua mão e o fiz sentar. As ondulações na água ainda batiam nos meus dedos. Olhei para o lago, mas não havia nada. Sem gritos. Sem salpicos.

Crew estava ficando cada vez mais histérico.

“Eu tentei salvá-la”, sussurrei. “Mamãe tentou salvá-la.”

“Vá buscá-la!” Ele gritou, apontando para o lago.

Eu me perguntei como ficaria se ele contasse a alguém que não voltei para a água. A maioria das mães não sairia da água até encontrar o filho. Eu precisava voltar.

“Crew. Precisamos salvar Harper. Você se lembra de como usar o telefone da mamãe para ligar para o papai?”

Ele assentiu, enxugando as lágrimas das bochechas.

“Vai. Vá para casa e ligue para o papai. Diga a ele que mamãe está tentando salvar Harper e ele precisa chamar a polícia.”

“Tudo bem!” Ele disse, correndo para a casa.

Ele era um bom irmão.

Eu estava com frio e sem fôlego, mas voltei ao lago. “Harper?” Disse o nome dela em voz baixa, com medo de que, se chamasse muito alto, ela pegaria um segundo fôlego e sairia da água.

Não tive pressa. Não queria ir longe demais e arriscar tocá-la, esbarrando nela. E se ainda houvesse vida e ela se agarrasse à minha camisa? Tentasse me puxar para baixo?

Eu sabia que precisava estar aqui quando Jeremy aparecesse. Eu precisava estar chorando. Fria. À beira da hipotermia. Pontos bônus se fosse levada numa ambulância.

A canoa estava de cabeça para baixo, mais inclinada do que quando virou. Jeremy e eu havíamos virado a canoa duas vezes antes, então eu sabia que havia bolsas de ar. E se Harper tivesse nadado até lá? E se ela tivesse se agarrado a elas e estivesse escondida embaixo? Esperando para contar ao pai o que eu fiz?

Nadei para a canoa. Movi-me com cuidado, não querendo tocá-la. Quando cheguei ao barco, preendi a respiração e fui para debaixo d'água. Apareci dentro da canoa.

Oh, graças a Deus, pensei.

Ela não estava lá.

Graças a Deus.

Ouvi Crew chamando meu nome de longe. Abaixei-me sob a água e apareci fora da canoa. Gritei o nome de Harper, cheia de pânico, como uma mãe realmente devastada faria.

“Harper!”

“Papai está vindo!” Crew gritou da costa.

Comecei a gritar o nome de Harper ainda mais alto. A polícia estaria aqui em breve, antes de Jeremy.

“Harper!”

Mergulhei várias vezes para ficar sem fôlego. Fiz isso até mal conseguir me manter à tona. Gritei o nome dela e não parei até que um policial me puxou para fora da água.

Continuei a gritar seu nome, dizendo de vez em quando: “Minha filha!” e “Minha filhinha!”

Uma pessoa estava na água procurando por ela. Então duas. Então três. Então senti alguém passar por mim, até o cais. Ele correu até o final e pulou de cabeça. Quando apareceu, vi que era Jeremy.

Não posso descrever o olhar em seu rosto enquanto ele gritava por ela. Era um olhar de determinação misturado com horror misturado com psicose.

Eu estava chorando lágrimas reais naquele momento. Eu estava histérica. Queria sorrir com o quão apropriadamente histérica eu estava, mas não o fiz porque parte de mim sabia que eu tinha estragado tudo. Podia ver no rosto de Jeremy. Seria ainda mais difícil para ele se recuperar.

Eu não previ isso.

Ela esteve debaixo d'água por mais de meia hora quando finalmente a encontrou. Ela estava emaranhada numa rede de pesca. Eu não sabia se era verde ou amarelo de onde estava sentada na praia, mas lembrei que Jeremy perdeu uma rede de pesca amarela no ano passado. Quais são as chances que inclinei a canoa no ponto exato em que ela ficaria emaranhada abaixo da superfície? Se a rede de pesca não estivesse lá, provavelmente teria chegado à costa.

Depois que ela foi desembaraçada, os homens ajudaram Jeremy a sair da água. Jeremy tentou fazer CPR até o paramédico chegar à beira do cais. E mesmo assim, ele não parou.

Ele não iria parar até que não tivesse escolha. A doca começou a desmoronar e Jeremy rolou para a direita, pegando Harper em seus braços. Três outros homens permaneceram lá, que estavam procurando seu corpo.

Eu me perguntei se esse momento o assombraria. Ter que pegar o corpo da filha morta quando ela caiu em cima dele na água.

Jeremy não a soltava. Ele a levou até a praia. Quando ele chegou à areia, desabou, ainda a segurando. Ele pressionou o rosto em seu cabelo molhado, e o ouvi sussurrando.

“Eu te amo, Harper. Eu amo você, Harper. Eu amo você, Harper.”

Ele disse isso repetidamente enquanto a abraçava. Sua tristeza me fez sofrer por ele. Rastejei para ele, para ela, e passei os braços ao redor dos dois. “Eu tentei salvá-la”, sussurrei. “Eu tentei salvá-la.”

Ele não soltou Harper. Os paramédicos tiveram que tirá-la de seus braços. Ele me deixou lá, com Crew, enquanto entrava na parte de trás da ambulância.

Jeremy não me perguntou o que aconteceu. Ele não me disse que estava indo. Ele não me olhou em tudo.

Sua reação não foi bem o que eu havia planejado, mas percebi que ele estava em choque. Ele se ajustaria. Ele só precisava de tempo.

20

Estou segurando o vaso enquanto vomito. Passei mal antes mesmo de terminar o capítulo. Estou tremendo, como se estivesse lá. Como se testemunhasse em primeira mão o que essa mulher fez com sua filha. *Com Jeremy.*

Pressiono a testa contra meu braço, lutando com o que fazer.

Eu conto para alguém? Digo a Jeremy? Chamo a polícia?

O que a polícia poderia fazer com ela?

Eles a trancariam em algum lugar. Uma instituição mental. Jeremy estaria livre.

Escovo os dentes, olhando meu reflexo. Depois que enxugo a boca, levanto-me e limpo a boca. Enquanto minha mão se move pelo rosto, posso ver a cicatriz no espelho. Nunca pensei que essa cicatriz se tornaria insignificante para mim, mas está começando a parecer assim. O que passei com minha mãe não é nada comparado a isso.

O que aconteceu entre nós foi uma desconexão. Um vínculo quebrado.

Isso é *assassinato*.

Pego minha bolsa e procuro o Xanax¹². A pílula está no meu punho enquanto ando até a cozinha. Tiro um copo do gabinete e despejo Crown Royal¹³ até o topo. Pego o copo, assim que April aparece. Ela faz uma pausa, olhando-me.

Encaro-a de volta quando coloco a pílula na boca e bebo.

Volto para o meu quarto e fecho a porta, trancando-a. Abaixo as persianas para bloquear o sol.

Fecho os olhos e puxo as cobertas sobre a cabeça enquanto me pergunto o que diabos devo fazer.

*

Acordo mais tarde, sentindo um calor percorrer meu corpo. Algo toca meus lábios. Meus olhos se abrem.

Jeremy.

Suspiro contra sua boca enquanto ele se abaixa em cima de mim. Congratulo-me com o conforto dos seus lábios. Mal sabe ele que cada gota de tristeza que seu beijo está eliminando é a tristeza que sinto por *ele*. Por uma situação que ele não conhece.

Ajusto as cobertas, puxando-as entre nós para que não haja barreira. Ele ainda está me beijando quando ele rola de lado, puxando-me contra ele.

“São duas horas da tarde”, ele sussurra. “Está se sentindo bem?”

“Sim”, minto. “Só estou cansada.”

“Eu também.” Ele desliza os dedos por meu braço, em seguida, pega minha mão.

“Como chegou aqui?” Pergunto, sabendo que a porta está trancada por dentro.

Ele sorri. “A janela. April levou Verity ao médico e Crew não chegará em casa da escola por mais uma hora.”

O resto da tensão acumulada dentro de mim de alguma forma se infiltra com essa notícia. Verity não está na casa e sinto uma paz instantânea.

Jeremy deita a cabeça no meu peito, encarando meus pés enquanto seus dedos exploram minha calcinha. “Verifiquei a fechadura. Aparentemente, se bater com força a porta, ela pode trancar.”

Não respondo a isso porque não tenho certeza se acredito. Tenho certeza de que há uma chance, mas acho que a chance de ser Verity é maior.

Jeremy tira minha camiseta — outra que pertence a ele. Ele beija um ponto entre meus seios. “Gosto quando você usa minhas camisetas.”

Corro os dedos pelos cabelos dele e sorrio. “Gosto quando cheiram como você.”

Ele ri. “E como eu cheiro?”

“Petrichor.”

Ele está correndo os lábios pelo meu abdômen. “Nem sei o que isso significa.” Sua voz é um murmúrio contra a minha pele.

“É uma palavra que descreve o cheiro de chuva fresca depois do tempo quente.”

Ele se move até que sua boca esteja perto da minha. “Eu não tinha ideia de que havia uma palavra para isso.”

“Há uma palavra para tudo.”

Ele me beija brevemente, depois se afasta. Suas sobrancelhas juntas enquanto ele pensa. “Existe uma palavra para o que estou fazendo?”

“Provavelmente. A que se refere?”

Ele traça minha mandíbula com um dedo. “Isso”, ele diz baixinho. “Apaixonar-me por uma mulher quando não deveria.”

Meu coração afunda, apesar de sua admissão. Odeio que ele se sinta culpado por como está se sentindo. Eu entendo, no entanto. Não importa a condição do seu casamento ou de sua esposa, ele está dormindo em sua cama com outra mulher. Não há muita justificativa para isso.

“Você se sente culpado?” Pergunto.

“Sim”. Ele me observa em silêncio por um momento. “Mas não culpado o suficiente para parar.” Ele deita a cabeça no travesseiro ao meu lado.

“Mas vai parar”, digo. “Preciso voltar a Manhattan. E você é casado.”

Seus olhos parecem estar protegendo pensamentos que ele não quer dizer em voz alta. Nós dois estamos quietos enquanto nos encaramos por um tempo. Ele finalmente se inclina para me beijar antes de dizer: “Pensei sobre o que disse na cozinha na noite passada.”

Não falo, com medo do que ele está prestes a dizer. Ele estava aberto a tudo que eu disse? Ele concorda que a qualidade de sua vida é tão importante quanto a de Verity?

“Liguei para uma clínica que a levará durante a semana, a partir de segunda. Ela vai voltar para casa três finais de semana por mês.” Ele espera por minha reação.

“Acho que é a melhor coisa para vocês três.”

Como se eu visse acontecer em tempo real, a dor começa a evaporar. Dele, desta casa. O vento está soprando pela janela, a casa está quieta, Jeremy parece em paz. É neste momento que decido o que fazer com o manuscrito.

Não farei nada.

Provar que Verity assassinou Harper não fará Jeremy se sentir melhor. Isso o fará se sentir pior. Isso abrirá feridas. Isso vai rasgar ainda mais as feridas abertas.

Não estou convencida de que a Verity esteja segura, mas há maneiras de descobrir com o tempo. Acho que Jeremy só precisa de mais segurança. Um monitor no quarto de Verity, conectado a um sensor de movimento nos fins de semana que ela estiver aqui. Se ela realmente está fingindo seus ferimentos, ele descobrirá. E se descobrir, nunca mais permitirá que ela veja Crew novamente.

E agora que ela vai para uma instalação, será monitorada ainda mais de perto.

Agora, as coisas estão bem. Seguras.

“Fique mais uma semana”, diz Jeremy.

Planejava sair de manhã, mas agora que sei que Verity partirá em breve, estou animada com a ideia de estar aqui com ele durante toda a semana, sem April, sem Verity.

“Ok.”

Ele levanta uma sobrancelha. “Você quer dizer *tudo bem*.”

Eu sorrio. “Tudo bem.”

Ele pressiona a boca no meu abdômen, beija-me e depois sobe por mim.

Ele não remove a camiseta que estou usando quando desliza para dentro de mim. Ele faz amor comigo por tanto tempo que meu corpo se torna ágil

contra seus movimentos. Quando sinto os músculos de seus braços começarem a tensionar sob meus dedos, não quero que acabe. Não quero que ele deixe meu corpo.

Envolvo as pernas firmemente ao seu redor e puxo sua boca para a minha. Ele geme, afundando em mim ainda mais. Ele está me beijando quando goza, os lábios rígidos, a respiração superficial, não fazendo nenhuma tentativa de sair. Ele desmorona em cima, ainda dentro.

Ficamos calados, porque nós dois sabemos o que acabamos de fazer. Não discutimos isso, no entanto.

Depois que Jeremy recupera o fôlego, ele sai de dentro de mim e abaixa a mão, deslizando os dedos entre as minhas pernas. Ele me observa quando me toca, esperando que eu alcance meu clímax. Quando o faço, não me preocupo com o quão alto gemo porque somos os únicos aqui, e é uma felicidade.

Quando acaba e relaxo contra a cama, ele me beija uma última vez.

“Preciso fugir agora, antes que todos cheguem em casa.”

Sorrio, observando-o enquanto se veste. Ele dá um beijo na minha testa antes de atravessar a sala para sair pela janela.

Não sei porque ele não usou a porta, mas isso me faz rir.

Puxo um travesseiro sobre meu rosto e sorrio. O que aconteceu comigo? Talvez esta casa esteja fodendo com minha cabeça, porque metade do tempo estou pronta para dar o fora e metade do tempo nunca mais quero sair.

O manuscrito está definitivamente fodendo com minha cabeça. Sinto que estou me apaixonando pelo homem e só o conheço há algumas semanas. Mas não estou apenas me apaixonando por ele na vida real. Eu me apaixonei por ele por causa das palavras de Verity. Tudo o que ela revelou sobre ele me deu uma ideia do tipo de pessoa que ele é, e ele merece mais do que o que ela lhe deu. Quero dar a ele o que ela nunca foi capaz.

Ele merece estar com alguém que vá dar amor aos seus filhos antes de qualquer outra coisa.

Puxo o travesseiro do meu rosto e o coloco sob meus quadris, levantando-os para que tudo o que ele deixou dentro de mim não vaze.

21

Sonho com Crew quando adormeço. Ele está mais velho, cerca de dezesseis anos. Nada significativo acontece em meu sonho, ou pelo menos, se acontece, não consigo lembrar. Só lembro da sensação que tive ao olhar em seus olhos. Como ele era malvado. Era como se tudo o que Verity o fez passar e tudo o que viu estivesse embutido em sua alma, e ele carregasse isso durante a infância.

Já faz várias horas desde então, e não posso deixar de me perguntar se manter o silêncio sobre o manuscrito é do interesse de Crew. Ele viu sua irmã se afogar. Ele viu sua mãe fazer muito pouco para ajudá-la. E embora ele seja muito novo, existe a possibilidade de que a memória permaneça. Que ele sempre saberá que ela disse a ele para prender a respiração antes de inclinar a canoa de propósito.

Estou na cozinha com ele, apenas Crew e eu. April foi embora há cerca de uma hora e Jeremy está no andar de cima, colocando Verity na cama. Estou sentada à mesa da cozinha, comendo bolachas Ritz e manteiga de amendoim, encarando Crew enquanto ele brinca em seu iPad.

“O que está jogando?” Pergunto.

“Explosão de brinquedo.”

Pelo menos não é Fallout ou Grand Theft Auto. Ainda há esperança para ele.

Crew me olha, vendo-me dar uma mordida no biscoito. Ele abaixa o iPad e rasteja para a mesa. “Eu quero um”, diz ele.

Isso me faz rir, observando-o rastejar pela mesa para alcançar a manteiga de amendoim. Entrego a ele a faca da manteiga. Ele espalha uma enorme porção em um biscoito e dá uma mordida, sentando-se de joelhos. Seus olhos se enchem de emoção. “É bom.”

Crew lambe a manteiga de amendoim da faca e eu torço o nariz. “Porquinho. Você não deveria lamber a faca.”

Ele ri, como se fosse engraçado.

Eu me inclino para trás no assento, admirando-o. Apesar de tudo que ele passou, é um bom garoto. Ele não reclama, é quieto e ainda encontra graça nas pequenas coisas. Não acho que ele seja um babaca. Não como no primeiro dia em que o conheci.

Sorrio para ele. Por sua inocência. E novamente, começo a me perguntar se ele tem alguma lembrança daquele dia. Eu me pergunto se as memórias de Crew determinariam qual programa terapêutico é melhor para ele. Desde que seu pai não sabe a extensão do que foi feito por Verity, sinto que isso é comigo. Sou a única com o manuscrito. Sou eu quem tem a responsabilidade de dizer a Jeremy se acho que o filho dele foi mais danificado do que pensa.

“Crew”, digo, estendendo a mão para o pote de manteiga de amendoim, girando-o com os dedos. “Posso te fazer uma pergunta?”

Ele me dá um aceno exagerado. “Sim.”

Sorrio, querendo que ele se sinta confortável com minha linha de questionamento. “Você tinha uma canoa?”

Ele faz uma pausa no meio de lambe a faca de manteiga novamente. Então ele diz: “Sim.”

Examino seu rosto em busca de pistas que deveria pegar, mas ele não está me dando nenhuma. “Você já andou nela? Na água?”

“Sim.”

Ele lambe a faca de novo, e sinto um pouco de alívio por ele não parecer muito perturbado com minha conversa. Talvez ele não lembre de nada. Ele tem apenas cinco anos; sua percepção da realidade é diferente da de um adulto. “Você se lembra de estar na canoa? Com sua mãe? E Harper?”

Crew não acena, nem diz sim. Ele olha para mim e não posso dizer se ele está com medo de responder à pergunta ou se simplesmente não se lembra. Ele olha para a mesa, quebrando o contato visual comigo. Ele enfia a faca no pote novamente e a coloca na boca, fechando os lábios sobre ela.

“Crew”, digo, aproximando-me, colocando uma mão gentil em seu joelho. “Por que o barco tombou?”

Os olhos de Crew voltam para os meus e ele puxa a faca da boca por um momento, tempo suficiente para dizer: “Mamãe disse que eu não deveria falar com você se me fizesse perguntas sobre ela.”

Sinto a cor sumir do meu rosto enquanto ele casualmente lambe a faca novamente. Agarro a beirada da mesa, meus dedos brancos. “Ela... Sua mãe fala com você?”

Crew olha para mim por alguns segundos sem me dar resposta, e então ele balança a cabeça com um olhar em seus olhos que me faz sentir como se estivesse prestes a voltar atrás. Ele percebeu que não deveria ter dito isso.

“Crew, sua mãe finge que não pode falar?”

Os dentes de Crew cerram enquanto a faca de manteiga ainda está em sua boca. Eu vejo a faca deslizar entre os dentes, em suas gengivas.

O sangue começa a deslizar pelos dentes da frente, até os lábios. Eu empurro minha cadeira para trás com força suficiente para que ela atinja o chão enquanto pego a alça da faca e retiro-a da boca de Crew.

“Jeremy!”

Cubro a boca de Crew com a minha mão, procurando uma toalha que possa estar ao alcance. Não há nada. Crew não está chorando, mas seus olhos estão cheios de medo.

“Jeremy!” Estou gritando agora, em parte porque preciso dele para me ajudar com Crew e em parte porque o que acabou de acontecer me aterrorizou.

Jeremy está aqui agora, na frente de Crew, inclinando sua cabeça, olhando dentro de sua boca. “O que aconteceu?”

“Ele...” Não posso nem dizer isso. Estou ofegando por ar. “Ele mordeu a faca.”

“Precisa de pontos.” Jeremy pega-o. “Pegue minhas chaves. Estão na sala de estar.”

Corro para a sala e tiro as chaves de Jeremy da mesa. Eu os sigo para a garagem, até o jipe de Jeremy. Crew tem lágrimas nos olhos, como se a dor estivesse se instalando. Jeremy abre a porta dos fundos e coloca Crew em seu

assento. Abro a porta para subir no jipe.

“Lowen”, diz Jeremy. Viro assim que ele fecha a porta de Crew. “Eu não posso deixar a Verity sozinha. Preciso que você fique.”

Meu coração afunda profundamente na boca do estômago. Jeremy está me ajudando a descer do jipe antes que eu possa me opor. “Vou te ligar depois que eles o examinarem.” Ele pega as chaves da minha mão, e fico congelada enquanto o vejo ocupar o assento do motorista. Ele vira o jipe e sai.

Olho para minhas mãos, cobertas pelo sangue de Crew.

Não quero mais ficar aqui, eu não quero, odeio esse trabalho.

Alguns segundos passam antes que eu perceba que não importa o que quero. Estou aqui, assim como Verity, e preciso garantir que a porta dela esteja trancada. Corro de volta para a casa, subo as escadas até seu quarto. A porta dela está escancarada, provavelmente porque Jeremy desceu correndo.

Ela está na cama. As cobertas estão na metade do corpo, e uma de suas pernas está pendurada, como se Jeremy tivesse me ouvido gritar antes que pudesse levá-la até a cama.

Não é da minha conta.

Fecho a porta e tranco-a, depois penso no que posso fazer para garantir minha própria segurança. Corro para o andar de baixo onde lembro de ter visto o monitor de bebê no porão. O último lugar que quero estar é no porão, mas domino meu medo, uso a luz do celular e desço as escadas. Quando estava aqui embaixo com Jeremy, não dei muita atenção ao porão. Mas sei que algumas das caixas que foram empilhadas estavam fechadas.

Enquanto ilumino ao redor, percebo que quase todas as caixas foram movidas e abertas, como se alguém estivesse vasculhando-as. O pensamento de que poderia ter sido Verity torna minha missão mais urgente. Não quero ficar aqui mais tempo do que preciso. Vou para a área onde vi o monitor do bebê saindo de uma caixa. Estava bem no topo quando o notei pela primeira vez — numa das únicas caixas não abertas.

Foi movido.

Quando estou prestes a desistir da minha busca por medo de estar aqui

embaixo, vejo a caixa no chão a alguns metros. Pego o monitor e o receptor e volto para as escadas, meu coração pesado enquanto tento subir os degraus. Alívio se espalha por mim quando a porta se abre e eu fujo.

Desembaraço os cabos e, em seguida, conecto o monitor empoeirado a uma tomada próxima ao computador da Verity. Corro de volta para o andar de cima, mas antes de chegar ao topo, paro. Eu me viro. Vou para a cozinha e pego uma faca.

Quando chego ao quarto de Verity novamente, agarro a faca na mão e destranco a porta do quarto. Ela não se moveu. Sua perna ainda está pendurada na cama. Fico de costas para a parede enquanto me movo para a cômoda e coloco a outra metade do monitor nela. Aponto para a cama dela e conecto.

Volto para a porta e hesito antes de sair. Dou um passo à frente, ainda segurando a faca, em seguida levanto a perna o mais rápido que posso e deixo cair na cama. Jogo as cobertas sobre ela e bato a porta quando estou de volta ao corredor.

Eu a tranco.

Foda-se essa merda.

Estou ofegando quando chego a pia da cozinha. Lavo o sangue das minhas mãos, que secou na minha pele. Passo alguns minutos limpando a mesa e o chão. Então volto para o escritório e me sento na frente do monitor.

Eu me certifico de que a câmera do meu celular esteja no modo de vídeo, caso ela se mova. Se ela se mexer, quero que Jeremy veja.

Eu espero.

Por uma hora inteira, espero. Observo meu celular para o telefonema de Jeremy. Assisto o monitor pelas mentiras de Verity. Estou com muito medo de sair do escritório e fazer outra coisa senão esperar. As pontas dos meus dedos ficam doloridas pela constante batida contra a mesa.

Quando outra meia hora passa, percebo que recorri a duvidar de mim mesma novamente. *Ela teria se movido agora.* Especialmente desde que nem sequer abriu os olhos. Ela não me viu configurar o monitor porque seus olhos estavam fechados, então ela nem sabe que estava lá.

A menos que ela os abriu enquanto desci correndo as escadas. Se for esse o caso, ela viu o monitor e sabe que estou observando.

Sacudo minha cabeça. *Isto está me deixando louca.*

Há um capítulo em seu manuscrito. Preciso terminar isso e descansar se for ficar nesta casa por mais uma semana. Não posso continuar pensando que estou em perigo e achando que sou louca. Pego as últimas páginas e mantenho minha cadeira apontada para o monitor de vídeo. Vou ler enquanto fico de olho nos movimentos dela.

Que assim seja

Capítulo Quinze

Faz apenas alguns dias desde que Harper morreu, mas sinto que meu mundo mudou mais naqueles poucos dias do que em todos os meus anos nesta terra.

A polícia pegou meu depoimento. Duas vezes. É compreensível que queiram garantir que não haja buracos na minha história. É o trabalho deles. Suas perguntas foram simples. Fáceis de responder.

“Pode nos explicar o que aconteceu?”

“Harper se inclinou sobre a beirada da canoa. Ela tombou. Todos afundamos, mas Harper não apareceu. Tentei encontrá-la, mas estava ficando sem fôlego e precisava deixar Crew em segurança.”

“Por que seus filhos não estavam com coletes salva-vidas?”

“Nós pensamos estar em águas rasas. Nós estávamos tão perto do cais no começo, mas depois... não estávamos mais.”

“Onde estava o seu marido?”

“Ele estava na mercearia. Ele me disse para levar as crianças até a água antes de partir.”

Respondi todas as perguntas em meio a soluços. Ocasionalmente eu me dobrava, como se a morte dela estivesse me afetando fisicamente. Acho que meu desempenho foi tão bom, que os deixou desconfortáveis para fazerem mais perguntas.

Gostaria de poder dizer o mesmo de Jeremy.

Ele tem sido pior que os detetives.

Ele não deixou Crew fora de sua vista desde que Harper morreu. Nós três dormimos juntos no andar de baixo — Crew no meio, Jeremy e eu separados por outro filho. Mas esta noite foi diferente. Hoje à noite disse a Jeremy que queria que ele me segurasse, então ele colocou Crew do outro lado dele e Jeremy estava no meio. Eu me agarrei a ele por meia hora, esperando que pudéssemos dormir assim, mas ele não parou com as perguntas do caralho.

“Por que os levou na canoa?”

“Eles queriam ir”, eu disse.

“Por que eles não estavam com coletes salva-vidas?”

“Eu pensei que estávamos perto da costa.”

“Qual foi a última coisa que ela disse?”

“Não me lembro.”

“Ela ainda estava acima da água quando chegou à costa com Crew?”

“Não. Acho que não.”

“Você sabia que a canoa estava prestes a tombar?”

“Não. Tudo aconteceu tão rápido.”

As perguntas pararam por um tempo, mas sabia que ele ainda estava acordado. Finalmente, depois de vários minutos de silêncio, ele disse: “Simplesmente não faz sentido.”

“O que não faz sentido?”

Ele recuou, colocando espaço entre meu rosto e seu peito. Ele queria que eu o olhasse, então levantei a cabeça.

Ele tocou minha bochecha, gentilmente, com as costas dos dedos. “Por que disse para Crew prender a respiração, Verity?”

Esse é o momento que eu sabia que estava acabado.

Esse é o momento em que *ele* sabia que estava acabado.

Para um homem que achava que conhecia sua esposa... essa foi a primeira vez que ele realmente entendeu o olhar em meus olhos. E eu sabia, não

importava o quanto tentasse convencê-lo... ele nunca acreditaria em mim por causa de Crew. Ele não era esse tipo de homem. Ele colocava seus filhos antes de sua esposa, e essa é a única coisa que não gosto nele.

Eu tentei, no entanto. Tentei convencê-lo. É difícil ser convincente quando lágrimas escorrem por suas bochechas e sua voz está tremendo quando diz: “Eu disse isso quando estávamos entrando no barco. Não antes.”

Ele me observou por um momento. E então me soltou. Afastando-se de mim pelo que eu sabia que seria a última vez. Ele rolou e passou os braços em torno de Crew, como se ele fosse sua armadura.

Seu protetor.

De *mim*.

Tentei ficar imóvel e sem reação, para que ele pensasse que adormeci, mas tudo que fiz foi chorar baixinho. Quando minhas lágrimas começaram a aumentar, fui ao meu escritório e fechei a porta antes que Jeremy pudesse me ouvir soluçando.

Quando cheguei ao escritório, abri meu manuscrito e comecei a digitar. Parece que não há mais nada a dizer. Não há futuro para escrever. Nenhum passado para redimir.

Estou no final da minha história?

Não sei o que acontece depois. Ao contrário da minha previsão do assassinato de Chastin, não sei como minha vida vai acabar.

Será nas mãos de Jeremy? Ou será por minha *própria* mão?

Ou talvez não termine de jeito nenhum. Talvez Jeremy acorde amanhã e me veja dormindo ao lado dele. Talvez ele se lembre de todos os bons momentos, todos os boquetes, tudo o que engoli. E ele vai perceber quanto tempo teremos para fazer essas coisas agora que só temos um filho.

Ou... talvez ele acorde convencido de que a morte de Harper não foi um acidente. Talvez ele me denuncie a polícia. Talvez ele queira me ver sofrer pelo que fiz com ela.

Se for esse o caso... *Que assim seja.*

Só vou enfiar meu carro direto numa árvore.

FIM

22

Não tenho tempo para absorver esse final antes de ouvir o jipe de Jeremy entrar na garagem. Coloco as páginas numa pilha e, em seguida, olho o monitor. Verity ainda não se moveu.

Ele suspeitou dela?

Aperto meu pescoço, tentando aliviar toda a tensão que o último capítulo infundiu em meus músculos. Como ele ainda pode cuidar dela? Banhá-la e trocá-la pelo resto de sua vida? Sentir como se ele lhe devesse a promessa feita nos votos?

Se ele realmente acha que ela matou Harper, como pode ficar na mesma casa que ela?

Ouçõ a porta da garagem abrir, então caminho até a porta do escritório e saio para o corredor. Jeremy está segurando Crew em seus braços ao pé da escada.

“Seis pontos”, ele sussurra. “E muitos analgésicos. Ele está bem pela noite.” Ele sobe com Crew para colocá-lo na cama. Não o ouço checar Verity antes de descer novamente.

“Quer um café?” Pergunto a ele.

“Por favor.”

Ele me segue até a cozinha, onde me abraça por trás, suspirando no meu cabelo quando começo a fazer um bule de café. Inclino a cabeça contra a dele, cheia de tantas perguntas. Mas não digo nada porque nem sei por onde começar.

Giro enquanto a água esquentar e envolvo os braços ao seu redor. Nós nos abraçamos na cozinha por vários minutos. Até ele me soltar e dizer: “Preciso tomar banho. Tenho sangue seco em mim.”

Eu noto então. As gotas em seus braços, as manchas em sua camisa. Está começando a ser nossa coisa, estar coberto de sangue. Estou feliz por não ser supersticiosa.

“Estarei no escritório.”

Nós nos beijamos e então ele corre para cima. Espero até terminar o café para poder me servir. Ainda não tenho certeza de como abordá-lo com todas as minhas perguntas, mas depois de ler o último capítulo, tenho muitas. Acho que será uma noite longa.

Ouçoo o banho dele quando começo a me servir uma xícara. Levo-a para o escritório e, em seguida, derramo por todo o chão. A xícara quebra. O líquido quente espirra em minhas pernas e começa a penetrar em meus dedos, mas não consigo me mover.

Estou congelada no lugar enquanto olho para o monitor.

Verity está no chão. Em suas mãos e joelhos.

Vou para meu celular ao mesmo tempo em que grito o nome de Jeremy.

“Jeremy!”

A cabeça de Verity se inclina para o lado, como se ela ouvisse meu grito do andar de cima. Antes que possa abrir o aplicativo da câmera com dedos instáveis, ela rasteja de volta para a cama. Volta para a posição. Silêncio.

“Jeremy!” Grito de novo, largando meu telefone. Corro para a cozinha e pego uma faca. Corro até as escadas, direto para o quarto de Verity. Eu destranco a porta dela e abro-a.

“Levante-se!” Eu grito.

Ela não se move. Nem sequer recua.

Arranco as cobertas. “Levante-se, Verity. Eu vi você.” Estou cheia de raiva quando me abaixo ao lado de sua cama de hospital. “Você não vai escapar disso.”

Quero que Jeremy a veja por quem realmente é antes que ela tenha uma oportunidade de machucá-lo. De machucar Crew. Eu a agarro pelos tornozelos e puxo suas pernas. Tenho-a meio fora da cama quando sinto alguém me puxar. Então a pessoa me vira e leva para a porta. Ele só me solta no corredor.

“Que *diabos* está fazendo, Lowen?” O rosto de Jeremy e sua voz são cheios de raiva.

Dou um passo à frente, pressionando as mãos contra seu peito. Ele puxa a faca para longe e agarra meus ombros. “Pare.”

“Ela está fingindo. Eu a vi, juro, ela está fingindo.”

Ele volta para o seu quarto e bate a porta na minha cara. Abro a porta e ele levanta as pernas de Verity na cama. Quando ele me vê entrando de novo, ele joga as cobertas sobre Verity e me empurra para o corredor. Ele se vira e tranca a porta dela, então me agarra pelo pulso e me puxa para trás.

“Jeremy, não.” Estou agarrando seu pulso que está bem preso ao redor do meu. “Não deixe Crew aqui em cima com ela.” Minha voz implora, mas ele não pode ouvir a preocupação. Ele só pode ver o que acha que sabe, o que ele viu. Quando chegamos às escadas, recuo, balançando a cabeça, recusando-me a descer. *Ele precisa levar Crew para baixo.* Ele me agarra pela cintura e me levanta por cima do ombro e me leva descendo as escadas, direto para o meu quarto. Ele me coloca na cama, gentilmente, mesmo no meio de sua raiva.

Ele caminha até o meu armário. Agarra minha mala. Minhas coisas. “Eu quero que você saia.”

Levanto-me de joelhos e me movo para o pé da cama, onde ele está jogando todas as minhas coisas na mala. “Você tem que acreditar em mim.”

Ele não acredita.

“Merda, Jeremy!” Aponto para o andar de cima. “Ela é *louca*! Ela está mentindo para você desde o dia em que a conheceu!”

Nunca vi tanta desconfiança e ódio saindo de um humano. A maneira como ele me olha me deixa tão apavorada que me afasto.

“Ela não está fingindo, Lowen.” Ele joga a mão no ar, na direção da escada. “Aquela mulher é indefesa. Praticamente com morte cerebral. Você tem visto coisas desde que chegou aqui.” Ele enfia mais roupas na minha mala, balançando a cabeça. “É impossível,” ele murmura.

“Não é. E você sabe que não é. Ela matou Harper e você *sabe*. Você suspeita.” Saio da cama e corro para a porta. “Eu posso provar.”

Ele segue atrás de mim enquanto corro para o escritório de Verity. Pego o manuscrito, cada página dele, e viro quando ele me alcança, então empurro-o

contra seu peito. “Leia-o.”

Ele pega as páginas. Olha para elas. Olha de volta para mim. “Onde achou isso?”

“É dela. Está tudo aí. Desde o dia em que você a conheceu até o acidente de carro. *Leia* isso. Pelo menos leia os dois últimos capítulos, não me importo. Apenas, por favor, leia.” Estou exausta e não tenho mais nada além de pedidos. Então imploro a ele. Silenciosamente. “Por favor, Jeremy. Por suas garotas.”

Ele ainda está me olhando como se não confiasse numa única palavra saindo da minha boca. Ele não precisa. Se ele apenas lesse essas páginas — visse o que sua esposa estava realmente pensando nos momentos em que estava com ele — ele saberá que não sou aquela com quem precisa se preocupar.

Posso sentir o medo crescendo em mim. O medo de perdê-lo. Ele acha que sou louca — que estava tentando ferir sua esposa. Ele quer que eu saia da casa. Ele quer que eu saia daqui e nunca mais quer me ver.

Meus olhos ardem quando as lágrimas começam a cair por minhas bochechas.

“Por favor”, sussurro. “*Por favor*. Você merece saber a verdade.”

23

Espero que demore um pouco para ler a coisa toda. Estou sentada na cama, esperando. A casa está mais silenciosa do que nunca. Inquietante, como a calma antes de uma tempestade.

Olho para minha mala, perguntando-me se ele ainda vai querer que eu saia depois disso. O tempo todo em que estive aqui, tenho escondido o manuscrito, mantendo segredo sobre ele. Ele pode nunca me perdoar por isso.

Sei que ele nunca perdoará Verity.

Meus olhos se movem para o teto quando ouço um estrondo. Não é alto, mas parece vir do cômodo em que Jeremy está. Ele não está lá há muito tempo, mas é tempo suficiente para, pelo menos, folhear o manuscrito e saber que Verity não é nada da mulher que ele pensou que ela fosse.

Ouçó um choro. É baixo e silencioso, mas o escuto.

Caio de lado e abraço o travesseiro enquanto fecho meus olhos. Mata-me saber o quanto ele está sofrendo agora, enquanto lê página após página de uma verdade tão dura, que nunca deveria ter sido escrita.

Passos soam acima de mim agora, movendo-se no andar de cima. Ele não esteve lá tempo o suficiente para ler a coisa toda, mas posso entender. Se fosse ele, teria pulado até o fim para ver o que realmente aconteceu com Harper.

Ouçó uma porta abrir. Corro pelo corredor até o escritório e olho o monitor.

Jeremy está parado na entrada do quarto de Verity, olhando-a. Posso ver os dois do monitor. “Verity.”

Ela não responde, obviamente. Ela não quer que ele saiba que ela é uma ameaça. Ou talvez esteja fingindo porque tem medo de que ele chame a polícia. Seja qual for o motivo, tenho a sensação de que Jeremy não vai se afastar até ter uma resposta.

“Verity”, diz ele, aproximando-se. “Se não me responder, chamarei a

polícia.”

Ela ainda não responde. Ele caminha até ela, inclina-se e abre uma das pálpebras. Ele a olha por um momento, depois caminha em direção à porta. *Ele não acredita em mim.*

Mas então ele faz uma pausa, como se estivesse se questionando. Questionando o que leu. Ele vira e caminha até ela. “Quando eu sair desse quarto, levarei seu manuscrito direto para a polícia. Eles vão te levar e você nunca mais vai me ver ou a Crew se não abrir os olhos e me contar o que está acontecendo nesta casa.”

Vários segundos passam. Estou prendendo a respiração, esperando por ela se mover. Espero que ela se mova para que Jeremy saiba que estou dizendo a verdade.

Um gemido escapa da minha garganta quando ela abre os olhos. Cubro minha boca com a mão antes de se transformar num grito. Tenho medo de acordar Crew, e isso não é algo que ele precisa ver.

Todo o corpo de Jeremy está tenso, e então ele agarra a cabeça com as duas mãos enquanto se afasta da cama. Ele encara a parede. “*Que porra, Verity?*”

Verity começa a sacudir a cabeça com firmeza. “Eu tive que fazer, Jeremy”, diz ela, sentando-se na cama. Ela está numa pose defensiva, como se estivesse com medo do que ele pode fazer.

Jeremy ainda está descrente, com o rosto cheio de raiva, traição e confusão. “Esse tempo todo... Você esteve...” Ele está tentando manter a voz baixa, mas parece que está prestes a explodir. Ele vira e libera sua raiva com o punho contra a porta. Isso faz Verity estremecer.

Ela levanta as mãos. “Por favor, não me machuque. Eu explicarei tudo.”

“Não te *machucar?*” Jeremy gira, dando um passo para frente. “Você a *matou*, Verity.”

Posso ouvir a raiva em sua voz, e é apenas pelo monitor. Mas Verity tem um lugar na primeira fila. Ela tenta pular da cama para escapar, mas ele não permite. Ele a agarra pela perna e a puxa de volta. Quando ela começa a gritar,

ele cobre sua boca.

Eles lutam. Ela está tentando chutá-lo. Ele tenta segurá-la.

Então a outra mão envolve sua garganta.

Não, Jeremy.

Corro direto para o quarto de Verity e paro quando chego à porta. Jeremy está em cima dela. Seus braços estão presos sob os joelhos, suas pernas chutando a cama, os pés afundando no colchão enquanto ela engasga.

Ela está tentando revidar, mas ele a domina em todos os sentidos.

“Jeremy!” Corro para ele e tento puxá-lo para longe. Tudo o que posso pensar é o futuro de Crew e Jeremy e como sua raiva não vale uma vida. *A vida dele.* “Jeremy!”

Ele não escuta. Ele se recusa a soltá-la. Tento ficar na sua frente, acalmá-lo, ser a voz da razão. “Você tem que parar. Está esmagando sua traqueia. Eles saberão que você a matou.”

Lágrimas estão escorrendo pelo seu rosto. “Ela matou nossa filha, Low.” Sua voz é cheia de devastação.

Seguro seu rosto, tentando puxá-lo para mim. “Pense em Crew”, digo, minha voz baixa. “Seu filho não terá um pai se fizer isso.”

Vejo a lenta mudança enquanto minhas palavras penetram. Ele finalmente tira as mãos de sua garganta. Eu curvo-me, ofegando tanto quanto Verity. Ela está engasgando, tentando inalar. Ela tenta falar. Ou gritar. Jeremy cobre sua boca e olha para mim. Há um pedido em seus olhos, mas não é um pedido para eu pedir ajuda. É para eu ajudá-lo a descobrir uma maneira melhor de acabar com ela.

Nem sequer discuto. Não há uma única célula em seu corpo que mereça viver depois de tudo o que fez. Eu recuo e tento pensar.

Se ele a engasgar, eles saberão. As marcas de mãos estarão em sua garganta. Se ele a sufocar, partículas do travesseiro estarão em seus pulmões. *Mas temos que fazer algo.* Se ele não fizer, ela vai se safar de alguma forma, porque é manipuladora. Ela vai acabar machucando a ele ou Crew. Ela vai matá-

lo assim como matou sua filha. Assim como tentou matar Harper quando criança.

Assim como tentou matar Harper quando criança.

“Você tem que fazer parecer um acidente”, digo, minha voz calma, mas alta o suficiente para ser ouvido sobre os ruídos que ela está fazendo sob a palma da mão. “Faça-a vomitar. Cubra o nariz e a boca até parar de respirar. Vai parecer que ela sufocou enquanto dormia.”

Os olhos de Jeremy estão arregalados enquanto ele me ouve, mas há compreensão lá. Ele tira as mãos da boca dela e depois empurra os dedos pela garganta. Eu viro a cabeça. Não posso assistir.

Ouço o engasgo, depois outro, e parece que vai durar para sempre. *Para sempre.*

Afundo no chão, todo meu corpo tremendo. Pressiono as palmas das mãos contra os ouvidos e tento ignorar os sons dos últimos suspiros de Verity. De seus últimos movimentos. Depois de um tempo, o som dos pulmões de três pessoas se transforma em dois.

É só Jeremy e eu respirando agora.

“*Oh Deus, oh Deus, oh Deus...*” Não consigo parar de sussurrar isso de novo e de novo quando a enormidade do que acabamos de fazer começa a se registrar.

Jeremy está quieto, além das respirações cautelosas que solta. Não quero olhar para ela, mas preciso saber que acabou.

Quando viro o corpo para encará-la, ela está me olhando. Só que desta vez, sei que ela não está lá, escondida atrás do olhar vago.

Jeremy está de joelhos ao lado da cama. Ele verifica o pulso, então sua cabeça cai entre os ombros. Ele se senta, de costas para a cama enquanto recupera o fôlego. Ele leva as duas mãos ao rosto, embalando a cabeça. Não sei se ele está prestes a chorar, mas entenderia se estivesse. Ele foi atingido com a realidade de que a morte de sua filha não foi acidente. Que sua esposa — a mulher a quem dedicou tantos anos de vida — não era a pessoa que ele acreditava que fosse. Que ela estava o manipulando o tempo todo.

Toda boa memória que ele já teve com sua esposa morreu junto com ela hoje à noite. Suas confissões o despedaçaram, e posso ver pelo jeito que ele se dobra agora, tentando processar a última hora de sua vida. A última hora da vida de *Verity*.

Cubro minha boca com a mão e começo a chorar. Não posso acreditar que o ajudei a matá-la. *Nós acabamos de matá-la.*

Não consigo parar de olhar para ela.

Jeremy se levanta e depois me toma nos braços. Meus olhos estão fechados enquanto ele me leva para fora do quarto e desce as escadas. Quando ele me deita na cama, quero que ele se deite comigo. Envolve-me em seus braços. Mas ele não faz. Ele começa a andar pelo quarto, balançando a cabeça, resmungando baixinho.

Nós dois estamos em choque, acho. Quero tranquilizá-lo, mas estou com muito medo de falar, de me mover ou aceitar que isso é real.

“Porra”, diz ele. E então, mais alto. “*Porra!*”

E aí está. Toda lembrança, toda crença, tudo que ele achava saber sobre *Verity* está afundando.

Ele me olha e depois caminha até a cama. Sua mão trêmula afasta meu cabelo do rosto. “Ela morreu dormindo”, diz ele, suas palavras baixas e tensas. “Ok?”

Concordo.

“De manhã...” Sua voz está misturada com muita respiração enquanto ele tenta se acalmar. “De manhã, ligo para a polícia e digo que a encontrei quando fui acordá-la. Vai parecer que ela sufocou enquanto dormia.”

Não paro de concordar. Ele está me olhando com preocupação, com empatia, com pesar. “Sinto muito”, diz ele. “Eu sinto muito.” Ele se inclina e me beija no topo da cabeça. “Eu já volto, Low. Preciso ir ao quarto. Preciso esconder o manuscrito.”

Ele se ajoelha de modo que esteja cara a cara comigo, como se quisesse ter certeza de que estou entendendo. Isso eu entendo.

“Nós fomos para a cama como de costume. Nós dois, por volta da meia noite. Eu administrei os remédios e, quando acordei às sete horas para deixar Crew pronto para a escola, encontrei-a desacordada.”

“Ok.”

“Verity morreu em seu sono,” ele repete. “E nunca vamos discutir isso novamente depois de hoje à noite. Depois desse momento... agora mesmo.”

“Tudo bem”, sussurro.

Ele solta um suspiro lento. “Tudo bem.”

Depois que ele sai, posso ouvi-lo movendo as coisas, andando de um lado para o outro, primeiro para o seu quarto, depois para o quarto de Crew, depois para o quarto de Verity, depois para o banheiro.

Ele caminha para o escritório e depois para a cozinha.

Agora ele está de volta na cama comigo. Segurando-me. Ele me segura mais forte do que nunca. Nós não dormimos. Nós só tememos o que a manhã trará.

Sete meses depois

Verity morreu em seu sono há sete meses.

Crew ficou abalado. O mesmo aconteceu com Jeremy, publicamente. Saí na manhã em que ela morreu e voltei para Manhattan. Jeremy tinha muito com o que lidar naquela semana, e tenho certeza que seria ainda mais suspeito se eu tivesse ficado em sua casa após a morte da esposa.

Meu esboço foi aprovado, assim como os dois esboços subsequentes. Entreguei o primeiro rascunho do primeiro romance há duas semanas. Solicitei uma extensão no prazo para os próximos dois romances. Será difícil trabalhar neles com um recém-nascido.

Ela ainda não chegou. Não é esperada antes de dois meses e meio. Mas estou confiante de que, com a ajuda de Jeremy, poderei recuperar o atraso em qualquer trabalho. Ele é ótimo com Crew, e foi ótimo com as garotas, então sei que será ótimo com a nossa menina quando ela chegar.

No início, ficamos chocados, embora não surpresos. Coisas assim acontecem quando não é cuidadoso. Eu me preocupei por como Jeremy aceitaria, tornar-se pai novamente depois de perder dois filhos tão próximos um do outro. Mas percebi, depois de ver sua empolgação, que Verity estava errada. Perder um filho, ou até dois, não significa que perdeu todos. A dor de Jeremy pela morte de suas filhas é separada de sua alegria pelo nascimento iminente de uma nova.

Mesmo depois de tudo que ele passou, ainda é o melhor homem que já entrou na minha vida. Ele é paciente, atencioso e um amante muito melhor do que Verity poderia ter descrito. Depois da morte dela, quando tive que voltar

para Manhattan, Jeremy me ligava todos os dias. Fiquei longe por duas semanas — até que tudo começou a se resolver. Quando ele me pediu para voltar, estava lá na mesma noite. Estive com ele todos os dias desde então. Sabemos que estamos apressando as coisas, mas é difícil ficar separados. Acho que minha presença lhe traz conforto, então não nos preocupamos com o tempo ou se nosso relacionamento é demais, muito cedo. Na verdade, nem discutimos isso. A definição do nosso relacionamento não foi dita. É natural. Estamos apaixonados e isso é tudo o que importa.

Ele decidiu vender a casa logo depois que descobrimos que eu estava grávida. Não queria permanecer na mesma cidade onde ele e Verity viveram. E honestamente, eu não queria ficar naquela casa com todas as lembranças terríveis. Começamos de novo há três meses na Carolina do Norte. Com o adiantamento e o seguro de vida de Verity, pudemos pagar em dinheiro por uma casa de praia em Southport. Todas as noites, nós três nos sentamos no convés de nossa nova casa e observamos as ondas batendo contra a costa.

Somos uma família agora. Não somos compostos de todos os membros da família em que Crew nasceu, mas sei que Jeremy é grato que Crew me tenha em sua vida. E em breve ele será um irmão mais velho.

Crew parece estar se ajustando bem. Nós o colocamos na terapia, e Jeremy às vezes se preocupa que fará mais mal do que bem, mas tranquilizo-o de todo o bem que a terapia fez para mim quando criança. Tenho fé que Crew esquecerá facilmente as más lembranças se dermos a ele lembranças boas o suficiente para cobri-las.

Hoje é a primeira vez que pisamos em sua antiga casa em meses. É assustador, mas necessário. Estou chegando muito perto da data limite para viajar novamente, então estamos usando essa oportunidade para limpar a casa. Jeremy já recebeu duas ofertas, e não queremos ter que voltar aqui durante meu último mês de gravidez para esvaziá-la.

O escritório é o cômodo mais difícil de limpar. Há tanta coisa que provavelmente poderia ser recuperada, mas Jeremy e eu passamos metade do dia colocando tudo no triturador. Acho que nós dois só queremos que essa parte de nossas vidas termine. Suma. Seja esquecida.

“Como está se sentindo?” Jeremy pergunta. Ele entra no escritório e coloca a mão na minha barriga.

“Estou bem”, digo, sorrindo para ele. “Já está quase terminando?”

“Sim. Mais algumas caixas na varanda e acabamos.” Ele me beija, assim que Crew corre para dentro da casa.

“Pare de correr!” Jeremy diz por cima do ombro. Eu me levanto da cadeira e acompanho Jeremy em direção à porta. Ele pega uma das dez caixas restantes na varanda e começa a carregá-la até o carro. Crew desliza ao meu redor para correr para fora, mas faz uma pausa e volta para a casa.

“Eu quase esqueci”, diz ele, correndo em direção às escadas. “Tenho que tirar minhas coisas do chão da mamãe.”

Observo enquanto ele sobe as escadas, em direção ao antigo quarto de Verity. Estava vazio na última vez que chequei. Mas um momento depois, Crew desce as escadas com papéis na mão.

“O que são?” Pergunto a ele.

“Coisas que desenhei para minha mãe.” Ele as enfia em minhas mãos. “Esqueci que ela costumava guarda-las no chão.”

Crew corre para fora novamente. Olho para os desenhos nas minhas mãos. O velho sentimento familiar que carreguei enquanto permaneci nesta casa retorna. *Medo*. Tudo começa a passar pela minha cabeça. A faca que estava no chão no quarto de Verity. A noite em que a vi no monitor, em suas mãos e joelhos, como se estivesse cavando no chão. As palavras de Crew.

Esqueci que ela costumava guarda-las no chão.

Corro pelas escadas. E mesmo sabendo que ela está morta e não está lá, ainda fico apavorada enquanto caminho pelo corredor até o seu quarto. Meus olhos caem no chão, para um pedaço de madeira que Crew não colocou de volta no lugar depois que tirou seus papeis. Eu me ajoelho e pego o pedaço solto de madeira.

Há um buraco no chão.

Está escuro, então estico a mão e tato ao redor. Pego algo pequeno. *Uma foto das garotas*. Pego algo frio. *A faca*. Tento de novo e encontro um envelope. Abro-o e pego uma carta, depois jogo o envelope vazio no chão ao meu lado.

A primeira página está em branco. Solto um suspiro e a levanto, revelando a segunda página.

É uma carta manuscrita para Jeremy. Com medo, começo a ler.

Caro Jeremy

Espero que seja você quem encontre esta carta. Se não for, espero que chegue até você de alguma forma, porque tenho muito a dizer.

Quero começar com um pedido de desculpas. Tenho certeza que quando ler isso, terei saído no meio da noite com Crew. O pensamento de deixá-lo sozinho na casa onde compartilhamos tantas memórias juntos me faz sofrer por você. Nós tivemos uma vida tão boa com nossos filhos. Um com o outro. Mas somos doentes. Deveríamos saber que nossa tristeza não terminaria com a morte de Harper.

Depois de anos sendo a esposa perfeita para você, nunca esperei que essa carreira que amo, e que dediquei a maior parte do meu tempo, acabaria sendo o que acabou com a gente.

Nossas vidas eram perfeitas até que, de alguma forma, mudamos para uma dimensão alternativa no dia em que Chastin morreu. Por mais que eu tente esquecer onde tudo começou a dar errado, fui amaldiçoada com essa mente que nunca esquece uma única coisa.

Estávamos em Manhattan jantando com minha editora Amanda. Você usava aquele suéter cinza e grosso que eu amava — aquele que sua mãe te comprou no Natal. Meu primeiro romance acabara de ser lançado e assinei o novo contrato de dois livros com a Pantem, e é por isso estávamos naquele jantar. Eu estava discutindo o meu próximo romance com Amanda. Não sei se você notou esta parte da conversa, mas estou supondo que não porque a conversa sobre escrever livros sempre te entediava.

Eu estava expressando minhas preocupações a Amanda porque não tinha certeza de qual ângulo seguir com o novo livro. Eu deveria escrever algo completamente diferente? Ou manter a mesma fórmula de escrita do ponto de vista do vilão que tornou meu primeiro romance tão bem-sucedido?

Ela sugeriu que eu continuasse com a mesma fórmula, mas também queria que eu assumisse riscos ainda maiores no segundo livro. Disse a ela que

era difícil fazer uma voz no meu romance soar autêntica quando não era como eu penso no meu dia a dia. Eu estava preocupada que não seria capaz de melhorar meu ofício no próximo livro.

Foi quando ela me disse para tentar um exercício que aprendeu na faculdade chamado de jornalismo antagônico.

Este seria um ótimo momento para você estar prestando atenção naquele jantar, mas você estava no telefone, provavelmente lendo um eBook que não era meu. Você me pegou olhando e me olhou, mas eu apenas sorri. Não estava brava. Estava feliz por você estar lá comigo e ser paciente enquanto eu recebia conselhos da minha nova editora. Você apertou minha perna por baixo da mesa e voltei a atenção para Amanda, mas meu foco estava em sua mão que formava círculos ao redor do meu joelho. Eu não podia esperar para voltar para nossa casa naquela noite porque era nossa primeira noite longe das meninas, mas eu também estava muito interessada no conselho que Amanda me dava.

Ela disse que o jornalismo antagônico era a melhor maneira de melhorar meu ofício. Ela disse que eu precisava entrar na mente de um personagem maligno, escrevendo anotações de diário da minha própria vida... coisas que realmente aconteceram... mas fazer meu diálogo interno na entrada do diário ser o oposto do que eu estava pensando na época. Ela me disse para começar a escrever sobre o dia em que você e eu nos conhecemos. Ela disse que eu deveria escrever o que estava vestindo, onde nos encontramos e qual foi a nossa conversa naquela noite, mas para tornar meu diálogo interior mais sinistro do que realmente era.

Soava simples. Inofensivo.

Vou te dar um exemplo de um parágrafo que acabei de escrever acima.

“Olho para Jeremy, esperando que ele esteja prestando atenção. Ele não está. Ele está olhando para o seu maldito telefone novamente. Este jantar é um grande negócio para mim. Percebo que esta não é a cena de Jeremy — esses jantares extravagantes e reuniões em Manhattan — mas não é como se eu o forçasse a fazer isso o tempo todo. Em vez disso, ele está lendo o eBook de outra pessoa, sendo completamente desrespeitoso com toda essa conversa.

Ele lê o tempo todo, mas não se sente confortável lendo meus livros? É um insulto na mais alta forma.

Estou tão envergonhada por sua audácia, mas sei que preciso mascarar o meu constrangimento. Se Amanda notar a irritação no meu rosto, poderá notar o desrespeito de Jeremy.

Jeremy me olha, então forço um sorriso. Posso guardar minha raiva para mais tarde. Volto minha atenção para Amanda, esperando que ela não perceba o comportamento de Jeremy.

Alguns segundos depois, Jeremy aperta minha perna, logo acima do joelho, e tensiono com o toque dele. Na maioria das vezes, anseio por isso. Mas neste momento a única coisa que anseio é um marido que apoie minha carreira.”

E é assim, fácil para um escritor fingir ser alguém que não é.

Assim que voltamos para nossa casa, fui direto para o meu laptop e escrevi sobre a primeira noite em que nos conhecemos. Fingi que meu vestido vermelho foi roubado na versão alternativa. Fingi que estava lá para foder homens ricos, o que não era verdade. Você deveria me conhecer melhor que isso, Jeremy.

Não fui muito boa em me tornar uma grande vilã na primeira vez que tentei, então criei o hábito de escrever nossos momentos marcantes. Escrevi sobre a noite que você me pediu em casamento, a noite em que descobri estar grávida, o dia em que dei à luz as meninas. Toda vez que escrevi sobre um novo marco, fiquei melhor e melhor por estar dentro da mente de um vilão. Foi emocionante.

E ajudou.

Isso ajudou imensamente, e foi por isso que consegui criar personagens tão realistas e aterrorizantes em meus romances. É por isso que eles venderam, porque eu era boa nisso.

Quando terminei meu terceiro romance, senti que havia dominado o ofício de escrever de um ponto de vista que não era de todo meu. Os exercícios me ajudaram muito, então decidi combinar todas as entradas do meu diário em uma autobiografia que poderia ser usada para ensinar a outros autores como dominar seu ofício. Eu precisava amarrar os capítulos com um enredo geral para que a autobiografia fosse mais coesa, então forcei cada cena para torná-la

mais chocante. Mais perturbadora.

Não me arrependo de escrevê-la porque minha única intenção era eventualmente ajudar outros escritores, mas me arrependo de escrever sobre a morte de Harper poucos dias depois do ocorrido. Minha mente estava num espaço tão escuro, e às vezes, como escritora, a única maneira de limpar sua mente é deixar a escuridão derramar-se sobre um teclado. Foi a minha terapia, não importa o quão difícil seja para você entender.

Além disso, nunca pensei que fosse ler. Além do meu primeiro manuscrito, você nunca leu nada do que escrevi.

Então, por que... por que escolheria ler esse?

Nunca foi feito para ninguém ler e acreditar. Foi um exercício. É isso. Uma maneira de aproveitar a dor sombria que estava me comendo e eliminá-la a cada toque do teclado. Colocar toda a culpa no vilão fictício que criei naquela autobiografia era uma das maneiras que eu lidava com isso.

Sei que esta carta é difícil para você ler, mas não pode ser mais difícil do que o manuscrito lido na noite em que você o encontrou. E se alguma vez chegarmos a um lugar de perdão, você precisa continuar lendo para que saiba a verdade absoluta sobre aquela noite. Não a versão que descobriu dias depois da morte de Harper.

Quando levei Harper e Crew para o lago naquele dia, estava tentando ser boa para eles. Naquela manhã, você mencionou como não brinquei mais com eles e estava certo. Era tão difícil porque sentia muito a falta de Chastin, mas também tinha esses dois lindos filhos que ainda precisavam de mim. E Harper realmente queria ir para a água naquele dia. É por isso que ela correu para cima chorando, porque lhe disse não. Eu nunca a repreendi por sua falta de emoções como afirmei no manuscrito. Eu estava usando a liberdade artística para promover o enredo. É um insulto que acredite que eu falaria com um de nossos filhos dessa maneira. É um insulto que acredite em qualquer um desses manuscritos — ou que eu fosse capaz de prejudicá-los.

A morte de Harper foi um acidente. Sua morte foi um acidente, Jeremy. Eles queriam ir na canoa e estava um lindo dia. E sim, eu deveria ter colocado coletes salva-vidas, percebo isso. Mas quantas vezes fomos naquele barco sem eles? A água não era tão profunda. Eu não sabia que a rede de pesca estava

abaixo da superfície. Se não fosse por aquela maldita rede de pesca, eu a teria encontrado e ajudado a ir para a praia e todos riríamos do dia em que o barco tombou.

Não posso nem te dizer o quanto sinto por não fazer tudo e qualquer coisa diferente naquele dia. Se pudesse voltar, eu faria, e você sabe que eu voltaria.

Quando chegou lá e puxou-a para fora da água e segurou-a, eu queria arrancar o meu coração e lhe dar porque eu sabia que você não tinha mais o seu. Não queria viver por mais um segundo depois de ver sua angústia. Meu Deus, Jeremy. Perder as duas. As duas.

Assisti sua suspeita surgir algumas noites depois que Harper morreu. Nós estávamos na cama quando você começou a me fazer todas aquelas perguntas. Eu não podia nem acreditar que você pensaria que eu faria algo assim de propósito. E mesmo que fosse um pensamento fugaz, vi o amor que você tinha por mim deixar seu corpo e se afastar como se nunca tivesse existido. Todo o nosso passado... Todos os grandes momentos que compartilhamos. Acabava de sair.

Porque, sim, eu disse a Crew para prender a respiração. Disse a ele para prender a respiração quando a canoa estava virando. Eu estava tentando ajudá-lo. Eu achava que Harper ficaria bem porque andamos naquele lago muitas vezes antes, então meu foco estava em Crew depois que caímos na água. Agarrei-o e ele entrou em pânico, então tentei voltar ao cais o mais rápido que pude antes que ele nos fizesse afogar. Nem mesmo trinta segundos se passaram antes que eu percebesse que Harper não estava atrás de nós.

Até hoje eu me culpo. Eu era a mãe. Sua protetora. E assumi que ela ficaria bem, então me concentrei em Crew por trinta segundos a mais. Imediatamente tentei nadar de volta e encontrá-la, mas a canoa se afastou mais por causa da comoção na água. Eu não conseguia nem encontrar onde ela havia afundado, e Crew ainda estava lutando comigo — entrando em pânico. Eu sabia que se não o levasse para a praia naquele exato momento, nós três afogaríamos.

Procurei por ela com tudo em mim, Jeremy. Você tem que acreditar. Cada parte minha se afogou naquele lago com ela.

Não te culpei por suspeitar de mim. Eu provavelmente teria permitido

que minha mente explorasse todos os cenários possíveis se os papéis estivessem invertidos e ela se afogasse sob sua supervisão. É natural assumir o pior das pessoas, mesmo que essa suposição seja apenas por uma fração de segundo.

Achei que acordaria no dia seguinte depois da nossa conversa na cama e perceberia o quão ridícula era sua acusação indireta. Nem tentei te convencer naquela noite porque estava cheia de tristeza para me importar. Argumentar. Fazia apenas alguns dias desde que ela se foi e eu sinceramente só queria morrer. Queria sair para o lago naquela noite e me juntar a ela, porque a morte dela foi minha culpa. Foi um acidente sim. Mas se eu a fizesse usar um colete, se fosse capaz de agarrá-la e tirá-la, ela ainda estaria viva.

Eu não conseguia dormir, então fui ao meu escritório e abri o laptop pela primeira vez em seis meses.

Imagine por um momento. Uma mãe, lamentando a perda de ambas as filhas, escrevendo uma investigação fictícia que acusava uma de assassinar a outra.

Era além de perturbador. Eu percebo, e é por isso que chorei o tempo todo ao digitar. Mas eu pensei, talvez, que se liberasse a culpa e tristeza nesse vilão fictício que criei, de alguma forma, de uma maneira distorcida me ajudaria.

Escrevi tudo sobre a morte de Chastin. Escrevi tudo sobre a de Harper. Até voltei ao início do manuscrito e acrescentei prenúncios para que a coisa toda correspondesse à nossa nova realidade sombria. E de certa forma, ajudou a aliviar uma pequena fração da minha culpa e dor, ser capaz de culpar essa versão fictícia de mim mesma ao invés de aceitar a culpa na vida real.

Não posso explicar a mente de um escritor para você, Jeremy. Especialmente a mente de uma escritora que passou por mais devastação do que a maioria dos escritores juntos. Somos capazes de separar nossa realidade da ficção de tal maneira que parece que vivemos em dois mundos, mas nunca em ambos ao mesmo tempo. Meu mundo real tinha ficado tão escuro que não queria viver nele naquela noite. É por isso que escapei e passei a noite escrevendo sobre um mundo mais sombrio do que aquele em que vivia. Porque toda vez que eu trabalhava naquela autobiografia, encontrava alívio ao fechar o laptop. Encontrava alívio em sair do meu escritório e ser capaz de fechar a porta do mal que eu criei.

Isso é tudo que era. Eu precisava que a versão imaginária do meu mundo fosse mais sombria do que o meu mundo real. Caso contrário, iria deixar os dois.

Depois de passar a noite inteira e parte da manhã trabalhando no manuscrito, finalmente cheguei à última página. Senti que o manuscrito terminaria naquele ponto porque, na verdade, o que mais eu poderia acrescentar? Parecia que nosso mundo acabara. O fim.

Eu imprimi e coloquei numa caixa, pensando que um dia no futuro eu voltaria. Talvez adicionaria um epílogo. Talvez o queimasse. Qualquer que fosse o plano, não esperava que você de alguma forma o lesse. Não esperava que acreditasse naquilo.

Depois de ficar a noite toda escrevendo, dormi a maior parte do dia. Quando finalmente acordei naquela noite, não consegui te encontrar. Crew já estava dormindo, mas você não estava lá com ele. Eu estava no corredor imaginando onde você tinha ido quando ouvi um barulho no meu escritório.

O barulho era você. Não tenho certeza do tipo de som que fez, mas foi pior do que qualquer um dos dias em que descobrimos que as meninas tinham morrido. Andei em direção ao meu escritório para consolá-lo, mas parei antes de abrir a porta porque seus gritos se transformaram em raiva. Algo caiu contra a parede. Eu saltei, imaginando o que estava acontecendo.

Foi quando me lembrei do laptop. A autobiografia era o último arquivo que eu trabalhei.

Abri a porta para explicar o que sabia que você tinha acabado de ler. Eu nunca vou esquecer o olhar em seu rosto enquanto ficou lá e me olhou do outro lado da sala. Era completa e absoluta... Miséria.

Não como a tristeza de alguém que acabou de descobrir que um de seus filhos morreu. Era uma tristeza consumidora, como se toda lembrança feliz que já tivemos como família fosse apagada a cada palavra do manuscrito que você leu. Foi embora. Não havia mais nada dentro de você além de ódio e destruição.

Eu balancei a cabeça, tentei falar. Eu queria dizer: “Não. Não é verdade, Jeremy. Tudo bem, não é verdade.” Mas tudo que pude dizer foi um medroso e patético, “Não.”

A próxima coisa que eu sabia, era que você estava me arrastando pela minha garganta até o quarto. Eu não era páreo para sua força quando você segurou meus braços com os joelhos e apertou minha garganta ainda mais forte.

Se tivesse me dado cinco segundos. Apenas cinco segundos para explicar, eu poderia ter nos salvado. Eu tentei dizer: “Apenas me deixe explicar”, mas eu não conseguia respirar.

Não tenho certeza de qual foi a sequência de eventos depois disso. Sei que desmaiei. Talvez você tenha entrado em pânico porque percebeu que quase me matou. Se eu tivesse morrido naquela cama, você seria preso por meu assassinato. Crew não teria pai.

Acordei no banco do passageiro do meu Range Rover e você estava ao volante. Havia fita adesiva na minha boca e minhas mãos e pés estavam amarrados. Mais uma vez, eu só queria explicar que o que você leu não era verdade — mas eu não conseguia falar. Olhei para baixo e percebi que não estava com o cinto de segurança. E naquele momento, eu sabia o que você estava fazendo.

Era uma frase simples em meu manuscrito, sobre como eu deveria desligar o airbag do passageiro e enfiar meu carro numa árvore enquanto Harper estava solta para que sua morte parecesse um acidente.

Você ia me matar e fazer minha morte parecer um acidente. Eu, sem saber, escrevi minha própria morte nas duas últimas frases do meu manuscrito. “Que assim seja. Talvez eu apenas enfie meu carro numa árvore.”

Percebi naquele momento que, se você fosse suspeito da minha morte, tudo o que precisava fazer era fornecer o manuscrito. Se eu morresse, seria a carta de suicídio perfeita.

Claro, nós dois sabemos como essa parte da história terminou. Estou supondo que removeu a fita de minhas mãos e pés, colocou-me no lado do motorista do veículo e caminhou de volta para casa, onde esperou que a polícia viesse avisar que eu tinha morrido.

Seu plano não deu certo, no entanto. Não tenho certeza se estou aliviada por ter falhado. Seria quase mais fácil se eu tivesse morrido naquele desastre porque fingir estar ferida é difícil. Tenho certeza de que está se perguntando por que tenho te enganado por tanto tempo.

Tenho pouca memória do primeiro mês após a morte de Harper. Estou supondo que eu estava em coma induzido por causa do inchaço no meu cérebro. Mas lembro-me muito bem do dia em que acordei. Eu estava sozinha, graças a Deus, o que me deu tempo para processar o que precisava acontecer em seguida.

Como explicaria a você que toda palavra negativa que leu era uma mentira? Você não acreditaria em mim se tentasse negar o manuscrito, porque o escrevi. As palavras eram minhas, não importando o quão falsas fossem. Quem acreditaria que era mentira? Certamente não alguém que não entende o processo de escrita. E se você soubesse que me recuperei, você me entregaria à polícia, se já não o tivesse feito. Tenho certeza de que uma investigação teria seguido a morte de Harper se eu não tivesse tido aquele desastre. E com meu próprio marido contra mim, não tenho dúvidas de que seria condenada pelo assassinato dela, porque seriam minhas próprias palavras usadas contra mim.

Durante três dias fingi ainda estar em coma quando alguém entrava no meu quarto. Médicos, enfermeiras, você, Crew. Mas fui descuidada um dia e você me pegou de olhos abertos enquanto entrava no quarto do hospital. Você me encarou. Eu olhei de volta. Vi seus punhos estreitarem, como se estivesse chateado por eu ter acordado. Como se quisesse se aproximar e envolver os dedos na minha garganta novamente.

Você deu alguns passos em minha direção, mas decidi não o seguir com os olhos porque sua raiva me aterrorizava. Se eu fingisse não estar ciente do que me cercava naquele momento, havia uma chance de você não tentar acabar com minha vida novamente. Uma chance de você não ir à polícia e dizer que eu me recuperei.

Então fingi por semanas porque senti que era meu único meio de sobrevivência. Eu ia fingir a extensão de minhas lesões cerebrais até descobrir como consertar a situação em que estava.

Não pense que não foi difícil. Foi humilhante às vezes. Eu queria desistir. Matar-me. Matar a você. Estava com tanta raiva de onde nossas vidas terminaram, que depois de todos esses anos de casamento, você pôde, por um segundo, acreditar que qualquer um desses manuscritos fosse verdade. De verdade, Jeremy? Os homens realmente acreditam que as mulheres são obcecadas por sexo? Era ficção! É claro que adorei fazer amor com você, mas

na maioria das vezes foi para agradá-lo, porque é isso que os casais fazem um pelo outro. Não foi porque não conseguia viver sem isso.

Você foi um bom marido para mim e se acredita que era verdade, eu fui uma boa esposa para você. Você ainda é um bom marido para mim. Você acredita em seu coração que matei nossa filha, mas você ainda garante que eu seja cuidada. Talvez seja porque acha que não estou mais aqui — que todas as partes malignas de mim morreram naquele desastre e sou apenas alguém de quem você sente pena. Acho que é por isso que me levou para casa porque, com tudo que Crew passou, seu coração é bom demais para afastá-lo de mim. Você sabia que depois de perder as duas irmãs, a perda da mãe causaria ainda mais danos.

Apesar do que meu manuscrito afirmou, seu amor por nossos filhos é a coisa que mais apreciei em você.

Houve momentos ao longo destes últimos meses, que quis te dizer que estou aqui. Que sou eu. Que estou bem. Mas seria um desperdício de ar. Não podemos passar por duas tentativas de assassinato, Jeremy. E sei que se você descobrir que estou fingindo isso antes que possa sair, sua terceira tentativa de me matar será bem-sucedida.

Não estou passando por todo esse esforço na esperança de que eventualmente mude de ideia e prove a você o quão errado estava. Você nunca vai confiar totalmente em mim novamente.

Tudo o que estou fazendo é por Crew. Tudo o que posso pensar é no meu menino. Tudo o que fiz desde o dia em que acordei naquele hospital foi por Crew. Por mais que não queira tirar Crew de você, não tenho escolha. Ele é meu filho e precisa estar comigo. Ele é o único que sabe que ainda estou aqui — que ainda tenho pensamentos, uma voz e um plano. Sinto-me segura, sendo eu mesma com ele, porque ele tem apenas cinco anos. Sei que se ele dissesse que falo com ele, você tomaria isso como uma imaginação ativa, ou até mesmo um trauma de tudo que ele passou.

Ele é a razão pela qual procurei tanto por esse manuscrito. Eu sei, se você nos encontrar depois que eu sair daqui, vai tentar usar isso contra mim. Você vai querer que ele acredite nisso como você acreditou.

Na primeira noite depois que me levou para casa, eu escapei para o

escritório para apagar o manuscrito do laptop, mas você já o havia deletado. Eu tentei encontrar o que imprimir, mas não conseguia lembrar onde estava. Havia pontos em branco na minha memória depois do acidente, e esse era um deles. Mas eu sabia que precisava me livrar dos dois para que você não pudesse usá-lo contra mim.

Procurei em todos os lugares, em qualquer chance que tive, o mais silenciosamente que pude. Meu escritório, o porão, o sótão. Até procurei em volta do quarto algumas vezes enquanto você dormia. Eu só sabia que não poderia sair com Crew até que destruísse a prova que você usaria contra mim.

Também tive que esperar até poder colocar as mãos em dinheiro, mas não tinha certeza de como fazer isso, já que eu não podia ir ao banco.

Quando escutei sua conversa com a Pantem Press sobre a brilhante ideia de continuar a série com um novo autor, eu sabia que era minha saída.

Quando contratou uma enfermeira da noite e partiu para seu encontro com eles em Manhattan, entrei no escritório e abri uma nova conta online.

Poucos dias depois dessa reunião, a nova coautora se mudaria para a casa para começar a série. O que significa que será apenas uma questão de tempo até que o dinheiro para os três livros restantes finalmente esteja na conta e eu possa transferir os fundos para minha nova conta e tirar Crew daqui.

Tudo o que tenho que fazer é aguardar, mas a nova coautora está dificultando. De alguma forma ela colocou as mãos no manuscrito impresso que eu estava procurando. Tenho certeza que você pensou que excluindo o arquivo, livraria a casa dele. Mas não o fez. Agora são dois contra um. Eu nem me importo em destruir o manuscrito neste momento. Só me importo de sair daqui.

Eu admito, é minha culpa que ela esteja ficando desconfiada. Sei que a assusto quando ela me pega olhando-a, mas você não pode me culpar. Essa mulher entrou na sua vida, está assumindo minha carreira, está se apaixonando por você. E pelo que posso ver, você também está se apaixonando por ela.

Ouvi você transando com ela no nosso quarto há algumas horas atrás. Por mais que esteja sofrendo, estou igualmente com raiva. No entanto, você está tão ocupado com ela agora que sinto que é o momento mais seguro para escrever esta carta. Tranquei a porta do quarto principal para poder ouvi-lo tentando sair. Isso me dará tempo suficiente para esconder essa carta e voltar

ao lugar antes que pudesse subir.

Tem sido difícil, Jeremy. Não vou mentir. Tudo isso. Saber que você acreditou em minhas palavras mais do que acreditou em minhas ações ao longo do nosso casamento. Saber que tive de recorrer a esse nível de engano para evitar ser condenada por uma das coisas mais atroztes que uma mãe poderia fazer. Saber que você está se apaixonando por outra mulher enquanto passo dia após dia fingindo não saber no que nossas vidas se transformaram.

Mas continuo insistindo porque estou confiante de que vou sair daqui assim que o dinheiro chegar, e é por isso que estou deixando essa carta.

Talvez você encontre, talvez não.

Espero que sim. Eu realmente espero.

Porque mesmo depois de você tentar me sufocar e jogar meu carro numa árvore, não consigo encontrar forças em mim para odiá-lo. Você sempre foi feroz na proteção de nossos filhos, que é exatamente como os pais devem ser. Mesmo que isso signifique eliminar a mãe que se tornou uma ameaça para eles. Você realmente acredita em seu coração que sou uma ameaça para Crew, e mesmo que me mate saber que acredita nisso, também me dá a vida saber o quanto você o ama.

Quando Crew e eu finalmente sairmos daqui, ligarei um dia e te direi onde encontrar essa carta. Depois de lê-la, espero que encontre forças para me perdoar. Espero que encontre forças para se perdoar.

Não te culpo pelo que fez comigo. Você era um marido maravilhoso até não poder ser. E foi o melhor pai do mundo. O melhor de todos.

Eu te amo. Ainda assim.

Verity.

25

Solto a carta no chão.

Aperto meu estômago enquanto uma dor o atravessa.

Ela não fez isso?

Não quero acreditar em nada que acabei de ler. Quero acreditar que Verity é cruel e merece o que fizemos com ela, mas não tenho certeza se ela fez.

Oh Deus. E se for verdade? Essa mulher perdeu suas filhas e, em seguida, o marido tentou matá-la e depois... Nós a *matamos*.

Sento-me, encarando a carta como se fosse uma arma com o poder de destruir a vida que recentemente construí com Jeremy.

Tantos pensamentos correm por minha mente, e pressiono minhas têmporas porque minha cabeça está latejando. *Jeremy já sabia do manuscrito?*

Ele realmente já havia lido antes que eu desse a ele? Ele *mentiu* para mim?

Não. Ele nunca negou saber que existia. Na verdade, agora que penso naqueles momentos, suas palavras exatas foram: “Onde achou isso?”

É demais para aceitar. Não posso processar tudo o que ela disse e tudo o que aconteceu. Fico olhando a carta por tanto tempo que esqueço onde estou e que Jeremy e Crew estão lá embaixo e que a qualquer momento ele vai me procurar.

Rastejo para frente e pego as páginas. Enfio a faca e as fotos de volta no chão, depois cubro o buraco com a madeira. Levo as páginas para o banheiro e tranco a porta atrás de mim. Eu me ajoelho em frente ao vaso e começo a rasgar cada página em pedacinhos. Destruo tudo que posso encontrar com o nome de Jeremy. Quero ter certeza de que ninguém nunca leia uma palavra disso.

Jeremy nunca se perdoaria. *Nunca*. Se ele descobrisse que o manuscrito não era real e que Verity nunca prejudicaria Harper, ele não seria capaz de

sobreviver a esse tipo de verdade. A verdade que ele assassinou a esposa inocente. Que *nós* assassinamos sua esposa inocente.

Se *for* verdade.

“Lowen?”

Dou descarga nos pedaços de papel no vaso. Dou descarga novamente para prevenir bem quando Jeremy bate na porta.

“Você está bem?” Ele pergunta.

Abro a torneira e tento acalmar a voz. “Sim.” Lavo as mãos, em seguida, tomo um gole de água para aliviar a secura na minha boca. Olho no espelho e reconheço o terror em meus olhos. Eu os fecho, tentando afastá-lo. Tudo isso. Cada coisa terrível que testemunhei em meus trinta e dois anos.

A noite que fiquei parada no corrimão.

O dia em que vi o homem sendo esmagado sob o pneu.

O manuscrito.

A noite em que vi Verity em pé no topo da escada.

A noite em que ela morreu dormindo.

Empurro tudo de volta. Engulo como se engolissem sua carta.

Solto um suspiro e então abro a porta e sorrio para Jeremy. Ele entra e acaricia o meu rosto. “Você está bem?”

Engulo o medo, a culpa, a tristeza. Cubro tudo com um aceno de cabeça convincente. “Estou bem.”

Jeremy sorri. “Tudo bem”, diz ele em voz baixa, entrelaçando nossos dedos. “Vamos sair daqui e nunca mais voltar.”

Ele segura minha mão por toda a casa e não solta até abrir a porta e me ajudar a entrar em seu jipe. Enquanto estamos nos afastando, vejo a casa ficar menor no retrovisor até que, finalmente, ela desaparece.

Jeremy acaricia minha barriga. “Mais dez semanas.”

Há excitação em seus olhos. Uma que sei que fui capaz de colocar lá,

mesmo depois de tudo que ele passou. Eu trouxe luz para sua escuridão, e continuarei a ser essa luz para que ele nunca se perca nas sombras do seu passado.

Ele nunca saberá o que eu sei. Terei certeza disso. Vou levar este segredo para o túmulo, assim Jeremy não precisa saber.

Não tenho ideia do que acreditar, então por que lhe causar mais angústia? Verity pode ter escrito essa carta como uma maneira de tentar cobrir seus rastros. Pode ser outra manobra para manipular a situação e todos os envolvidos.

E mesmo se Jeremy for realmente o motivo de sua destruição, não posso culpá-lo. Ele acreditava que Verity matou sua filha. Não posso nem o culpar por finalmente seguir com o assassinato dela quando descobriu que ela estava o enganando sobre seus ferimentos. Qualquer pai em sua posição teria feito o mesmo. *Deveria* fazer o mesmo. Nós dois acreditávamos em nossos corações que ela era uma ameaça para Crew. Para *nós*.

Não importa de que maneira olhe, é claro que Verity era mestre em manipular a verdade. A única questão que permanece é: qual verdade ela estava manipulando?



Notas

[← 1]

Rosto de cadela — Expressão facial que aparece sem querer como se a pessoa estivesse zangada, irritada ou desdenhosa, particularmente quando o indivíduo está relaxado ou não expressando qualquer emoção em particular.

[←2]

Rosto entediado.

[← 3]

Final aberto.

[←4]

As nobres virtudes.

[↵5]

Que assim seja.

[←6]

Steak 'n Shake é uma cadeia de restaurantes casuais americana

[← 7]

Marca de uísque.

[←8]

Vicugna pacos, conhecido pelo nome comum de alpaca, é um mamífero sul-americano estreitamente aparentado com a lhama e, um pouco mais distante, com o guanaco e a vicunha. A alpaca é um animal da família dos camelídeos. É menor que a lhama, tendo uma pelagem mais longa e macia.

[←9]

O HGTV é um canal de televisão a cabo e satélite básico americano de propriedade da Discovery, Inc. A rede basicamente transmite a programação da realidade relacionada à melhoria da casa e ao setor imobiliário.

[← 10]

Um autoinjeter de epinefrina, é um dispositivo médico para injetar uma dose medida ou doses de epinefrina por meio da tecnologia autoinjeter.

[← 11]

Anafilaxia é uma reação alérgica grave e de rápida progressão que pode provocar a morte.

[← 12]

Alprazolam é um fármaco utilizado em distúrbios da ansiedade e em crises de agorafobia.

[← 13]

Marca de uísque.